

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXVI



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1987

CONIMBRIGA

ISSN 0870-1709

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (PORTUGAL)

DIRECTOR

JORGE DE ALARCÃO

SECRETÁRIO DA REDACÇÃO

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Esta edição só foi possível graças ao patrocínio concedido pelas seguintes entidades:

INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA
REITORIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**Toda a correspondência (envio de originais e de publicações para recensão,
pedidos de permuta, etc.) deve ser dirigida directamente ao**

DIRECTOR DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
PALÁCIO SUB-RIPAS
P — 3000 COIMBRA

CONIMBRIGA

(Página deixada propositadamente em branco)

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXVI



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1987

(Página deixada propositadamente em branco)

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Professor associado da Faculdade de Letras de Coimbra

DIVINDADES INDÍGENAS DA LUSITÂNIA

«CONIMBRIGA», XXVI (1987), p. 5-37

RESUMO: O autor dá uma panorâmica dos progressos verificados no âmbito da investigação acerca das divindades indígenas: os dados adquiridos, as divindades mais importantes, os problemas em aberto. Inclui, no final, em apêndice, uma lista dos teónimos indígenas documentados na Lusitânia portuguesa.

RÉSUMÉ: L'auteur fait le bilan des progrès vérifiés dans le domaine de la recherche sur le panthéon indigène de la Péninsule Ibérique: les données déjà acquises, les divinités plus importantes, les questions encore à résoudre. En appendice, une liste des théonymes documentés sur les monuments épigraphiques trouvés dans le territoire de la Lusitanie romaine.

(Página deixada propositadamente em branco)

DIVINDADES INDÍGENAS DA LUSITÂNIA*

Quem nunca tivesse ouvido falar em divindades indígenas (1) poderia ter ficado perplexo ao ler *A Voz dos Deuses*, de João Aguiar (Lisboa, 1984), dada a variedade de divindades lusitanas que o romance aponta, de culto local e nome rebarbativo. O facto é que João Aguiar tem razão e o seu romance — que bem pode rotular-se de «histórico» ao jeito dum *Eurico*, de Herculano — dá conta, ainda que envolto nalguma fantasia, do maravilhoso dos Lusitanos que fomos, tal como Leite de Vasconcelos o imaginava no seu tempo (2).

Não vamos repetir aqui essa imagem nem, mesmo, traçar uma panorâmica exaustiva do panteão lusitano como hoje o conhecemos. Referir-nos-emos, sim, aos progressos verificados neste domínio da investigação histórica: os dados adquiridos, as divindades mais importantes, os problemas em aberto.

*

**

A segunda grande tentativa de reunir, num só volume, todos os elementos de que se dispunha para o estudo da religiosidade pré-romana foi feita pelo Prof. José Maria Blázquez Martínez, de Madrid, na sua tese de doutoramento, *Religiones Primitivas*

* Versão revista e actualizada da comunicação apresentada à Conferência «Os Portugueses e o Mundo» (Porto, Junho de 1985 — cf. «Actas», vol. VI, 1989, p. 103-115).

(1) Sobre o conceito de divindade indígena, cf. a nossa comunicação ao II Congresso Nacional de Arqueologia, *Actas*, Coimbra, II, 1971, p. 347-351.

(2) JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia*, II, Lisboa, 1905. Cf., ainda, o comentário de J. Manuel Garcia à reimpressão facsimilada desta obra (Imprensa Nacional — Casa da Moeda, Lisboa, 1981) inserto na revista «Prelo» (Lisboa), 2, Jan/Mar 1984, p. 111-119, onde inclusive se dá um

de *Hispania* (Roma, 1962). Blázquez Martínez procurou aplicar, aí, às divindades indígenas, o esquema adoptado para o panteão romano, agrupando-as pelos seus atributos.

Tendo verificado que muito se deduzia a partir de leituras hipotéticas, decidimos, em 1968, repensar o tema e «regressar» aos monumentos ou, na sua ausência, aos manuscritos mais antigos, a fim de confirmarmos a leitura dos teónimos indígenas cujos testemunhos proviessem de território português. Assim poderíamos dissecar mais facilmente sobre os atributos dessas divindades estranhas, de que a maior parte das vezes só um testemunho havia e bem avaro de informes.

Então, como hoje, as características das divindades deduziam-se a partir de elementos como: a análise etimológica do seu nome, algum formulário especial do texto, o contexto arqueológico; ou ainda: mediante a sua identificação com um deus romano ou a sua substituição por determinado padroeiro cristão. Assim: atentava-se no significado dos radicais indoeuropeus ⁽³⁾, comuns a

apanhado da investigação posterior a José Leite de Vasconcelos. A obra mais recente que conhecemos é *Manifestaciones Religiosas en la Lusitania*, editada em 1986 pela Universidade de Extremadura (Cáceres), que reúne as comunicações apresentadas às primeiras jornadas sobre o tema realizadas em Março de 1984. Inserem-se no âmbito das religiões indígenas: *Sincretismo en la Lusitania Romana* (p. 7-14), de J. M. Blázquez, breve recapitulação do que tem escrito; *La Religion de los Pueblos Preromanos de Lusitania* (p. 31-49), uma reflexão de Javier de Hoz; *Teónimos Indígenas en el S. O. Cacereño* (p. 85-92), panorâmica-síntese elaborada por Julio Esteban Ortega; *Nueva Evidencia sobre el Culto de Ategina: el Epigrafe de Rienvenida* (p. 93-112) onde, a propósito de urna nova ara, Raquel Lopez Melero faz o ponto da investigação acerca desta divindade; *Genius Turgalensis* (p. 127-132) é pretexto para José M. Iglésias Gil apresentar uma síntese sobre os testemunhos peninsulares do culto ao Génio.

⁽³⁾ Discutem alguns investigadores a validade deste critério etimológico (cf. o citado trabalho de J. de Hoz, p. 33-34), mormente porque são escassos os nossos conhecimentos acerca das línguas pré-romanas e sua eventual variedade. No entanto, ele é aceite, de um modo geral, como hipótese de trabalho válida. Recordemos que foi F. Adolfo Coelho um dos primeiros filólogos a debruçar-se sobre o tema: em 1880, apresentou em Lisboa ao IX Congresso Nacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas, uma comunicação intitulada *Sur les cultes péninsulaires antérieurs à la domination romaine* (*Actas*, p. 438-449).

todas as línguas ocidentais, partindo do pressuposto de que estes se tinham conservado quase intactos nos teónimos (apenas) latinizados; uma invocação *pro saltem* indiciava um deus benfazejo; a proximidade de fonte termal postulava uma divindade das águas; a identificação com Marte só era possível a um deus com as mesmas características bélicas; a sua substituição por S. Miguel, padroeiro das almas do Além, era sinónimo dum deus infernal.

Foram os resultados dessa pesquisa que defendemos, como tese de licenciatura, em Janeiro de 1970. E a Imprensa Nacional houve por bem publicá-los posteriormente, em 1975, com leves alterações e alguns aditamentos, sob o título *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*.

Nesse mesmo ano, apresentava J. Maria Blázquez, sob a forma de dicionário (exactamente como nós concebêramos o nosso volume), uma síntese do seu primeiro trabalho, actualizada (4).

O tema alcançou, desta sorte, alguma popularidade, de maneira que outros investigadores por ele se interessaram.

A nossa intenção fora só, como dissémos, a de procurar ler bem os teónimos e avançar com hipóteses interpretativas desde que para tal houvesse uma base concreta. Lembrávamo-nos da solidez dos trabalhos de Scarlat Lambrino — um mestre na análise da teonímia indígena (5) —, tínhamos presentes as numerosas conjecturas lançadas até aí, sem fundamento. Importava ler correctamente, acentuar bem o que era duvidoso. Várias vezes nos fixámos em oposição a José Maria Blázquez — mas a metodologia utilizada viria a dar, pouco a pouco, os seus almejados frutos.

No seu *Portugal Romano*, designadamente na 3.^a edição, de 1983 (p. 177-180), Jorge Alarcão apresentou uma cautelosa síntese do que de mais relevante se conhecia das divindades indígenas. A pressão editorial dos últimos tempos (hoje, a ânsia de grandes volumes de síntese não deixa tempo para aprofundada análise), aliada ao grande incremento da investigação, levou o

(4) *Diccionario de las Religiones Prerromanas de Hispania*, Madrid, 1975.

(5) A Scarlat Lambrino se devem sólidos trabalhos sobre Endovélico, Trebaruna, o santuário de Panóias. Ver bibliografia em Eduardo Pires OLIVEIRA, *Bibliografia Arqueológica Portuguesa (1935-1969)*, 1984, p. 115-116.

Prof. Blázquez a publicar *Religiones Prerromanas* (Ediciones Cristiandad, Madrid, 1983, 566 pág.), obra que dividiu em cinco capítulos: a religião dos Tartéssios, a cultura turdetana, os Iberos, outros povos da Península, o panteão indígena. Relativamente ao que particularmente nos interessa, é incluído no volume um importante índice, da autoria da saudosa Maria de Lourdes Albertos, sobre *Teónimos hispánicos* (p. 477-488): além do nome da divindade, em dativo, M. L. Albertos dá, de cada urna, a bibliografia fundamental e o local de culto.

Por conseguinte, a lista (digamos assim) está quase feita. Importa, pois, reservar uns tempos para reflexão, a fim de passarmos do quantitativo, da mera enumeração, para o qualitativo: que resultados obtivemos até agora? que panorama da íeligosidade pré-romana é já possível delinear?

Tem sido relevante, neste domínio, o papel dos epigrafistas portugueses, mormente numa tentativa de clarificação desse panorama. E hoje são já aceites, além da metodologia que preconizamos, algumas das teses que apontámos como válidas.

Assim, afigura-se-nos que é dominante o carácter local — tópicos ou étnicos — das divindades: daí, por exemplo, a exiguidade de testemunhos; daí, também, o facto de as divindades de invocação geral, como Banda, Reva, Nabia, Arentius, Cosus — cujo culto se não confina a um santuário ou a uma zona determinada (como Endovélico ou Trebaruna) — assumirem epítetos locais. Poderão, inclusive, ser mais frequentemente invocados por esses epítetos: já o apontámos em relação a Cosus Neneoecus, que uma vez se designa apenas Neneoecus; já o supusemos em relação a Banda Toiraecus, invocado em Vila da Feira como Tueraeus; a revisão, recente, a que procedemos, duma ara de Belver, dedicada a Bannei Picio, parece confirmar que o teónimo Picius, documentado em S. Pedro da Lourosa, não será mais do que o epíteto daquela divindade.

Consequentemente, é possível, neste momento da investigação, que o número de divindades do panteão indígena, em vez de aumentar fragmentariamente, tenda a diminuir e a clarificar-se, aproximando-se, quiçá, cada vez mais, das grandes tendências religiosas da Humanidade enquadráveis num esquema indoeuropeu. As descobertas mais recentes apontam, de facto, para uma valorização das divindades de invocação geral atrás mencionadas.

A existência de locais de culto bem determinados, onde as populações amiúde se reunissem, afigura-se-nos também como uma das ideias fundamentais a reter e a nortear a investigação epigráfica e arqueológica (6). Na verdade, as descobertas arqueológicas sucedem-se a um ritmo impressionante: o imponente santuário de Panóias é, agora, apenas um dos vários que se conhecem...

Outro elemento a ter em conta é o da chamada *interpretatio*, a assimilação das divindades indígenas às divindades romanas. Interessa ser muito sensível à cronologia, buscando, por exemplo, nos dados arqueológicos e nos hábitos antroponímicos elementos passíveis de datar ex-votos e lugares de culto. Não nos parece indiferente saber se foi a divindade romana que se assimilou à indígena ou esta que se assimilou àquela. O resultado é o mesmo; o processo é, porém, diferente e do maior interesse do ponto de vista cultural e quiçá também político.

E precisamos de reflectir sobre se será justificável continuar a incluir no âmbito das divindades indígenas as divindades romanas (Juno, Júpiter, Marte, Mercúrio), sempre que se apresentem com epítetos localmente individualizáveis (por exemplo, *Assaecus*, *Aguaecus*), mormente quando se trata de divindades tutelares do tipo dos *Lares*, *Genius*... E se o Génio de Conímbriga se pode considerar sem grandes objecções mais de cariz romano que indígena, Júpiter Repulsor oferece também sérias dúvidas quanto ao seu carácter indígena, se atendermos ao teor bem latino do epíteto, apesar de venerado só numa área da Lusitânia. No apêndice final ainda integramos estes casos, mas isso não significa que, da nossa parte, a discussão esteja encerrada.

Nessa mesma ordem de ideias, deverá continuar a merecer atenta reflexão a ocorrência do culto prestado por indígenas a Júpiter Ótimo Máximo em zonas onde se mantêm pujantes, na mesma época, os cultos pré-romanos (7).

(6) Assinalamo-lo em *Omissão dos teónimos em inscrições votivas*, «Veleia», 2-3, 1985-1986, p. 305-310.

(7) Cf. José D'ENCARNAÇÃO, *A religião romana não-oficial nas colónias e municípios da Lusitânia durante o Alto Império*, «Memórias de História Antigua», 5, 1981, p. 30-31.

O aprofundamento dos estudos linguísticos contribuirá, decerto, para clarificar a questão das variantes gráficas dos teónimos: simples «desvio» fonético puramente casual, que se explica, por exemplo, pela ignorância do lapicida ou, ao invés, variante pensada que encontra fundamento em clara diferenciação linguística? Se Tueraeus é uma variante de Toiraecus perfeitamente explicável do ponto de vista gramatical, que mecanismo profundo levou a adoptar uma das designações de preferência a outra? Que factores estarão por detrás do facto de a divindade Banda ⁽⁸⁾ umas vezes apresentar o dativo em Bandi, outras em Banda, Bandue, Bandei ou mesmo em Bannei? Mera dificuldade em passar a caracteres latinos aquilo que era uma voz diferente, antes jamais escrita, comum entre os indígenas?

O caso de Endovélico é sintomático, não só pelas variantes (bem documentadas) que a sua designação apresenta e que, pelo

⁽⁸⁾ Denominamo-lo assim por uma questão de facilidade e por nos parecer que essa poderá ser a designação mais geral. Nada nos garante, porém, que outro não tenha sido o nominativo vulgar deste teónimo. M. L. Albertos (1975, p. 53) era de opinião que essas desinências «são restos da declinação indígena, mais ou menos bem adaptada à escrita e à morfologia latina, influenciada também, sem dúvida, pelo latim vulgar cuja apreensão não fora muito perfeita por parte quer dos lapicidas quer dos dedicantes que encomendaram a gravação». E acrescentava: «Se a língua religiosa é sempre, por definição, mais conservadora (...), é normal que, nos nomes dos deuses e nos seus epítetos, como patronos das gentilidades, (...) encontremos desinências e sufixos de estrutura indígena arcaicos e não formas perfeitamente latinas». J. Hoz (1986, p. 36-41) prefere a designação *Bandue*. Acerca deste teónimo, é de opinião que «*Bandue* é provavelmente um nome comum do campo religioso lusitano, traduzível por 'divindade' (...); que se usou entre os Lusitanos em sentido estrito e entre os Galaicos da zona entre Douro e Minho; que numa maioria de casos aparece precisado por um epíteto, em geral masculino, às vezes feminino, e que a morfologia das suas desinências parece indicar dificuldades de adaptação ao latim, e inclusive talvez à gramática lusitana cujo carácter indo-europeu é seguro» (p. 39). Mais adiante (p. 41), após afirmar que «se trata de uma divindade protectora e tutelar», escreve: «Não precisamos de pensar que todas as dedicatórias com esta invocação se refiram efectivamente a uma mesma divindade», o que, à primeira vista, poderá parecer um tanto contraditório. Em seu entender, portanto, o epíteto é que seria o verdadeiro teónimo. É opinião assaz discutível esta: parece-nos mais lógico que o elemento *Bandue* seja nome próprio e que os epítetos tenham carácter adjectival.

menos aparentemente, nada têm a ver nem com o nível cultural dos dedicantes nem com a sua proveniência étnica ou social ⁽⁹⁾, mas também, e sobretudo, porque aumenta de dia para dia o número de testemunhos do seu culto ⁽¹⁰⁾ e porque nos parece extremamente provável que, de acordo com a opinião de F. Fernández-Gomes ⁽ⁿ⁾, além do santuário de S. Miguel da Mota (Terena, Alandroal) — autêntico local de peregrinação das gentes da Lusitânia meridional—, lhe tenham sido consagrados mais dois: o de Cerro Andebalo, perto de Cabezas Rubias, onde a divindade era adorada sob a invocação de Andobelicus ou Endovelus, e o de Postoloboso (Candelega, Ávila) onde a designação era, simplesmente, Vellicus.

*
* *

São úteis as listas de teónimos para clarificar ideias. Mas importará, doravante, responder a estas questões.

A relação das divindades com os núcleos populacionais que lhes prestavam culto assume-se como urna das perspectivas mais válidas, no actual momento da investigação. Saúdem-se, pois, como sendo do maior interesse as hipóteses justificadamente lançadas por Jorge de Alarcão, na conferência que fez, aquando do I Colóquio Viseense de Arqueologia (Viseu, Abril 1988), subordinada ao título *Geografia política e religiosa da civitas de Viseu*.

⁽⁹⁾ Cf. José d'ENCARNAÇÃO, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984, p. 800-805.

⁽¹⁰⁾ Cf. Manuel J. P. MACIEL e Tarcísio D. P. MACIEL, *A propósito de uma nova ara a Endovéllico*, «Gaya», 4, 1986, p. 9-18.

⁽ⁿ⁾ In «Noticiário Arqueológico Hispánico. Arqueología», 2, 1973, p. 230. Na comunicação *Divindades indígenas peninsulares: problemas metodológicos do seu estudo*, que apresentámos, em Maio de 1986, ao Simpósio Internacional de Epigrafia Jurídica «La Tabula Siarensis y su Contexto Histórico», em Sevilha (Actas, 1988, p. 261-276), retomámos desenvolvidamente esta problemática. Aí focámos também os casos de *Banda*, *Arentius* e *Nabia* (divindades com epítetos) e de *Trebaruna*, que, como Endovéllico, é divindade com diferentes grafias do nome.

Aí aponta, por exemplo, a possibilidade de a divindade Crouga ser tutelar de um castellum Nil[...], devido ao epíteto Nilaicus, e de um castellum Macar[...], devido ao epíteto Macareaicus que apresenta; relaciona — na esteira de M. Lourdes Albertos — o culto a Banda Araugelensis com o castellum de Araocelum, o qual, por seu turno, poderá estar relacionado com os epítetos Ocelaecus (de Arentius) e, porventura, de Banda (se lermos não Bandoga mas Band. Ocel..., na ara do Castro do Mau Vizinho). Como escrevemos no trabalho citado na nota 11, «a questão que se nos põe é a de saber se poderemos, hoje, ir abandonando a designação pontualmente adoptada de divindade indígena para a substituímos pela de divindade asturiana, céltica, ibérica, lusitana...». Um salto qualitativo cuja eficácia e segurança só uma estreita colaboração entre epigrafistas, linguistas e arqueólogos poderá efectivamente garantir.

APÊNDICE

Teónimos indígenas documentados na Lusitânia portuguesa

Os teónimos vão em dativo (como aparecem nas epígrafes), por ordem alfabética. Apresenta-se, de cada um, a síntese do que se conhece a seu respeito, remetendo para a bibliografia (que melhor se identifica no final) (1).

Aelua (?)

Divindade de nome um tanto duvidoso e características desconhecidas, a que os castellani (?) Berecenses (?) dedicaram uma ara em Famalicão da Serra, Guarda (FE 98). Poderá ter relação com o teónimo Alva a que aludimos na nota 1. *

(9 Omitimos os casos muito duvidosos :

— *Alva*(?) : apesar da semelhança com *Aelua*, não é claro que seja esta a divindade honrada na ara de Mouriscas, Abran tes (FE 2).

— *Aponianico Poliscinio*: trata-se, de facto, duma dedicatória ao Génio feita por *Aponia Nicopolis*, como demonstrou J. Untermann (1985, p. 345-6). Ver também J. Gardim RIBEIRO in «Veleia», 2-3, 1985-1986, p. 311-325 (artigo reproduzido, com leves alterações, em «Lisboa — Revista Municipal», 2.^a série, 20, 1987, p. 3-14).

— *Aratibro*: afigura-se-nos difícil esta interpretação como teónimo considerada por J. M. Garcia numa ara do concelho de Castelo Branco (1984, p. 45-46).

— *Aro*: DIP, p. 108-110; Correia 1986, p. 106-109. Concordamos com Untermann (1985, p. 345) : não há justificação para ver aí um teónimo.

— *Cubar*: DIP, p. 151-152. Cf. também Le Roux 1982, p. 226 (n.º 191).

— *Dipainciae*: pouco provável esta interpretação de J. M. Garcia (1984, p. 53-54). Ara proveniente de Castelo Branco.

— *Genius Conimbricae*: DIP, p. 188. FC II, p. 24-25. O seu carácter indígena é muito discutível.

— *Genius Cor*: DIP, p. 189.

— *Genius Depenoris*: DIP, p. 190.

— *Icconna Loiminna*: vocábulos que surgem no penedo de Cabeço das Fráguas. Tovar chegou a pôr a hipótese de se tratar dum nome de divindade acompanhado por epíteto, mas acabou por não considerar totalmente viável essa hipótese (1967, p. 254-255).

— *Iuno Veamuaearam*: DIP, p. 205-206. Cf. também Corominas 1976, p. 376-378; contra: Albertos 1985, p. 504.

Aetio

Divindade de características desconhecidas a quem Cisia dedica uma árula, achada em Covão (Alcaria, Fundão).

Vaz 1977, p. 6-7.

Araco Aranto Niceo

De características desconhecidas, vagamente relacionável com as águas, é divindade honrada por uma indígena romanizada, Júlia Máxima, filha de Auvo, numa ara achada em Carrascal de Manique (Alcabideche, Cascais). Fig. 1.

DIP, p. 92-97. Catálogo da exposição «Cascais no tempo dos Romanos» (Cascais, Agosto 1986).

Arentio

Divindade tutelar, que se documenta numa ara encontrada em Chão do Touro (Monsanto, Idanha-a-Nova), mandada gravar por Súnua, filha de Câmalo. DIP, p. 103-104.

Em Ninho do Açor (Castelo Branco), o par divino *Arentius* e *Arentia* é homenageado por Montano, filho de Tangino. DIP, p. 101-103; Garcia 1984, p. 49-50.

Cingindo-nos ao território português, temos mais quatro testemunhos do culto a *Arentius* com epítetos:

— *Arentio Cronisensi* (?), honrado por Albino, filho de Próculo, numa ara procedente de Zebras (Orca, Fundão). DIP, p. 104-106. Fig. 2.

— *Mirobieo*: está, de facto, no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Lisboa) o fragmento do penedo com inscrição, arrancado em Tarouquela (Cinfães). Mantêm-se as dúvidas que apontávamos em 1975: é incerta a leitura — *Mirobieo* — da 1.^a linha visível (e pode haver mais linhas acima); esse vocábulo poderá ser apenas um atributo de *loco* (linha 2); não há qualquer fórmula que justifique o carácter votivo atribuído ao texto. DIP, p. 235-237. Cf. Untermann 1980, p. 423. Ver Fig. 10 (p. 35).

— *Neto*: não dispomos de mais elementos susceptíveis de esclarecer convenientemente o carácter do texto, ainda perdido, dado como proveniente de Conimbriga (Condeixa-a-Velha, Condeixa-a-Nova) e dedicado eventualmente a esta divindade. DIP, p. 248-250; FC II, p. 35-36.



FIG. 1—Ara a Aracus Arantus Niceus

— *Arentiae Equotullaicensi*, honrada por Níger, filho de Arcão, em Sabugal. FE 27.

— *Arantiae Ocelaecae* e *Arantio Ocelaeco*, homenageados por Rufo, filho de Peicano, em Ferro (Covilhã). Albertos 1985, p. 470-4.

— *Arantio Tanginiciaeco*: a ara, dedicada por Avita, filha de Vitalis, foi encontrada no termo de Rosmaninhal (Idanha-a-Nova). DIP, p. 98-101; Garcia 1984, p. 47-48.

É, pois, um culto territorialmente bem delimitado.

Conimbriga, 26 (1987), 5-37



FIG. 2— Ara a Arentius Cronisensis

Ataegina

O culto a esta divindade infernal, cujo santuário se devia situar numa localidade de nome Turóbriga, está possivelmente atestado, no território nacional, numa ara (IRCP 287) do termo de Beja, dedicada por L. Axónio, onde a divindade se identificará *D(eae) S(anctae) Turubrice(nsi)* ; outra ara, de Mértola (IRCP 95), foi dedicada (apenas) *Deae Sanctae* por C. Valerius Rufus Caepio; no bordo dum vaso, proveniente também do termo de Beja e de que só nos resta um desenho, talvez se possa ler também *Deae Sanctae* (IRCP 288).

IRCP, p. 799-800.

Numa árula do termo de Ouguela (Campo Maior) lê-se, na linha 1, Q.P.R.D.S: o autor da notícia (FE 32) interpretou as três primeiras letras como as siglas do nome do dedicante e, depois, *D(eae) S(anctae)* subentendendo-se *T(uobrigensi)*. Parece-nos forçado.

Aturro

Divindade de características ctónicas cujo monumento foi encontrado em Lisboa.

DIP, p. 117-118.

* *Banda*

São numerosos os epítetos por que esta divindade tutelar é invocada (DIP, p. 140-143), ultrapassando inclusive os limites da Lusitânia (2).

— *Bandi Arbariaico*: monumento, hoje perdido, procedente de Capinha (Fundão), dedicado por Amino, filho de Andaitia (?). DIP, p. 129-131.

— *Bandei Brialeacui*: ara encontrada em Orjais (Covilhã), dedicada por Severo, filho de Abruno. DIP, p. 125-126. Existe uma outra ara, inédita, procedente da mesma zona, que apresenta igual grafia do teónimo; não está aí bem claro, no entanto, o nome do dedicante (Mantaus?).

— *Bandua Etobrico*: árula achada, possivelmente, nos arredores de Alenquer. Encarnação 1976, p. 142-144.

— *Bandi Isibraiegui*: duas aras, de Bemposta (Penamacor)? dedicadas, respectivamente, por Cílio, filho de Câmalo, e por Materno, filho de Melão. DIP, p. 131-132; Leitão 1980, p. 627-631.

— *Bandi Longobricu*: ara encontrada na capela de N.^a Sr.^a do Torrão, em Longroiva (Meda), dedicada por Q. Iulius Montanus,

(2) Omitimos o texto, de Idanha-a-Velha, que segundo D. Fernando de Almeida (1965, p. 23-24) traria *Bandi*: em nosso entender, está correcta a identificação, que nos foi sugerida por J. M. Garcia, com o monumento onde se lê claramente GENIO (e não BANDI).

eques da legião VII Gémina Félix. É evidente a relação *Longrobricus*/Longroiva. FE 44.

— *Band. O...* (*ex-Bandoge*): desconhece-se qual seja exactamente a invocação do deus que vem gravada nesta ara procedente do Castro do Mau Vizinho (S. Pedro do Sul), dedicada por Céltio, filho de Câmalo. Será *Ocel(ensi)* ou *Ocel(aeco)*? DIP, p. 138-139; Encarnação 1977, p. 213-214.

— *Bandi Oilienaico*: fragmento de ara procedente de Esmolfe (Penalva do Castelo). DIP, p. 132-134.

— *Bannei Picio* (não *Ranelpicio*): foi-lhe dedicada por Amminus, Taltici (filius), uma ara encontrada em Vale de Mó (Belver, Gavião). Decerto é também em sua honra a outra ara da mesma proveniência que não traz indicação de teónimo, o que pressupõe a existência duma tradição local de culto. Desta sorte, a ara de S. Pedro de Lourosa (Oliveira do Hospital), dedicada por Arco, Mauci filius, a *Picio* deverá ser incluída aqui: o deus é designado apenas pelo epíteto. DIP, p. 259-261; Encarnação 1984, p. 13-19.

— *Bandi Tatibeaicui*: ara proveniente de Queiriz (Fornos de Algodres) dedicada, quiçá, por um Q. Vário, filho de Apino. DIP, p. 134-137.

— *Bande Velugo Toiraeco*: L. Latrius Blaesus dedica, em Vila da Feira, uma ara a esta divindade, que, noutro monumento mandado fazer pelo brácaro Arcius, Epeici filius, vem denominada *deo Tueraeo*. DIP, p. 128-129 e 291-9.

— *Bandi Vortaeceo*: ara, encontrada em Salgueiro (Fundão)» dedicada por Reburus Tangini (filius). DIP, p. 137-138; Vaz 1977, p. 8-9.

Em Arrochela (Penamacor), foi consagrada uma ara a *Vortiaecii* (sic) por Flavius Titius Felix. FE 57.

Outra ara, procedente de S. Martinho (Castelo Branco) e de que resta a parte inferior, se lhe atribui também: Garcia 1975, p. 147-159; idem, 1984, p. 79.

É igualmente possível que as siglas B. V. S. da árula de S. Vicente da Beira (Castelo Branco) (Garcia 1984, p. 51) se interpretem B (*andi*) \(*ortaeceo*) S (*acrum*), o que denunciaria até a sua inclusão num santuário.

Carneo Calanticensi

O deus, patrono duma eventual *Calantica*, cultuado em Santana do Campo (Arraiolos).

Três inscrições: IRCP 410-412 e p. 800. Fig. 3.

Collovesei Caieioni Cosigo

Torna-se difícil — sem o achamento de outros paralelos — saber qual a divindade identificada com estas palavras, à qual Pudens, Competri (filius) consagra uma ou várias aras. Regista-se em Furtado (Algodres, Fornos de Algodres).

FE 74.



FIG. 3 — A árua verosimilmente dedicada au deus Carneus

Crougae Nilaigui

Divindade de nome incerto (as letras foram avivadas) venerada, ao que parece, por um Clementinus, Ceii filius, em Freixiosa (Mangualde).

FE 54.

Crougeai Magareaicoi Petravioi

Segundo Maria de Lourdes Albertos, Crougeai seria o dativo dum teónimo, aparentado com o anterior (ou de preferência o mesmo), que, no texto do penedo de Lamas de Moledo (Castro Daire), onde surge pela única vez, estaria acompanhado de dois epítetos.

Albertos 1975, p. 58; Correia 1986, p. 101-103.

Cusei Paetaico

Variante do teónimo Cosus, conhecido de outras inscrições, com um epíteto novo. O ex-voto foi oferecido por Búcio, filho de Turaino (?). Provém de Aguada de Cima (Águeda). Numa árula, exposta em Abril de 1988 no Museu de Grão Vasco (Viseu), sem indicação de proveniência, lê-se Cosei seguido de epíteto (por identificar).

FE 70 e 140.

Dee Sancte Burrulobrigensi

Patrona duma eventual Burrulobriga, esta deusa vem mencionada numa elegante árula de Eivas. Fig. 4.

IRCP 566.

Dis Deabusque Coniumbricensium

Divindades homenageadas numa ara achada em Numão (Vila Nova de Foz Côa), por um cavaleiro da III coorte dos Lusitanos.

DIP, p. 175-176. FC II, p. 21-22.



FIG. 4 — A ara à Deusa Santa Burrulobrigerse

Endovellicus

Divindade infernal, venerada num santuário em S. Miguel da Mota (Terena, Alandroal). É a divindade indígena com mais ex-votos no mundo romano.

IRCP, p. 800-805. Figs. 5 e 6.

Jgaedo

Patrono dos *Igaeditani*. Foi-lhe consagrada uma árula (achada junto da capela da Sr.^a do Almortão, Idanha-a-Nova) por Caetronia, Vitalis (filia).

DIP, p. 199-200.

Conimbriga, 26 (1987), 5-37



FIG. 5 —Um pedestal de estátua a Endovélico

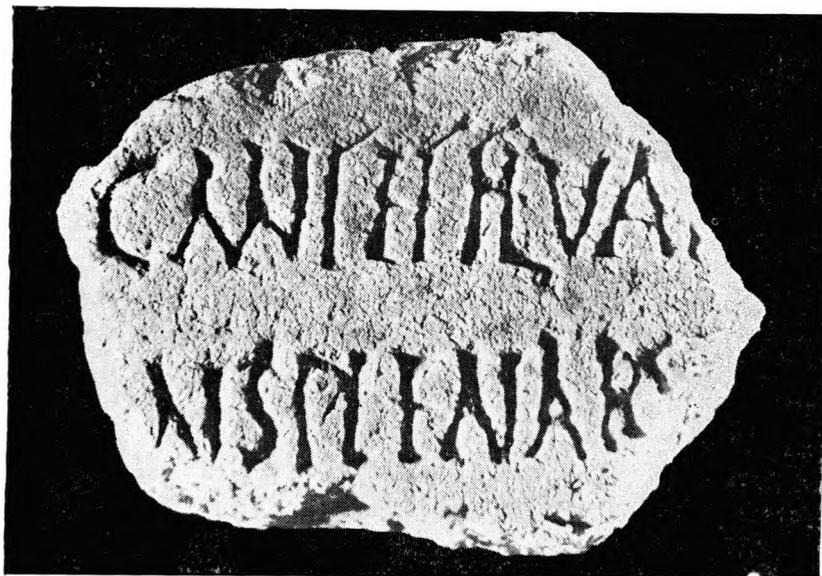


FIG. 6 — Fragmento dum eventual «cântico» a Endovélico (CIL II G333 b)

Conimbriga, 26 (1987), 5-37

Ilurbedae

Duas aras lhe foram dedicadas, ambas procedentes dum poço de mina romana em Cova dos Ladrões, Alto das Cabeçadas (Alvares, Góis). Há outro testemunho, em território espanhol (Mangas 1971, p. 135-136).

DIP, p. 200-203.

l(ovi) Assaeco

Ara dedicada, em Lisboa, por M. Caecilius Caeno, a Júpiter, aqui honrado com um epíteto de carácter local.

DIP, p. 206-208.

Ioveai (?) Caeilobrigoi

M. Lourdes Albertos considera teónimos estes dois dativos do texto de Lamas de Moledo (Castro Daire). *Caeilobrigus* seria epíteto de Júpiter.

Albertos 1975, p. 58.

Iovi Repulsori

O epíteto *Repulsor* parece próprio de uma zona determinada da Lusitânia, donde provêm vários testemunhos, o que nos leva a atribuir-lhe características indígenas.

IRCP 637-640.

Issibaeo

Divindade de características desconhecidas, homenageada na região de Miranda do Corvo por G. Claudius Maxsumus.

Brandão 1970, p. 77-83. DIP, p. 203-204.

Iunoni Linteicae (?)

Possível epíteto local de Juno, que J. M. Garcia (1984, p. 61-62) relaciona com o linho. O monumento, procedente de S. Martinho (Castelo Branco), é dedicado por Talavius, Caburi f.

Conimbriga, 26 (1987), 5-37

Laepo (não *Caepo*)

Procedem da Quinta de S. Domingos (Pousafoles, Sabugal) as três ámulas dedicadas a esta divindade, respectivamente, por Firmo, liberto de Sabina, por Tangino, filho de Lúcio Búcio, e por Basso, filho de Viriato. O texto gravado num penedo em Cabeço das Fráguas, da mesma freguesia, refere que a Laebo se ofereceu um porco: trata-se seguramente da mesma divindade (Tovar 1967).

DIP, p. 153-154. FE 28.

Laneane (?)

Foi lido este teónimo (identificado já na região de Cáceres) num afloramento rochoso junto a Aldeia da Ponte (Sabugal). Terá algo a ver com a povoação de *Lennium*, ainda por localizar? (cf. Tovar 1976, 271). FE 99.

Lares

Por terem assumido um epíteto local, algumas destas divindades, classicamente romanas, podem revestir características indígenas :

— *Lares A quites*: o carácter único desta designação (ligada eventualmente ao culto das águas) é susceptível de lhe atribuir conotação indígena. Encontrada em Conímbriga e considerada perdida, esta ámula de pedra de Ançã foi recentemente identificada no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia por José Manuel Garcia (ver adiante, p. 48-49). Mede 18,5 x 7,5/6,2/8,2 x 6/3,5/5,5. O dedicante é G. C. Rufus. FC II, p. 28.

— *Lares Cairienses*: honrados por Celtienus, Canapi filius. Quinta da Nave Aldeã (Zebreira, Idanha-a-Nova). DIP, p. 210-211.

— *Lares Conimbricae*: a ámula, incompleta, procedente de Conímbriga, é dedicada a Flávia Conímbriga e aos seus Lares. FC II, p. 28-30.

— *L(ari?) Coutioso Longonaroso(P)*: ara procedente de Casais (S. João da Fresta, Mangualde) consagrada por Malgeinus, Leuri f., Arbuensis. FE 55.

— *Lares Lubanci*: divindades protectoras dos Lubancos (?), grupo social de contornos imprecisos que fazia parte dos Dovi-

Iónicos. A placa que os refere, em nominativo ao contrário do que é habitual, encontrou-se em Conímbriga (Condeixa-a-Velha, Condeixa-a-Nova) e foi Albuius, Carnali f., quem a consagrou. FC II, p. 30-31.

— *Lares Turolici*: desapareceu o monumento com que, em Freixo de Numão (Devesa, Meda), Catuenus, Docquirici filius, teria honrado estes Lares cujo epíteto se deve considerar, por isso, com reservas. DIP, p. 219-220.

Liiruni

Divindade, de características desconhecidas, adorada em Cavernães (Viseu), onde se encontraram quatro monumentos em sua honra: um perdeu-se; o segundo está no Museu de Grão Vasco, em Viseu; o terceiro guarda-se numa casa em AI velos, perto de Viseu; o quarto está em Vendas de Cavernães.

DIP, p. 226-230. Cfr. Untermann 1980, p. 422. FE 71.

Mandiceo

Deus de características desconhecidas a quem, em Sintra, Cássia Materna consagrou uma árula.

DIP, p. 232-233.

Marti Boro

Está na colecção epigráfica de Idanha-a-Velha a árula dedicada por L. C. O. a esta divindade da guerra que assume aqui, pelo epíteto, uma conotação local. Foi achada na serra de Monsanto (Idanha-a-Nova).

DIP, p. 233-234.

Mercurio Augusto Aguaeco

Divindade recordada num paralelepípedo mandado colocar nas termas de S. Pedro do Sul por Magius Reburus e Victoria Victorilla em honra de seu filho, Magius Saturninus. Mercúrio assume, aqui, além da relação com o imperador, um carácter tópico de divindade termal.

Brandão 1959, p. 229-264.

Mercurio Esibraeo

Divindade que poderá figurar numa árula achada na capela de Santiago (Medelim, Idanha-a-Nova). Pelo epíteto, relacionar-se-á com Bandi Isibraiegui.

Garcia 1984, p. 65-66.

Munidi (?) Icaed(itanae)

É a existência do texto de Talavan (ILER 884) dedicado a *Munidi Eberobrigae Toudopalandaigae* que nos permite manter a interpretação MVN[I]DI . ICAED(*itanae*) da árula de Idanha-a-Velha ou Monsanto (Idanha-a-Nova). De facto, como — na sequência das nossas dúvidas — A. Rodríguez Colmenero demonstrou recentemente («Veleia», 2-3, 1985-6, p. 343-4), na inscrição de Chaves (ILER 883) não é esse o teónimo mencionado. E o monumento de Idanha encontra-se fracturado a seguir ao N. Não concordamos, no entanto, com a hipótese de ler MVN(*imentum*). DI(o).ICAED[0], «monumento ao deus Igaedo»: 1.º porque, tratando-se de uma ara, é forçada a utilização do vocábulo *monumentum*; 2.º porque seria formulário inusitado na epigrafia da Lusitânia; 3.º porque se nos afigura estranha e indocumentada a interpretação DI(o).

CIL II 424, que se encontra numa penedia junto do castelo de Celorico da Beira, será também dedicatória a *Munis* feita por um filho de Malgueino: cf. Curado, 1985, p. 641-3.

Tratar-se-ia, pois, de uma divindade tutelar.

DIP, p. 237-240.

Nabia

A esta divindade peninsular foram dedicadas dezasseis epígrafes, uma das quais na Lusitânia portuguesa — Roqueiro (Pedrogão Pequeno, Sertã) — mandada gravar por Cicero, Mancí (filius). Segundo José L. Melena, que fez um estudo exaustivo sobre a divindade (1984, p. 233-260), ela deve considerar-se, de preferência, «uma deusa indígena dos vales arborizados, dos bosques e dos montes, como a Diana latina, vales que no seu fundão poderiam acolher a presença dum rio, o que explicaria o hidrónimo

[*Navia*] e a caracterização dada a *Nabia* e, de modo particular, a sua vinculação com divindades aquáticas» (p. 245).

DIP, p. 240-243. Cf. também Garcia (B.) 1985, p. 282 n. 12.

Ocrimirae

Divindade tutelar duma ribeira fria homenageada, em Marvão, por Júlia Saturisca.

IRCP 610 e p. 806.

Paisicaico

O vocábulo, gravado num penedo nas Corgas Roçadas, entre Covas e Vermilhas (Vouzela), pode ser o nome da divindade aí venerada.

DIP, p. 256-257.

Peinticis

Invocação, insegura, das divindades eventualmente referidas no texto, de difícil interpretação, gravado num rochedo do Castro dos Três Rios, entre Fail (Viseu) e Parada de Gonta (Tondela). Poderá ter sido L. Manlius, cidadão romano da tribo Aemilia, que mandou gravar a epígrafe.

DIP, p. 257-258.

Quangeio TANGO

Acompanhado pelo epíteto *Tannus*, o deus é venerado em Nisa por Lupus, Lanci filius (IRCP 641). No entanto, esta epígrafe permitiu a correcção da leitura de outros monumentos dedicados à mesma divindade: um em Malpartida de Plasencia (fora da Lusitânia portuguesa) e dois em Penamacor — FE 26 e corrigenda; IRCP, p. 806; Garcia 1985, p. 23-32. Mais testemunhos em Ribeira da Nave (Sabugal) — FE 100; um outro, provável, em Nisa (FE 103); finalmente, também se poderá ler este teónimo numa ara de Capinha (Fundão) — cf. FE 103, nota 2.

Remetibus Aug(ustis)

Divindades registadas numa placa encontrada nas termas de Conímbriga, razão pela qual se lhes atribui um carácter aquático. FC II, p. 38-40.

Reva

Divindade tutelar de que, na Península, se encontraram diversos testemunhos, com epítetos diferentes. São os seguintes os que provêm da Lusitânia portuguesa:

— A Reva, acompanhado por um epíteto que desapareceu, se diz no texto de Cabeço das Fráguas (Pousafoles, Sabugal) que foi oferecido um touro semental. Tovar 1967.

— Foi possivelmente consagrado a Reva, acompanhado de um epíteto começado por C, a ara encontrada em S. Eufémia (Pinhel), dedicada por Casabius, Burrilli filius. FE 17 e corrigenda.

— No concelho de Idanha-a-Nova, a divindade tinha um epíteto local que surge grafado (no dativo) *Langanidaegui* (em Medelim) e *Langanitaeco* (em Proença-a-Velha). Esse mesmo epíteto — *Langanid(aeco ?)* — surge perto de Alcains, Castelo Branco (Garcia 1984, p. 69) e é possível que outra árula procedente de Medelim também apresentasse o mesmo epíteto, hoje desaparecido (Garcia 1984, p. 67-68). Os dois primeiros monumentos estão na colecção epigráfica de Idanha-a-Velha; os outros dois guardam-se no Museu de Castelo Branco. O mais significativo de todos é a placa de Proença-a-Velha, dedicada por Lucanus, Adiei f., por trazer a expressão *hostia deliganda*, relacionada decerto com o rito sacrificial. DIP, p. 263-268.

Salquia

Embora o vocábulo apresente pontuação interliteral, numa ara que se encontra no Museu de Gouveia, é aceitável a identificação aí deste teónimo. O monumento foi dedicado por Reburus, Talabi f.

Curado 1985, p. 648-9.

Sancto Runesio Cesio

Procede dos arredores de Évora a áruda consagrada a esta divindade cujas atribuições bélicas a etimologia do seu nome parece confirmar. Fig. 7.

IRCP 374 e p. 806.



FIG. 7 — A árula a Sanctus Painesus Cesius

Tabudico

Divindade, de características desconhecidas, honrada em Murte de (Cantanhede) numa coluna oferecida por C. Fabius Viator,

Conimbriga, 26 (1987), 5-37

que se guarda no Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.

DIP, p. 274-276.

Togae Almae

Encontra-se, de facto, no Museu de Marvão a ara consagrada a esta divindade benfazeja por Novela, liberta de Ânía. Outros três monumentos lhe foram dedicados na Península: cf. FE 49.

IRCP 611 e p. 806.

Trebaruna

1. Na inscrição do penedo de Cabeço das Fráguas, refere-se a oferta sacrificial de uma ovelha com um ano a Trebaruna. Tovar 1967.

2. Do Fundão procede uma ara, hoje no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, dedicada por Toncius, Toncetami f., soldado igeditano. DIP, p. 288-291. Fig. 8.

3. Encontrou-se na Quinta de Alverca (Lardosa, Castelo Branco) a ara, hoje guardada no Museu de Castelo Branco, dedicada (verosimilmente) por Voconus, Voconis f. O teónimo é, aqui, grafado com O e dois NN: *Trebaronne*. Garcia 1984, p. 73-74.

4. É de interpretação difícil o texto em honra de *Trebaronna* gravado numa ara achada em Cabeço dos Tiros (Penha Garcia, Idanha-a-Nova). Parece atestar a existência de sacerdotes. Garcia 1984, p. 71-72.

5. A ara que encontramos em S. Domingos de Rana (Cascais) foi oferecida por Tito Curiácio Rufino *Triborunni*. Consideramos que se trata de mais uma variante deste teónimo. FE 59.

Trebopala

Nome da divindade a que, segundo o texto sacrificial de Cabeço das Fráguas (Pousafoles, Sabugal), se ofereceu uma ovelha. Tovar 1967.



FIG. 8 — Ara a Trebaruna

Vaseco (?)

Parece-nos que é de manter duvidoso este eventual teónimo, de significado desconhecido. Tivemos ocasião de analisar e fotografar a árula (18 X 7 x 6 cm) procedente de Soure e que efectivamente se encontra na Academia das Ciências de Lisboa (Inventário: n.º 245). De calcário oolítico, rudemente moldurada nas quatro faces, com toros e fastígio, linhas auxiliares bem marcadas, apresenta no campo epigráfico polido o seguinte texto esgrafado:

Conimbriga, 26 (1987), 5-37

tado: B MER#VASECO / MARI/NIANV/S ANIM/O LEBE/S
(sic) PONO 7 MER / MA. Se interpretarmos *b(ene)mer(enti)* na
linha 1 e considerando *Marinianus* o nome do dedicante, o teónimo
será de facto *Vaseco*. Fig. 9.

DIP, p. 296-7. Cf. J. Cardim RIBEIRO in «Conimbriga», XXIII,
1989.

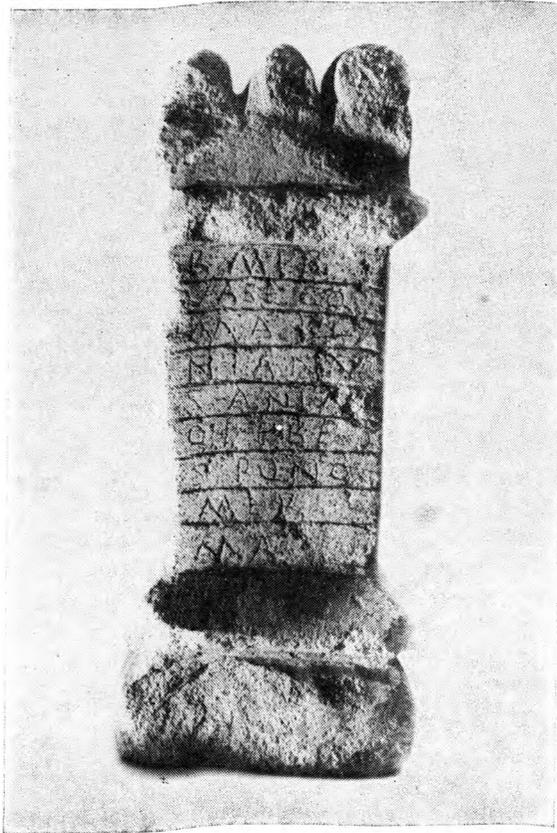


FIG. 9 — A árula a Vasecus

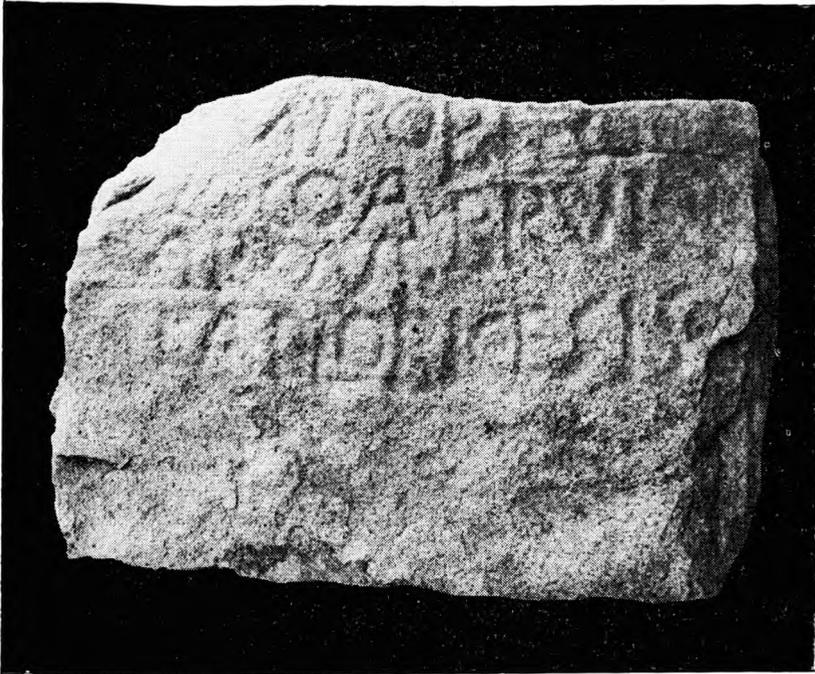


FIG. 10 — (Ver nota 1 do apêndice)

BIBLIOGRAFIA

(Citámos apenas a bibliografia mais actualizada, designadamente quando referia a anterior)

ALBERTOS FIRMAT (M.^a de Lourdes), *Organizaciones Suprafamiliares en la Hispania Antigua*, Valladolid, 1975.

-----, *A propósito de algunas divindades lusitanas*, «Symbolae Ludovico Mitxelena Septuagenario Oblatae», Vitoria, 1985, p. 469-474.

-----, *Notas a los trabajos del Prof. Cor ominas, presentados al I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*, Salamanca 1974, «Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas», Salamanca, 1985, p. 503-505.

ALMEIDA (D. Fernando de), *Mais divindades lusitanas do grupo «band»*, «Revista da Faculdade de Letras de Lisboa», 9, 1965, p. 19-31.

Conimbriga, 26 (1987), 5-3 7

- BRANDÃO (D. Domingos de Pinho), *Inscrições romanas do Balneum de Lafões*, «Beira Alta», 19, 1959, p. 229-264.
- , *Issibaeus — uma nova divindade do panteão lusitano-romano*, «Actas das I Jornadas Arqueológicas», Lisboa, 1970, p. 77-83.
- COROMINAS (Joan), *Acerca de algunas inscripciones del Noroeste*, «Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica», Salamanca, 1976, p. 363-385.
- CORREIA, (Alberto), ALVES (Alexandre), e YAZ (João L. Inés), *Castro Daire*. Castro Daire, 1986.
- CURADO (Fernando Patrício), *Epigrafia das Beiras (Notas e correcções — 1)*, «Beira Alta», 44 (4), 1985, p. 641-655.
- DIP = ENCARNAÇÃO (José d'), *Divindades Indigenas sob o Domínio Romano em Portugal*. Lisboa, 1975.
- ENCARNAÇÃO (José d'), *Urna árula a Banduaetobrigus — Additamentum*, «Conimbriga», 15, 1976, p. 139-146.
- , *Epigrafia Romana do Nordeste Alentejano — Nisa, Torre de Palma e Silveirona*, «Conimbriga», 16, 1977, p. 59-82.
- , *Belver ao Tempo dos Romanos — a população e as suas crenças*. Portalegre, 1984. (De colaboração com Rogério P. Carvalho).
- FC II = ÉTIENNE (R.), FABRE (G.) e LÉVÊQUE (P. et M.), *Fouilles de Conimbriga II — Épigraphie et Sculpture*, Paris, 1976.
- FE = «Ficheiro Epigráfico» (suplemento de «Conimbriga»), Coimbra. (Indica-se o número da inscrição).
- GARCIA (J. M.), *Contribuição para a compreensão das divindades do «Grupo Band» — uma nova ara*, «Conimbriga», 15, 1976, p. 147-150.
- , *Epigrafia lusitano-romana do Museu Tavares Proença Junior*. Castelo Branco, 1984.
- , *Quangeio deus lusitano*, «História», 76, Fevereiro de 1985, p. 23-32.
- GARCÍA Y FERNÁNDEZ-ALBALÁT (Blanca), *Las divindades indígenas de la Hispania Prerromana — En pos de una metodología*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», 25 (2-4), 1985, p. 275-283.
- IRCP = ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984.
- LEITÃO (Manuel) e BARATA (Luís), *Inscrições romanas de Bemposta*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», 23, 1980, p. 627-634.
- LE ROUX (Patrick), *L'armée romaine et l'organisation des provinces ibériques d'Auguste à l'invasion de 409*, Paris, 1982.
- MANGAS (Júlio), *Nuevas inscripciones latinas de Salamanca y su provincia*, «Archivo Español de Arqueología», 44, 1971, p. 127-136.
- MELENA (José L.), *Un ara votiva romana en El Gaitán, Cáceres*, «Veleia», 1, 1984, p. 233-260.
- TOVAR (A.), *L'inscription du Cabeço das Fráguas et la langue des Lusitaniens*, «Études Celtiques», 11, 1967, p. 237-268.
- , *Iberische Landeskunde-Band 2, Lusitanien*. Baden — Baden, 1976.

UNTERMANN (J.), Recensão a *Divindades Indígenas...* «Beitrag zur Namensforschung», 15, 1980, p. 421-424.

-----*Los teónimos de la región lusitano-gallega como fuente de las lenguas indígenas*, «Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas», Lisboa, 5-8 Noviembre 1980), Salamanca, 1985, p. 343-363.

VAZ (João L. Inés), *Inscrições romanas do Museu do Fundão*, «Conimbriga», 16, 1977, p. 5-31.

FOTOS

De Guilherme Cardoso, à exceção das n.ºs 2 e 9, que são de Delfim Ferreira.

(Página deixada propositadamente em branco)

JOSÉ MANUEL GARCIA

Investigador

DA EPIGRAFIA VOTIVA DE CONIMBRIGA
— OBSERVAÇÕES E NOVOS MONUMENTOS

«Conimbriga», XXVI (1987), p. 39-59

RESUMO: Alguns dos monumentos epigráficos que testemunham as religiões de Conimbriga põem questões que concernem quer a forma de proceder à interpretação de certas peças quer a identificação de novos textos.

Vergílio Correia, que sempre se interessou pelo estudo de Conimbriga, publicou um artigo, em 1943, onde se refere às várias inscrições votivas que então conhecia naquela cidade lusitano-romana. Sobre algumas delas não ficou qualquer outro testemunho, até que, recentemente, se identificaram no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia em Lisboa, dois dos monumentos por ele referidos como sendo consagrados *L(aribus) Aquitibus e Minerva*. Junto dessas ámulas estavam duas outras semelhantes que também devem ser provenientes de Conimbriga: *Aquiae* e *I(ovi) O(ptimo) M(aximo)*.

RÉSUMÉ: Quelques-uns des monuments épigraphiques qui témoignent les religions anciennes de Conimbriga posent des problèmes concernant soit la forme de faire l'interprétation de certaines pièces, soit l'identification de nouveaux textes.

Vergílio Correia, qui s'est toujours intéressé à l'étude de Conimbriga, a publié un article, en 1943, qui concerne plusieurs inscriptions votives qu'il connaissait à l'époque dans cette ville lusitano-romaine. Aucun autre témoignage n'est resté sur quelques-unes de ces inscriptions, jusqu'à ce que récemment on a identifié au Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, à Lisbonne, deux de ces monuments auxquels il avait fait référence comme étant consacrés: *L(aribus) Aquitibus* et *Minerva*. Tout près de ces petits autels se trouvaient deux autres pièces semblables qui doivent provenir de Conimbriga. L'une est dédiée à *Aquiae* et l'autre à *I(ovi) O(ptimo) M(aximo)*.

(Página deixada propositadamente em branco)

DA EPIGRAFIA VOTIVA DE CONIMBRIGA — OBSERVAÇÕES E NOVOS MONUMENTOS

A Epigrafia é uma ciência histórica que requer uma grande abertura crítica e necessita de uma constante atitude de revisão, quer no apuramento e estabelecimento correcto dos textos, quer no seu levantamento e ordenamento sistemáticos. Ilustrando estas observações, iremos tecer algumas considerações sobre a epigrafia votiva de Conimbriga.

1. Vergílio Correia e a epigrafia votiva de Conimbriga

A 24 de Maio de 1943, Vergílio Correia publicou no suplemento ao n.º 4375 do «Diário de Coimbra», jornal que então dirigia, um artigo intitulado *Divindades romanas de Conimbriga* (1). Tratava-se de um estudo panorâmico em que o autor procurava divulgar as informações de que dispunha relativamente aos testemunhos das religiões antigas que até então haviam sido reveladas em Conimbriga.

(1) É de notar que, por qualquer lapso, este interessante artigo escapou à muito bem inventariada *Bibliografia de Vergílio Correia; 1909-1944*, preparada por Maria Teresa Pinto Mendes (Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1970), onde só muito poucos títulos faltam no levantamento da vastíssima obra de Vergílio Correia. Felizmente, Jorge de Alarcão detectou-o e pôde inseri-lo nas *Obras*, IV, p. 327-330. Neste volume são reunidos, de forma criteriosa, quase todos os trabalhos consagrados à Arqueologia por Vergílio Correia. Os poucos que não são incluídos encontram-se referidos no prefácio da obra ou na citada *Bibliografia*.

O interesse de Vergílio Correia por Conimbriga era muito anterior, pois a sua longa lista de estudos históricos, arqueológicos e artísticos inicia-se em 1909, precisamente com a publicação de um artigo intitulado: *De Conimbriga, Achados vários — uma fibula* (2).

Conimbriga era um dos alvos preferidos das suas visitas de estudante, revelando-se dessa forma o entusiasmo pelo estudo da Arqueologia. No fim de 1909, recolheu alguns testemunhos anteriores à romanização de Conimbriga, que o conduziram, em 1912, no ano em que se tornara conservador do Museu Etnológico, à realização de uma sondagem nas ruínas. Os resultados dessa exploração foram por ele publicados em 1916 no artigo *Conimbriga. A camada pré-romana da cidade (notas de uma exploração de 10 dias em Condeixa-a-Velha)* (3).

Segue-se um período em que não se detectam sinais de actividade de Vergílio Correia em Conimbriga. Entretanto, foi nomeado, em 1921, professor de História de Arte e Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e só em 1929 é que reiniciou os trabalhos arqueológicos, que continuou até à data da sua morte, em 1944.

Os resultados das pesquisas nesta fase das suas actividades nunca foram alvo de relatórios muito pormenorizados. Vergílio Correia limitou-se a publicar, em 1935, um opúsculo genérico sobre Conimbriga (4) e vários artigos de pequenas proporções, de entre os quais cabe destacar o que publicou em 1941 em Espanha, com o título: *Las más recientes excavaciones romanas de interés en Portugal. La ciudad de Conimbriga* (5).

O artigo publicado em 1943, a que nos referimos mais atrás, foi um dos últimos que consagrou a Conimbriga, tendo com ele deixado

(2) AP, XIV, 1909, p. 259-261 (= *Obras*, IV, p. 287-289).

(3) AP, XXI, 1916, p. 252-264 (= *Obras*, IV, p. 292-303). Note-se que Vergílio Correia abandonara o Museu Etnológico em 1915.

(4) Este trabalho intitulava-se *Conimbriga, Notícia do oppidum e das escavações nele realizadas*. Teve novas edições em 1936 e 1938. O seu teor foi bastante revisto depois de 1941 e saiu postumamente, em 1945, um opúsculo só com o título *Conimbriga*, que teve várias edições, encontrando-se integrado nas *Obras*, IV, p. 309-318.

(5) «Archivo Español de Arqueología», XIV, 1940-1941, p. 257-267.

em aberto algumas questões que não têm sido devidamente consideradas.

Hoje, mais não podemos fazer do que lamentar que a falta de disponibilidade e a morte de Vergílio Correia o tivessem impossibilitado de aprofundar as referências que nos aparecem enigmáticas em algumas frases muito lacónicas. A algumas dezenas de anos da redacção e publicação das *Divindades romanas de Conimbriga*, apenas se torna possível a espinhosa missão de analisar criticamente um texto que coloca várias questões.

Quando, em 1929, Vergílio Correia reiniciou as pesquisas arqueológicas em Conimbriga, só havia três referências a divindades. A mais antiga reportava-se a uma lápide descoberta em 1815 e desaparecida pouco tempo depois, onde se tem admitido a existência de uma consagração ao deus Neto ⁽⁶⁾. É de assinalar que Vergílio Correia nunca se lhe refere. A outra inscrição votiva de Conimbriga conhecida então era dedicada a Apoio Augusto. Foi revelada em 1919 e, embora o seu paradeiro actual também seja desconhecido, há dela uma boa fotografia e não há reservas sobre a sua interpretação ⁽⁷⁾. Vergílio Correia faz-lhe apenas uma breve referência. Finalmente, era de há muito conhecida uma ara *Dis Deabusq(ue) Coniumbrig(ensium?)* encontrada em Numão⁽⁸⁾, embora Vergílio Correia se lhe refira várias vezes como sendo de Freixo de Numão (na sequência de E. Hübner). Também admitiu como sendo de Conimbriga uma ara *Laribus Patriis* que, na verdade, foi encontrada a 50 metros de Vale de Remigio, Mortágua ⁽⁹⁾.

No artigo de 1943 afirmou, na sequência de observações à ara de Mortágua e aos Lares e Ninfas (que considerava estarem compreendidos entre os *Dii Deaeq(ue) Coniumbrig{ensium?}*) da ara de Numão), que eram «vulgares em Conimbriga as inscrições aos Lares», realçando mesmo que «é essa uma das grandes riquezas da epigrafia local», continuando depois por observar que são «quase todas

⁽⁶⁾ CIL II 365; *Fouilles II*, n.º 15; RAP 175.

⁽⁷⁾ António G. R. MADAHIL, *Uma ara inédita*, AP, XXIV, 1919-1920, p. 197-198; *Fouilles II*, n.º 2; RAP 238.

⁽⁸⁾ CIL II 432; *Fouilles II*, n.º 3; RAP 201.

⁽⁹⁾ *Fouilles II*, p. 48-49; RAP 380.

lavradas em aras ou ámulas de calcário de trabalho muito cuidado. *Entre elas* [o sublinhado é nosso] convém citar a consagrada *L(aribus) Aquitibus* que apareceu no tanque da sala da fonte do palácio extra-muros. Fora do palácio, nas terras a nascente dele, apareceu a lápide encabeçada por *Lares Lubanc*»⁽¹⁰⁾). A forma como redigiu as primeiras frases dá a entender que conhecia outras inscrições de Conimbriga relativas aos Lares, mas tal suspeita é difícil de provar. Duas inscrições aos Lares em Conimbriga só foram reveladas em 1967 ⁽¹¹⁾.

Quanto à ámula *L(aribus) Aquitibus* descoberta em 1939, e só agora localizada, já havia sido noticiada em 1941, também de forma sintética e sem o texto completo ⁽¹²⁾. A lápide aos *Lares Lubanc(i)* fora descoberta em 1938 e também publicada em 1941, quando ainda se encontrava no Museu Machado de Castro ⁽¹³⁾.

Retomando o teor do artigo de 1943, verificamos que, depois das considerações sobre os Lares, Vergílio Correia aborda o culto do Génio, afirmando peremptoriamente o seguinte ⁽¹⁴⁾:

«Há em Conimbriga ámulas caseiras encabeçadas pela dedicação: *Genio*».

Temos de confessar que esta frase nos deixa perplexos. Na verdade, só em 1965 é que foi assinalada uma consagração *Genio Conimbricae* ⁽¹⁵⁾. Perante esta circunstância, somos levados a supor que houve mais peças consagradas ao *Genius* em Conimbriga, pois não nos parece próprio de Vergílio Correia a invenção de peças que

⁽¹⁰⁾ *Obras*, IV, p. 328.

⁽¹¹⁾ *Le culte*, p. 213-217 e p. 223, n. 10.

⁽¹²⁾ No artigo citado na n. 5. Na versão incompleta, vide *Fouilles II*, n.º 9; para a versão completa, RAP 588.

⁽¹³⁾ *Catálogo-Guia; Secção de Arte e Arqueologia; Museu Machado de Castro*, Coimbra, 1941, p. 11. Para esta inscrição, veja-se: *Fouilles II*, n.º 11; RAP 210.

⁽¹⁴⁾ *Obras*, IV, p. 329.

⁽¹⁵⁾ R. ÉTIENNE e J. M. BARRÃO OLEIRO, *Resultados da primeira campanha de escavações luso-francesas em Conimbriga*, s. 1., Museu Monográfico de Conimbriga, 1966, p. 15. Trata-se da inscrição publicada em *Fouilles II*, n.º 6 e em RAP 203.

não existissem. Poderá, talvez, haver outra justificação para uma notícia tão lacónica, mas a hipótese de que tivessem levado sumisso tem de se colocar neste momento.

Depois desta intrigante passagem, Vergílio Correia refere-se, pela primeira vez, à árula *Liberio Patri*, «que foi encontrada no terreno que a Faculdade de Letras adquiriu no centro de Conimbriga em 1929» (16). É a única inscrição de que apresenta leitura completa, a medida da altura e uma fotografia (no «Diário de Coimbra»). É de lamentar que não tenha tido a mesma atitude em relação a todos os testemunhos a que se referira anteriormente e àqueles a que alude no fim do artigo. Embora realcemos aqui o grande valor científico da obra de Vergílio Correia, temos de reconhecer que a Epigrafia nunca lhe mereceu uma atenção muito particular.

Depois de se ter detido com um certo cuidado sobre a inscrição ao *Liber Pater*, Vergílio Correia surpreende-nos com o seguinte parágrafo que remata o artigo, deixando-nos cheios de interrogações (17):

«O culto de Marte, Vénus, Esculápio e Apolo está em Conimbriga documentado por inscrições, e o de Minerva por uma árula e uma estatueta de bronze de delicada escultura».

Vergílio Correia não teve aqui em conta a inscrição *Remetibus Aug(...)* que descobrira em 1936 e a que já se referira em 1941 (18).

A inscrição a Marte a que alude foi por ele apresentada sumariamente em 1941, sem se referir nem à data nem ao local exacto de descoberta (19).

A referência a Apoio reporta-se, certamente, à inscrição revelada em 1919 por Madail (20).

(16) *Obras*, IV, p. 329. É a inscrição publicada em *Fouilles II*, n.º 13 e em RAP 389.

(17) *Obras*, IV, p. 330.

(18) *Catálogo-Guia...*, p. 2 e *Obras*, IV, p. 314. Publicada em *Fouilles II* n.º 14 e em RAP 395.

(19) *Catálogo-Guia...*, p. 11.

(20) Veja-se a nota 7. Não pensamos como R. Étienne e G. Fabre, *Fouilles II*, P- 37 (e 37 n. 138) que: «V. Correia faisait allusion à ce culte sans

Se estas informações estão bem confirmadas, as restantes são mais problemáticas. Felizmente, para uma delas julgamos ter encontrado a solução com a localização da árula a Minerva. Mais difíceis de resolver são as questões colocadas pela alusão às inscrições que atestam o culto a Vénus e Esculápio. Aparentemente terão desaparecido, pois não há mais nenhuma referência a tais peças. Ainda assim, para o caso de Esculápio, não podemos deixar de colocar, sob prudente reserva, uma hipótese que nos parece plausível. Consiste ela numa leitura apressada e errada de Vergílio Correia da árula que apresentamos mais à frente e que interpretamos como consagrada a *Aquiae*. Aquele autor poderia ter lido (ou querido ler) na inscrição *Asclepio*, em vez de mais uma estranha divindade indígena.

Consideramos todas estas observações preliminares necessárias para uma melhor compreensão e enquadramento das quatro árulas que apresentamos no ponto seguinte.

2. Quatro árulas

Quando, em 1986, realizávamos pesquisas sobre a epigrafia votiva lusitano-romana do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia ⁽²¹⁾, deparámos com um conjunto de quatro árulas que não estavam inventariadas nem tinham qualquer referência de origem. Ao analisá-las, contudo, foi fácil determinar que a respectiva proveniência deveria ser Conimbriga ou, pelo menos, esta era certa para duas delas. Tal conclusão derivava do facto de numa se ler claramente L. AQVITIBVS e noutra se ler com segurança, na primeira linha, MINERVA. Para as outras duas

apporter de référence particulière». Neste caso, não era absolutamente necessária pois a inscrição estava bem referenciada.

⁽²¹⁾ Tal estudo teve em vista a preparação do volume das *Religiões antigas de Portugal — Fontes epigráficas*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda (no prelo). Uma primeira notícia da redescoberta das árulas foi enviada para a revista «Al-madan», inserida no artigo *Observações sobre uma inscrição de Lisouros (CIL II 5069) e árulas de Conimbriga*.

peças não havia qualquer indicação, mas parece-nos viável admitir a mesma proveniência para o conjunto. Para o caso da árula *Aquiete*, poderia haver maior segurança se a hipótese de confusão deste nome com *Asclepio*, referido por Vergílio Correia, estivesse certa. A análise petrográfica do material desta peça, bem como do material do fragmento da quarta árula, de que também não há nenhuma referência, poderão viabilizar (ou não) esta sugestão de localização. Deve-se ainda ter em conta a semelhança tipológica destes monumentos com as restantes árulas de Conimbriga.

O conhecimento cabal e o paradeiro destas peças foi desconhecido dos vários investigadores que, em datas recentes, têm tratado da epigrafia lusitano-romana de Portugal. Na verdade, trata-se de uma localização insólita para materiais que deveriam ter ficado em Coimbra ou em Conimbriga.

Sobre a forma como vieram parar ao Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia ainda não foi possível obter informações elucidativas. Seria desejável que alguma referência ou carta, que pessoalmente desconhecemos, fizesse um pouco de luz sobre este pequeno mistério.

À falta de melhores perspectivas, admitimos, porém, que a vinda de quatro árulas para o Museu possa ter ocorrido sob a direcção de Manuel Heleno, período em que se verificou a entrada de grande quantidade de materiais arqueológicos, muitos dos quais ficaram por catalogar, como poderia ter sido o caso.

Na rápida pesquisa bibliográfica que fizemos, pudemos encontrar informações de João L. Saavedra Machado ⁽²²⁾, que talvez revelem alguma pista para determinar a deslocação de tais peças para Lisboa. Segundo aquele autor ⁽²³⁾, Manuel Heleno em 1939 «foi em missão particular visitar a colecção do Prof. Vergílio Correia». Teria Vergílio Correia cedido as peças para estudo e, como entretanto morreu, não foram devolvidas? Outra sugestão, tão delicada como a anterior, poderá relacionar-se com a notícia de que, em 1945, Manuel Heleno «foi oficialmente em excursão a Coimbra»,

⁽²²⁾ *Subsídios para a história do Museu do Dr. Leite de Vasconcelos*, AP, 2.ª série, V, 1964, p. 51-448.

⁽²³⁾ *Ob. eit.*, p. 125.

visitou, entre outros locais, o Museu Machado de Castro e «desempenhou a incumbência de colher elementos de informação sobre o desvio de objectos e propor as medidas necessárias» (24).

Vejamos agora os dados essenciais e os delicados problemas de leitura que as quatro ámulas colocam. Aliás, as dificuldades com que deparámos para interpretar os seus textos devem ter sido um dos factores essenciais que impediram até agora o seu cabal conhecimento.

1

Árula de calcário.

Dimensões (25): 18,5 X 8 X 6; a. 1. : 0,6/1,2.

L(*aribus*) / AQVITIBV[S] / G(*aius*) C{*aecilius?*} RVF[V]S /
A(*nimo*) L(*ibens*) Y(*otum*) S(*olvit*)

É de salientar o grande espaço existente entre as linhas 2 e 3 desta inscrição, que não apresenta qualquer dificuldade de leitura. Vergílio Correia talvez não a tenha publicado integralmente por causa da sigla do *nomen*, ou apenas porque não lhe apareceu conveniente divulgá-la.

Há, apenas, duas dificuldades de interpretação neste texto. Uma consiste na necessidade de uma certa reserva face à sigla inicial, seguida de um *punctus*, a qual, apesar de tudo, acreditamos desdobrável em *Laribus* como fizeram Vergílio Correia e outros autores. Quanto ao *nomen* do dedicante, ele poderá ser *Caecilius* (26), *Claudius* ou outro que fosse muito conhecido.

Rufus é *cognomen* muito divulgado em Conimbriga.

Seja qual for o gentílico do dedicante, o seu nome passa a estar ligado ao belo «palácio dos repuxos» onde aparecera a árula.

(24) *Ob. cit.*, p. 137.

(25) São dadas em centímetros e referem-se apenas às medidas máximas pela ordem: altura, largura, espessura; a. 1. = Altura das letras.

(26) A dedicante da árula consagrada a Apoio já referida (vide nota 7) é uma *Caecilia Avita*.



FIG. 1

2

Àmia de calcário.

Dimensões: 20 X 8 x 6; a. L: 0,7/1,3.

MINERVA[E?] / SANGRAE [?] / [...]LLECIA[...] / ARC (?)
AR[...] / DONVM / DE <D> IT M[*evito*]

O campo epigráfico encontra-se afectado nalguns pontos, facto que dificulta uma apreciação correcta do texto gravado.

Na l. 1, as únicas letras afectadas são a terceira e a sétima. Julgamos que esta (um A) poderá ser a última letra da linha, devido ao reduzido espaço que haveria à direita. Apesar de tudo, não se pode excluir a hipótese de que tenha havido um E final, para formar o dativo da maneira mais frequente (talvez em nexa com o A).

Na l. 2, as letras são de leitura clara. Admitimos a hipótese de que *Sangrae* possa ser um epíteto indígena da divindade, mas há que manter alguma reserva, pois poder-se-ia também ter dado o caso de o lapicida ter querido escrever *Sanctae Sacrum*, confundindo as linhas do texto manuscrito que lhe fora apresentado.

Na l. 3, teria havido inicialmente uma letra (no máximo duas), o mesmo acontecendo no fim. Trata-se, seguramente, do nome do(a) dedicante, que apresenta afinidades com o gentilício *Alleicea* registado num monumento que se guarda no Museu Nacional de Machado de Castro, em Coimbra (CIL II 5241).

Na l. 4, falta a terceira letra, que nos parece apresentar uma curvatura, talvez um C. Um conimbrigense referido em monumento de Egitânia tem o gentilício *Allacarius* (*Fouilles II*, n.º 29), que poderá ter alguma relação com o antropónimo aqui registado.

No início da l. 5, há um D, depois ONV a que se segue M.

A última linha começa com DE, havendo a falta do D para completar a palavra DEDIT.

O teor completo da inscrição é difícil de apurar devido aos defeitos da conservação da peça nas l. 3 e 4. O que é mais seguro e de evidente importância é a consagração à deusa Minerva, de que só conhecíamos em Portugal um testemunho epigráfico, em Valado (Alcobaça) (27).

(27) CIL II 351; RAP 410.



FIG. 2

3

Parte superior de uma àrula de calcário.

Dimensões: 8,2 X 6,5 X 6; a. 1.: 0,5/1.

AQVIAII / SACRVM / CICII[...]N[...] / VS [?] A[...]

Na nossa opinião, as duas primeiras linhas são claras, apesar de, na l. 1, a gravação das letras apresentar algumas deficiências. O E está grafado sob a forma de dois traços verticais.

Na l. 3, há a falta de uma ou duas letras antes do N ; segue-se-lhe uma outra letra que desapareceu.

Na l. 4, a segunda letra poderá ser um S.

Tal como na àrula n.º 2, não conseguimos vislumbrar o nome do dedicante.

4

Parte inferior de uma àrula de calcário.

Dimensões: 12,5 X 9 X 6,5.

[I(ovi)] O(ptimo) M(aximo) PIC/VS LVPV/S

Embora falte o capitel da àrula, parece-nos admissível que o texto esteja completo, pois não há vestígios de letras antes da l. 1. Este facto pode reforçar-se tendo em conta as características da epígrafe.

As letras conservam-se um pouco gastas, mas legíveis. Da primeira que falta, nota-se ainda um ligeiro traço idêntico ao do I da l. 1. Teríamos, assim, a sigla de Iovi, a qual se coaduna perfeitamente com as duas letras seguintes OM.

Desta forma, uma consagração a Júpiter Ótimo Máximo em Conimbriga passa a ter um testemunho de carácter popular (carácter que a deficiente qualidade do trabalho epigráfico desta àrula parece revelar).

O dedicante talvez pudesse ser *Picus Lupus*, não havendo fórmula votiva.

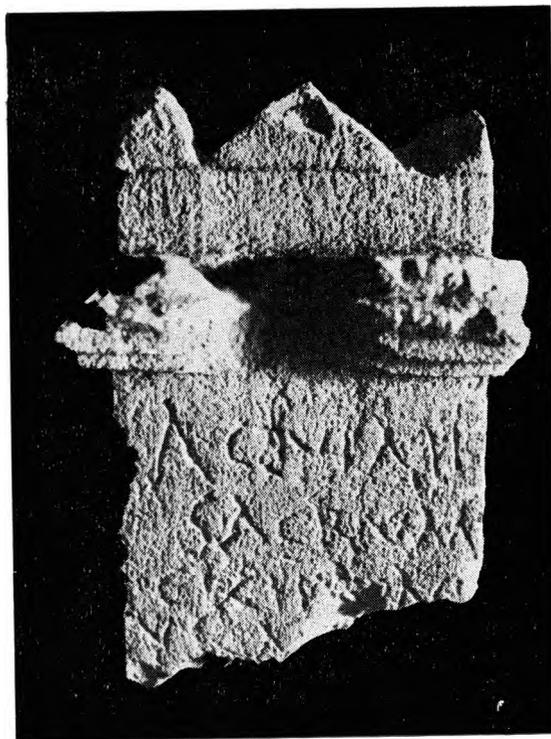


FIG. 3

Tendo em conta os textos 2 e 4, passaremos, pois, a considerar em Conimbriga a existência do culto à tríade capitolina, uma vez que o culto a Juno já estava bem assinalado.

3. Mais algumas observações sobre a epigrafia votiva de Conimbriga

Depois de termos chamado a atenção para os problemas do artigo de Vergílio Correia escrito em 1943 e apresentado alguns dados novos com ele relacionados, julgamos ainda importante avançar com algumas rápidas observações relativas ao conjunto da epigrafia votiva de Conimbriga.

É nossa convicção que só através de sucessivas e diversificadas abordagens dos textos epigráficos se torna possível um adequado e aperfeiçoado conhecimento das informações históricas que tais documentos fornecem.

Conimbriga é uma das poucas cidades de Portugal romano cujo acervo epigráfico foi alvo dum levantamento sistemático de grande rigor, levado a cabo por R. Étienne e G. Fabre (25). Estes autores realizaram uma obra notável, que se pode considerar verdadeiramente exemplar (29). Tal facto, contudo, não pode impedir, antes pelo contrário, a análise crítica de algumas considerações. Para além de não terem podido conhecer as informações referidas no ponto 2, os autores das *Fouilles II* terão expresso, por vezes, pareceres que serão susceptíveis de alguma reserva ou que necessitam de maior prudência. Na verdade, há documentos que se apresentam de muito delicada interpretação.

R. Étienne e G. Fabre englobam vinte e três inscrições votivas no primeiro capítulo das *Fouilles II*, mas há que considerar que no *corpus* das inscrições encontradas em Conimbriga só se podem contar vinte e uma, pois uma é de Numão (n.º 3) e a outra de Mérida (n.º 9). Como veremos mais à frente e face às dúvidas que nos levanta a atribuição à deusa Fortuna da inscrição n.º 5, a colecção de epigrafia

(28) *Fouilles II*.

(29) Em termos regionais, só se lhe equiparam os trabalhos feitos para a região coliponense por D. Domingos de Pinho Brandão e, para os territórios a sul do Tejo, a monumental tese de José d'Encarnação.



FIG. 4

votiva de Conimbriga ficaria com vinte testemunhos. Como há a juntar-lhes o testemunho de Minerva atrás apontado, ficaremos com vinte e um testemunhos certos mais dois plausíveis que também já atrás apontámos.

Do conjunto reunido nas *Fouilles II*, há peças cuja interpretação não coloca questões de grande significado. É o caso das consagrações ⁽³⁰⁾ a *Apollini* (n.º 2); *Fortunae* (n.º 4); *Genio Conimbricae* (n.º 6); *Iunoni* (n.º 8); *Fl(aviae) Conimbricae et Larib(us) eius* (n.º 10); *Lares Lubanc(os)* (n.º 11) \ *Libero Patri* (n.º 13); *Marti Aug(usto)* (n.º 14); *Pietati Aug(ustae)* (n.º 17); *Remetibus Aug(ustis)* (n.º 19) e dois fragmentos (n.ºs 21 e 23).

Há casos, contudo, onde a interpretação dos documentos deverá ser acompanhada de um grau de reserva maior, devido às dúvidas que se levantam, ainda que os autores até possam estar certos.

Vejamos aqueles casos que nos parecem mais marcantes.

A árula que abordámos nos pontos 1 e 2, consagrada a *L. Aquitibus*, é natural que seja dedicada a *Laribus*, desfazendo-se a dúvida colocada a propósito da inscrição n.º 9, que é apresentada de forma incompleta. Nos últimos tempos, têm aparecido outros textos epigráficos com a sigla L, que surge em contextos religiosos indígenas, devendo expressar um fenómeno de sincretismo. Trata-se de um assunto a merecer estudo mais aprofundado que possa esclarecer melhor esta atribuição.

Na inscrição n.º 12, consagrada aos Lares, não conseguimos vislumbrar com a mesma segurança de R. Étienne e G. Fabre o epíteto da 1. 2, [*V*]ialib(us). Aliás, os autores haviam sido mais prudentes na primeira referência à peça⁽³¹⁾, atitude que talvez devessem ter mantido. Quando muito, poderia ter-se sugerido *Vialibus* como hipótese de trabalho.

Outro caso também de interpretação mais delicada do que admitem R. Étienne e G. Fabre concerne o testemunho atribuído ao culto de *Neto* (n.º 15), que chegam mesmo a reconstituir: [DEO

⁽³⁰⁾ Os números que colocamos entre parênteses reportam-se à numeração das *Fouilles II*

⁽³¹⁾ *Le culte*, p. 223, n. 10.

MARTI/] NETO [?]. Ainda que admitamos sob reserva estar perante um testemunho religioso a *Neto(?)*, há que retomar e aprofundar as questões colocadas por José d'Encarnação ⁽³²⁾, de forma a apurar melhor o carácter e o teor deste texto que apareceu e desapareceu na primeira metade do século XIX.

Na inscrição n.º 19, admitimos estar perante um testemunho do culto de Marte (não sabemos se de *Mars Augustus*, como sugerem os autores), mas preferimos salientar, face ao conjunto da proposta de reconstituição do texto, a ideia dos autores de que tal deve ser feito com «*beaucoup de prudence*» ⁽³³⁾.

Quanto à inscrição n.º 20, admitimos a viabilidade da hipótese de que seja consagrada a Apolo, mas também nos perguntamos se não poderia haver outra divindade compatível com os traços iconográficos apresentados na peça.

Mais delicadas nos parecem as opiniões de R. Étienne e G. Fabre a propósito das inscrições n.ºs 1, 16 e 22.

No primeiro caso (n.º 1), é reconhecido que «*le sens de ce document est plutôt obscur*» e a hipótese de que *Aius* seja um deus é emitida sob reserva, embora no índice figure sem interrogação. Para que fosse divindade, seria necessário encontrar o caso da consagração mais definido, além de que os traços das letras são também muito pouco claros. Na nossa opinião, trata-se de um monumento votivo de significado duvidoso.

A inscrição n.º 16 não nos parece que seja consagrada *Phoebo Theo*, como admitiram, com algumas reservas, os autores. O facto de haver falta de quase toda a metade direita do campo epigráfico da árula não viabiliza a sua restituição tal como é feita, tanto mais que a proposta expressa aparece sob uma forma insólita e sem paralelos. Admitimos que se trata de um monumento votivo, mas de carácter incerto.

Quanto à inscrição n.º 22, apesar de os autores avançarem com uma hipótese de interpretação «*avec beaucoup de prudence*» ⁽³⁴⁾,

⁽³²⁾ *Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1975, p. 248-250.

⁽³³⁾ *Fouilles II*, p. 40.

⁽³⁴⁾ *Fouilles II*, p. 45.

parece-nos, ainda assim, que ela é demasiado aventureira, para ser sustentável a possibilidade de estarmos perante um testemunho *Matri Deum*. Os vestígios de letras deste monumento votivo são demasiado escassos. Por outro lado, as rosetas que decoram a ara não aparecem apenas nos monumentos a Cibele, pelo que tal argumento não pode servir para reforçar uma hipótese demasiado frágil.

Finalmente, desejaríamos afirmar uma opinião que expressámos no início deste ponto 3, segundo a qual não nos parece prudente classificar entre as inscrições votivas a peça n.º 5, que foi atribuída ao culto de Fortuna com segurança. Não nos parece que os autores consigam provar que os dois pequenos fragmentos de uma placa onde se lê um F, num, e um N antecedido de um V fracturado, noutro, sejam necessariamente parte de uma inscrição votiva à deusa Fortuna. Em nossa opinião, não há elementos suficientemente probativos para darem consistência epigráfica justificativa da inclusão destes fragmentos na secção votiva. Já no que diz respeito à consagração *Pietati Augusti* (n.º 17), parece haver dados bastantes para admitir a hipótese de atribuição aí feita.

(35) Embora sem procurar alargar estas notas, não podemos deixar passar a oportunidade de apontar alguns lapsos que detectámos nas *Fouilles II*: na pág. 20, alude-se a uma inscrição a Apoio de Idanha-a-Velha que é falsa (ou, pelo menos, não é nada segura a forma como nos chegou); na pág. 21, o dedicante tem o *cognomem* de *Sailcius* e não *Sanecius* como aí se lê; na pág. 23 n. 32, a inscrição referente a Fortuna (CIL II 331 = RAP 252) não é de Lisboa mas sim das ruínas de Beselga, Torres Novas; na pág. 40, refere-se o nome de *Ceio* como sendo um teónimo, o que não parece correcto, apesar de haver alguma dificuldade em interpretar a parte da inscrição do Castro de Três Rios onde tal nome aparece.

PRINCIPAIS ABREVIATURAS

- AP* «O Arqueólogo Português», Lisboa.
- CIL II* Emilio HÜBNER, *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II, Berlim, 1869; Supplementum, 1892.
- Le culte* J. ALARCÃO, R. ÉTIENNE et G. FABRE, *Le culte des Lares à Conimbriga [Portugal]*, «Comptes Rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles Lettres», Paris, 1969, p. 213-236.
- Fouilles II* R. ÉTIENNE, G. FABRE, P. et M. LÉVÊQUE, *Fouilles de Conimbriga, II, Épigraphie et sculpture*, Paris, 1976.
- Obras, IV* Vergílio CORREIA, *Obras*, vol. IV (*Estudos Arqueológicos*), Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1972.
- RAP* José Manuel GARCIA, *Religiões Antigas de Portugal — Fontes epigráficas*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda (no preço).

Fotografias

de Guilherme Cardoso

(Página deixada propositadamente em branco)

JOÃO G. LÁZARO FARIA

Director do Museu de Alcácer do Sal

MARISOL A. FERREIRA

Lic. em História/Arqueologia, pela Faculdade de Letras de Coimbra

A. M. DÍAS DIOGO

Assistente da Universidade Nova de Lisboa

MARCAS DA TERRA SIGILLATA DE ALCÁCER DO SAL

Conimbriga, XXVI (1987), p. 61-76

RESUMO: Os autores publicam trinta e nove marcas de *sigillata* inéditas, provenientes de Alcácer do Sal, que confirmam a excepcionalidade da sua importação em relação ao normal para o território português.

SUMMARY: The AA. publish thirty-nine more sigillata stamps from Alcácer do Sal. The exceptionality of the imports is confirmed.

(Página deixada propositadamente em branco)

MARCAS DE TERRA SIGILLATA DE ALCÁCER DO SAL

O presente estudo integra-se no conjunto de trabalhos que temos vindo a realizar sobre o material inédito das colecções do Museu Municipal de Alcácer do Sal. São estudadas 39 novas marcas provenientes de vários locais da povoação (*) e revistas duas anteriormente publicadas (2).

O número de marcas conhecidas de Alcácer fica, assim, elevado para 97, uma amostragem muito significativa, que confirma a excepcionalidade das importações de sigillata em relação ao normal para o território português e as conclusões tiradas em trabalhos anteriores (3).

Presentemente, Alcácer tem 69% de marcas itálicas (67), 18,5% de marcas sudgálicas (18) e 12,3% de marcas hispânicas (12). Embora também aqui contabilizada como sudgálica, a marca de *M. VALERIVS* deverá ser itálica (4). O ponto mais alto das importações atinge-se na última década do séc. I a. C., com 17,9% das marcas itálicas claramente dessa época, 16,4% datáveis de 10 a. C. a 10/15 d. G. e 28,4% genericamente atribuídas à época

(0 Entre os quais se encontra o depósito de água do Castelo. Estas marcas deveriam ter sido publicadas por F. DIAS, no seu estudo sobre as marcas de sigillata de Alcácer. Infelizmente, era política do então responsável pelo Museu manter material fora do alcance dos investigadores.

I (2) *HERMEROS*, n.º 22 do Quadro Geral, que A. ALARCÃO atribuiu a *HERMIAS + EROS*, 1971, 16, e *L. VRRANVS*, n.º 62 do Quadro Geral, que a mesma investigadora atribuiu, interrogando-a, a *MVRRANVS*, 1971, 33.

(3) Veja-se D. DIAGO, 1980, b, c, 1982, 1984.

(4) Publicada por F. DIAS, 1978, 6, que segue a atribuição de OXÉ-COMFORT 2223, 15. A marca tem, no entanto, uma epigrafia itálica e C. BÉMONT, 1975, p. 151, considera-a itálica.

de Augusto. Dos finais de Augusto-Tibério, apenas são 30% das marcas. De notar ainda a existência de quatro marcas radiais e três tardo-itálicas, demonstrando estas últimas uma persistência de circuitos comerciais que, no que respeita a marcas, apenas ainda se encontra atestado para Alcácer.

A proveniência do material itálico é variada, com uma natural predominância de Arezzo (74,2%); Roma e Itália Central contam com 13,6%, Puzzoles com 7,6% e apenas duas e uma marcas são atribuíveis, respectivamente, a Pisa e Luna.

As marcas sudgálicas surgem-nos como um conjunto de origem homogénea, sobretudo graças à sua menor importância relativa. Esta cerâmica deverá ser, na totalidade, proveniente de La Graufesenque, e atinge o seu apogeu de importação com Cláudio-Nero, após o que deixa de ser significativa.

Quanto à sigillata hispânica, as doze marcas aparecem-nos repartidas por apenas oito oleiros; também toda ela deverá ser proveniente de apenas um centro produtor, Tricio, e datada sobretudo da 2.^a metade do séc. I.



Foto 1. — Localização dos achados das marcas

CATÁLOGO

1. SEX.ANNI em cartela rectangular alta, de ângulos arredondados, com moldura de ramagens, deficientemente impressa na parte superior (7X17 mm).
Fragmento de fundo de prato, espessura 4,5 mm. Duas ranhuras circulares no fundo interno, de 21 e 23 mm. de diâmetro.
«Verniz» alaranjado, fino e brilhante, superfície exterior com muitas ranhuras circulares. Pasta rosa-clara, muito fina.
Proveniente de São Francisco (6). N.º de inv. do Museu 2605.
Trata-se de uma marca de *SEXTVS ANNIVS AFER*, de Arezzo, que possivelmente trabalhou entre os anos 10 a.C. e 10. Em Portugal apenas era conhecido por outra marca, também de Alcácer.

2. CN.ATE em cartela rectangular alta, ou elíptica, deficientemente impressa nos lados (alt. 6 mm).
Fragmento de fundo de taça, espessura 4,5 mm. Ranhura circular de 23 mm. de diâmetro no fundo interno.
«Verniz» laranja-avermelhado, fino, homogéneo e baço, fundo externo parcialmente não envernizado. Pasta bege-rosada, com muito pequenas partículas de calcite e pequenas fendas.
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1878.
Cn. ATEIVS, de Arezzo, produziu entre 15/10 a.C. e 20 é o oleiro itálico mais bem representado em território português.

3. ATEI em *planta pedis* à direita, letras de muito pequeno relevo (4,5X12 mm).
Fragmento de fundo e pé de pequena taça. Pé triangular, de 38 mm. de diâmetro.
«Verniz» alaranjado, fino e homogéneo. Pasta ocre, muito fina e dura.
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1876.
Marca de *Cn. ATEIVS*.

4. [...]EVHO[...], marca partida à direita e em cima.
Fragmento de fundo de taça, espessura 6 mm. Ranhura circular de 21 mm. de diâmetro no fundo interno.
«Verniz» laranja-escuro, fino, de brilho acetinado, com muitas ranhuras circulares na superfície externa. Pasta rosada, fina, com pequenas fendas.
Proveniente do Castelo, depósito (4). N.º de inv. do Museu: 4418.
Marca de *EVHODVS*, de *Cn. ATEIVS*, a difusão dos seus produtos parece ter-se iniciado nos começos da nossa era. Já conhecido em Conimbriga, Represas e, talvez, Tróia. O estado de conservação desta marca não permite saber se era bilínea, completa com o nome de *patronus*.

N.º Ordem	Oleiro	Marca	Forma	Oficina	Cronologia	Loc.	Bibliografia
50	L·TETTIVS SAMIA	L·TETTI/SAMIA	Taça	Arezzo	20 a. C.-0	2	D. DIAGO, 1980 c, 13
51	L·TETTIVS SAMIA	L·TETTI/SAMIA	G. 27	»	»	2	D. DIAGO, 1980, c, 14
52	SARIVA L· TETTI	SARIVA/L·TETTI	G. 25 ou 27	»	»	2	N.º 18
53	L·TITIVS THYRSVS	TI·TYRSI	G. 30	»	Início da nossa era	2	D. DIAGO, 1980 c, 16
54	S·TITIVS	S·TI/TIVS (r)	Prato	»	Último quarto do séc. I a. C.	2	N.º 19
55	CHRYSES TVRANNI	CRV[S]/TVR[A]	G. 29	Roma?	Augusto	2	N.º 20
56	M·VALERIVS EVEMERVS	M·VAL/EVEM (r)	G. 17	Arezzo	Anterior a 15/10 a. C.	3	D. DIAGO, 1980 c, 17
57	C·VIBIENVS	C·VBE (p.p.)	—	»	Augusto-Tibério	4	N.º 21
58	A·VIBIVS SCROFOLA	AVIBI/SCROF	Prato	»	Anterior à nossa era	2	D. DIAGO, 1980 c, 2
59	VILLIVS	VILL (p.p.)	—	»	Fins de Augusto-Tibério, Tibério	5	N.º 23
60	VILLIVS	VILLI (p.p.)	—	»	»	2	N.º 22
61	S·VILLIVS NATALIS	S·VINAT	—	»	»	1	A. ALARCÃO, 1971, 35
62	L·VRBANVS	L·VRBA	—	Puzzoles	Augusto	1	A. ALARCÃO, 1971, 33
63	L·VRBANVS	L·VRBA	—	»	«	2	N.º 24
64	VMBRICIVS PHILOGVVS	VMBRIC/PHILOLOGO ou VMBRIC/PHILOLG	G. 27	Arezzo	Augusto	2	D. DIAGO, 1982, 4
65	XANTHVS	XANTHI (p.p.)	Prato	A. ou of. prov.	Augusto-Tibério	4	F. DIAS, 1978, 7
66	Anepígrafa	(Coroa de louros)	G. 27	Roma	Augusto?	2	D. DIAGO, 1982, 5
67	Anepígrafa	(Sandália)	Taça	Itálica	Augusto-Tibério?	4	N.º 25
68	ACVTVS	ACVTVS	Taça	La Graufesenque	Tibério-Nero	8	N.º 26
69	ALBINVS	OFALBIN	—	»	Tibério-Vespasiano	4	C. T. SILVA, 1980-81
70	ALBVS	ALBV[...]	Taça	»	Cláudio-Nero	2	N.º 27
71	CANVS	OFICANI	RITT. 1	»	Tibério-Cláudio	1	D. DIAGO, 1980 a, 44
72	CASTVS	F·CAST	Prato	»	Cláudio-Vespasiano	1	N.º 28
73	CASTVS	OFCAS[...]	Taça	»	»	4	N.º 29
74	DARRA	DARRAF	Taça	»	Cláudio-Nero	4	N.º 30
75	FRONTINVS	OF FRONTINI	D. 15/17	»	Nero-Trajano	4	N.º 31
76	IVCVNDVS	OF IVCVND	—	»	Cláudio-Flávios	4	C. T. SILVA, 1980-81
77	IVCVNDVS	OFIVC[...]	Taça	La Graufesenque	»	8	N.º 32
78	LABIO	OF LABI	D. 27	»	Cláudio-Nero	4	F. DIAS, 1978, 8
79	PAESTOR	PAESTOR	Tijela	»	Cláudio	6	N.º 33
80	PVDENS	OFPUDE	D. 27?	»	Cláudio-Nero	2	N.º 34
81	SENICIO	SENICIO F	D. 24/25?	»	Tibério-c. 60	8	N.º 35
82	SILVANVS	SILVA	Taça	»	Cláudio-Vespasiano	4	F. DIAS, 1978, 9
83	M·VALERIVS	MVALER	—	Gália do Sul?	?	4	F. DIAS, 1978, 6
84	VITALIS	[OF] VITA	Taça	La Graufesenque	Cláudio-Domiciano	2	D. DIAGO, 1980 c, 18
85	Anepígrafa	(Círculos com pontos)	D. 24/25?	Sudgálica	?	2	N.º 36
86	ATTIVS PATERNVS	ATTI·PA[...]	Taça	Trício	2.ª metade do séc. I-princíp. do séc. II	1	D. DIAGO, 1980, 19
87	ATTIVS PATERNVS	ATTI·PA[...]	—	»	»	5	N.º 37
88	CANTABER	[CANT]ÁBRI	Taça	»	»	1	D. DIAGO, 1980 c, 20
89	CANTABER	[CA]NTABRI	D. 27?	»	»	4	F. DIAS, 1978, 10
90	CANTABER	CANTABRI	D. 33	»	»	6	N.º 38
91	FLACCVS	FLACCI-[TR]	D. 15/17	»	»	4	F. DIAS, 1978, 11
92	FLACCVS	[FL]ACCI	D. 27	»	»	3	N.º 39
93	MATERNVS	OF MAT	D. 27?	»	»	4	F. DIAS, 1978, 12
94	QUELID	QUELI·I[...]	D. 27	»	»	4	C. T. SILVA, 1980-81
95	SEMPRONIVS	[OF·SE]MP	—	»	»	4	F. DIAS, 1978, 13
96	TITVS FVLVIVS PATERNVS	OF·TI·FV·PA	D. 15/17	Trício?	»	4	F. DIAS, 1978, 14
97	VALERIVS PATERNVS	[OFVAL]PAT	Prato	Trício	2.ª metade do séc. I-início do séc. II	4	F. DIAS, 1978, 15

N.º Ordem	Oleiro	Marca	Forma	Oficina	Cronologia	Loc.	Bibliografia
1	SEXTVS ANNIVS AFER	[☞]SEX/[☞]ANNI	G. 23	Arezzo	10 a. C.-10 d. C.	1	A. ALARCÃO, 1971, 2
2	SEXTVS ANNIS AFER	SEX. ANNI	Prato	»	»	1	N.º 1
3	CN. ATEIVS	CN·ATE	Taça	»	15/10 a. C.-20 d. C.	1	N.º 2
4	CN. ATEIVS	ATEI (p.p.)	Taça	»	»	1	N.º 3
5	EVHODVS	[...] EVHO [...]	Taça	»	1.ª década da nossa era	4	N.º 4
6	AVILLIVS	AVI	—	»	Augusto-Tibério	1	A. ALARCÃO, 1971
7	P·C·N	P·C·N	Prato	Roma?	Último quarto do séc. I a. C.	2	N.º 5
8	P· CORNILIVS	[...] P·CORNE	Prato	Arezzo	Finais Augusto-Tibério	8	N.º 6
9	EPIGONVS P·CORNELI	EPIGO/[P·C] OR	Prato	»	Augusto	4	F. DIAS, 1978, 2
10	EPIGONVS P·CORNELI	EPIGO/P·COR	Prato	»	»	2	N.º 7
11	MEMOR P· CORNELI	P·CORNE/[☞]MEN	—	»	Finais Augusto-Tibério	1	A. ALARCÃO, 1971, 32
12	PRIMVS P· CORNELI	PRIMVS/P·CORNEL (externa)	Drag. V	»	»	1	A. ALARCÃO, 1971, 41
13	A·CORONCANIVS	A/CORON/CAN	G. 27	Puzzoles	Anterior à nossa era	2	D. DIAGO, 1982, n. 1
14	CRESTVS	CRE[STI]	Prato	Arezzo?	Finais Augusto-Tibério	1	N.º 8
15	C·CRISPINIUS	CRIS/PINI	Prato	Arezzo	10 a. C.-10 d. C.	2	D. DIAGO, 1984 c, 4
16	C·CRISPINIUS	CRIS/PINI	Taça	»	»	2	N.º 9
17	CRISPINI IVCVNDVS	CRISPIN/IVC	Taça	»	»	2	D. DIAGO, 1982, n. 1
18	C·CVRTIVS RVFVS	[C]·CVRTI	—	Itália Central?	Augusto	1	A. ALARCÃO, 1971, 44
19	FAVTVS	FAVS/TVS	—	»	»		A. ALARCÃO, 1971, 19
20	L·GELLIUS	L·GELI	Prato	Arezzo	Augusto-Tibério	4	F. DIAS, 1978, 3
21	HERACLIO	HII/ACLI[O]	G. 27?	Roma	Augusto	2	D. DIAGO, 1982, 1
22	HERMEROS	ERM/EROS	G. 13 ou 18	Roma?	»	1	A. ALARCÃO, 1971, 16
23	P·HERTORIVS	PHERT	—	Arezzo	Último quarto séc. I a. C.	2	N.º 10
24	MAHES	MAHEI	Taça	Roma?	Augusto	2	N.º 11
25	C·ME·VIBIVS	C·ME/VIBIV	Taça	Itália Central	Finais de Augusto-Tibério	8	D. DIAGO, 1980 c, 10
26	C·MEMMIUS	MEMM	G. 13	Arezzo	Augusto-Tibério	2	D. DIAGO, 1980 c, 9
27	C·MEMMIUS	MEMMI	G. 16	»	»	2	N.º 12
28	S·MVRRIUS FESTVS	SEX M:F (p.p.)	—	Luna	Cláudio-Vespasiano	1	A. ALARCÃO, 1971, 20
29	AGATHEMERVS NAEVI	AGA/NÆVI	Taça	Puzzoles	Augusto	4	F. DIAS, 1978, 1
30	L·NOSTIVS	L·NOSTI	Taça	Puzzoles?	»	4	N.º 13
31	C·P·P	C·P·P (p.p.)	—	Pisa?	Cláudio-Vespasiano	1	A. ALARCÃO, 1971, 38
32	C·P·P	C·P·P (p.p.)	Prato	»	»	2	N.º 14
33	M·PERENNIUS	M·P[ERENNI]	—	Arezzo	Augusto-Tibério	4	F. DIAS, 1978, 4
34	SEXTVS PETRONICVS	S·PE (r)	G. 12?	»	Anterior à nossa era	2	D. DIAGO, 1982, n. 1
35	L· et C· PETRONIVS CORIA	L·C·PE[...]/CORI	—	»	Augusto	2	D. DIAGO, 1980 c, 8
36	RASINIVS	RASN	G. 30	»	10 a. C.-15 d. C.	2	D. DIAGO, 1980 c, 11
37	RASINIVS	RAS	Prato	»	»	2	N.º 15
38	RASINIVS	RASINI	Prato	»	»	2	N.º 16
39	CELER RASINI	CELER/RASIN	G. 39c.	»	»	1	A. ALARCÃO, 1971
40	CELER RASINI	CELER/RASIN	—	»	»	4	F. DIAS, 1978, 5
41	L·SAVFEVS GAVSA	L/.../...	—	»	Augusto-Tibério	1	A. ALARCÃO, 1971, 24
42	C·SENTIVS	C·SENTI	Prato	»	»	2	D. DIAGO, 1980 c, 12
43	FELIX SERGI	[FE] LIX/SER[GI]	G. 25 ou 27	Arezzo?	Augusto	2	N.º 17
44	SESTIVS?	S·ES ou SES	Taça	»	»	2	D. DIAGO, 1982, 3
45	HILARIVS A. SESTI DAMAE	HILA[...]/[A]·SEST	Taça	Arezzo	Fins do séc. I a. C.	2	D. DIAGO, 1982, 2
46	HILARIVS A. SESTI DAMAE	HILARI/A·SEST[...](r.)	G. 17	»	Augusto	2	D. DIAGO, 1980 c, 7
47	ANTEROS STATIVS	ANTERO/STATII	—	Arezzo?	12/10 a. C.-12/16 d. C.	2	D. DIAGO, 1980 c, 1
48	SVAVIS STATIVS	SVAVI/STATI	—	»	Augusto-Tibério?	2	D. DIAGO, 1980 c, 15
49	L·TETTIVS SAMIA	L·TETI /SAMIA	—	Arezzo	20 a. C.-0	1	A. ALARCÃO, 1971, 47

5. P.C.N. em cartela rectangular alta (5X13 mm).
Fragmento de fundo de prato, espessura 5 mm. Com duas ranhuras circulares largas, de 9 e 13 mm de diâmetro no fundo interno. «Verniz» laranja-escuro, fino, de brilho acetinado, superfície externa não invernizada. Pasta rosa-clara, fina.
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1861. P(...) C(...) iV(...), O-C 350, talvez oleiro de Poma, produziu no último quartel do séc. I a.C. Surge-nos agora pela primeira vez em Portugal, já tinha aparecido em Elche, Florença, Roma e Tarragona.

6. P..CORNE com risco horizontal no lado superior, marca rectangular, muito danificada, partida à direita e em baixo.
Fragmento de fundo de prato, espessura 6,5 mm.
«Verniz» alaranjado, manchado, de brilho acetinado, pouco espesso e degradado. Pasta rosa-alaranjada, fina e pulverulenta.
Proveniente da Azinhaga do Sr. dos Mártires (8). N.º de inv. do Museu: 5295.
P.CORNELIVS, oleiro de Arezzo, datado dos finais de Augusto-Tibério ou Tibério. Largamento difundido em Portugal, já era conhecido em Alcácer através dos seus escravos *EPIGONVS*, *MEMOR* e *PRIMVS*.

7. EPIGO/P.COR bilínea, em carteia troncocônica, bilobada à direita e trilobada à esquerda. Deverá ser uma marca accidental, provocada por deficiência de estampilhagem do nome do escravo (8X14,5 mm). Fundo de prato, espessura 6 mm. Fundo interno decorado com uma banda de guiloché muito fino.
«Verniz» laranja-avermelhado, fino, bem aderente e brilhante. Pasta laranja-rosada, fina e dura.
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 4841. *EPIGONVS*, de Arezzo, um dos oleiros mais aniiigos de *P.CORNELIVS*, já era conhecido em Alcácer.

8. CRE[STI] em carteia bífida, com moldura linear paralela à cartela, partida à direita (alt. 4 mm). Paralelo exacto'em O-C 425, 74, de Vechten.
Fragmento de fundo de prato, espessura 8 mm. Ranhura circular no fundo interior de 24 mm de diâm.
«Verniz» alaranjado, degradado, de brilho acetinado, superfície exterior com muitos riscos concêntricos. Pasta rosa-clara, fina e dura, com pequeníssimas fendas.
Proveniente da Estrada Nacional 5 (7). N.º de inv. do Museu: 4842. *CRESTVS*, itálico, possivelmente de Arezzo, poderá ser oleiro de

vários *patroni*; a sua correda atribuição exigirá um cuidadoso estudo das diferentes marcas. Será datado dos finais de Augusto-Tibério. Com grafia semelhante já apareceu em Conimbriga.

9. CRIS/PINI, bilínea em quadrado quadrilobado.
Fundo e pé de taça (Est. II), forma G.27. Pé triangular, oblíquo, fundo muito côncavo. Ranhura circular no fundo interno de 19 mm de diâm. Diâmetro do pé 39 mm.
«Verniz» alaranjado, fino, bem aderente, de brilho baço. Pasta ocre-rosada, muito fina.
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu : 5296. *C.CRISPINVS*, de Arezzo, produziu entre 10 a.C. e 10. Já estava atestado em Alcácer, só e com o seu oleiro *IVCVNDVS*.

10. PHERT em cartela rectangular alta, decorada em cima e em baixo com triângulos envolvidos por volutas, partida à direita (alt. 12 mm). É possível que não tivesse qualquer outra letra após o T, já que a decoração deverá ser centrada e nota-se o arredondamento do canto inferior direito da cartela.
Fragmento de fundo, espessura 3,5 mm.
«Verniz» laranja-avermelhado, fino e homogéneo, de brilho acetinado. Pasta ocre-acinzentada, muita fina, com pequenas fendas
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1870. *P.HERTORIVS* é um dos mais antigos oleiros de Arezzo, datável do último quartel do séc. i a.C. Está largamente atestado na Itália, África do Norte e Espanha, surge agora em Portugal pela primeira vez.

11. MAHEI em cartela rectangular (4x7,5 mm). Letras de pequeno relevo.
Fragmento de fundo de taça, muito côncava, espessura 4,5 mm.
«Verniz» alaranjado, fino e brilhante. Pasta bege-rosada, dura, com pequenas partículas de calcite muito abundantes e alguns pequenos nódulos ocreos.
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1867. *MAH ES* é um oleiro de Roma ou da Itália central, da época de Augusto. Tem larga difusão: Itália, França, Alemanha, Suíça, Espanha (Tarragona e Ampúrias), Corinto. Aparece agora pela primeira vez em Portugal.

12. MEMMI em cartela rectangular (6x12,5 mm).
Fundo de taça (Est. II), forma G.16. Pé fino, triangular. Superfície interna com ranhura circular de 15 mm de diâm. e um ressalto na junção com a parede. Diâmetro do pé 50 mm.

- «Verniz» alaranjado, fino, homogéneo e brilhante. Pasta ocre-amarelada, muito fina e pulverulenta.
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1863. *C.MEMMIVS* de Arezzo, período Augusto-Tibério. Já estava atestado em Alcácer.
13. L.NOSTI em cartela rectangular de ângulos muito arredondados, partida à esquerda (alt. 5 mm). Paralelo exacto em O-C 1142, a-Fragmento de fundo de taça, espessura 4 mm.
«Verniz» laranja-avermelhado, fino e homogéneo, de brilho acetinado, superfície externa com muitas ranhuras em espiral. Pasta bege-amarelada, com abundantes pequenas partículas de calcite. Proveniente do Castelo, depósito (4). N.º de inv. do Museu: 3493. *L.NOSTI VS* é um oleiro itálico pouco conhecido e de difusão muito reduzida; apareceu em Puzzoles, onde talvez ficasse o seu centro de produção.
14. C.P.P. retrógrada, em *planta pedis* à esquerda, partida à direita (5X23 mm).
Fragmento de fundo de prato muito espesso, esp. 11 mm.
«Verniz» laranja-avermelhado, pouco aderente, pouco cuidado e de brilho baço, superfície externa não envernizada. Pasta rosa-clara, fina e dura, com muitas fendas.
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 5248. *C(...)* *P(...)* *P(...)* é um oleiro talvez de Pisa, do período Cláudio-Vespasiano. Já tinha aparecido em Alcácer.
15. RAS em cartela rectangular, partida no canto superior direito (5X9 mm).
Fragmento de fundo de prato. Superfície interna com ranhura de 45 mm de diâm.
«Verniz» laranja-acastanhado, manchado, fino, de brilho acetinado, com muitas ranhuras circulares no fundo externo. Pasta bege-amarelada, muito fina.
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1864. *RASINIVS* de Arezzo, deve ter começado a produzir por volta de 10 a.C. e terminado por volta de 20. Já tinha surgido em Alcácer.
16. RASINI em cartela rectangular alta, com moldura em espinha (7X14 mm).
Fragmento de fundo de prato, espessura 5 mm.
«Verniz» laranja-acastanhado, fino, de brilho acetinado; fundo externo não envernizado. Pasta bege-rosada, muito, fina.
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1860.
Marca de *RASINIVS*.

17. [FE]LIX / SER[GI] bilínea, em cartela circular, parcialmente mal impressa e partida na parte inferior direita (diâm. 11 mm). O-C 1750, com paralelo exacto.
Fundo de taça (Est. II), forma G.25 ou 27. Pé triangular, superfície interna com ranhura de 14 mm de diâm. Diâmetro do pé 38 mm. «Verniz» alaranjado, fino, de brilho baço. Pasta ocre-rosada, com muitas pequenas partículas de calcite.
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1869. *FELIX*, oleiro de *SERGI VS*, possivelmente de Arezzo e da época de Augusto. As marcas conhecidas mostram uma dispersão na Itália e em Espanha (Ampúrias e Tarragona).
18. SARIVA / L.TETTI bilínea em cartela rectangular (6X11 mm). Último A em nexa com o V e de muito pequeno relevo.
Fundo de taça (Est. II), forma G.25 ou 27. Pé triangular, superfície interna com duas ranhuras concêntricas, de 28 e 30 mm de diâm. Diâmetro do pé 44 mm.
«Verniz» alaranjado, fino, de brilho acetinado. Pasta ocre, dura, muito fina.
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1880. *SARIVA*, oleiro de *L.TETTIVS SAMIA*, de Arezzo, datado dos últimos 20 anos do séc. I a.C. Representado na Espanha, França Itália e Grécia, é a primeira vez que aparece em território português. *L. TETTIVS SAMIA* já se encontrava bem atestado em Alcácer.
19. S.TI/TIVS, marca radial, bilínea, em cartela rectangular (5,5x5 mm). Letras formadas por pontos, V fechado por deficiente estampilhagem, dando a impressão de ser um O.
Fundo de pequeno prato (Est. II). Pé em cabeça de martelo, superfície interna decorada com uma banda de guiloché. Diâmetro do pé 72 mm.
«Verniz» laranja-avermelhado, fino, de brilho acetinado. Pasta ocre-rosada, fina e branda.
Proveniente do Castelo, lado poente [2]. N.º de inv. do Museu: 1865. *S. TITIVS*, de Arezzo, datável do último quartel do séc. I a.C. Surge pela 1.ª vez em Portugal, está atestado na Itália e em Espanha (Ampúrias).
20. CRV[S]TVR[A] em cartela rectangular, bilínea, separada por um traço, partido à direita (alt. 8 mm). Paralelo exacto em O-C 2200, b. Fragmento de fundo de pequena taça, forma G.29. Espessura do fundo 2,5 mm. Ranhura circular interna de 30 mm de diâmetro. «Verniz» alaranjado, fino e homogéneo, de brilho acetinado. Pasta ocre-rosada, fina, de aspecto micro-granuloso.
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1879.

CHRYSES, oleiro de *C. VALERI VS TVRANNIVS*, é pouco conhecido; a maioria das suas marcas apareceu em Roma, de onde talvez seja originário. Deverá ser datado da época de Augusto. Marcas semelhantes às de Alcácer apareceram em Roma e Cartago.

21. G.YBE em *planta pedis* à direita, partida à esquerda (alt. 5 mm).
Fragmento de fundo.
«Verniz» laranja-avermelhado, homogéneo, de brilho baço. Pasta rosa-clara, fina e dura.
Proveniente do Castelo, depósito (4) N.º de inv. do Museu: 3489. *C. VIRIENVIS*, de Arezzo, período Augusto-Tibério. Em Portugal já tinha sido encontrada em Balsa e nas Represas.
22. VILLI em *planta pedis*, talvez à direita, partida em ambos os lados (alt. 5,5 mm).
Fragmento de fundo, espessura 5 mm.
«Verniz» vermelho-acastanhado, fino e pouco aderente, de brilho acetinado. Pasta bege-amarelada, muito fina.
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1532. *SEX. VILLIVS NATALIS*, oleiro de Arezzo, dos finais de Augusto-Tibério, já tinha sido encontrado em Alcácer.
23. VILL em *planta pedis* à direita, partida à direita (alt. 4,5 mm),
Fragmento de fundo, espessura 6 mm.
«Verniz» alaranjado, de brilho acetinado, pouco aderente e degradado. Pasta rosa-clara, fina e dura, com algumas pequenas fendas.
Proveniente do Castelo, açougues (5). N.º de inv. do Museu: 1013. Marca de *SEX. VILLIVS NATALIS*.
24. L. VRBA em cartela rectangular alta, de ângulos arredondados e moldura de pontos (5x10,5 mm).
Fragmento de fundo, espessura 5 mm.
«Verniz» alaranjado, fino e brilhante, Pasta bege-rosada, fina e dura, com algumas pequenas fendas.
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1868. *L. VRRANVS*, de Puzzoles, da época de Augusto, surge pela 2.^a vez em Alcácer, único local onde, até ao momento, se encontra atestado em Portugal.
25. Marca anepígrafa: sandália voltada à direita (4,5x15 mm).
Fragmento de fundo de taça, espessura 4 mm.
«Verniz» alaranjado, fino e homogéneo, de brilho acetinado, abundantes pequenas ranhuras em espiral na superfície externa. Pasta ocre-amarelada, compacta, de aspecto micro-granuloso.

Proveniente do Castelo, depósito (4). N.º de inv. do Museu: 3492. Trata-se de uma marca itálica, para a qual não encontramos paralelo. A sua datação deverá ser finais de Augusto-Tibério.

26. *ACYTVS* em cartela rectangular de ângulos muito arredondados (3X15,5 mm).
 Fragmento de fundo e pé de pequena taça. Pé triangular de larga base de sustentação, ranhura circular no fundo interno de 15 mm. de diâm. Diâmetro do pé 36 mm.
 «Verniz» laranja-avermelhado, fino e homogéneo, de brilho baço. Pasta laranja-acastanhada, compacta, fina e dura, com pequenas partículas de calcite.
 Proveniente da Azinhaga do Sr. dos Mártires (8). N.º de inv. do Museu: 5297.
ACVTVS, tido como um dos oleiros mais antigos de Montans, foi integrado, através de análises de pastas, por C. BÉMONT (p. 15), entre os produtores de La Graufesenque, o que convém a Alcácer. É datável de Tibério-Nero. Em Portugal já tinha surgido nas Represas e em Torre de Palma.
27. *ALBV*[...] em cartela rectangular de ângulos arredondados, partida à direita e em baixo.
 Fragmento de fundo de taça, espessura 3 mm.
 «Verniz» alaranjado, fino e brilhante. Pasta rosa-alaranjada, muito fina.
 Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu : 4882.
ALBVS é um oleiro de La Graufesenque, do período Cláudio-Nero. Em Portugal já tinha sido encontrado na Egitânia e nas Represas.
28. *F. CAST* em cartela rectangular (3x15 mm).
 Fundo e pé de prato (Est. II). Pé triangular, ranhura circular no fundo interno, de 54 mm de diâm. Diâmetro do pé 74 mm.
 «Verniz» vermelho-vinoso, homogéneo, de brilho baço. Pasta rosada, dura, com pequenas partículas de calcite.
 Proveniência desconhecida (1). N.º de inv. do Museu: 643.
CASTVS, de La Graufesenque, do período Cláudio-Vespasiano, tem larga difusão em Portugal: já foi encontrado no Castro de Fiães da Feira, Marim, Monte Molião, Represas, Egitânia e Beja.
29. *OFCAS*[...] em cartela rectangular de ângulos arredondados, partida à direita (alt. 2,2 mm). O mal impresso.
 Fragmento de fundo de taça, espessura 5 mm. Ranhura larga de 13 mm de diâm. na superfície interna.
 «Verniz» laranja-avermelhado, homogéneo e brilhante. Pasta

- amarelada, dura, com partículas de calcite muito abundantes. Proveniente do Castelo, depósito (4). N.º de inv. do Museu: 3490. Marca do oleiro *CASTVS*.
30. DARRAF em carteia rectangular de ângulos muito arredondados (4X17 mm).
Fragmento de fundo de taça, espessura 5,5 mm. Ranhura larga na superfície interna, de 11 m. de diâm.
«Verniz» laranja-avermelhado, brilhante e pouco aderente. Pasta rosa-clara, dura e fina.
Proveniente do Castelo, depósito (4). N.º de inv. do Museu: 3494. *DARRA* é um oleiro de La Graufesenque, do período Cláudio-Nero. É a primeira vez que é atestado em território português.
31. OF FRONTINI em cartela rectangular de ângulos arredondados, partida à direita (alt. 4,5 mm). F inicial inscrito no O, I final muito ténue.
Fragmento de fundo e pé de prato (Est. II), forma Dragendorff 15/17. Pé espesso, oblíquo. Fundo côncavo, com uma ranhura circular de 64 mm. de diâm. Diâmetro do pé 87 mm.
«Verniz» laranja-avermelhado, espesso, um pouco estalado, de brilho baço. Pasta rosa-acastanhada, clara, com abundantes partículas de calcite e algumas fendas.
Proveniente do Castelo, depósito (4). N.º de inv. do Museu: 3487. *FRONTIN VS*, oleiro de La Graufesenque, do período Nero-Trajano. Em Portugal já se encontrava atestado em Conimbriga e Portalegre.
32. [...]OFIVÇ[...] em cartela rectangular, partida à direita e à esquerda (alt. 3,5 mm).
Fragmento de fundo de pequena taça, espessura 3 mm.
«Verniz» alaranjado, fino e homogéneo. Pasta laranja-clara, dura, com pequenas partículas de calcite.
Proveniente da Azinhaga do Sr. dos Mártires (8). N.º de inv. do Museu: 4883.
IVCVNDVS, de La Graufesenque, período Tibério-Flávios. Já tinha surgido em Alcácer.
33. PAESTOR em cartela rectangular com os ângulos muito arredondados (3X16 mm). P mal impresso, R de menor relevo do que as outras letras.
Fragmento de fundo de tigela. Marca impressa sobre uma larga ranhura de 13 mm de diâmetro.
«Verniz» laranja-avermelhado, de brilho baço. Pasta rosa-alaranjada, fina e compacta.

Proveniente da zona de São Francisco (6). N.º de inv. do Museu: 637. *PAESTOR* é um oleiro pouco conhecido de La Graufesenque, datado de Cláudio. Já foi encontrado na Alemanha e na França, é a primeira vez que aparece em Portugal.

34. OFPVDE em cartela rectangular de ângulos arredondados (4x18 mm).
Fundo e pé de taça (Est. II), talvez uma forma Dragendorff 27. Pé alto, triangular, com um chanfro sob a carena. Pequeníssima espessura do fundo. Diâmetro do pé 52 mm.
«Verniz» avermelhado, pouco cuidado e brilhante. Pasta rosa-escura, dura, com raras calcites grandes.
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu : 1871. *PVDENS*, de La Graufesenque, datável de Cláudio a c. 75/85. Surge pela 1.ª vez em Alcácer, após já estar atestado em Braga.
35. SENICIOF em cartela rectangular de ângulos arredondados, partida à direita em baixo (3x16,5 mm).
Fragmento de fundo e pé de pequena taça (Est. II), talvez forma Dragendorff 24/25. Pé espesso, triangular. Ranhura circular no fundo interno de 14 mm de diâm. Diâmetro do pé 41 mm. Tem uma estrela de riscos cruzados, esgrafitada no fundo externo.
«Verniz» laranja-avermelhado, de brilho acetinado, pouco espesso e degradado. Pasta alaranjada, branda, com abundantes calcites. Proveniente da Azinhaga do Sr. dos Mártires (8). N.º de inv. do Museu: 5298.
SENICIO, de La Graufesenque, datável de Tibério até c. de 60, aparece agora pela 1.ª vez em Portugal.
36. Marca aparentemente anepígrafa, formada por círculos unidos, com um ponto central em cada círculo, em cartela rectangular, partida num dos lados (alt. 3 mm).
Fragmento de fundo e pé de pequena tigela, possivelmente uma forma Dragendorff 24/25. Pé largo, quase rectangular, pequeno, bifacetado na face externa. Diâmetro do pé 53 mm.
«Verniz» vermelho-alaranjado, homogéneo, de brilho acetinado. Pasta rosada, fina e dura, com algumas partículas de calcite visíveis.
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1866. Trata-se de uma marca sudgálica, para a qual não encontramos paralelo.
37. ATTL.Paf.] em cartela rectangular de ângulos arredondados, partida à direita (alt. 3 mm). A sem traço horizontal.
Fragmento de fundo, espessura 4,5 mm.

- «Verniz» laranja-avermelhado, homogéneo e brilhante. Pasta rosa-acastanhada, dura, com abundantes calcites.
Proveniente do Castelo, açougues (5). N.º de inv. do Museu: 1014.
ATTIVS PATERNVS, oleiro hispânico, de Tricio, datável da 2.ª metade do séc. i, inícios do n. Já se encontrava atestado em Alcácer.
38. CANTABRI em cartela rectangular (4x23 mm). Letras de alto relevo, A sem traço horizontal.
Fragmento de fundo, e pé de taça (Est. II), forma Dragendorf 33. Pé espesso, oblíquo, de larga superfície de sustentação. Superfície interna com uma ranhura circular de 23 mm de diâm., ressaltado interno e chanfro externo na junção da parede com o fundo. Diâmetro do pé: 42 mm. Tem um grafito «MS» gravado no fundo interno.
«Verniz» alaranjado, homogéneo e brilhante. Pasta rosada, dura, com muitas calcites.
Proveniente da zona de São Francisco (6). N.º de inv. do Museu: 4878.
CANTABER, oleiro de Tricio, da 2.ª metade do séc. I, inícios do II. Já se encontrava atestado em Alcácer.
39. [FLJACCI em cartela rectangular, partida à direita (alt. 3,5 mm).
A sem traço horizontal.
Fragmento de fundo e pé de taça (Est. II), forma Dragendorf 27. Pé alto, triangular, a tender para o arqueado, superfície interna com ranhura de 28 mm de diâm. Diâmetro do pé 38 mm.
«Verniz» alaranjado, espesso e homogéneo. Pasta rosa-acastanhada, branda, com muitas calcites.
Proveniente do Castelo, encosta sul (3). N.º de inv. do Museu: 1153.
FLACCVS, oleiro de Tricio, datável da 2.ª metade do séc. I, inícios do II. Já se encontrava atestado em Alcácer.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, A. MOUTINHO, 1971, *Terra sigillata itálica em Portugal*, in «Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia», Coimbra, p. 421-432.
ALARCÃO, J., 1983, *Portugal romano*, Lisboa, 3.ª ed.
BÉMONT, Colette, 1975, *Recherches méthodologiques sur la céramique sigillée de Glanum*, Roma.
DELGADO, Manuela, MAYET, Françoise e ALARCÃO, A. Moutinho, 1975 *Fouilles de Conimbriga — IV: Les Sigillées*, Paris.

- DELGADO, Manuela, Luciano dos SANTOS, 1984, *Marcas de oficinas de sigillata encontradas em Braga. I*, «Cadernos de Arqueologia», vol. 1 s. II, Braga, p. 49-70.
- DIAS, Luisa Ferrer, 1978, *As marcas de «terra sigillata» do castelo de Alcácer do Sal*, «Setúbal Arqueológica», vol. IV, Setúbal, p. 145-154.
- DIOGO, A. M. Dias, 1980a, *Marcas de terra sigillata sudgália em Portugal*, Lisboa.
- DIOGO, A. M. Dias, 1980b, *Marcas de terra sigillata itálica em Portugal*, Lisboa.
- DIOGO, A. M. Dias, 1980c, *Cerâmica romana de Alcácer do Sal — I*, Lisboa.
- DIOGO, A. M. Dias, 1982, *Mais algumas marcas de terra sigillata itálica de Alcácer do Sal*, «Arqueologia», 6, Porto, p. 82-86.
- DIOGO, A. M. Dias, 1984, *Noções operatórias sobre «terra sigillata» itálica e sudgália em Portugal. Alguns aspectos*, «Revista de História Económica e Social», 14, Lisboa, p. 49-65.
- GODINEAU, C., 1968, *La céramique arétine lisse*, Paris.
- LOMBARD, Yvan, 1978, *Catalogues des collections archéologiques de Besançon, VI — La céramique sigillée. I — Signatures*, Paris.
- MAY ET, Françoise, 1978, *Les importations de sigillées à Mérida au 1er siècle de notre ère. (Sigillées italiennes et gauloises)*, «Conimbriga», XVII, p. 80-100.
- MAYET, Françoise, 1984, *Les céramiques sigillées hispaniques*, Paris.
- OLEIRO, J. M. Bairrao, 1951, *Elementos para o estudo da terra sigillata em Portugal. I — Marcas de oleiro encontradas no País*, «Revista de Guimarães», LXI, Guimarães, p. 81-111.
- OSWALD, F., e T. D. PRYCE, 1920, *An introduction to the study of terra sigillata treated from a chronological standpoint*, Londres.
- OXÉ, A., COMFORT, H., 1968, *Corpus Vasorum Arretinorum*, Bona (= O—C).
- SILVA, Carlos Tavares da, SOARES, Joaquina, BEIRÃO, Caetano de Mello, DIAS, Luisa Ferrer e SOARES, Antonia Coelho, 1980-81, *Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979)*, «Setúbal Arqueológica», vol. VI-VII, Setúbal, p. 149-218.

SWANNI

1

NA

2

ATEI

3

VHO

4

PCN

5

PCOR

6

ERTGO
P. COR

7

ZET

8

CRIS
PNI

9

CA
PER
GW

10

WEI

11

MEMMI

12

ENOSTI

13

ALTO

14

RA

15

RASIN

16

ALIX
SER

17

CARMA
LTETT

18

S-TI
TIOS

19

CRV
TVR

20

VBEE

21

VILLA

22

VILC

23

EVREBA

24

EVREBA

25

ACVTVO

26

ALRE

27

ECAST

28

UFCAS

29

DARRAF

30

FRONINI

31

FIVI

32

PAESTOR

33

OPVDE

34

ENICIO

35

CO

36

ATEP

37

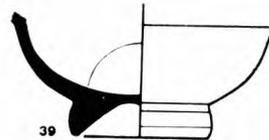
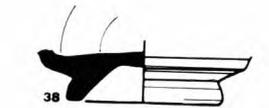
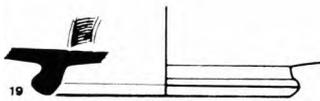
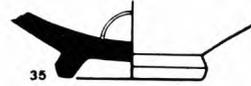
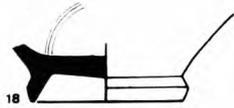
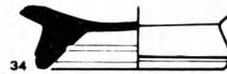
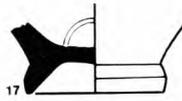
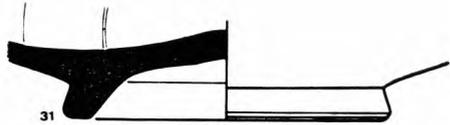
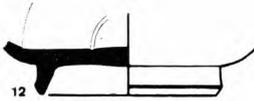
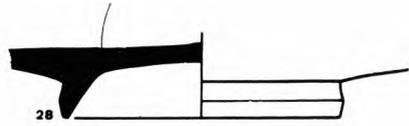
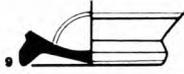
CANTABRI

38

ACCI

39

EST. II



A. M. DIAS DIAGO
Assistente da Universidade Nova de Lisboa

J0ÃO CARLOS FARIA
Director do Museu Municipal de Alcácer do Sal

MARISOL A. FERREIRA
Lie. em História/Arqueologia pela Fac. de Letras de Coimbra

FORNOS DE ÂNFORAS DE ALCÁCER DO SAL
«Conimbriga», XXVI (1987), p. 77-111.

RESUMO: Estuda-se material proveniente de vários centros romanos de produção cerâmica nas margens do rio Sado. Trata-se de fornos fundamentalmente ligados à indústria de preparação do *garum* e de conservas de peixe e ainda, possivelmente, à produção de vinho.

SUMMARY : The AA. give notice and publish more material from the amphora Kilns in the Sado estuary.

(Página deixada propositadamente em branco)

FORNOS DE ÂNFORAS DE ALCÁCER DO SAL

Fornos de ânforas de Alcácer do Sal. Notícia preliminar

Situado junto à estrada que liga a vila de Alcácer à sua estação de caminho de ferro (coordenadas hectométricas: 156.1 N., 166.2 E., na Carta Militar 1:25.000, folha n.º 476), o forno que é objecto da presente notícia foi parcialmente destruído, há vários anos, pela extracção de areia realizada na escarpa que limita a sul a necrópole do Senhor dos Mártires. Dele apenas actualmente está à vista parte da parede circular da fornalha, construída com *lateres* e de cerca de 14 cm. de espessura.

Geologicamente, a formação do local é do Miocénico médio, com conglomerados, biocalcorenitos mais ou menos gresosos e areias fossilíferas,, segundo a folha 39-C da Carta Geológica de Portugal.

Os fragmentos de ânfora encontrados junto a este forno pertencem ao tipo Dressel 14/Beltrán IV (est. I, n.ºs 1 a 6). Até ao momento, todos os bordos recolhidos são de secção triangular, com a aresta bem marcada, face superior convexa e claros vestígios de assentamento. O diâmetro da boca varia entre os 17 cm. (n.º 4) e os 19,6 cm. (n.º 3). As asas são, naturalmente, de fita, bilobadas por um profundo sulco central e nascendo do terço superior do colo. Os bicos fundeiros são ocos, terminando em glande e com a superfície interior em forma de bola. Ambos os fundos aqui publicados (n.ºs 5 e 6) têm marcas de controle, esgrafitadas na pasta ainda húmida, quando a ânfora se encontrava apoiada sobre a boca. A marca da n.º 5 é comum a outros fornos : uma simples cruz, tendo primeiro sido gravado o traço horizontal, da esquerda para a

direita, e seguidamente o traço vertical, de cima para baixo. A marca do fundo n.º 6 encontra-se incompleta, apenas restando um traço oblíquo.

A pasta é dura, compacta, de aspecto folheado, com muitos pequenos quartzos hialinos e esbranquiçados e grande abundância de pequeníssimas micas. As tonalidades das pastas variam entre o bege e o laranja-avermelhado, mas são homogéneas dentro de cada vaso. As superfícies exteriores são rugosas e foram alisadas a trapo ou a pincel. Os fragmentos n.ºs 1 e 5 têm vestígios de um engobe acastanhado.

Também o fragmento n.º 7, um pequeno pote com o bordo em forma de aba, revirado para fora e dobrado sobre os ombros, foi encontrado junto ao forno. Embora mais fina, a pasta é semelhante à das ânforas, assim como o engobe, de tonalidade acastanhada. Diâmetro da boca: 13,4 cm.

Junto à mesma estrada, mas a cerca de duzentos metros mais próximo de Alcácer, observa-se, no pequeno barranco que no lado norte bordeja o caminho, um muro de pedras e uma parede circular de *lateres*. Esta estrutura deve corresponder a um outro forno, o que parece ser confirmado pela argila calcinada que rodeia os *lateres*. Por outro lado, sabemos que os fornos do vale do Sado não funcionavam em unidades isoladas, mas em complexos, o que evidentemente tornava mais rendível a sua exploração económica. Aponte-se ainda que, acima do pequeno barranco já referido, existe um patamar que se estende por um largo troço da estrada e que muito bem pode corresponder ao nível da grelha de uma série de fornos.

De junto a esta estrutura são provenientes os nossos fragmentos n.ºs 8 e 9. O primeiro é de fabrico local, um bordo de ânfora Dressel 14/Beltrán IV, com o bordo de secção triangular da variante com ressalto, a dar-lhe o aspecto de um bordo de fita. A pasta é semelhante à dos exemplares anteriores e está coberta com um engobe acastanhado. Diâmetro do bordo: 19,2 cm.

O exemplar n.º 9 é um fragmento de boca de ânfora de tipo Dressel 20/Beltrán V. O lábio é de perfil triangular, achatado. A pasta é dura, fina, com areias e fendas muito pequenas e de tonalidade bege. Sem vestígios de engobe. Diâmetro do bordo: 17 cm.

A ânfora Beltrán V é proveniente da Bética, de onde transportava azeite e azeitonas. Cronologicamente, o seu fabrico situa-se entre Augusto e meados do séc. m. O perfil do lábio do nosso exemplar aponta para uma datação que não ultrapassará a segunda metade do séc. i.

Sensivelmente a meia distância das duas estruturas anteriormente noticiadas e ainda no pequeno barranco junto à estrada, encontram-se dois *lateres* que, a estarem *in situ*, poderão corresponder a um pavimento.

O material dos fornos romanos de Arapouca no Museu Municipal de Alcácer do Sal.

Situados numa pequena encosta arenosa a cerca de 70 m. da margem esquerda do Sado, e a 6 km para montante de Alcácer do Sal, estes fornos têm as coordenadas de 149,7 N. e 168,6 E., segundo a Carta Militar 1:25.000, folha n.º 486 (1).

São possivelmente em número de dois, de planta circular e formados com *lateres* vulgares. Um dos fornos foi muito danificado pela construção de uma vala de rega; o seu diâmetro interno é de cerca de 3,10 m e as paredes têm a espessura de 0,45 cm. Próximo dos fornos apareceram outros vestígios romanos, como fragmentos de sigillata sudgálica e *opus signinum*.

Seriam talhas o único tipo de vasilhame que estes fornos aparentam ter fabricado. Já tinha sido notado o seu fabrico em outros fornos do Sado (2), e deveriam ter sido utilizados para o armazenamento e transporte de algum produto agrícola originário das margens do rio. Os fragmentos recolhidos, depositados no Museu Municipal de Alcácer (Est. II), apontam para um fundo raso, em bolacha, (diâmetro de 26 cm no n.º 5), um bojo ovoide

1) João C. Lázaro FARIA e Marisol A. FERREIRA, *Estações inéditas da época romana do Concelho de Alcácer do Sal — Breve notícia*, «Conimbriga», 25, 1986, p. 47-48.

(2) Veja-se A. M. Dias DiOGO *et alii*, *O material dos fornos romanos da Enchurrasqueira no Museu do Mar*, «Série Arqueológica», Vol. 1, Sep. 3, Cascais, 1984.

com asas semicirculares, de fita, largas, bilobadas por um sulco central. O bordo apresenta perfis variáveis mas fundamentalmente resultantes do engrossamento da parede no remate, obtido através da dobra para o exterior (diâmetros internos: 1 —32 cm., 2 — 26,8 cm., 3 — 28 cm.).

A pasta é homogénea, de tonalidades alaranjadas ou ocre, aspecto folheado, relativamente fina, com pequenas areias bem disseminadas e com micas.

Superfícies irregularmente alisadas, tendo a exterior levado uma aguada, o que a torna de tonalidade ligeiramente mais escura do que a pasta (3).

Ânforas dos fornos do Bugio II no Museu Municipal de Alcácer do Sal

Os fornos de ânforas do Bugio II estão situados na margem direita do rio Sado, a cerca de 750 m para jusante dos fornos do Bugio I (4). Chegaram a ser por nós chamados de forno 4 do Bugio*(5). O facto de estarem relativamente distantes destes últimos fornos e de, aparentemente, não haver entre eles quaisquer vestígios romanos levou-nos a chamá-los agora de Bugio II.

Coordenadas hectométricas : 159,5 N., 164,5 E., segundo a Carta Militar 1:25.000, folha n.º 476.

No que respeita a ânforas, estes fornos apenas devem ter produzido o tipo Dressel 14. Não há ainda evidência para o fabrico de outro tipo de vasos.

(3) Sobre o uso de talhas para o transporte, possivelmente do vinho, por via marítima, veja-se: *Des bateaux citernes: les épaves romaines à dolia* no catálogo da exposição de Nantes, em 1985, *Archéologie sous-marine sur les côtes de France. Vingt ans de recherche*, p. 79-81.

(4) Antonio M. Dias DIOGO, *Fornos de ânforas do Monte do Bugio. Notícia preliminar*, «Conimbriga», 19, 1980, p. 147-150.

(5) A. M. Dias DIOGO, *Fornos de ânforas do Monte da Enchurrasqueira e do Vale da Cepa. Notícia preliminar*, «Conimbriga», 22, 1983, p. 209-215, nota 4.

Dos 19 bordos de Dressei 14 que o Museu de Alcácer possui, provenientes de recolhas feitas por João C. Lázaro Faria, sete (36,8%) inscrevem-se na variante de bordo perolado, com o colo quase vertical, o diâmetro da boca varia entre os 17 e os 19 cm., sendo a média de cerca de 18 cm. (Est. III, n.ºs 4 e 5). Onze (Est. III, n.ºs 1 e 2, 57,9%), na de bordo subtriangular, com a face superior convexa e com um ressalto a dar-lhes o aspecto de bordo de fita. O colo destas últimas é côncavo, esvasado junto ao lábio; o diâmetro da boca varia entre os 17 e os 20 cm., sendo a média de cerca de 18,2 cm. Um exemplar (Est. III, n.º 3), tem o lábio com um perfil pouco comum. O colo é côncavo, esvasado junto ao lábio, que é muito engrossado, de perfil subtriangular e aresta muito vincada, tem um ressalto muito nítido a apenas cerca de 3 cm. da boca, formando um lábio bem marcado e diferenciado do colo. Diâmetro da boca 17 cm.

No que respeita aos fundos, o Bugio II apresenta-nos a variante em glande, com o interior preenchido por uma bola de argila. Os dois bicos fundeiros que publicamos (Est. III, n.ºs 6 e 7) têm marcas invertidas, esgrafitadas quando a ânfora se encontrava a secar, apoiada sobre a boca. O grafito da n.º 6 é um «B», e surgiu-nos em três exemplares; o da n.º 7 é por enquanto único, e tem a forma de um «Z», num fundo de glande muito pronunciada.

O tratamento das superfícies externas das ânforas é simplesmente alisado, muito provavelmente a pincel. A pasta é semelhante à dos outros fornos do Sado, na sua variante micácea e com muitas inclusões ferruginosas.

Materiais dos fornos romanos da Barrosinha II no Museu Municipal de Alcácer do Sal

Embora conhecidos desde finais do século passado (Joaquim Correia BAPTISTA, 1896, p. 7), os fornos da Herdade da Barrosinha nunca foram sujeitos a qualquer publicação monográfica. Guardamos para outro estudo os fornos já conhecidos por Correia Baptista, que designamos por *Barrosinha I* (Foto 1,1) e cujo material se encontra disperso por várias instituições.

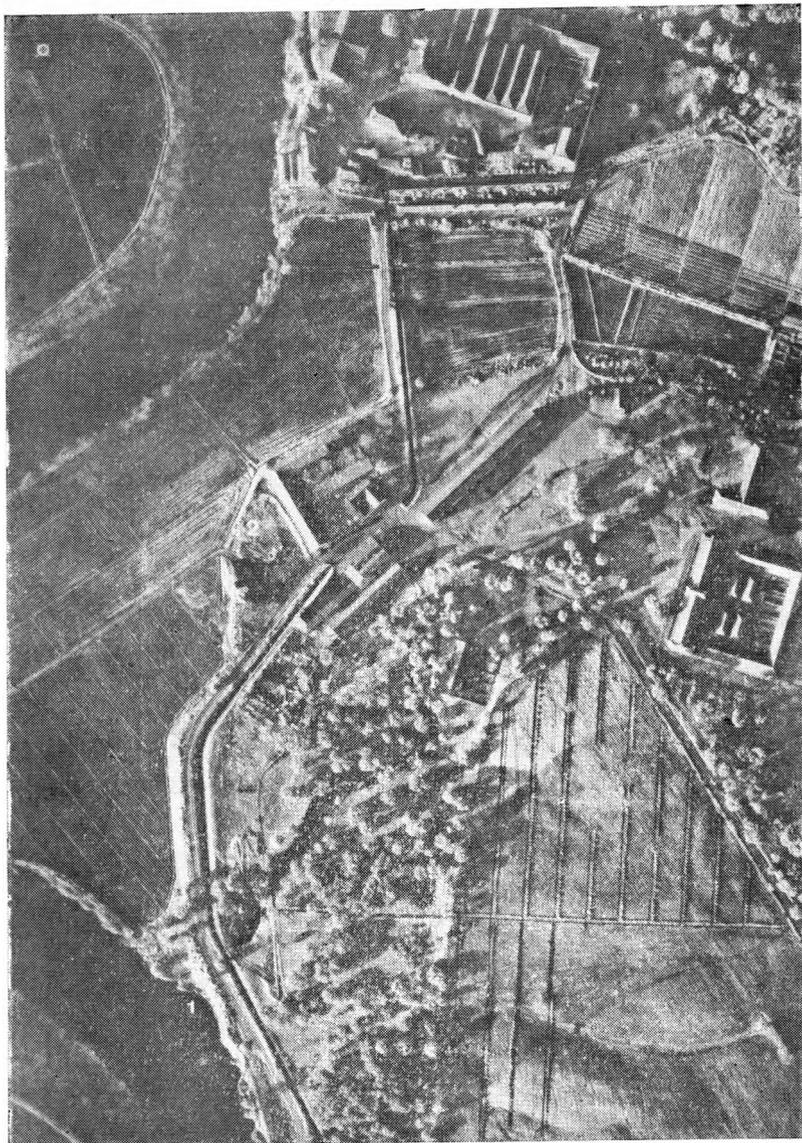


FOTO 1. — Fotografia aérea da Barrosinha

A Herdade da Barrosinha fica situada junto ao rio Sado, a cerca de 2,5 km para montante de Alcácer do Sal. O material agora estudado foi recolhido no Verão de 1978 pelos autores e ainda por Fernando Gomes ⁽⁶⁾, de uma vala aberta para o escoamento de águas, e foi depositado no Museu Municipal de Alcácer do Sal. A vala, hoje já tapada e então recentemente aberta (Foto 1,2), tinha as coordenadas hectométricas de 154.8 N., 169.4 E., na Carta Militar 1:25.000, folha 477.

Tendo fabricado ânforas de tipo Dressel 14 e grande variedade de cerâmica comum, de pasta e fabrico muito semelhantes às dos outros fornos do Sado, estes caracterizam-se, no entanto, pela grande escassez de mica que parece inexistente à vista desarmada. O material de fabrico local encontrava-se misturado com o importado, numa camada compacta, permitindo datar a produção de cerca de Cláudio até, talvez, aos inícios do séc. n. De notar a identidade do material aqui estudado com o encontrado na camada de abandono da ocupação significativa da Alcácer romana (Tavares da SILVA *et alii*, 1980-81, p. 189 e s.).

Ânforas

No que respeita a ânforas, os fornos da Barrosinha apenas aparentam ter produzido o tipo Dressel 14/Beltrán IV. Do total de 17 bordos que o Museu de Alcácer possui da Barrosinha II, 6 são do tipo perolado (Est. IV, 6) e 11 do tipo triangular (35,3% e 64,7%). Dentro deste segundo tipo, aparece-nos sobretudo a variante com ressalto, a dar-lhes o aspecto de bordo de fita (Est. IV, 2-5). O diâmetro da boca varia entre os 16 e os 22 cm., sendo a média de 19 cm.

O fabrico e a pasta destas ânforas são semelhantes aos dos outros fornos do Sado. A pasta é dura, com fendas abundantes que lhe dão um aspecto folheado. Os elementos não-plásticos são muito abundantes, predominando o quatrzo esbranquiçado de tamanho inferior a 1 mm. As inclusões negras e os quartzos grandes, atin-

(6) A quem se devem ainda as fotografias 2 e 3.

gindo os 4 mm, são escassos. A tonalidade da pasta é uniforme dentro de cada vaso, sendo geralmente alaranjada.

As superfícies são ásperas, pouco mais escuras do que a pasta, e alisadas a trapo ou a pincel.

Apareceram-nos nestes fornos 31 exemplares de várias variantes da mesma marca de oleiro *T.M.C.* (7). Impressa em carteia rectangular (41 X 16 mm na n.^{oi} 9, 36 X 18 mm na n.^o 10), encontra-se normalmente sobre a asa esquerda (17 exemplares), embora também possa surgir na asa direita. Apenas em dois exemplares sobre as asas ela não nos aparece invertida. Dois fragmentos apresentam uma marca, não-invertida, sobre a pança, junto ao arranque da asa (n.^o 10).

Marcas esgrafitadas, de controlo do fabrico, apenas nos surgiram no bico fundeiro (n.^o 11-19), não havendo ainda evidência para as do fundo da pança. Como é normal, são invertidas por terem sido feitas quando a ânfora se encontrava com a boca assente no chão. Como variante, note-se que aqui nos surgem grafitos desenhados no próprio fundo do bico fundeiro (n.^{os} 14-19).

A maioria dos bicos fundeiros tem a face interna em forma de bola, que na verdade é devida à introdução de uma bola de argila no bico, de modo a torná-lo mais resistente, e devem, por isso, ser posteriores aos de bico oco (n.^{os} 11 e 13).

Ânforas importadas

As ânforas n.^{os} 20 e 21 (Est. IV) são importadas. A 20 inclui-se no tipo Beltrán IIB, fabricada na Bética, é datável de Augusto aos finais do séc. n e transportaria produtos de origem piscícola. A n.^o 21 é, muito provavelmente, proveniente do sul de Espanha e poderá ser genericamente incluída na forma Beltrán I, em que este autor agrupou as Dressel 7-11. É datável da segunda metade do séc. i a. C. e de todo o séc. i.

(7) E não *D.M.I.*, como foi publicado em DIOGO, 1980, p. 147. A relação entre o gentílico desta marca e o da marca encontrada nos fornos de Barrosinha I (MA.MV.S) será feita noutra trabalho, em preparação.

20. (Est. IV, n. 1652). Fragmento de boca de ânfora, de lábio pendente. Diâmetro da boca 22 cm.
Pasta branda, pulverulenta e muito fina, pequeníssimos alvéolos e micras, inclusões negras e ocres, de tonalidade bege. Sem vestígios de engobe.
21. (Est. IV, n. 1518). Fragmento de boca de ânfora; lábio de fita, em forma de feijão, com um ressalto a separá-lo do colo. Diâmetro da boca 18 cm.
Pasta dura, granulosa, com pequenas areias roladas, de tonalidade laranja-acastanhada, Superfície de tonalidade rosa, alisada na superfície exterior.

Cerâmica comum

É relativamente abundante e variada a cerâmica comum recolhida da vala. Geralmente de tonalidades alaranjadas, de pastas semelhantes às das ânforas (embora mais finas) e superfícies externas simplesmente alisadas, sem engobes, deixam facilmente transparecer o seu fabrico local.

22. (Est. V, n.º 708). Pote Bordo revirado para fora e arqueado, ombros quase rectos a sugerirem um bojo ovoide.
Diâmetro 16 cm.
23. (Est. V, n. 1658). *Idem*.
Diâmetro 17 cm.
24. (Est. V, n.º 1492) Pote. Bordo oblíquo ligeiramente côncavo no dorso, ombros arredondados. Pasta bege-acinzentada.
Diâmetro 14 cm.
25. (Est. V, n.º 1568) *Idem*.
Diâmetro 13 cm.
26. (Est. V, n.º 1659) *Idem*.
Diâmetro 16 cm.
27. (Est. V, n.º 1496) *Idem*.
Diâmetro 15 cm.
28. (Est. V, n.º 1566) *Idem*, com vestígios de asa de fita a nascer da sobeira do bordo.
Diâmetro 13 cm.
29. (Est. V, n.º 1576) *Idem*.
Diâmetro 7 cm.

30. (Est. V, n.º 1445) Tacho. Bordo em aba grossa, corpo possivelmente ovoide truncado.
Diâmetro 24 cm.
31. (Est. y, n.º 1479) *Idem*.
Diâmetro 24 cm.
32. (Est. V, n.º 1474) *Idem*.
Diâm. 30,5 cm.
33. (Est. V, n.º 973) *Idem*. Corn largo cerne acinzentado.
Diâmetro 32 cm.
34. (Est. Y, n.º 477) *Idem*.
Diâmetro 28 cm.
35. (Est. VI, n.º 1480) Pequeno tacho? Bordo em forma de gancho engrossado, bojo possivelmente ovoide alto.
Pasta ocre, branda, de aspecto terroso. Superfície externa muito alisada.
Diâmetro 15 cm.
36. (Est. V, n.º 709) Panela. Bojo ovoide largo e baixo, bordo em aba.
Diâmetro 23 cm.
37. (Est. V, n.º 712) *Idem*.
Diâmetro 24 cm.
38. (Est. V, n.º 1494) *Idem*. Bordo em cabeça de martelo, descaído.
Diâmetro 28 cm.
39. (Est. V, n.º 1481) Taça? Bordo em gancho, paredes esvasadas, carena alta e vincada.
Pasta mal cozida, de textura folheada, branda, com pequenas areias, cinzento-esverdeada com cerne cinzento-claro.
Diâmetro 30 cm.
40. (Est. VI, n.º 1487) Prato covo, bordo em aba direita, paredes arqueadas.
Diâmetro 28 cm.
41. (Est. VI, n.º 974) *Idem*. Bordo em pingo, paredes muito divergentes.
Diâmetro 31 cm.
42. (Est. VI, n.º 1567) Alguidar. Troncocônico, bordo em aba curva.
Diâmetro 30 cm.
43. (Est. VI, n.º 976) Bacia? Parede quase vertical, bordo em aba pendente.
Diâmetro 38 cm.
44. (Est. VI, n.º 711) Grande tigela? Parede arqueada, bordo simples, com engrossamento interno.
Pasta rosada.
Diâmetro 40 cm.
45. (Est. VI, n.º 717) Tigela? Paredes esvasadas e bordo simples boleado.
Diâmetro 16 cm.

46. (Est. VI, n.º 1654) *Idem*. Parede arqueada e bordo simples, boleado. Diâmetro impossível de calcular.
47. (Est. VI, n.º 970) Tigela? Copa arqueada, pé anelar. Pasta cinzento-clara, micácea e arenosa. Superfícies mais negras. Diâmetro do fundo 6,6 cm.
48. (Est. VI, n.º 1495) Pequeno tacho? Parede vertical, bordo em pequena aba curva. Diâmetro 16 cm.
49. (Est. VI, n.º 1574) Pequeno tacho? Parede vertical, bordo em curta aba horizontal, de dorso reentrante. Diâmetro 16 cm.
50. (Est. VI, n.º 1573) Panela. Colo oblíquo e bordo em aba, espessado dos dois lados. Diâmetro 18 cm.
51. (Est. VII, n.º 975) Pratel. Parede arqueada, quase carenada, bordo em aba arqueada. Diâmetro 19 cm.
52. (Est. VI, n.º 757) Bilha. Bordo em banda, rectangular, boleado. Colo largo, sobre o cilíndrico, ombros arredondados, asas de fita nascendo da sobeira do bordo. Diâmetro 13 cm.
53. (Est. VI, n.º 971) Talha. Bordo engrossado, corpo possivelmente ovoide. Diâmetro interno da boca 31 cm.
54. (Est. VI, n.º 739) *Idem*. Bordo ligeiramente engrossado e canelado, corpo possivelmente ovoide. Pasta bege, com largo cerne cinzento-esverdeado, micácea, com areias atingindo 1 cm.
55. (Est. VII, n.º 737) Tampa circular de ânfora, com pegadeira central perfurada para montagem do opérculo. Superfície exterior bege, interior laranja-amarelada. Diâmetro máximo 9,2 cm. Altura 3,1 cm.
56. (Est. n.º 759) *Idem*. Pasta branda, de textura folheada, arenosa de pequeno grão, atingindo ocasionalmente os 2 mm. Micácea, com nódulos ferruginosos. Superfícies beges. Diâmetro máximo 9,4 cm. Altura 2,9 cm.
57. (Est. VII, n.º 730) Teste de forma troncocônica e bordo boleado. Superfície interna mais rugosa. Diâmetro 22 cm.

58. (Est. VII, n.º 1567) *Idem*.
Bege, com manchas cinzentas da cozedura.
Diâmetro 21 cm.
59. (Est. VII, n.º 1500) *Idem*.
Pasta cinzenta, queimada no forno.
Diâmetro impossível de calcular.

Telhas

Foram recuperados dois fragmentos de telhas (*tegulae*). Ambas com o bordo em meia-cana elas são, no entanto, de fabricos muito distintos.

60. (Est. VI, n.º 1560) Pasta semelhante à das ânforas, embora mais micácea, com areias atingindo os 0,4 cm. Tonalidade alaranjada. Altura do bordo 6,3 cm. Altura do corpo 2,7 cm.
61. (Est. VI, n.º 740) Pasta porosa, com fendas, alvéolos e nódulos alaranjados atingindo os 2 cm. Tonalidade amarelada. Altura do bordo 6,5 cm. Altura do corpo 2,7/3 cm.

Peso de tear

A peça n.º 62 (Est. VII, n.º 1470) é um fragmento de peso de tear vertical. Forma de paralelepípedo de secção sensivelmente quadrada (4,4 x 4,5 cm ao nível do furo), com um furo central troncocónico no topo. Tem uma marca gravada antes da cozedura na face superior, possivelmente um «C» (Est. X). Pasta semelhante à das ânforas, de tonalidade bege-alaranjada.

Peso de rede

A peça n.º 63 (Est. VII, n.º 1471) é um peso de rede, possivelmente romano. De forma anelar, apresenta um desgaste nas faces para a fixação. A pasta é de tonalidade alaranjada, com pequenas areias, micas e inclusões ocreas.

Altura 2,1 cm. Largura 5,8/6,3 cm.



Foto 2. — Marca de M. IVLIVS SEVERVS

Terra sigillata

Das sigillatas que estudamos, a n.º 64 é um prato de origem itálica, embora não aretino. Trata-se de uma forma Dragendorff 17, datável de Augusto-Tibério.

Os fragmentos 65 a 69 são sudgálicos. A taça n.º 65 é uma forma Dragendorff 27, conservando uma marca de oleiro M. IVLIVS SEVERVS, ainda sem paralelo registado em território português. Deverá ser proveniente de La Graufresenque e datável de meados do séc. i.

Também da forma Dragendorff 27, uma das mais comuns em Portugal, é o vaso 66. O seu pequeno tamanho e o lábio sublinhado datam-no da época de Cláudio. O n.º 67 é uma taça de forma Ritterling 8. A taça 68 inclui-se na forma Drag. 24/25 e é datável de Cláudio-Vespasiano.

O fragmento n.º 69 pertence a um prato, possivelmente de forma Dragendorff 15/17. Tem uma marca de FELIX, oleiro de La Graufesenque e Montans, datável do período Cláudio-Nero, já atestado em Conimbriga.

O n.º 70 é de origem hispânica, uma forma Dragendorff 29, com o bojo decorado por círculos concêntricos e datável do terceiro quarto do séc. i.

A tigela 83 é uma sigillata clara A, forma 23 de Lamboglia, 6 de Hayes, a que infelizmente falta o fundo para podermos fazer uma classificação mais precisa. Originária do Norte de África, é datável dos fins do séc. i, inícios do n.

64. (Est. Vili n.º 773) Prato de bordo direito e levemente esvasado.
Pasta muito fina, branda, de tonalidade ocre.
«Verniz» bem aderente, fino, homogéneo, brilhante, alaranjado.
Diâmetro da boca cerca de 19,8 cm.
65. (Est. X e foto 2, n.º 1650) Fragmento de taça, bordo vincado, arredondado, bojo em S, pé alto de perfil triangular.
Pasta laranja-avermelhada, dura, com calci tes pequenas e bem disseminadas.
«Verniz» avermelhado, de brilho mate, pouco aderente, fino e homogéneo.
Conserva uma marca no centro do fundo M. [IVL.] SEV em carteia rectangular com os ângulos arredondados (2x1,4 cm).
Diâmetro do bordo 12 cm. Diâmetro do pé 4,9 cm. Altura 5,4 cm.

66. (Est. Vili, n.º 768) Pequena taça, lábio bem sublinhado, bojo em S. Pasta rosada, dura, com pequeníssimas calcites.
«Verniz» vermelho-alaranjado, brilhante, aderente e homogéneo, com bandas de alisamento na superfície externa.
Diâmetro da boca 14 cm.
68. (Est. Vili, n.º 1600) Taça de bordo ligeiramente curvo e lábio arredondado, separado do bojo por um estribo e decorado com uma banda de guiloché fino.
Pasta dura, fina, com pequeníssimas calcites, rosada.
Diâmetro da boca 12,9 cm.
69. (Est. X e foto 3, n.º 761) Prato, pé de perfil de tronco-cónico, com larga superfície de sustentação. Fundo arqueado para o interior, com um ressalto a formar degrau.
Pasta vermelho-alaranjada, com muitas calcites e pequenas fendas.
«Verniz» avermelhado, de brilho mate, fino e manchado, quebrado na superfície externa.
Conserva uma marca no centro do fundo OF FELICIS, bem estampada, em carteia rectangular de ângulos fortemente arredondados (1,7X0,35 cm).
Diâmetro 10,2 cm.
70. (Est. Vili, n.º 1587) Taça, de bordo curvo e esvasado, com decoração no bojo de círculos concêntricos separados por motivos verticais.
Pasta rosada, branda, micro-granulosa, com muitas pequenas calcites.
«Verniz» castanho-alaranjado, pouco aderente, de brilho acetinado.
Riscos paralelos de alisamento na face interna.
Diâmetro 17,5 cm.
83. (Est. Vili, n.º 776) Tigela, de paredes curvas e aba horizontal.
Pasta alaranjada, de textura folheada, com pequeníssimas areias,
«Verniz» alaranjado, fino e aderente, com textura em «pele de galinha».
Diâmetro 17 cm.

Paredes finas

O fragmento n.º 71 pertence a uma taça carenada, de forma muito próxima da May et XLIII ; o assentamento do bordo leva-nos a pensar que este exemplar teria as paredes esvasadas. É datável da 2.^a metade do séc. i.

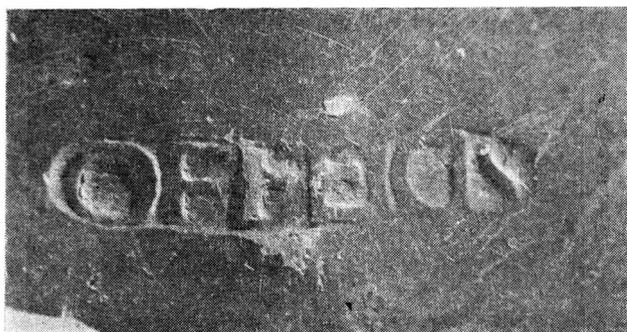


Foto 3.—Marca de FELIX

A taça 73 pertence a uma forma Mayet XXXVII, possivelmente proveniente da Bética e datável de Cláudio até fins dos Flávios. O fragmento 74 pertence a uma taça de pé curto, em degrau, e paredes oblíquas, que se inclui na forma Mayet LUI. Poderá ser originária da região de Mérida e datável da segunda metade do séc. i.

O n.º 75 é o exemplar mais antigo deste conjunto de paredes finas, um bordo oblíquo de taça de forma Mayet VIII, possivelmente datável de Augusto. A 76 é um bordo oblíquo de taça, forma Mayet III, característica da 2.ª metade do séc. I. O fundo 77 deverá pertencer a uma taça Mayet XXXVII, originária da Bética e datável de Cláudio aos fins dos Flávios.

De formas imitando sensivelmente as das sigillatas, os vasos 79 a 81 pertencem a um grupo de paredes finas pouco conhecido, que F. Mayet (1975, pág. 117) pensa poder tratar-se de «acidentes» de fabrico. Embora a sua descoberta seja ainda pouco frequente, não concordamos com a autora citada e pensamos que se trata de produtos típicos de uma oficina ainda não localizada. A datação possível é do período de Cláudio-Flávios.

71. (Est. IX, n.º 784) Taça carenada de paredes ligeiramente esvasadas. Pasta fina, branda, de aspecto pulverulento, com pequeníssimos alvéolos. Cinzento claro para o interior, alaranjada para o exterior, talvez por infiltração do engobe.
Engobe em ambas as faces, laranja-acastanhado, com muitas estrias de alisamento na face interna.
Diâmetro 13,2 cm.
72. (Est. IX, n.º 778) Pote, de lábio com cotovelo para a tampa. Pasta com pequenas areias, pulverulenta e branda, de aspecto folheado. Ocre-rosada, amarelada para o exterior, possivelmente por infiltração do engobe.
Superfície exterior com engobe, de tonalidade amarelada e com o bojo decorado por incisões.
Diâmetro 11,5 cm.
73. (Est. IX, n.º 781) Fundo de taça, de pé em bolacha.
Pasta fina, com pequeníssimas inclusões negras, de aspecto micro-granuloso. Tonalidade ocre-amarelada.
Vestígios de engobe alaranjado nas duas faces.
Diâmetro 3,3 cm.

74. (Est. IX, n.º 782) Fragmento de taça de paredes oblíquas e pequeno pé em degrau. Pasta fina, branda e esbranquiçada. Engobe bege-acastanhado em ambas as faces, com uma banda rosada de cerca de 1,6 cm. na face exterior. Riscos de alisamento, no exterior e pequenas estrías paralelas no interior. Diâmetro do bordo 12,6 cm. Diâmetro do fundo 5 cm. Altura 5 cm.
75. (Est. IX, n.º 1622) Bordo oblíquo de taça. Pasta dura, muito fina, de tonalidade cinzenta. Superfície externa alisada e acinzentada, superfície interna mais clara e rugosa. Espessura média 1,5 cm. Diâmetro 10 cm.
76. (Est. IX, n.º 1625) Bordo curvo de taça. Pasta fina, com algumas pequenas areias, esbranquiçada. Sem vestígios de engobe. Diâmetro 8,9 cm.
77. (Est. IX, n.º 783) Fundo de taça. Paredes esvasadas, pé em degrau, com duas ranhuras concêntricas no fundo exterior. Pasta branda, pulverulenta, fina, de tonalidade ocre. Superfície exterior rosada, com riscos provocados pelo alisamento.
78. (Ext. IX, n.º 777) Fragmento de pequeno prato. Pasta muito branda, com areias atingindo os 1 mm. Alaranjada. Sem vestígios de engobe. Diâmetro 14 cm.
79. (Est. IX, n.º 1621) Taça carenada. Pasta fina, friável, de textura folheada. Tonalidade ocre-alaranjada. Conserva vestígios de engobe alaranjado. Diâmetro 10 cm.
80. (Est. IX, n.º 756) Fragmento de pequeno prato. Pasta fina, branda, esbranquiçada com pequeno cerne alaranjado. Vestígios de engobe bege. Diâmetro 16 cm.

Lucerna

O n.º 81 (Est. IX, n.º 986) pertence a uma lucerna de volutas com o bico triangular, de tipo Loeschcke 1, Dressel-Lamboglia 9, datável dos Júlio-Cláudios.

A orla é separada do disco por três círculos concêntricos. Parece conservar vestígios de engobe bege-acastanhado, a pasta é esbranquiçada, muito fina e branda.

Vidro

O n.º 82 (Est. IX, n.º 989) é o fundo de uma taça (?) de vidro, pé em bolacha e paredes oblíquas. Tonalidade azul-marinho, com poucas e pequenas bolhas de ar, fundo exterior riscado. Diâmetro do fundo 4,2 cm.

Ânforas dos fornos romanos da Barrosinha I no Museu Municipal de Alcácer do Sal

Os fornos da Barrosinha I situam-se na margem direita do Sado, a cerca de 4 km para montante de Alcácer do Sal. São conhecidos desde finais do século passado ⁽⁸⁾, embora nunca tenham sido objecto de qualquer publicação monográfica. Mantém-se visível a estrutura parcialmente destruída de um forno junto ao qual e já dentro do rio, se encontra um grande amontoado de fragmentos de ânfora, de onde proveio o material aqui estudado. Estes fornos produziram ânforas de tipo Dressel 14 e talhas.

Coordenadas hectométricas: 154.3 N e 169.3 E., na Carta Militar 1:25.000, folha n.º 477.

Provenientes de recolhas efectuadas nestes fornos por Fernando Gomes e João C. Lázaro Faria, o Museu Municipal de Alcácer possui 25 fragmentos de ânfora com bordo, que dividimos em dois tipos: nove exemplares (36%, Est. XI, n.ºs 3 e 4) de bordo esvasado e perfil subtriangular, com a aresta bem marcada; diâmetro da boca variando entre os 17,5 e os 19 cm, média de 18,3 cm. Os restantes 16 (64%, Est. XI, n.ºs 1 e 2), de bordo também com o perfil subtriangular e aresta bem vincada, mas com um ressalto muito nítido, formando um lábio bem marcado e diferenciado do colo. Diâmetro da boca variando entre os 16,9 e os 19,7 cm, sendo a média de 18,7 cm.

Os bicos fundeiros são ocós, terminando em forma de glândula pouco pronunciada e com o interior irregular, formado por uma

⁽⁸⁾ Joaquim Correia BAPTISTA, *Salacia*, «O Archeologo Português», Vol. II, *li o* 1 (1896), p. 5-10.

língua de argila. São várias as marcas que estes fundos ostentam (Est. XI e XII, n.ºs 5 a 11), esgrafitadas quando as ânforas se encontravam a secar, assentes sobre a boca.

Os fragmentos n.ºs 12 a 14 (Est. XII), pertencem a asas de fita, bilobadas por um sulco central, como é típico das asas das Dressel 14. Têm marca de oleiro, impressa, em cartela rectangular (dimensões 4 x 1,75 cm) MA.MV.S, com *tria nomina* separados por pontos triangulares. É uma marca já conhecida, através do exemplar que publicamos com o n.º 12, embora mal interpretada por Beltrán Lloris ⁽⁹⁾, que a recolheu de Leite de Vasconcelos ⁽¹⁰⁾.

Finalmente, referimos ainda o aparecimento de três tampas circulares com pegadeira central (Est. XI, n.ºs 15 e 16), duas delas perfuradas para a montagem do opérculo nas ânforas. Surgiram também vários fragmentos de talhas, de perfil não desenhável, de que há a destacar um grande fragmento de bojo, com decoração constituída por dois sulcos horizontais, largos e paralelos; e com asas em arco, de fita bilobada por um sulco central.

O fabrico e a pasta de Barrosinha I é semelhante à dos outros fornos do Sado.

Fornos romanos de ânforas da Batalha. Notícia preliminar

Há cerca de 25 anos, quando numa lavra do Sr. Mário Paulo Lança se abria uma vala para o escoamento de águas para o cultivo de arroz, surgiram três ânforas que o referido senhor recolheu.

O local onde as ânforas foram encontradas é um antigo esteiro na margem esquerda do Sado e, já que se encontravam intactas e acabadas, deve corresponder à zona do armazenamento anterior ao embarque para o local onde seriam utilizadas, possivelmente Tróia. A vala tem as coordenadas hectométricas de 159 N.

⁽⁹⁾ M. BELTRÁN LLORIS, *Las ánforas romanas en España*, Saragoça, 1970, p. 160, fig. 53, 156.

⁽¹⁰⁾ J. Leite de VASCONCELOS, *Excursão archeologica ao Sul de Portugal*, «O Archeologo Português», Vol. IV, n.º 1-6 (1898), p. 109.

e 160.9 E., segundo a Carta Militar 1:25.000, folha n.º 476. Na elevação que bordeja o esteiro a Este, encontrámos vários fragmentos de ânforas, que possivelmente denunciam o local onde ficariam os fornos.

Graças à amabilidade do Sr. Paulo Lança, foi-nos possível estudar as ânforas recolhidas. Pertencem ao tipo Dressel 14, de bordo ligeiramente esvasado e secção subtriangular, a face superior com fortes vestígios de assentamento; colo cilíndrico, de superfície exterior muito ondulada; bojo cilíndrico a tender para o saco; bico fundeiro cónico terminando em glande e interior espessado por uma bola de argila.

A pasta é semelhante à dos outros fornos do Sado, micácea e com muitas inclusões ocre. A superfície é engobada, de tonalidade ocre-rosado, fino, não escondendo a textura granulosa da pasta.

Duas das ânforas recolhidas foram aplicadas à entrada do pátio da casa do Sr. Paulo Lança (Fotos 4 e 5); a terceira, que nos foi possível estudar mais em pormenor (Foto 6, Est. XIII, 2), foi guardada numa arrecadação da herdade. Tem uma marca de controle no bico fundeiro, um «B», esgrafitado quando a ânfora se encontrava a secar, assente sobre a boca (Foto 6, Est. XIII, 2B). Dimensões desta ânfora: Largura da boca variando entre 18 e 18,5 cm. (no sentido das asas). Altura total: 102,5 cm. Altura interna: 94,5 cm. Diâmetro máximo da pança: 31,5 cm.

Materiais da estação romana de Casas Novas no Museu Municipal de Alcácer do Sal

A estação romana de Casas Novas, Alcácer, fica situada na margem esquerda do Sado, próxima do pequeno aglomerado populacional que lhe dá o nome e junto a um esteiro aproveitado para o cultivo do arroz, numa formação do Miocénico superior (coordenadas hectométricas : 159.2 N. e 158.8 E., segundo a Carta Militar 1:25.000, n.º 476).

No local conserva-se visível um muro, sob um pequeno canal. Junto a este muro foi aberta uma vala para o escoamento

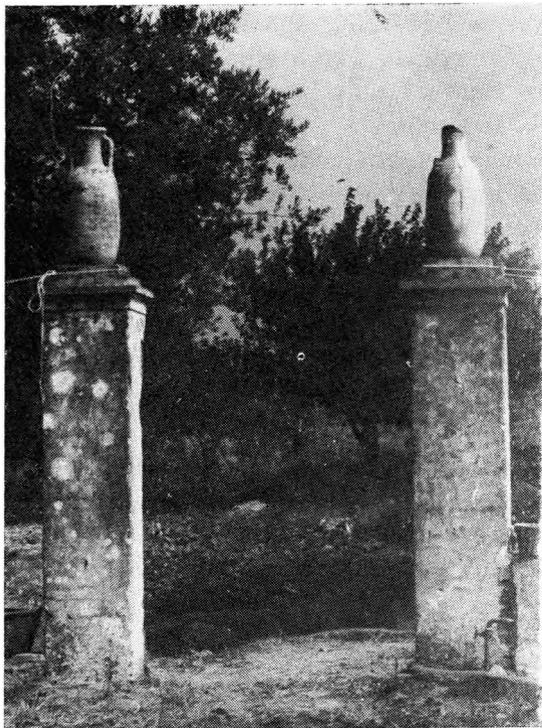


FOTO 4. — Ânforas dos fornos da Batalha



FOTO 5 — Ânfora dos fornos da Batalha

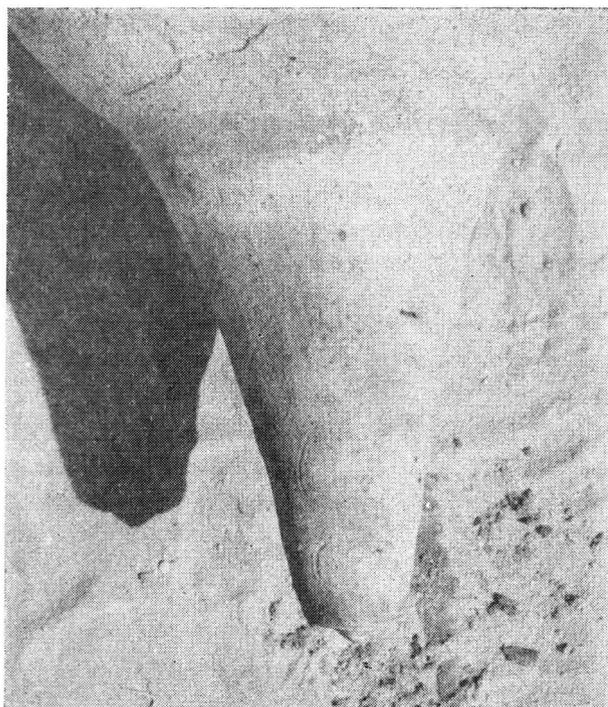


FOTO 6 — Ânfora dos fornos da Batalha

de águas, de onde é proveniente o material aqui publicado e que foi depositado no Museu Municipal de Alcácer do Sal ^(u).

Não nos foi ainda possível determinar o tipo de actividade desta estação e articulá-la, assim, com as restantes estações do baixo Sado. Pelo material encontrado, que é ainda pouco significativo, pela quantidade e tipo de recolha, a sua ocupação poderá situar-se cronologicamente entre os finais do séc. i e o séc. iv.

Naturalmente, a grande maioria do material é constituído por fragmentos de cerâmica comum de fabrico do Sado ⁽¹²⁾. Contentores de produtos piscícolas: os fragmentos de ânforas de tipo Dressel 14 (n.ºs 1-4) e Almagro 51 C (n.ºs 6 e 7). Cerâmica de cozinha: o pote (n.º 7) de bordo extrovertido, as panelas (n.ºs 8-12) de bordo introvertido e aba horizontal, dobrada sobre os ombros. Panelas de paredes simples, oblíquas (n.º 21) ou de bojo ovoide, largo e baixo (n.ºs 22 e 23), que tanto poderiam ter sido utilizadas para cozinhar, como para trabalhos industriais de preparação do peixe, com o bordo em aba, larga e reentrante, aptas para serem seguras pelo bordo e para serem cobertas pelas largas tampas tronco-cónicas (n.ºs 24 e 25), talvez também utilizadas como pratos. Formas abertas, de ir à mesa, aparecem-nos a tigela (n.º 13) de copa angulosa e bordo vertical, e os pratos covos (n.ºs 14-20), com diversos tipos de bordo. O pequeno testó (n.º 26), cónico e de pegadeira central muito saliente, deverá pertencer a uma bilha ou a um jarro. De cerâmica de construção apenas nos apareceu o fragmento de telha (n.º 27), com o bordo em meia-cana (Est. XIV e XV).

Apenas dois fragmentos de sigillatas preservam perfis passíveis de serem desenhados: o n.º 28, um prato largo de forma Hayes 27 em Clara A, com o bordo sublinhado internamente por uma ranhura

^(u) Sobre as condições da descoberta da estação veja-se: A. M. Dias Diogo, *Notícia da descoberta da estação romana de Casas Novas, Alcácer do Sal*, «Informação Arqueológica», 8, 1987, p. 90-91.

⁽¹²⁾ Diâmetros das bocas, em milímetros, medidos a partir das partes mais salientes dos lábios: 1-179, 2-169, 3-170, 4-(diâmetro da glante) 48, 5-160, 6-144, 7-143, 8-164, 9-169, 10-188, 11-183, 12-190, 13-170, 14-Ind., 15-205, 16-237, 17-288, 18-288, 19-266, 20-283, 21-347, 22-350, 23-374, 24-349, 25-410, 26-60, 27-(altura do bordo) 60 (altura do corpo) 24, 28-Ind., 29-228.

e cuja datação deverá estar compreendida entre meados do séc. n e inícios do m. O n.º 29, urna forma Hayes 50, em Clara C, de fabrico muito fino, datável de 240-320/330.

O fragmento mais antigo que, por ora, surgiu, pertence a uma pequena taça Dragendorff 27 em T.S. Sudgálica, de bordo arredondado e saliente. Ainda significativo é um fragmento de Dragendorff 15/17, de T.S. Hispânica Tardia, com o «verniz» fino, alaranjado, manchado e brilhante, correspondendo aos fabricos dos sécs. IV e V ⁽¹³⁾.

Publicamos sumariamente as peças encontradas, embora não seja esta a forma como gostaríamos de as tornar públicas. A produção de cerâmica comum nas margens do Sado é notável e merece um cuidadoso estudo tipológico e a sua integração funcional, o que evidentemente apenas será possível após a escavação dos fornos.

Monte da Enchurrasqueira II. Primeira notícia

Este local fica situado a cerca de meia distância entre os fornos da Enchurrasqueira e do Vale da Cepa (coordenadas hectométricas 161.1 N., 152.6 E., na Carta Militar 1:25.000, folha n.º 467). A superfície encontra-se juncada de pequenos fragmentos de ânforas, e poderá eventualmente corresponder a entulheiras de fornos.

O facto de não se terem aqui recentemente aberto valas para o escoamento de águas impediu que se pudessem recolher elementos mais significativos.

A generalidade dos fragmentos encontrados (Estampa XVI) pertence a ânforas do tipo Dressel 14/Beltrán IVb, na sua variante de lábio arredondado, muito espessado (o exemplar n.º 2 encontra-se rolado). Os bicos fundeiros integram-se na variante em glante e com a superfície interna em forma de bola.

As pastas, características dos fornos do Sado, são geralmente alaranjadas (o n.º 3 tem uma tonalidade ocre), muito micáceas,

⁽¹³⁾ Françoise MAY ET, *Fouilles de Conimbriga*, IV, p. 155.

arenosas de pequeno grão e com muitos nódulos ocre, abundantes fendas e alvéolos. As superfícies são da tonalidade da pasta, rugosas, alisadas a trapo ou a pincel.

O n.º 4 é um fragmento de bordo de pote.

A corresponder a fornos, não haveria evidência de o fabrico neste local ter sobrevivido ao fim da produção das Dressel 14.

Material da Comenda no Museu do Mar, Cascais

A Comenda fica situada na margem direita do Sado, a cerca de 4,5 km para jusante da cidade de Setúbal, na margem esquerda da desembocadura da Ribeira de Aravil. A estação é conhecida desde finais do século passado ⁽¹⁴⁾, e trata-se de um centro de transformação de pescado. Reconhecem-se, ainda hoje, restos de cetárias e é possível que uma construção de *lateres* que mostra um arco de volta inteira, tida por alguns autores como pertencente a um conjunto termal ⁽¹⁵⁾, pertença, na realidade, à fornalha de um forno de cozer cerâmica, para cuja existência apontam vários fragmentos de vasos queimados aquando da cozedura (n.ºs 8, 10, 11, 14, 15 e 17 do nosso catálogo) e as muitas pedras circulares, de granito, actualmente utilizadas como âncoras pelos pescadores, e que poderão ter pertencido a rodas de oleiro.

Publicamos o catálogo das peças da Comenda que o Museu do Mar possuía. Trata-se, fundamentalmente, de uma colecção de potes e vasos largos e pouco profundos, para o transporte e transformação do pescado.

A peça datável mais antiga que se encontrou na Comenda é um fragmento de sigillata itálica, com a marca do oleiro aretino *CNAEVS ATEIVS* ⁽¹⁶⁾. O fragmento deverá pertencer a uma taça Goudineau 27, do período clássico da sigillata aretina. Os vasos de sigillata clara D (n.ºs 21 e 22), são as peças mais recentes, datáveis do séc. v. Os fragmentos n.ºs 3 e 4 pertencem a ânforas de tipo Almagro 51A-B.

⁽¹⁴⁾ Yeja-se Joaquim RASTEIRO, 1897.

⁽¹⁵⁾ Entre outros, Yitor GONÇALVES, 1964, p. 5.

⁽¹⁶⁾ Id., *ibid.*, fig. 9, I e II.

CATÁLOGO

1. (Est. XVII, n.º 1494) Ânfora de tipo Dressei 14. Fabrico do Sado. Bordo perolado.
Pasta alaranjada, com pequenas areias, alterada pelas águas do rio. Recolhido do fundo do estuário do Sado, na confluência com a ribeira de Aravil.
Diâmetro da boca: 16,8 cm.
2. (Est. XVII, n.º 2906) Ânfora de tipo Dressel 14. Fabrico do Sado. Bordo triangular com a face superior convexa.
Pasta alaranjada, de pequenas areias, sem micas visíveis, aspecto folheado, com pequenas fendas. Superfícies alaranjadas, mais claras do que a pasta.
Os vestígios de cal que apresenta nas superfícies sugerem-nos que o fragmento tenha sido reutilizado como material de construção.
Diâmetro da boca: 17 cm.
3. (Est. XVII, n.º 2980) Ânfora. Fabrico do Sado. Lábio alto, almendrado e esvasado.
Pasta relativamente fina, muito micácea, de pequeníssimas micas, branda, de aspecto folheado, com alvéolos.
Diâmetro impossível de determinar.
4. (Est. XVII, n.º 2880) Ânfora. Fabrico do Sado. Lábio alto, ligeiramente almendrado e esvasado.
Pasta alaranjada, branda, muito micácea, com pequenas fendas e alvéolos ferruginosos.
Diâmetro da boca: 12 cm.
5. (Est. XVII, n.º 2905) Ânfora de tipo Almagro 51 C. Fabrico do Sado. Lábio triangular.
Pasta laranja-amarelada, com pequenas areias e pequeníssimas micas. Superfícies muito micáceas e alteradas pela água.
Diâmetro da boca: 12 cm.
6. (Est. XVII, n.º 2884) Ânfora de tipo Almagro 51 G. Fabrico do Sado. Boca esvasada de lábio triangular. Asa de fita, trilobada, nascendo da sobeira do bordo.
Pasta alaranjada, fina e dura, com pequeníssimas micas, raras areias atingindo os 2 mm.
Diâmetro da boca: 11,8.
7. (Est. XVII, n.º 2889) Tampa de ânfora. Fabrico do Sado. Circular com pegadeira central.
Pasta alaranjada, arenosa de pequenas areias. Superfícies mais rosadas, alisadas e rugosas.

8. (Est. XVII, n.º 2913) *Tegula*. Fabrico do Sado. Bordo em meia-cana Superfícies beges, mais escura na base. Largo cerne avermelhado. Queimada e distorcida pela cozedura.
Altura do bordo: 5,2 cm. Altura do corpo: 1,8 cm.
9. (Est. XVIII, n.º 2917) Garrafa. Possivelmente fabrico do Sado. Colo alto e apertado, com um cotovelo de onde nasce uma asa de fita. Corpo prismático, de paredes oblíquas e arqueadas.
Pasta alterada pela água, bicolor, ocre-alaranjada, cinzento-esverdeada para o interior. Branda, com pequenas areias, micácea, nódulos ferruginosos. Superfície exterior rolada, interior de tonalidade alaranjada.
Diâmetro máximo do bojo: 21,7 cm.
10. (Est. XVII, n.º 2878) Pote. Fabrico do Sado. Bordo ligeiramente revirado para fora, ombros convergentes e quase rectos.
Pasta arenosa, queimada do forno.
Diâmetro da boca: 16,4 cm.
11. (Est. XVII, n.º 2881) Pote. Fabrico do Sado. Bordo revirado para fora e arqueado, ombros arredondados.
Pasta arenosa, queimada da cozedura.
Diâmetro da boca: 14,9 cm.
12. (Est. XVII, n.º 2903) Pote. Fabrico do Sado. Bordo revirado para fora e arqueado, ombros quase rectos.
Pasta ocre-acinzentada, branda, muito micácea, relativamente depurada, com pequenas areias e fendas. Superfícies muito micáceas, alteradas pela água.
Diâmetro da boca: 14,9 cm.
13. (Est. XVIII, n.º 2877) Pequena talha. Fabrico do Sado. Bordo em forma de rim, dobrado sobre os ombros.
Pasta de tonalidade alaranjada, dura, relativamente fina, micácea, de aspecto folheado, com pequenos alvéolos e fendas atingindo os 4 mm, abundantes nódulos ferruginosos. Superfícies bege-rosadas, alisadas.
Diâmetro da boca: 22 cm.
14. (Est. XVIII, n.º 2910) Taça. Fabrico do Sado. Bordo amendoado, copa em dois lanços, com cotovelo bem marcado.
Pasta queimada da cozedura.
Diâmetro da boca: 29,1 cm.
15. (Est. XVIII, n.º 2888) Tacho? Fabrico do Sado. Bordo em aba mais sobressaliente para o interior, corpo cilíndrico.
Pasta queimada da cozedura.
Diâmetro da boca: 27,5 cm.

16. (Est. XVIII, n.º 2876) Almofariz ou alguidar. Fabrico do Sado. Bordo amendoado, sobressaliente para ambos os lados. Copa arqueada.
Pasta alaranjada, com pequeno cerne acinzentado, aspecto folheado com fendas e alvéolos, micácea, com pequenas areias e nódulos ferruginosos. Superfícies beges, alisadas mas rugosas.
Diâmetro da boca: 41, 8 cm.
17. (Est. XVIII, n.º 2875) Almofariz ou alguidar. Fabrico do Sado. Bordo amendoado, largo, sobressaliente para ambos os lados, copa arqueada.
Pasta castanho-acinzentada, dura, arenosa, muito micácea. Superfícies beges, com manchas acinzentadas do contacto com o fogo.
Diâmetro da boca: 31 cm.
18. (Est. XVIII, n.º 2914) Taça? Fabrico do Sado. Bordo arqueado dentro, paredes esvasadas.
Pasta laranja-amarelada, dura, de aspecto folheado, com pequenas areias e minúsculas micas. Superfície interna alaranjada, da tonalidade da pasta. Superfície externa com engobe ocre-alaranjado e bandas largas de alisamento.
19. (Est. XVIII, n.º 2887) Alguidar? Fabrico do Sado. Bordo triangular, engrossado para o interior, corpo tronco-cónico a tender para o cilíndrico.
Pasta alaranjada, dura e relativamente fina, muito micácea, com fendas e alvéolos. Superfície externa com engobe acinzentado.
Diâmetro da boca: 39 cm.
20. (Est. XIX, n.º 2915) Almofariz. Terra sigillata clara D. Forma Lamboglia 38, Hayes 91.
Pasta alaranjada, com muitas calcites, branda. «Verniz» alaranjado na superfície interna e sobre o gancho externo. Superfície externa sem «verniz», com bandas de alisamento e ranhuras provocadas pelo arrastamento dos elementos não-plásticos.
Diâmetro da boca: 25,6 cm.
21. (Est. XIX, n.º 2901) Tigela. Terra sigillata clara D. Forma Lamboglia 57, Hayes 73.
Pasta rosada, branda, de aspecto folheado, com pequenas fendas e pequenas calcites. «Verniz» afectado pela água, existente sobre a superfície interna, fino, rosado. Superfície exterior alisada, com pequenos sulcos provocados pelo arrastamento das areias.
Diâmetro da boca: 17 cm.

22. (Est. XIX, n.º 2915) *Idem*.
Pasta alaranjada, dura, com pequenas calcites e fendas. «Verniz» alterado pela água e apenas cobrindo a superfície interna, alaranjado, muito fino e sem brilho. Riscos de arrastamento das areias na superfície exterior.
Diâmetro da boca: 18,1 cm.

Fornos da Morgada. Primeira notícia

Os fornos da Morgada encontram-se entre os que descobrimos graças à análise das cartas geológicas e das fotografias aéreas. Ficam situados na margem esquerda do Sado a cerca de 1 km para Oeste da ponte de caminho de ferro. Utilizariam as argilas dos terraços plistocénicos que lhes estão próximos (155.4 N., 165.2 E., segundo a Carta Militar 1:25.000, n.º 476).

Para além de pequenos fragmentos de potes, no que respeita a ânforas, apenas foram encontrados vestígios de fabrico de Dressel 14 (Est. XX), com os lábios espessados, extrovertidos e vestígios de assentamento. Bicos fundeiros troncocónicos, de glande pronunciada e superfície interna em bola. Dois apresentam marcas de controlo, um «B» esgrafitado quando a ânfora se encontrava invertida. O fabrico é típico do Sado, de pasta clara, arenosa e micácea.

O fragmento n.º 9 pertence a um prato covo, revestido com um engobe vermelho-pompeiano. O tipo de pasta aparenta uma origem local.

CATÁLOGO

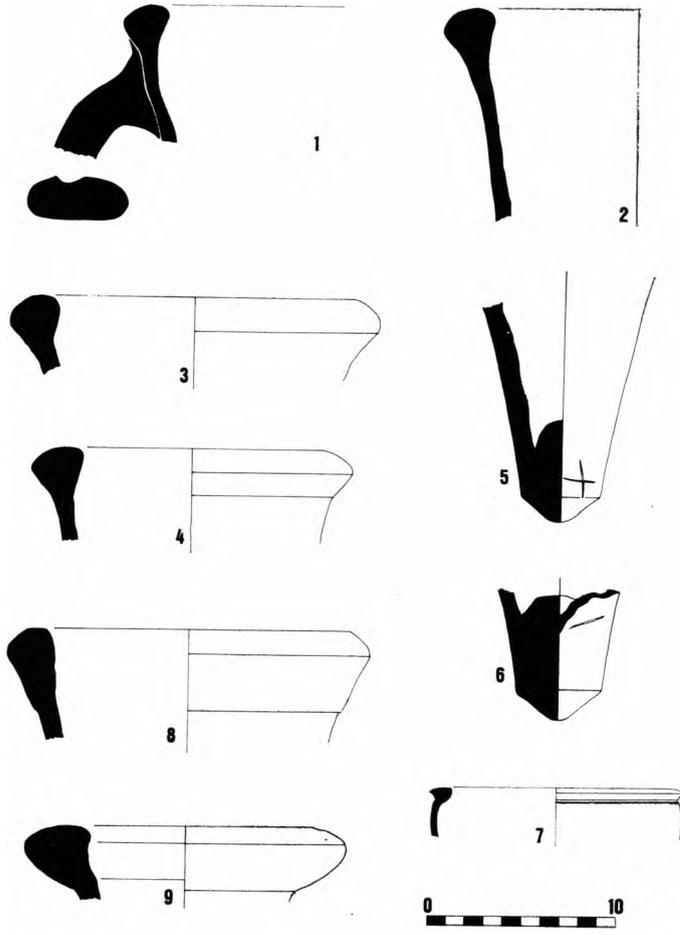
1. (Est. XX) Fragmento de boca, colo e asa de Dressel 14. Lábio extrovertido, espessado e saliente, a tender para o quadrangular. Diâmetro do lábio: 175 mm.
2. (Est. XX) Fragmento de boca e colo de Dressel 14. Lábio extrovertido, triangular/convexo, de aresta viva. Diâmetro do lábio: 177 mm.
3. (Ext. XX) Fragmento de boca e colo de Dressel 14. Lábio extrovertido, espessado, triangular/convexo e saliente. Diâmetro do lábio: 190 mm.

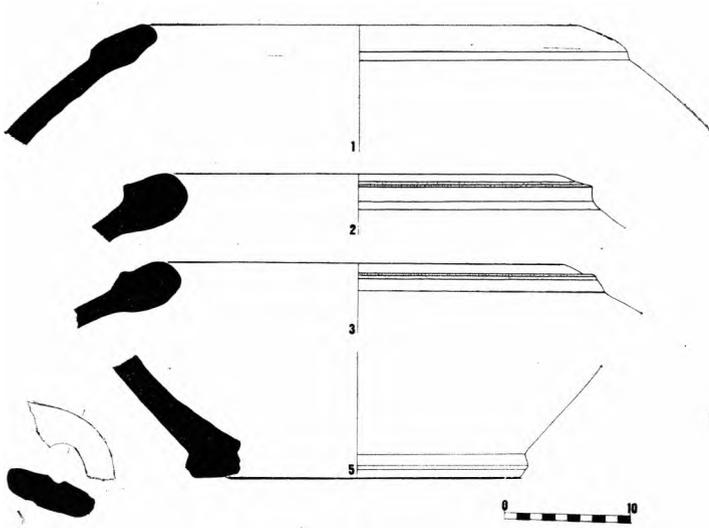
4. (Est. XX) Fragmento de boca e colo de Dressel 14. Lábio extrovertido, espessado e saliente, a tender para o quadrangular. Diâmetro do lábio: 180 mm.
5. (Est. XX) Fragmento de boca e colo de Dressel 14. Lábio ligeiramente extrovertido, espessado, triangular/convexo, de sobeira moldurada.
6. (Est. XX) Fragmento de bico fundeiro de Dressel 14. Troncocônico, terminando em glande e interior em bola. Tem um «B» invertido, esgrafitado na superfície externa (77 X X 24 mm.). Diâmetro da glande: 43 mm.
7. (Est. XX) Fragmento de bico fundeiro de Dressel 14. Troncocônico, terminando em glande e interior em bola. Conserva vestígios de um «B» invertido, esgrafitado na superfície externa. Diâmetro da glande: 40 mm.
8. (Est. XX) Fragmento de bico fundeiro de Dressel 14. Troncocônico, terminando em glande e interior em bola. Diâmetro da glande: 41 mm.
9. (Est. XX) Fragmento de bordo e copa de prato covo. Bordo vertical, espessado, a tender para o biselado. Pasta castanho-alaranjada, de aspecto folheado, branda e arenosa, com pequenos nódulos ocres, partículas negras, grãos de cal e abundantes quartzos leitosos e micas. Superfícies mostrando bandas de alisamento e cobertas com um engobe vermelho-pompeiano, aplicado por imersão. Diâmetro do bordo: 235 mm.

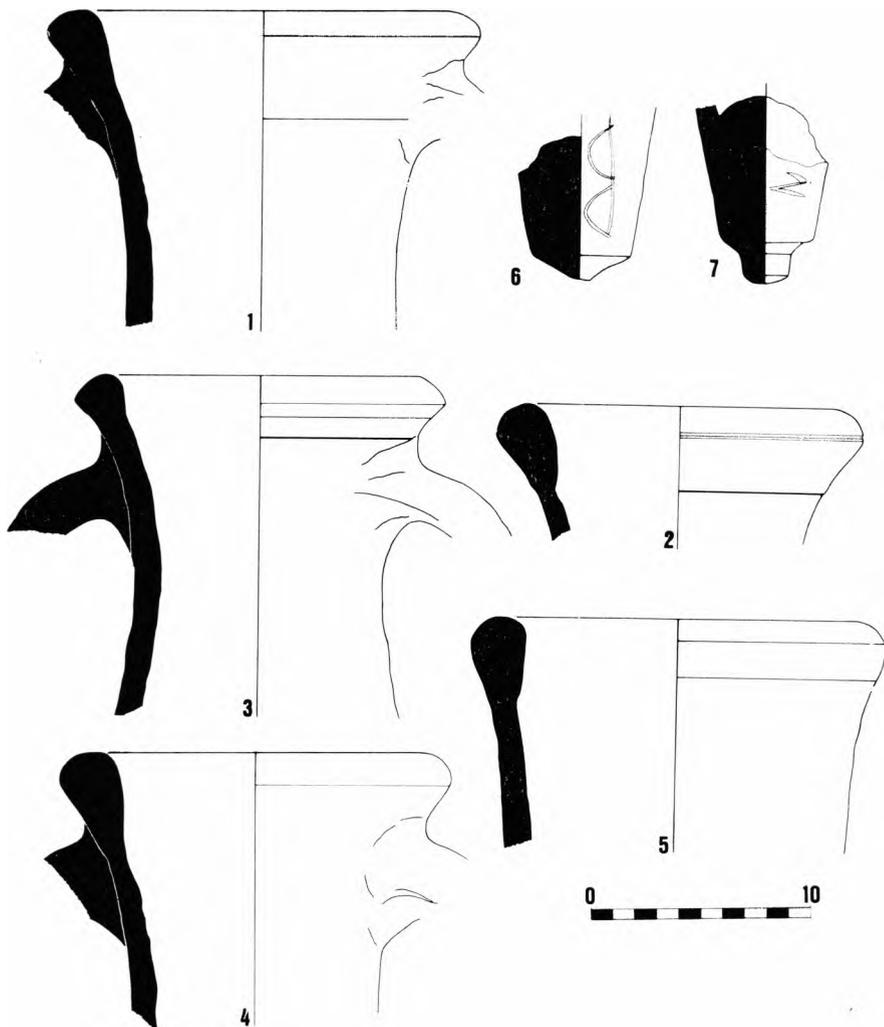
BIBLIOGRAFIA

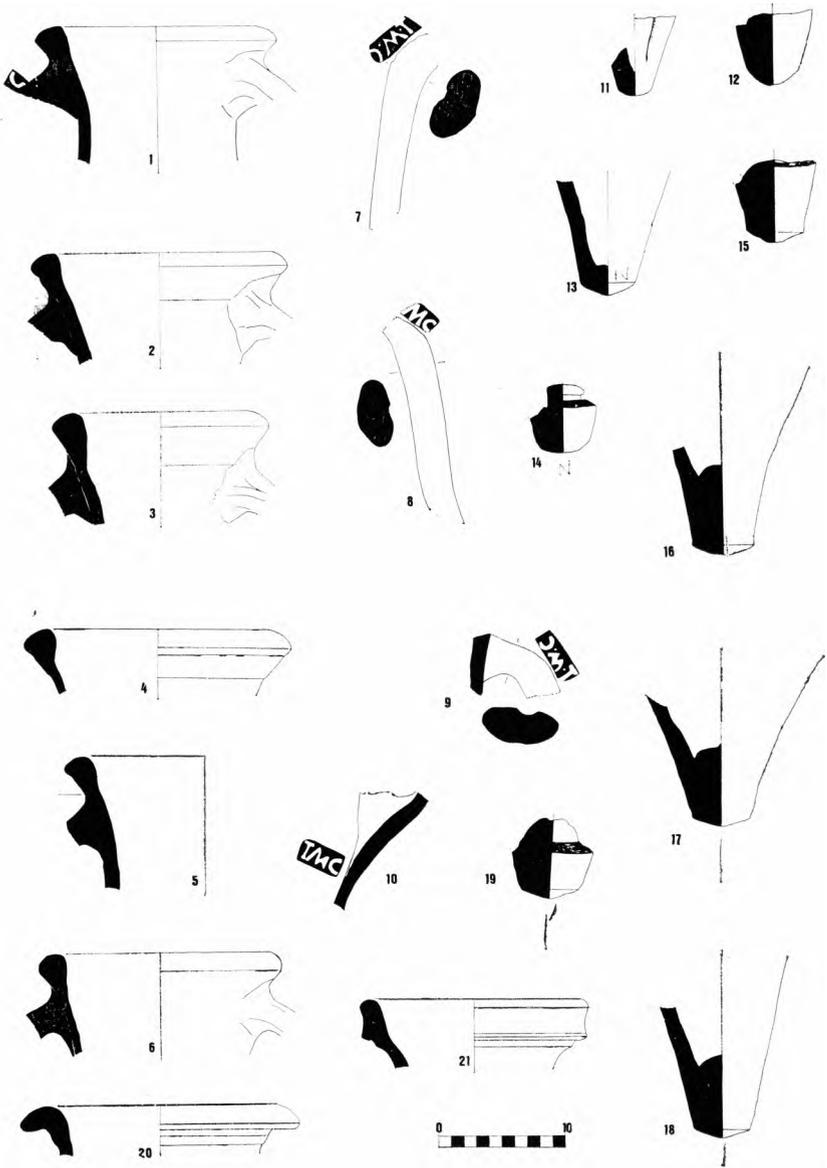
- ALARCÃO, Jorge de, 1974, *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*, Coimbra.
- ALARCÃO, Jorge de, Manuela DELGADO, Françoise MAYET, Adília Moutinho de ALARCÃO, Salete da PONTE, 1976, *Fouilles de Conimbriga. VI — Céramiques diverses et verres*, Paris.
- ALMEIDA, F. de, G. ZBYZEWSKI, O. da Veiga FERREIRA, 1971, *Descoberta de fornos lusitano-romanos na região da Mar ateca [Setúbal]*, «O Arqueólogo Português», Sér. Ill, Vol. V, Lisboa, p. 155-165.
- BAPTISTA, Joaquim Correia, 1896, *Salada*, «O Archeólogo Português», Vol. II, n.º 1, Lisboa, p. 5-10.

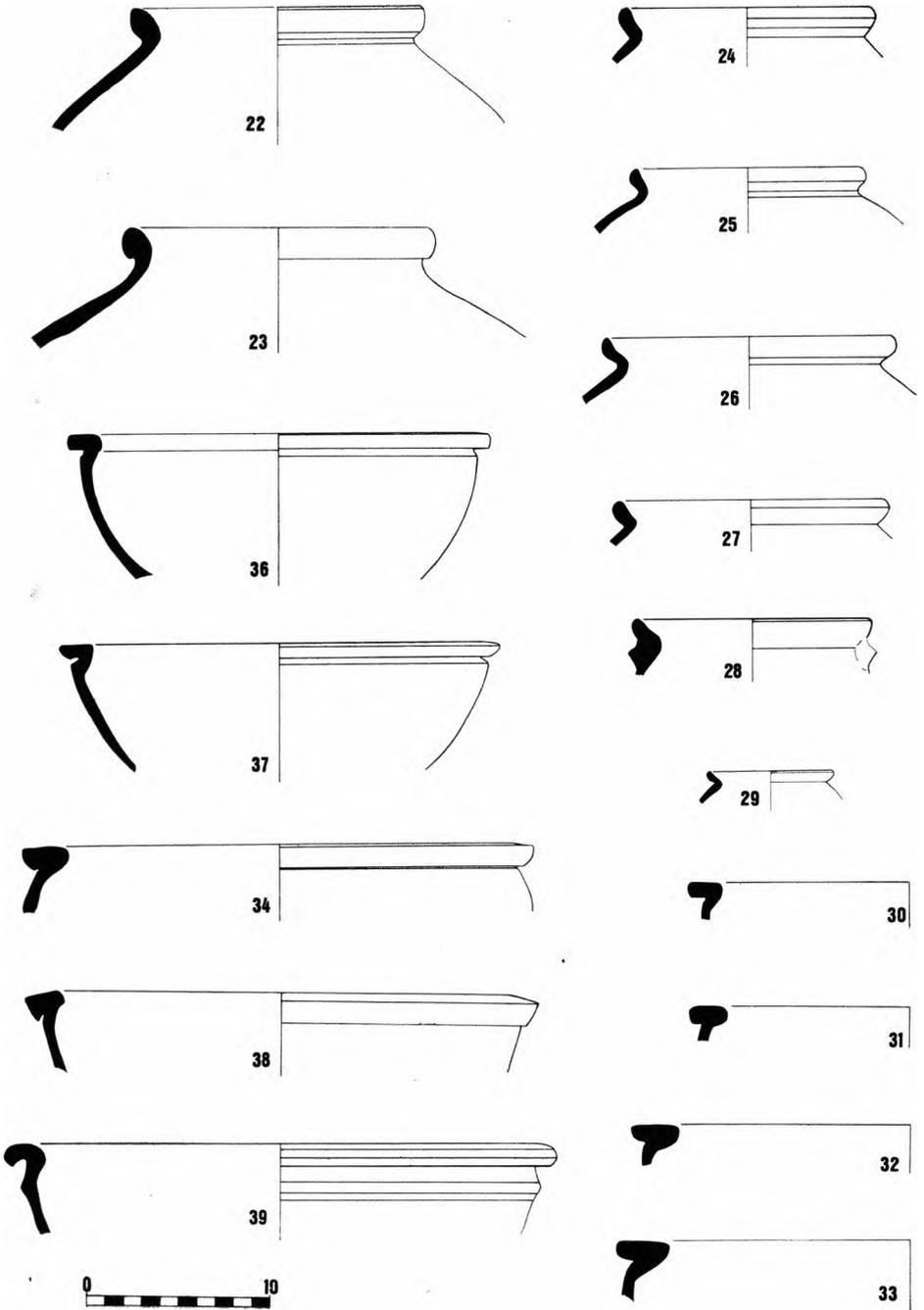
- BELTRÁN LLORIS, M., 1970, *Las ánforas romanas en España*, Saragoça.
- CARDOSO, G., 1978, *Ânforas romanas no Museu do Mar (Cascais)*, «Conimbriga», XVII, Coimbra, p. 63-78.
- COELHO-SOARES, A. e C. TAVARES DA SILVA, 1978, *Ânforas romanas da área urbana de Setúbal*, «Setúbal Arqueológica», IV, Setúbal, p. 171-201.
- 1979, *Anforas romanas da Quinta da Alegria (Setúbal)*, «Setúbal Arqueológica», V, Setúbal, p. 205-221.
- COSTA, A. I. Marques da, 1905, *Estações prehistóricas dos arredores de Setúbal*, «O Archeologo Português», Vol. X, n.º 6 a 9, Lisboa, p. 185-193.
- DELGADO, M., F. MAYET e A. MOUTINHO DE ALARCÃO, 1975, *Fouilles de Conimbriga. IV — Les sigillées*, Paris.
- DiOGO, A. M. Dias, 1980, *Fornos de ânforas do Monte do Bugio. Notícia preliminar*, «Conimbriga», XX, Coimbra, p. 147-150.
- 1983, *Fornos de ânforas do Monte da Enchurrasqueira e do Vale da Cepa. Notícia preliminar*, «Conimbriga», XXII, Coimbra, p. 209-215.
- DiOGO, A. M. Tj&s, et alii, 1984, *O material dos fornos romanos da Enchurrasqueira no Museu do Mar, Cascais*, (Série Arqueológica, I, Sep. 3), Cascais.
- 1985, *O material dos fornos romanos do Abúl no Museu do Mar, Cascais*, (Série Arqueológica, I, Sep. 4), Cascais.
- FARIA, João Carlos L., Marisol A. FERREIRA, 1986, *Estações inéditas da época romana do concelho de Alcácer do Sal. Breve notícia*, «Conimbriga», XXV, Coimbra, 41-51.
- FERREIRA, O. da Veiga, 1966-67, *Algumas considerações sobre as fábricas de conservas de peixe da Antiguidade encontradas em Portugal*, «Arquivo de Beja», XXIII-XXIV, Beja, p. 123-134.
- GONÇALVES, Vítor dos Santos, 1964, *Notas sobre algumas povoações dos arredores de Setúbal. I — A estação romana da Comenda e o problema da desapareição de Cetóbriga*, «Boletim da Sociedade de Espeleologia Portuguesa», Vol. II, n.º 1, Lisboa, p. 1-14.
- KEAY, S. J., 1984, *Late Roman Amphorae in the Western Mediterranean. A typology and economic study: the Catalan evidence*, Oxford.
- MAYET, Françoise, 1975, *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique*, Paris.
- NOLEN, J., 1976-77, *Alguns fragmentos de «paredes finas» de Miróbriga*, «Setúbal Arqueológica», II-III, Setúbal, p. 423-452.
- PARKER, A. J., 1977, *Lusitanian amphoras*, in *Méthodes classiques et méthodes formelles dans l'étude des amphores*, Roma, p. 35-46.
- RASTEIRO, Joaquim, 1897, *Notícias arqueológicas da Península da Arrábida*, «O Archeologo Português», III, n.º 1 e 2, Lisboa, p. 4 e 5.
- SILVA, Carlos TAVARES de, et alii, 1890-81, *Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979)*, «Setúbal Arqueológica», VI-VII, Setúbal, p. 149-218.
- VASCONCELOS, J. Leite de, 1898, *Excursão archeologica ao Sul de Portugal*, «O Archeologo Português», IV, n.º 1-6, Lisboa, p. 103-134.

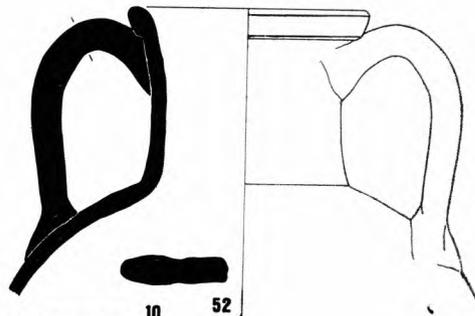
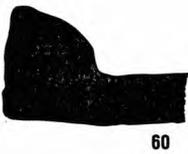
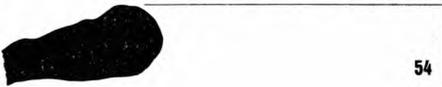
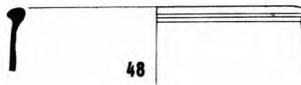
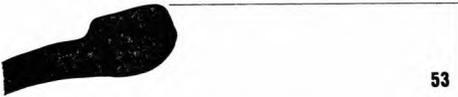
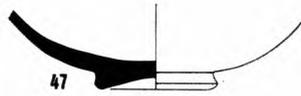
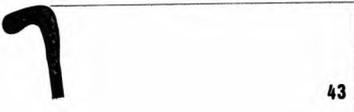
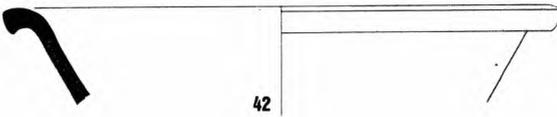
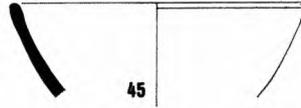
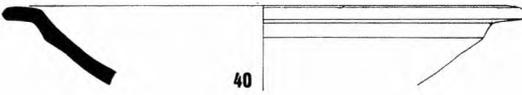
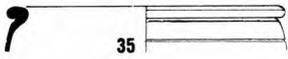


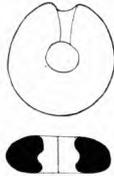
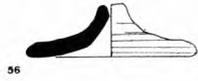
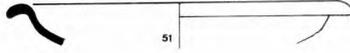


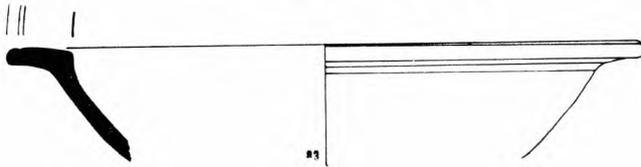
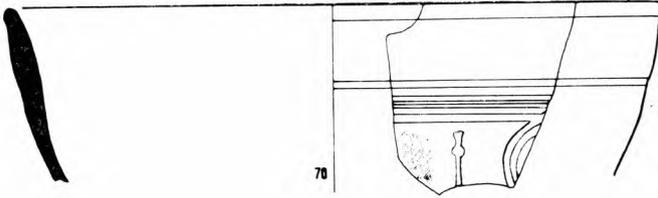
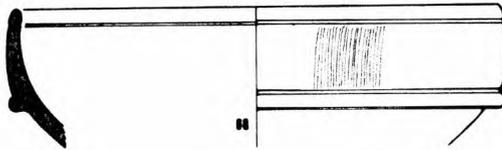
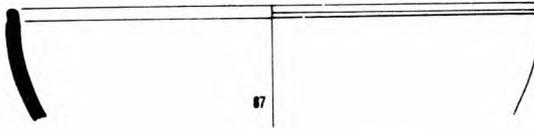
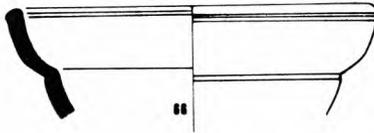
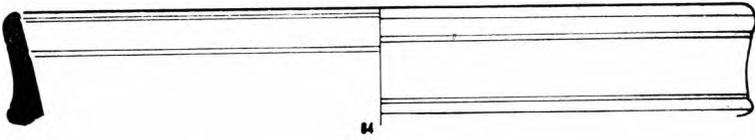


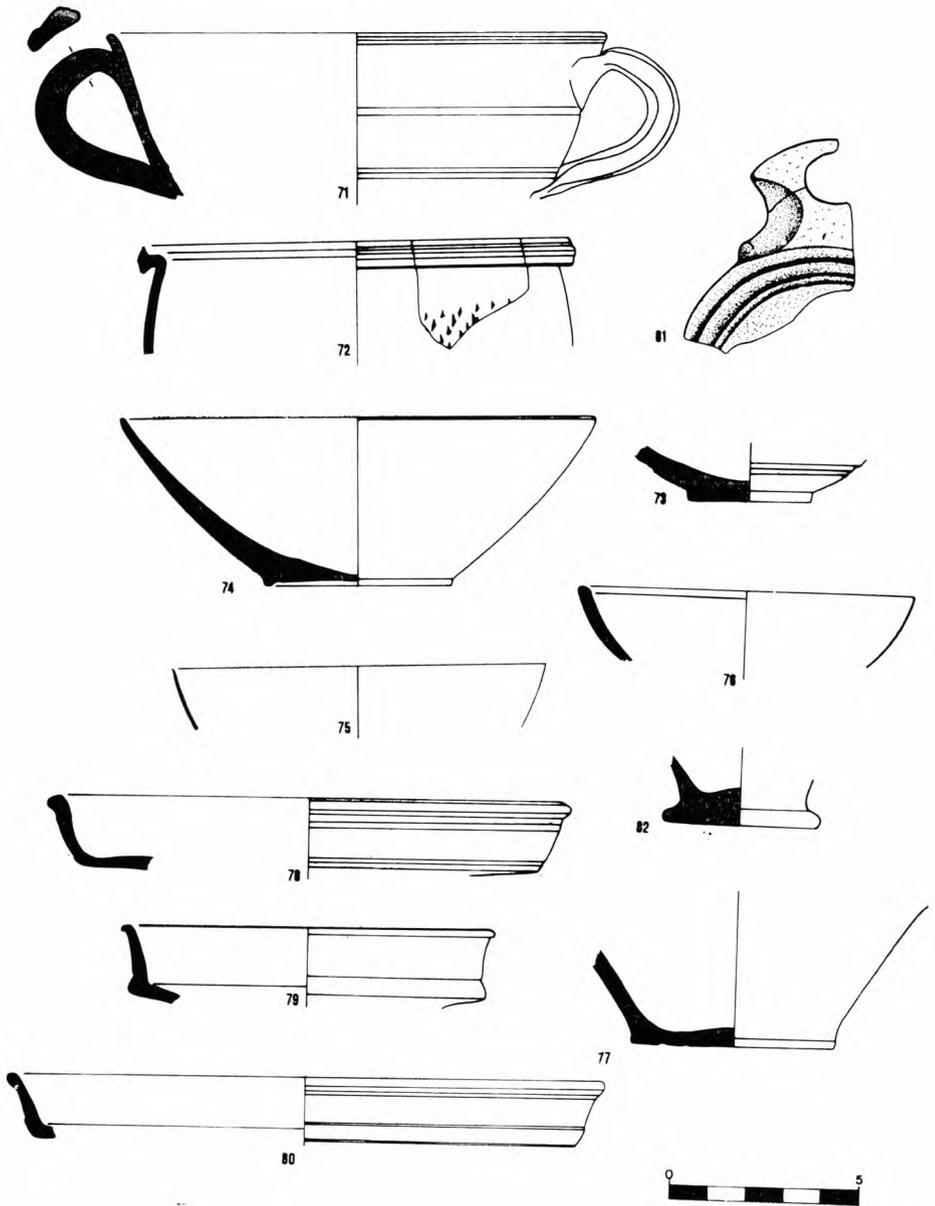


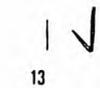
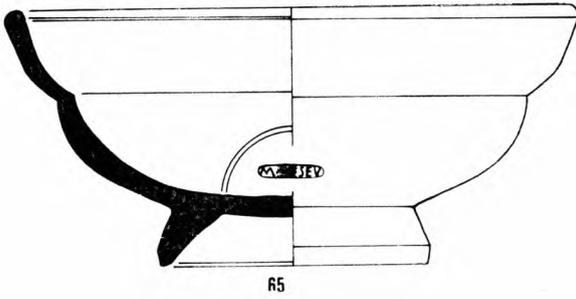
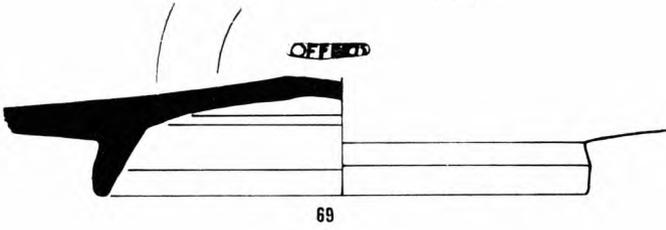


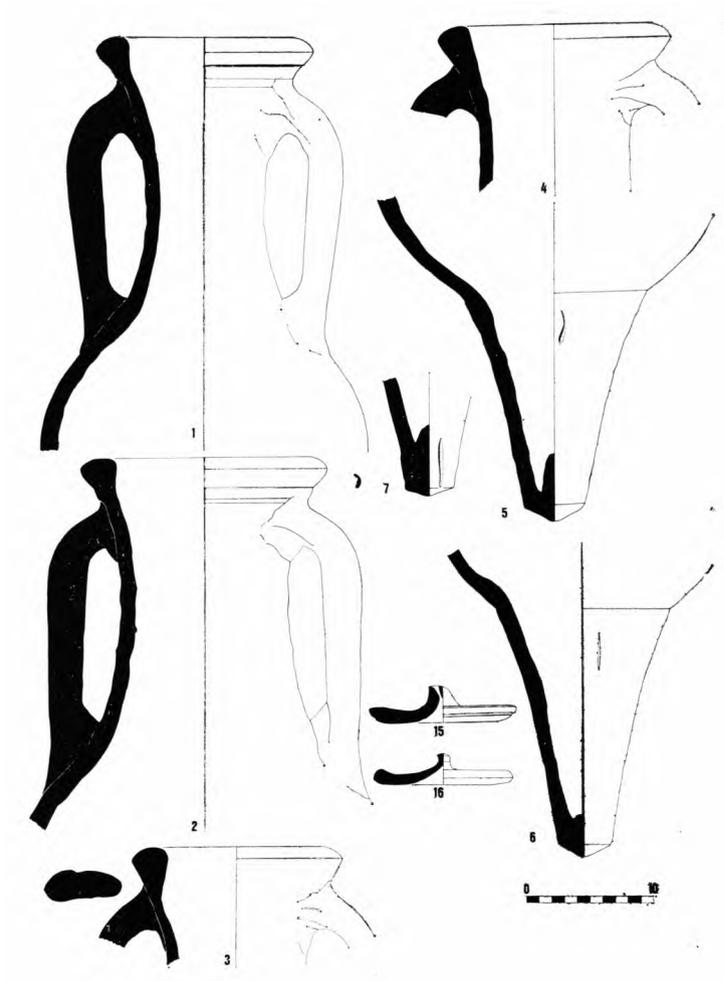


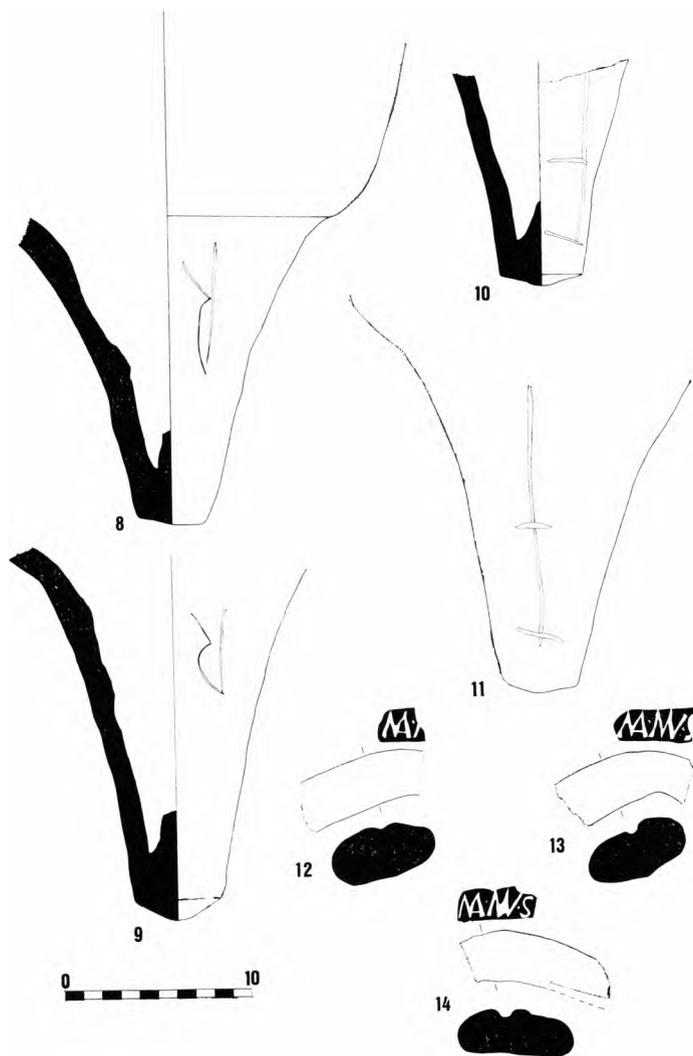


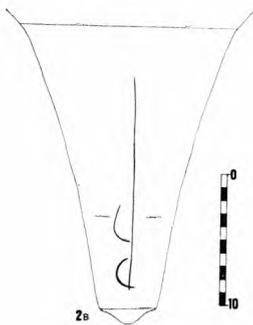


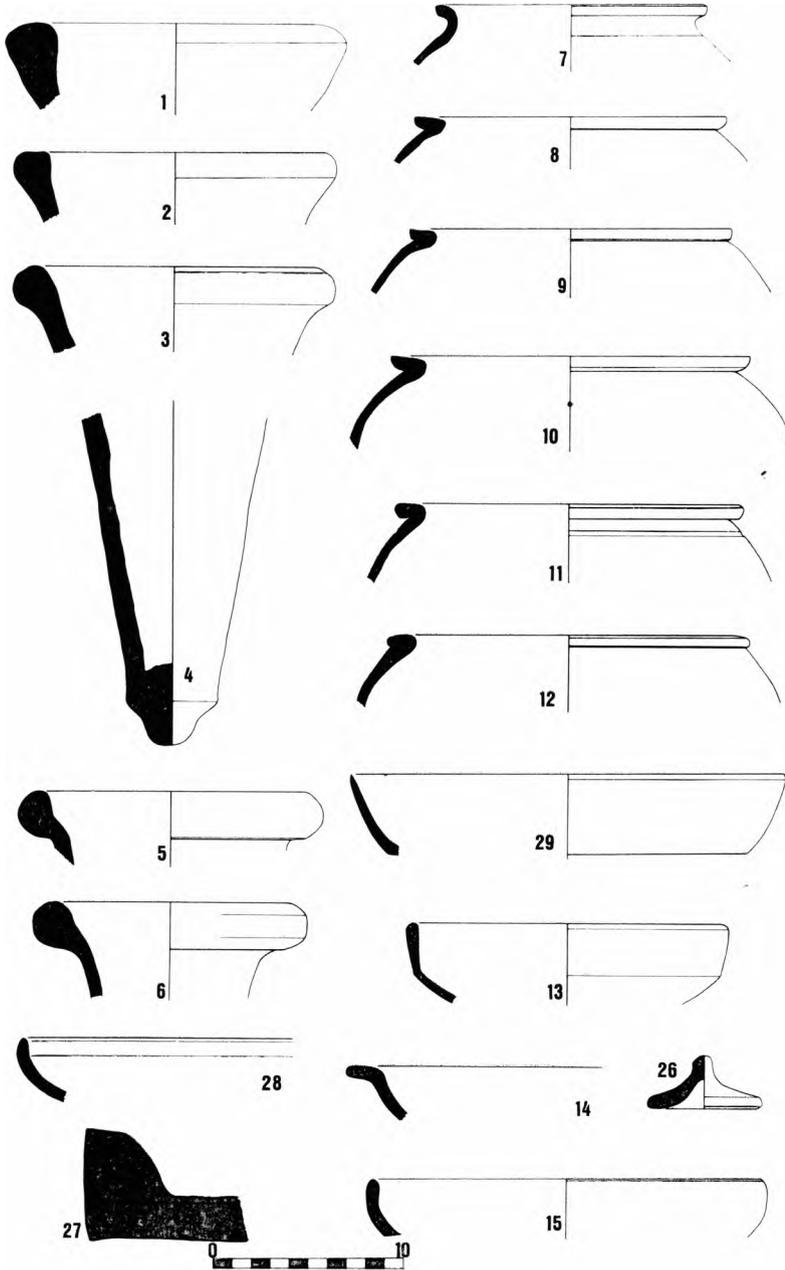


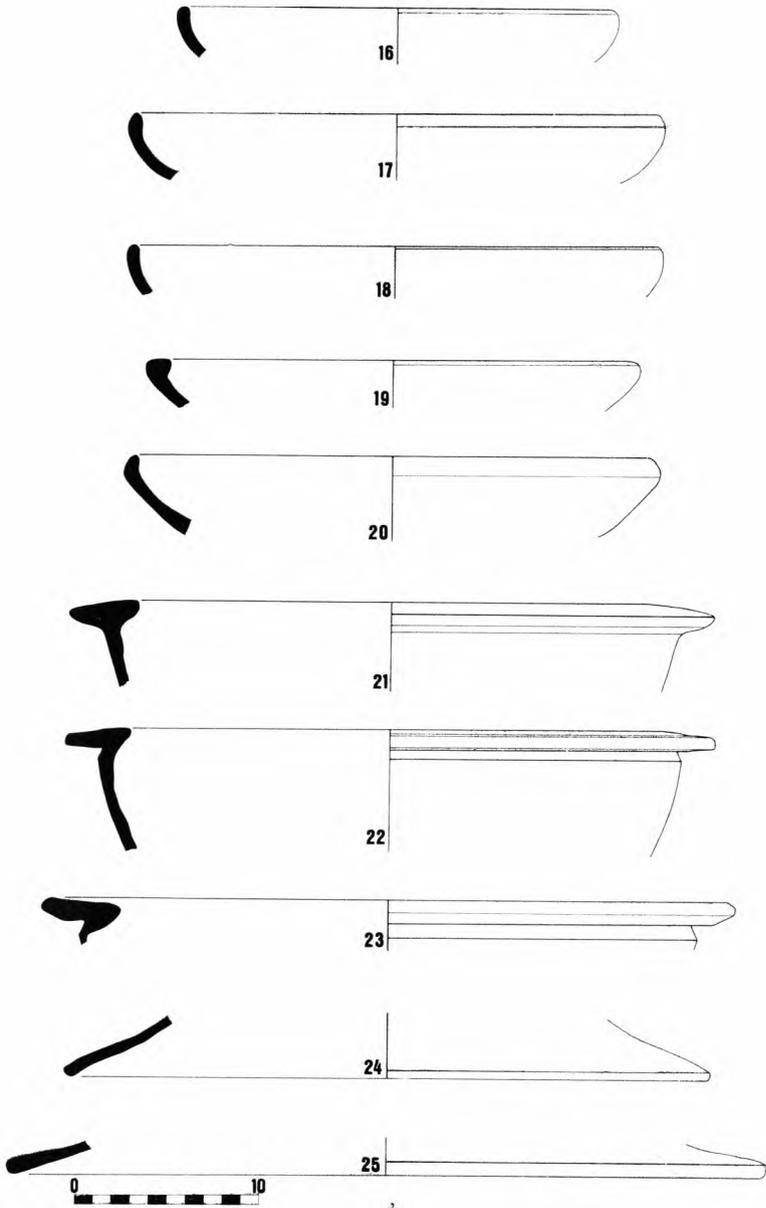


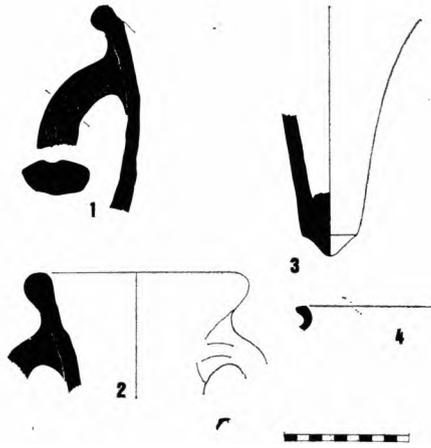


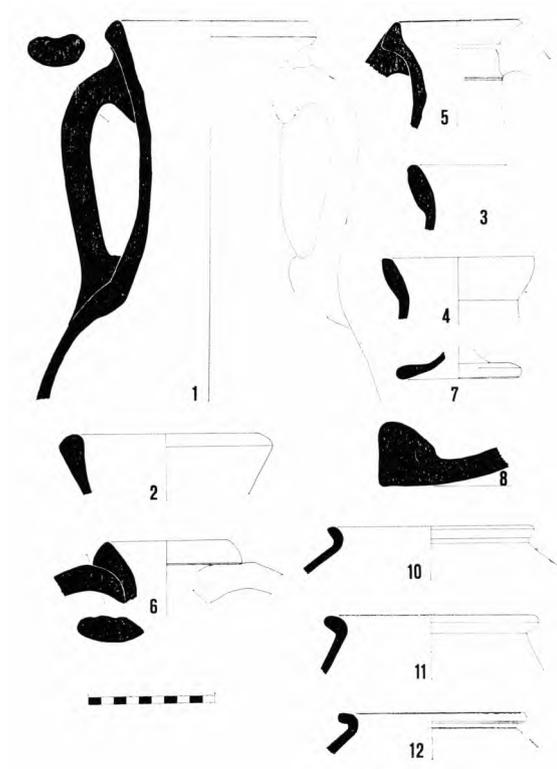


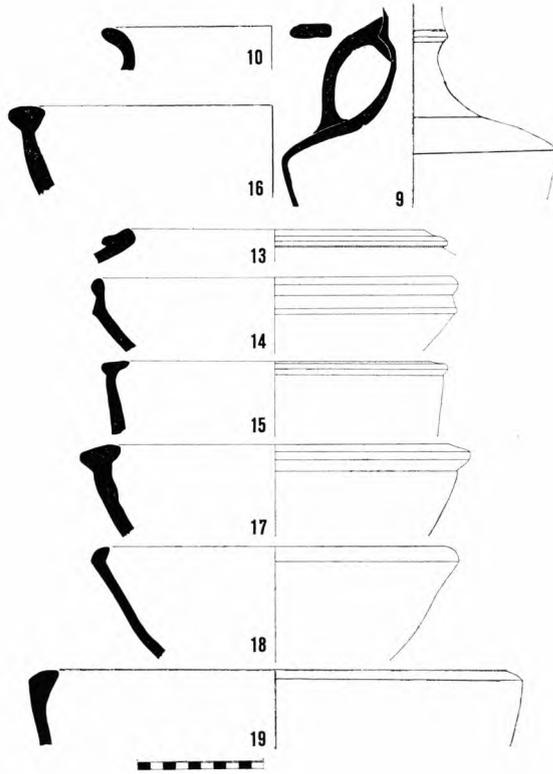


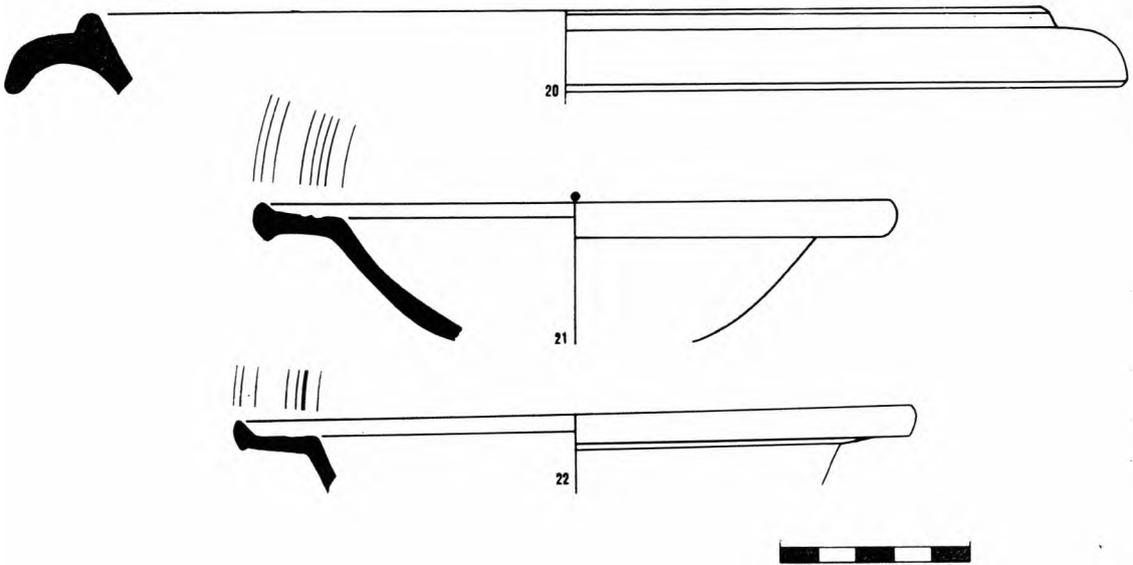


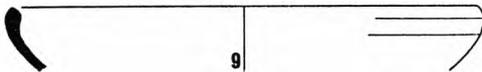
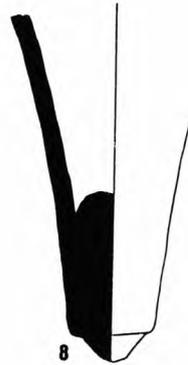
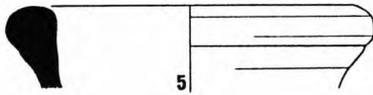
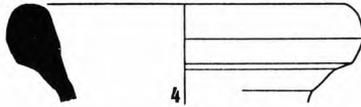
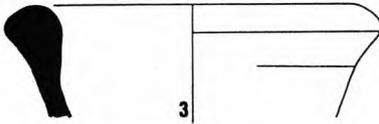
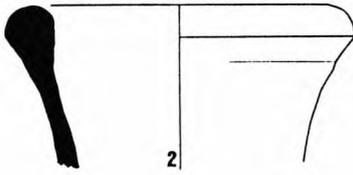
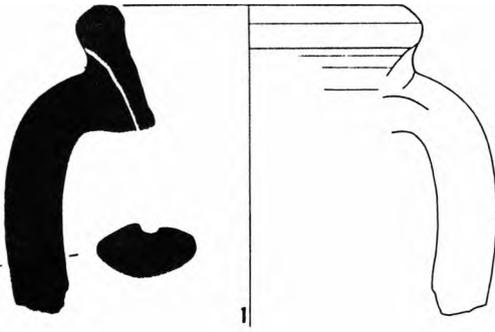


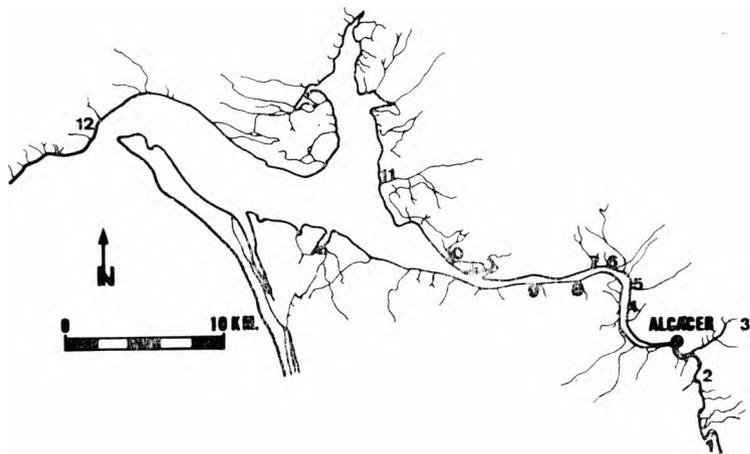




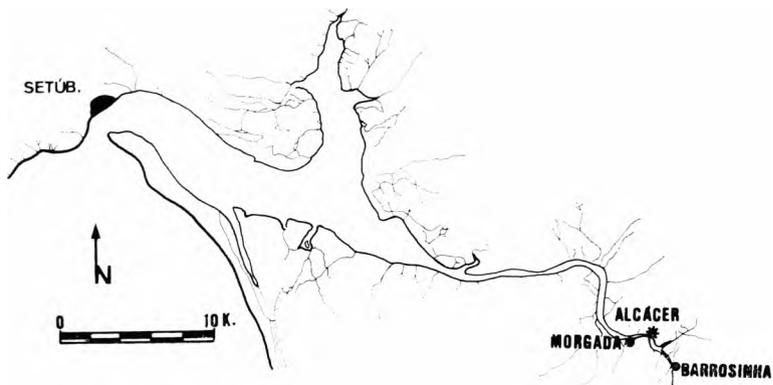








MAPA 1 — Localização de algumas estações do Baixo Sado: 1—Arapouca, 2— Barrosinha, 3 — Porto da Lama, 4 — Bugio I, 5 — Bugio II, 6 — Vale da Ceba, 7 — Enchurrasqueira, 8 — Batalha, 9 — Casa Novas, 10 — Abúl, 11 — Pinheiro, 12 — Comenda.



MAPA 2 — Localização da Morgada no curso inferior do Sado.

A. M. DIAS DIAGO

Assistente convidado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa

FRANCISCO REINER

Colaborador científico do M. N. A. E.

**DUAS NOTÍCIAS SOBRE FORNOS ROMANOS DE FABRICO
DE ÂNFORAS**

«Conimbriga», XXVI (1987), p. 113-124

RESUMO : Nestas duas pequenas notas, os Autores contribuem para a caracterização dos fabricos dos fornos anfóricos de Sines e do Murtinhal, cuja produção era desconhecida.

SUMMARY: The AA. publish material from two amphora kilns whose production was unknown. Both kilns produced amphorae for local fish-processing establishments.

(Página deixada propositadamente em branco)

DUAS NOTÍCIAS SOBRE FORNOS ROMANOS DE FABRICO DE ÂNFORAS

Ânforas romanas das colecções do Museu Municipal de Sines

Para além de material recolhido de forma ocasional ou em prospecções de superfície, o Museu Arqueológico Municipal de Sines conserva fragmentos de ânforas provenientes de duas escavações efectuadas pelo seu Director em 1961 e 1962. A primeira, num forno circular de fabrico de cerâmica, situado próximo da muralha este do castelo (Est. V). A última, num conjunto de cetárias na falésia sobre a praia, hoje em dia quase totalmente destruídas pela construção da estrada que, também a este, desce do castelo para a praia (Est. V, Foto 1). Agradecemos vivamente ao Sr. Dr. José Miguel da Costa o ter-nos permitido publicar as ânforas encontradas nas suas escavações (1).

Ambas as construções eram já conhecidas, embora apenas divulgadas através de curtas notas (2), e não se encontrava definido o tipo de material produzido no forno. A nossa atenção para esta questão foi provocada pela relação cetárias/fornos que, com toda a probabilidade, indicaria uma produção local de ânforas, para envase dos produtos transformados nas cetárias.

Para além do material recolhido na região, o Museu Municipal conserva uma ânfora encontrada no rio Sado, comprada há vários anos pelo seu director, uma forma nova a que chamámos Lusitana 1 em outro trabalho (Est. Ill, n.º 33). De fabrico sadino,

(9 Assim como aos Srs. José Manuel Silva Cavalinhos e Joaquim Baptista Yilhena da Silva, funcionários do Museu.

(2) Veja-se Jorge de ALARCÃO, p. 148 e 149.

e para a qual temos paralelos com a mesma origem. Trata-se de uma forma híbrida, de boca e asas influenciadas por protótipos púnicos, e de fundo muito semelhante ao das Dressel 14, já com marca de controlo esgrafitada no bico fundeiro troncocónico, terminando em glande ainda pouco pronunciada e de interior oco. Também uma boca de Dressel 30 fabricada no Sado, o nosso tipo Lusitana 3, será publicada por nós em outro trabalho, incluída num importante conjunto proveniente da área do Cabo Sardão e que tem vindo à tona de água graças à pesca de arrasto.

Do material recolhido localmente, podemos observar dois conjuntos: as importadas, e as de fabrico local. Trata-se, quanto a estas últimas, de formas Dressel 14, Beltrán 52, Almagro 50, 51 c e similares, por vezes classificadas por nós como 51 c, por o fragmento ser demasiado pequeno para permitir a leitura da forma (veja-se o n.º 29, por exemplo). São fabricadas numa pasta muito característica, de tonalidades variando entre o alaranjado e o acastanhado, branda, arenosa, com quartzos e pequenos nódulos ocres, e muito micácea, com abundantes partículas de mica dourada, muito comum nas rochas indígenas.

Finalmente, é ainda de referir que a ânfora 4, uma forma Dressel 20, datável, pelo bordo, da 2.ª metade do séc. n, inícios do ui, foi reutilizada como sepultura pelo que lhe fizeram um buraco no bojo.

CATÁLOGO

1. (Est. I) Fragmento de boca e colo de Dressel 20. Lábio muito espessado, saliente, a tender para o quadrangular e dobrado para o interior, sobeira moldurada.
Pasta laranja-clara, dura e compacta, com raras areias, pequenos quartzos hialinos e leitosos, calcites, minúsculos nódulos ocres e partículas negras.
Diâmetro do lábio: 160 mm. 2*****
2. (Est. I) Fragmento de boca e colo de Dressel 20. Lábio muito saliente, triangular, dobrado para o interior.
Pasta creme-alaranjada, muito dura, com pequenas areias, quartzos hialinos e leitosos, calcites, minúsculos nódulos ocres e partículas negras.
Diâmetro do lábio: 180 mm.

3. (Est. I) Fragmento de boca e colo de Dressel 20. Lábio saliente, triangular, dobrado para o interior e sobeira moldurada.
Pasta bege-acinzentada, dura, com pequenas areias, quartzos hialinos e leitosos, calcites, minúsculos nódulos ocre e partículas negras.
Diâmetro do lábio :164 mm.
4. (Est. III) Ânfora fragmentada a que falta o fundo. Lábio muito saliente, triangular, de sobeira moldurada. Asas de rolo, semi-circulares, arrancando do colo. Colo curto e côncavo, bojo ovalóide. Pasta rosada, dura, com pequenas areias, quartzos hialinos e leitosos, calcites, minúsculos nódulos ocre e inclusões negras. Superfície externa com engobe creme.
Diâmetro do lábio: 170 mm. Diâmetro médio do colo: 120 mm. Diâmetro máximo do bojo: 535 mm. Altura conservada: 600 mm. Tem um buraco quase circular, de 180 mm de diâmetro, talhado na parte superior do bojo.
5. (Est. I) Fragmento de boca de Dressel 20. Lábio extrovertido, triangular, dobrado para o interior.
Pasta acinzentada, dura, com pequenas areias, quartzos hialinos e leitosos, calcites, minúsculos nódulos ocre e inclusões negras.
Diâmetro do lábio: 178 mm.
6. (Est. I) Fragmento de boca, colo e asa de Beltrán 72. Lábio ligeiramente extrovertido, de fita, saliente. Asa de fita ovalada, pendente, arrancando do bordo. Golo alto, ligeiramente extrovertido, com um sulco externo junto ao lábio.
Pasta amarelo-alaranjada, branda, micro-granulosa e muito fina, com pequeníssimos quartzos, inclusões ocre e partículas negras. Superfície externa com engobe creme.
Diâmetro do lábio: 182 mm.
7. (Est. I) Fragmento de boca, colo e asa de Almagro 50. Lábio extrovertido, triangular, saliente e pendente. Asa de fita ovalada, arrancando do lábio.
Pasta creme-rosada, branda e muito fina, com pequenas e abundantes calcites, quartzos, partículas negras e ocre.
Diâmetro do lábio: 184 mm.⁸
8. (Est. I) Fragmento de boca, colo e asa de Almagro 50. Lábio extrovertido, triangular, saliente e pendente, sobeira moldurada. Asa de fita ovalada, arrancando do lábio.
Pasta creme-escuro, branda e muito fina, com pequenas e abundantes calcites, quartzos, partículas negras e ocre.
Diâmetro do lábio: 168 mm.

9. (Est. I) Fragmento de boca e colo de forma Keay XLI. Lábio em aba oblíqua, saliente, pendente e introvertida. Colo concavo. Pasta bicolor, alaranjada, com uma faixa creme junto à superfície externa, dura e arenosa, de pequeno grão, com pequenas calcites, quartzos e minúsculos nódulos ocres. Engobe creme na superfície externa.
Diâmetro do lábio: 130 mm.
10. (Est. I) Fragmento de boca e colo de Gauloise 4. Lábio saliente, quadrangular/arredondado. Colo extrovertido.
Pasta creme-amarelada, com cerne alaranjado, muito fina, com pequenas calcites e minúsculas micas.
Diâmetro do lábio: 136 mm.
11. (Est. I) Fragmento de boca e colo de Keay XXV. Lábio extrovertido, arqueado e pendente.
Pasta avermelhada, muito dura e fina, com quartzos e abundantes pequenas calcites.
Diâmetro do lábio: 140 mm.
12. (Est. I) Fragmento de boca, colo e asa de forma Keay XXXVI B. Lábio alto, espessado, triangular/convexo. Asa de perfil em «V» invertido, espessa e arrancando da ligação lábio/colo.
Pasta bicolor: laranja-amarelada para o exterior, avermelhada para o interior. Dura e fina, com abundantes pequenas calcites e quartzos. Superfície externa coberta com película branca.
Diâmetro do lábio: 120 mm.
13. (Est. I) Fragmento de boca e colo Lusitana 3. Lábio de fita, saliente.
Pasta alaranjada, branda e arenosa, com abundantes quartzos hialinos e leitosos. Superfícies alisadas.
Diâmetro do lábio: 100 mm.
14. (Est. I) Fragmento de boca, colo e arranque superior de asa, de Lusitana 3. Lábio de fita, saliente e moldurado. Asa de fita, arrancando junto à sobeira do lábio.
Pasta alaranjada, de largo cerne acinzentado. Branda e arenosa, com abundantes quartzos leitosos e hialinos. Superfícies alisadas.
Diâmetro do lábio: 110 mm.
15. (Est. I) Fragmento de boca, colo e arranque superior de asa de Dressel 28. Lábio de fita, convexo, muito saliente e pendente. Asa arrancando do lábio e do colo.

Pasta alaranjada, clara, branda e arenosa, com quartzos leitosos e hialinos, nódulos ocres e inclusões negras. Superfície externa alisada.

Diâmetro do lábio: 120 mm.

16. (Est. II) Fragmento de boca, colo e arranque superior de asa de Dressel 14. Lábio extrovertido, perolado e saliente.
Pasta alaranjada, de fabrico local.
Diâmetro do lábio: 190 mm.
17. (Est. II) Fragmento de boca de Dressel 14. Lábio extrovertido, saliente e boleado.
Pasta alaranjada, com cerne acinzentado, de fabrico local.
Diâmetro do lábio: 200 mm.
18. (Est. II) Fragmento de boca e colo de Dressel 14. Lábio muito extrovertido e saliente, perolado, bilobado externamente por um sulco.
Pasta acastanhada, de fabrico local.
Diâmetro do lábio: 170 mm.
19. (Est. II) Fragmento de boca e colo de Dressel 14. Lábio muito saliente, convexo. Colo vertical.
Pasta alaranjada, de fabrico local.
Diâmetro do lábio: 170 mm.
20. (Est. II) Fragmento de boca e colo de Dressel 14. Lábio ligeiramente extrovertido, triangular/convexo, com fortes vestígios de assentamento.
Pasta alaranjada, de fabrico local.
Diâmetro do lábio: 170 mm.
21. (Est. II) Fragmento superior de Almagro 51 c. Lábio extrovertido triangular/boleado, saliente. Asa de fita, bilobada por sulco na face superior, arrancando da sobeira do lábio.
Pasta alaranjada, com cerne rosado, de fabrico local. Superfície externa com engobe creme-amarelado.
Diâmetro do lábio: 114 mm.
22. (Est. II) Fragmento de boca, colo e arranque superior de asa de Almagro 51 c. Lábio extrovertido, triangular/boleado, saliente e pendente. Asa de fita nascendo da sobeira do lábio.
Pasta alaranjada, de fabrico local.
Diâmetro do lábio: 118 mm.

23. (Est. II) Fragmento de boca e o colo de Almagro 51 c. Lábio extrovertido, saliente, triangular/convexo. Colo concavo. Pasta laranja-amarelada, de fabrico local. Diâmetro do lábio: 107 mm.
24. (Est. II) Fragmento de boca e colo de Almagro 51 c. Lábio triangular/boleado, saliente. Pasta castanho-alaranjada, de fabrico local. Diâmetro do lábio: 150 mm.
25. (Est. II) Fragmento de boca, colo e asa de forma Lusitana 6, Lábio extrovertido, triangular/boleado. Asas de fita, arrancando do lábio. Pasta laranja-clara, de fabrico local. Diâmetro do lábio: 120 mm.
26. (Est. II) Fragmento de boca, colo e asa de Lusitana 6. Lábio indefinido. Asa de fita, curva, arrancando do lábio. Pasta laranja-acastanhada, de fabrico local. Diâmetro do lábio: 112 mm.
27. (Est. II) Fragmento de boca, colo e asa de Lusitana 6. Lábio e aba oblíqua. Asa de fita, bilobada na face superior por um sulco, arrancando do lábio. Pasta alaranjada, de fabrico local. Diâmetro do lábio: 198 mm.
28. (Est. II) Fragmento de boca, colo e asa de Lusitana 6. Lábio em aba, saliente e pendente. Asa de fita, envolvendo o lábio. Pasta castanho-alaranjada, de fabrico local. Diâmetro do lábio: 134 mm.
29. (Est. I) Fragmento de boca e colo de Almagro 51 c. Lábio extrovertido, em aba larga e oblíqua. Colo côncavo. Pasta laranja-amarelada, de fabrico local. Superfície rugosa. Diâmetro do lábio: 124 mm.
30. (Est. II) Fragmento de boca, colo e asa de forma Keay XIX c. Lábio introvertido. Asa de fita arrancando da ligação lábio/colo. Pasta laranja-amarelada, de fabrico local. Diâmetro do lábio: 112 mm.
31. (Est. II) Fragmento de boca e colo de Beltrán 52. Lábio curto e saliente, de face superior plana. Colo cilíndrico. Pasta acastanhada, de fabrico local. Diâmetro do lábio: 178 mm.

32. (Est. II) Fragmento de boca, colo e arranque superior de asa de forma Almagro 50. Lábio de fita, pendente. Colo curto, extrovertido. Asas arrancando do colo e do lábio.
Pasta laranja-amarelada, de fabrico local.
Diâmetro do lábio: 138 mm.
33. (Est. III) Ânfora, forma Lusitana 1. Lábio em aba, curvo. Colo muito curto. Bojo barrilóide. Bico fundeiro troncocônico, oco e terminando em glande incipiente. Pequena asa de fita, bilobada na face superior.
Pasta alaranjada, branda e arenosa, com quartzos e pequenas micas. Superfícies enegrecidas pelas águas.
Diâmetro do lábio: 196 mm. Diâmetro máximo do bojo: 342 mm.
Diâmetro da base do bico fundeiro: 135 mm. Diâmetro da glande: 41 mm. Altura: 740 mm. Largura da asa: 41 mm.
Tem um «C» esgrafitado na base do bico fundeiro (26X20 mm).
34. (Est. IV) Fragmento de fundo de Dressel 20. Bico fundeiro muito curto e cónico.
Pasta creme-rosada, micro-granulosa, branda e fina, com areias muito pequenas, quartzos hialinos e róseos, inclusões negras e nódulos ocreos.
Diâmetro terminal: 20 mm.
35. (Est. IV) Fragmento de fundo de Dressel 20. Bico fundeiro muito curto e cónico.
Pasta bicolor, alaranjada para o exterior, cinzenta para o interior. Branda e rugosa com pequenos quartzos hialinos, leitosos e róseos, inclusões negras e raros nódulos ocreos. Superfície externa engobada, creme-amarelada.
Diâmetro terminal: 18 mm.
36. (Est. IV) Fragmento de bico fundeiro de Dressel 14. Forma troncocônica, em glande e interior em bola.
Pasta creme-rosada, de fabrico local.
Diâmetro da glande: 60 mm.
Tem uma marca esgrafitada, invertida e incompleta, «F» ou «E».
37. (Est. IV) Fragmento de bico fundeiro de Dressel 14. Forma troncocônica, em glande e interior oco.
Pasta alaranjada, de fabrico local.
Diâmetro do fundo: 31 mm.
38. (Est. IV) Fragmento de bico fundeiro de Dressel 14. Forma troncocônica, glande incipiente, distorcida, interior em bola.
Pasta laranja-amarelada, de fabrico local.
Diâmetro do fundo: 47 mm.

39. (Est. IV) Fragmento de bico fundeiro de Almagro 51 c. Troncocônico, terminando em glande incipiente.
Pasta acastanhada, de fabrico local.
Diâmetro da glande: 25 mm.
40. (Est. IV) Fragmento de fundo de Almagro 51 c. Bico fundeiro cilíndrico e oco. Tem um sulco a rodear o bico.
Pasta laranja-clara, de fabrico local.
Diâmetro do fundo: 38 mm. Altura do fundo: 47 mm.
41. (Est. IV) Fragmento de fundo de Almagro 51 c. Bico fundeiro cilíndrico e oco.
Pasta alaranjada, de fabrico local.
Diâmetro do fundo: 36 mm. Altura do fundo: 45 mm.
42. (Est. IV) Fragmento de fundo de Almagro 51 c. Bico fundeiro cilíndrico e oco, de base côncava.
Pasta alaranjada, de fabrico local.
43. (Est. IV) Fragmento de bico fundeiro de Almagro 51 c. Cilíndrico, oco, de base em anel.
Pasta alaranjada com cerne rosado, de fabrico local.
Diâmetro do fundo: 50 mm.
44. (Est. IV) Fragmento de bico fundeiro de Almagro 51 c. Cilíndrico, oco, de base em anel.
Pasta amarela, de fabrico local.
Diâmetro do fundo: 47 mm.
45. (Est. IV) Fragmento de bico fundeiro de Almagro 51 c. Cilíndrico, oco, de base côncava.
Pasta alaranjada, de fabrico local.
Diâmetro do fundo: 52 mm.
46. (Est. IV) Fragmento de bico fundeiro de Almagro 51 c. Troncocônico.
Pasta acastanhada, de fabrico local.
Diâmetro do fundo: 35 mm.
47. (Est. IV) Fragmento de fundo de Almagro 50. Bico fundeiro cilíndrico, de lado ondeado.
Pasta queimada.
Diâmetro do fundo: 33 mm. Altura do fundo: 55 mm.
Tem carvões no interior.

48. (Est. IV) Fragmento de fundo de Almagro 50. Bico fundeiro cilíndrico, de lado ondeado.
Pasta queimada.
Diâmetro do fundo: 36 mm. Altura do fundo: 48 mm.
49. (Est. IV) Fragmento de fundo de ânfora Almagro 51 A-B. Bico troncocônico, de lado ondeado.
Pasta alaranjada, de fabrico local.
Diâmetro do fundo: 38 mm.
50. (Est. IV) Fragmento de fundo de ânfora indeterminada. Bico troncocônico, oco.
Pasta alaranjada, de fabrico local.
Diâmetro do fundo: 27 mm.

Materiais dos fornos de ânforas do Murtinhal (Sagres)

A primeira notícia publicada sobre os fornos do Murtinhal é devida a Estácio da Veiga, que afirma: «Toda a praia do Murtinhal (...) está cheia de construções romanas (...) É mui provável que os edifícios do Murtinhal representem uma fabrica de material de construção de barro cozido e ao mesmo tempo uma prospera colonia agricola» (3).

Posteriormente surgiram outros trabalhos, onde o forno era referido sem que, no entanto, fosse caracterizada a sua produção. Em Março de 1983, FRANCISCO REINER e João Pedro CARDOSO fotografaram o forno e dele recolheram o material que agora publicamos.

Situado na falésia, podia-se ver o arco da fornalha, formado por *lateres*, e o aparelho dos muros, em pedra miúda (Foto 2). Segundo informações recentes, estes vestígios já se encontram destruídos pelas vagas marítimas.

A generalidade do material recolhido é constituída por fragmentos de ânforas de forma Almagro 51 c, nas variantes de lábio simples, muito extrovertido e de bordo triangular, com as asas a nascerem da sobeira. A tonalidade das pastas varia entre o alaranjado e o castanho-alaranjado, são brandas e arenosas

(3) (Antiguidades monumentais do Algarve», p. 211.

com abundantes quartzos leitosos e hialinos, pequenas inclusões negras e nódulos ocre. O fragmento n.º 3 (Est. VI) tem ainda pequenos nódulos de cal muito abundantes e conserva vestígios de um engobe espesso e acastanhado, que também se mantém no n.º 2.

O fragmento 1 pertence a um alguidar, de bordo em aba larga e sobeira reentrante, apta a ser segura pelo bordo, forma de achado muito frequente nos centros conserveiros romanos.

CATÁLOGO

1. (Est. VI) Fragmento de bordo e bojo de alguidar. Bordo em aba larga e oblíqua, com dois sulcos largos, cruzando-se, na face superior. Bojo cilíndrico.
Diâmetro do bordo: 317 mm.
2. (Est. VI) Fragmento de boca, colo e asa de Almagro 51 c. Lábio extrovertido, saliente, de secção triangular. Asa de fita, polilobada por sulcos na face superior, arrancando da sobeira do lábio.
Diâmetro do lábio: 111 mm.
3. (Est. VI) Fragmento de boca, colo e asa de Almagro 51 c. Lábio simples, boleado e muito extrovertido. Asa de fita, arrancando do lábio e bilobada por sulco na face superior.
Diâmetro do lábio: 90 mm.
4. (Est. VI) Fragmento de fundo de Almagro 51 c. Bico fundeiro cilíndrico e oco.
Diâmetro: 44 mm. Altura: 45 mm.
5. (Est. VI) Fragmento de bico fundeiro de Almagro 51 c. Pasta queimada.
Diâmetro terminal: 19 mm.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de, *Portugal Romano*, 3.ª ed., Lisboa, 1983.
 SANTOS, M. L. E. V. Afonso dos, *Arqueologia Romana do Algarve*, 2 vols., Lisboa, 1971 e 1972.
 SOLEDADE, Arnaldo, *Sines, Terra de Vasco da Gama*, 2.ª ed., Sines, 1982.
 VEIGA, S. P. M. Estácio da, *Antiguidades Monumentais do Algarve*, «O Arqueólogo Português», XV, 1910, p. 209-233.

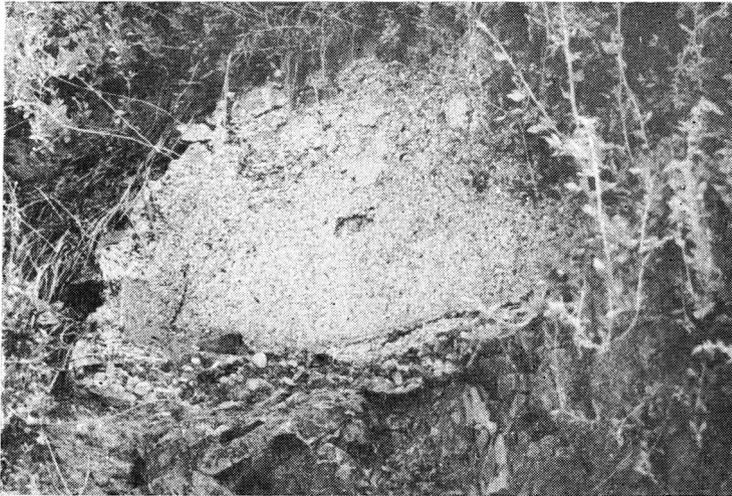
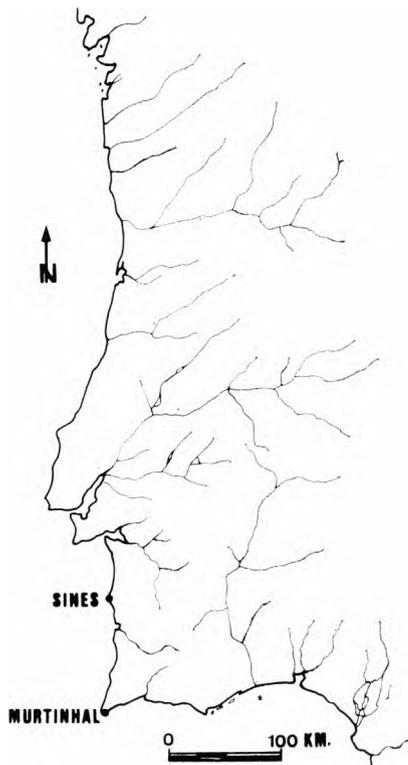


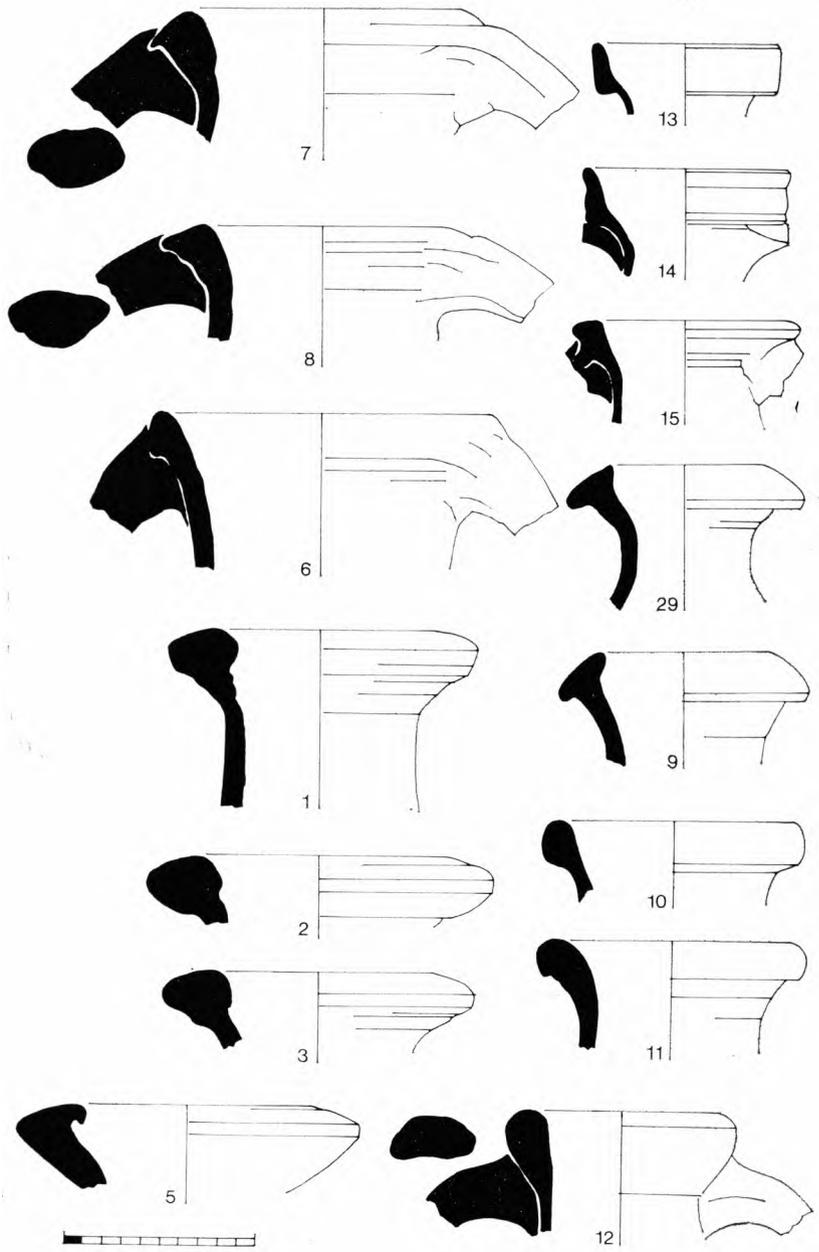
Foto 1

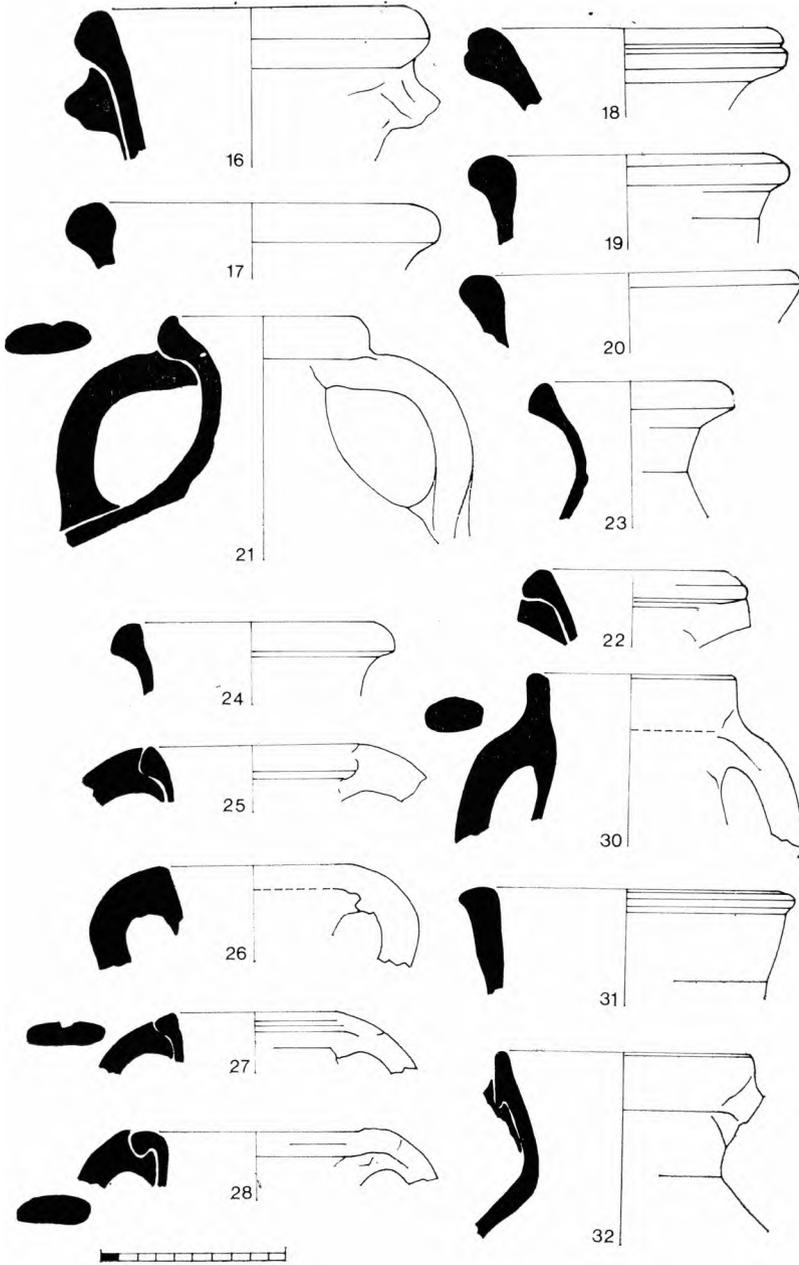


ФОТО 2

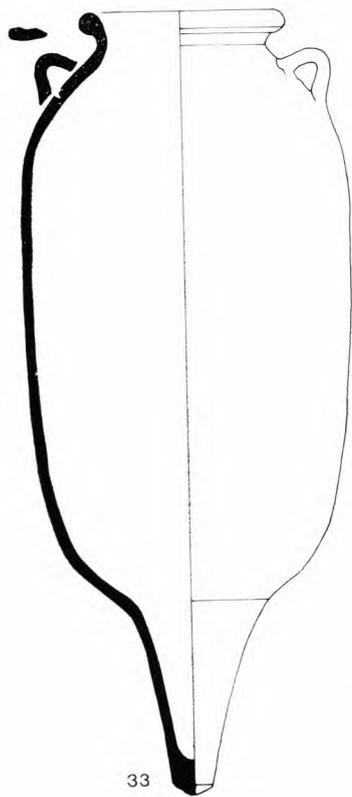


MAPA 1—Localização geral de Sines e do Murtinhal.

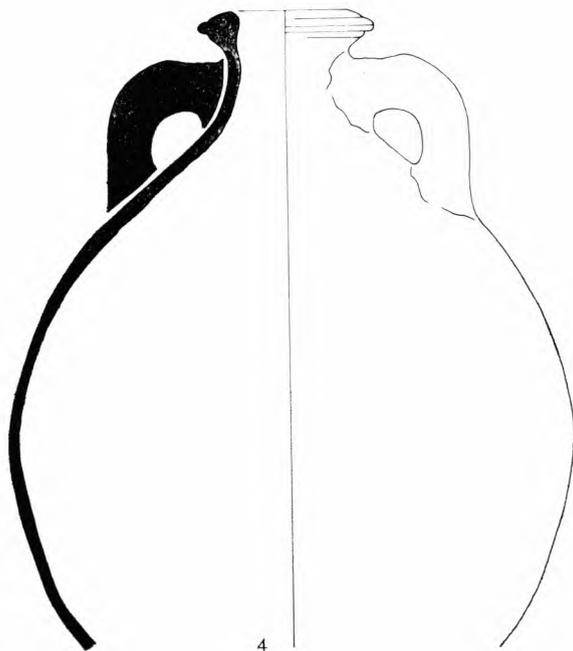




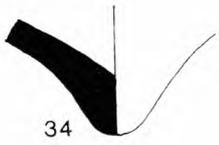
1951.1.1.1
1951.1.1.1



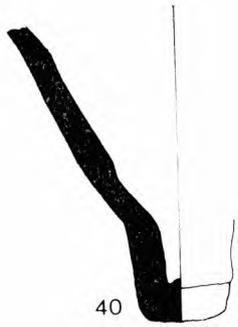
33



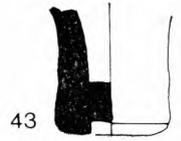
4



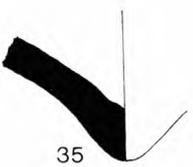
34



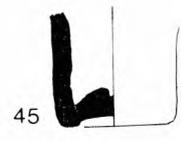
40



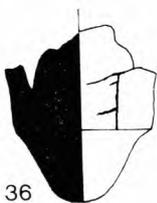
43



35



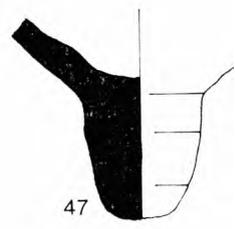
45



36



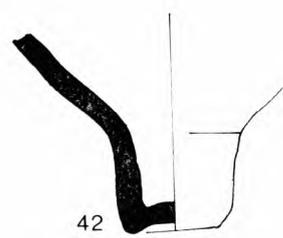
41



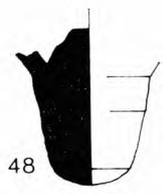
47



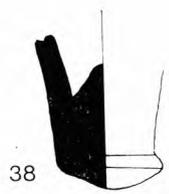
37



42



48



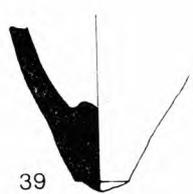
38



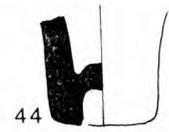
46



49



39



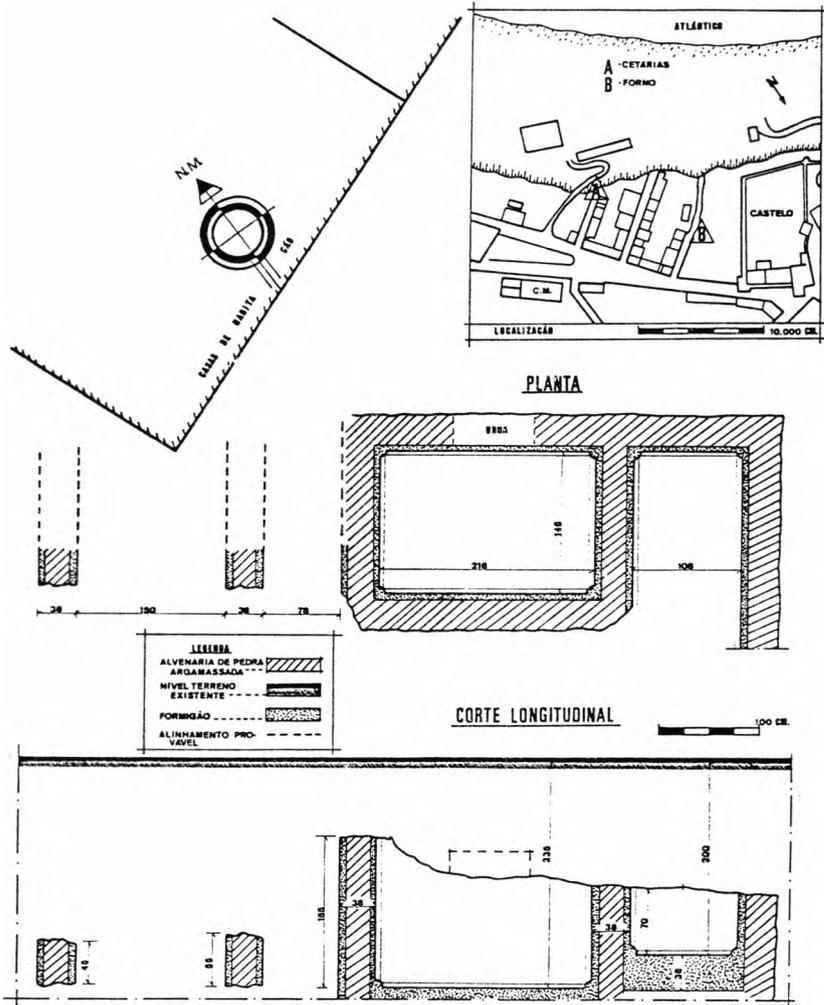
44

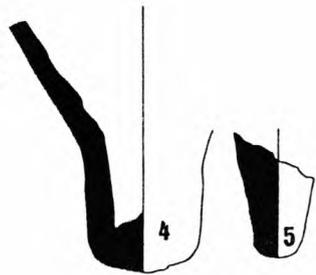
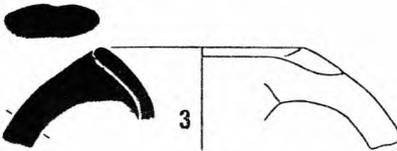
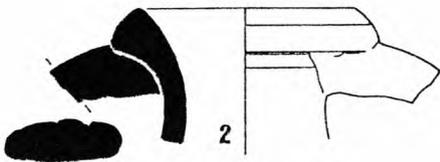
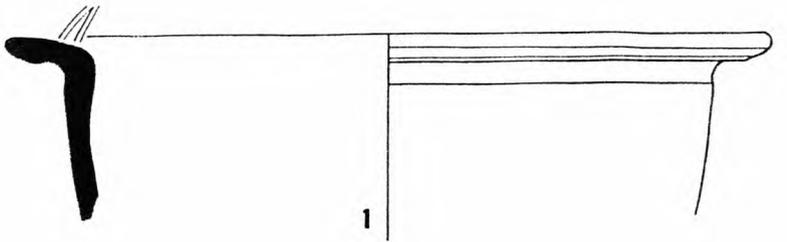


50



EST. V





(Página deixada propositadamente em branco)

ANA MARGARIDA ARRUDA
Investigadora da UNIARCH (Lisboa)

ISOLINA FRADE
Professora do Ensino Secundário

JORGE TRAVASSOS
Professor do Ensino Secundário

DUAS ÂNFORAS ROMANAS DE GACELA (VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO)
«Conimbriga», XXVI (1987), p. 125-131

RESUMO: As duas ânforas aqui publicadas, provenientes de contexto subaquático, foram recolhidas na costa algarvia. Colocam questões formais e outras que se referem ao seu conteúdo. A ânfora n.º 1, que teria transportado *defrutum*, será objecto de uma particular atenção. Discutem-se igualmente alguns problemas relacionados com o comércio do *garum* na bacia do Mediterrâneo Ocidental.

RÉSUMÉ: Les deux amphores publiées dans cet article proviennent de contexte subaquatique, et elles ont été recueillies sur la côte de l'Algarve. Elles posent des questions formelles et d'autres concernant leur contenu. L'amphore n.º 1, qui aurait transporté *defrutum*, sera object de particulière attention. On discute aussi quelques problèmes posés par le commerce du *garum* dans l'Occident méditerranéen.

(Página deixada propositadamente em branco)

DUAS ÂNFORAS ROMANAS DE CACEIA (VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO)

1. Circunstâncias do achado

Em Agosto de 1985, decorria a 3.^a campanha de escavações arqueológicas no Castelo de Castro Marim, foi a equipa da UNIARCH informada que um pescador tinha recolhido, ao largo de Caceia, duas ânforas, presumivelmente romanas, que se encontravam na sede da Junta de Freguesia de Vila Real de Santo António.

Deslocámo-nos então àquelas instalações onde verificámos que se tratava de duas ânforas, em bom estado de conservação, incluíveis nas formas Haltern 70 e Beltrán II. Procedemos de imediato ao seu desenho, descrição e registo fotográfico.

Contactámos, de seguida, o mestre do barco, Sr. Joaquim Madeira Batista, que nos informou não poder garantir com muita exactidão o local do achado, uma vez que pescava naquelas águas pelo sistema de arrasto. No entanto, as ânforas eram seguramente provenientes da área compreendida entre Tavira e Caceia, sensivelmente a 50 milhas da costa e a uma profundidade de 320 braças. Mais nos informou que era habitual a presença de inúmeros fragmentos cerâmicos nas redes quando incidia a sua actividade naquela área.

2. Caracterização e considerações gerais

A ânfora n.º 1 inclui-se na forma Haltern 70. Invariavelmente englobada no tipo Dressel 7-11 ou Beltrán I, a forma Haltern 70 é reconhecida, como tipo individualizado, a partir do estudo do

naufrágio de Port-Vendres II (Colis *et alii*, 1977). É também a partir daí que se abandona por completo a ideia de serem as ânforas Haltern 70 utilizadas no transporte de preparados piscícolas. De facto, as inscrições lidas nas ânforas Haltern 70 desse naufrágio indicam que *defrutum* era o seu conteúdo. Outras inscrições em ânforas deste tipo dizem-nos que azeitonas conservadas em *defrutum* eram nelas transportadas. Uma inscrição descoberta numa outra ânfora H. 70, em Amiens (Massy *et alii*, 1976), indica *sapa* como conteúdo.

A defesa feita por Parker (Parker *et alii*, 1981) do carácter não alcoólico do *defrutum* contrariou a posição assumida pelos autores do trabalho de Port-Vendres II que defendiam, pelo contrário, que *defrutum* poderia considerar-se um vinho, transformando, assim, as ânforas Haltern 70 em vinárias. Em 1985, Sealey defende que, para além de conservante, o *defrutum* é elemento que, por si só, representa um papel importante na economia romana, papel esse que só agora começa a adivinhar-se. Mais afirma que esse mesmo *defrutum* seria transportado sozinho nas ânforas Haltern 70. Resta-nos, pois, explicar que o *defrutum* — e as suas variantes *sapa* e *caroenum* — é obtido pela ebulição do sumo de uva já fermentado, vulgo mosto, tendo essa ebulição o papel de impedir a continuação da fermentação, parando o processo de transformação do açúcar em álcool.

Se, em relação ao conteúdo, se gera ainda alguma polémica, quanto à origem destas ânforas a situação é mais pacífica, tudo indicando que são originárias da Bética. O seu fabrico junto a Cádiz, no Cerro de los Mártires (Beltrán, 1977), está igualmente comprovado. Parece-nos importante referir que as ânforas Haltern 70 foram fabricadas em oficinas que igualmente produziam ânforas da forma Dressel 20. As análises efectuadas por Peacock (1971) apresentam uma quase total concordância de fabricos em ânforas desses dois tipos.

Cronologicamente, as ânforas Haltern 70 devem situar-se entre 60/50 a. C. e 50 d. C., sendo o exemplar aqui apresentado extremamente semelhante a um de Oberaden (Beltrán 1970, p. 391, fig. 152, n.º 3), cuja datação proposta é de 25 a. C.-14 d. C. Em Portugal, este tipo de ânfora está bem representado em Conímbriga, em níveis de Augusto e Trajano (Alarcão, 1976) e no castelo de Alcácer do Sal (Tavares da Silva *et alii*, 1980/81).

A ânfora agora estudada encontra-se fracturada ao nível do bordo, medindo actualmente 108 cm de altura. O corpo é cilíndrico, de paredes paralelas, asas de secção oval, paralelas ao colo e o pé é pequeno e cónico. A superfície externa apresenta inúmeras concreções de origem marítima, mas é visível ainda que possuía engobe de cor bege. A pasta é cinzenta alaranjada, com alguns elementos não plásticos, essencialmente grãos de quartzo e algumas inclusões de partículas brancas e negras.

A ânfora n.º 2 inclui-se na forma II de Beltrán. Possui corpo ovoide, abaulado na zona inferior da pança, colo alto e cilíndrico e boca ampla com lábio de secção triangular. As asas, largas, são de secção aplanada, ligando-se ao colo muito perto da boca. Encontra-se fracturada no pé, mas o que existe deixa antever um fundo oco e cónico. Estas características fazem incluir o nosso exemplar no tipo A da forma II.

Em Portugal, são conhecidas na área urbana de Setúbal, nomeadamente na fase II B da fábrica de salga de peixe da Praça do Bocage (Tavares da Silva e Coelho Soares, 1980/1981). No castelo de Alcácer do Sal (Tavares da Silva *et alii*, 1980/1981) e em Conímbriga (Alarcão, 1976), os exemplares da forma II de Beltrán incluem-se no tipo B, parecendo raro em Portugal o tipo A.

As ânforas desta forma transportaram preparados piscícolas entre 25 a. C. e os finais do século n d. C., muito especialmente entre o último quartel do século i a. C. e os finais do século i d. C. Foram fabricadas na Bética, conhecendo-se os fornos de Cerro de los Mártires, Rinconcillo de Algeciras e Puerto Real, todos em Cádiz. O exemplar de Caceia assemelha-se aos fabricados nos fornos de Puerto Real, mais exactamente aos de Villanueva e Cerro de los Mártires (Beltrán 1977).

Também a superfície externa desta ânfora se encontra repleta de concreções. A pasta é bege, possui abundantes elementos não plásticos essencialmente quartzos.

3. Questões finais

É um dado adquirido a importância da Península na produção de salga de peixe para o Império. A Bética e a Lusitânia têm um papel especialmente importante, produzindo quantidades industriais. Esta situação vai originar a criação de novas formas de ânforas genuinamente hispânicas. É o caso, como vimos, dos dois exemplares agora estudados.

O aparecimento destas ânforas ao largo de Caceia levanta, no entanto, um problema, aliás já referido por Tavares da Silva e Coelho Soares em 1980/1981: como explicar a importação de preparados de peixe para regiões que os produziram e que possuíam olarias onde se fabricavam ânforas para o transporte desses produtos? Neste caso concreto, seria pertinente a questão de estas importações serem contemporâneas dos momentos imediatamente anteriores ao primeiro arranque das fábricas do litoral algarvio — sobre as quais, aliás, pouco sabemos.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J., 1976 — *Les amphores*, «Fouilles de Conimbriga VI — Céramiques diverses et verres», p. 77-88, Paris.
- BELTRAN LLORIS, M., 1970 — *Las ânforas romanas en España*, Saragoça.
- BELTRÁN LLORIS, M., 1977 — *Problemas de la morfología y del concepto histórico-geográfico que recubre la noción de tipo. Aportaciones a la tipología de las ânforas héticas*, «Méthodes classiques et méthodes formelles dans l'étude des amphores», École Française de Rome, 32, p. 97-131, Roma.
- COLLS, D., ÉTIENNE, R., LEQUEMENT, R., LIU, B., MAYET, F., 1977 — *L'épave Port-Vendres II et le commerce de la Bétique à l'époque de Claude*, «Archaeonautica», I, Paris.
- MASSY, J. L., VASSELLE, F., 1976 — *Le commerce des amphores à Amiens*, «Cahiers Archéologiques de Picardie», 2, p. 153-152.
- PARKER, A. J., PRICE, J., 1981 — *Spanish exports of the Claudian period; the significance of the Port-Vendres II wreck reconsidered*, «Journal of Nautical Archaeology and Underwater Exploration», 19, p. 221-228.
- PEACOCK, D. P. S., 1971 *Roman amphorae in pre-Roman Britain*, «The Iron Age and its Hill Forts. Papers Presented to Sir Mortimer Wheeler», University of Southampton, Monography series, n.º 1, p. 161-188, Southampton.

- SEALEY, P. R.—*Amphoras from the 1971 excavations at Colchester Sheepen*, «BAR», British Series, 142, Oxford.
- TAVARES DA SILVA, C., SOARES, J., MELLO BEIRÃO, G., FERRER DIAS, L., COELHO SOARES, A. — 1980/81 —*Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal*, «Setúbal Arqueológica», VI-VII, Assembleia Distrital de Setúbal, p. 149-219.
- TAVARES DA SILVA, C., COELHO SOARES, A., 1980/1981 —*A Praça do Bocage (Setúbal) na época romana — escavações arqueológicas de 1980*, «Setúbal Arqueológica», VI-VII, Assembleia Distrital de Setúbal, p. 249-284.

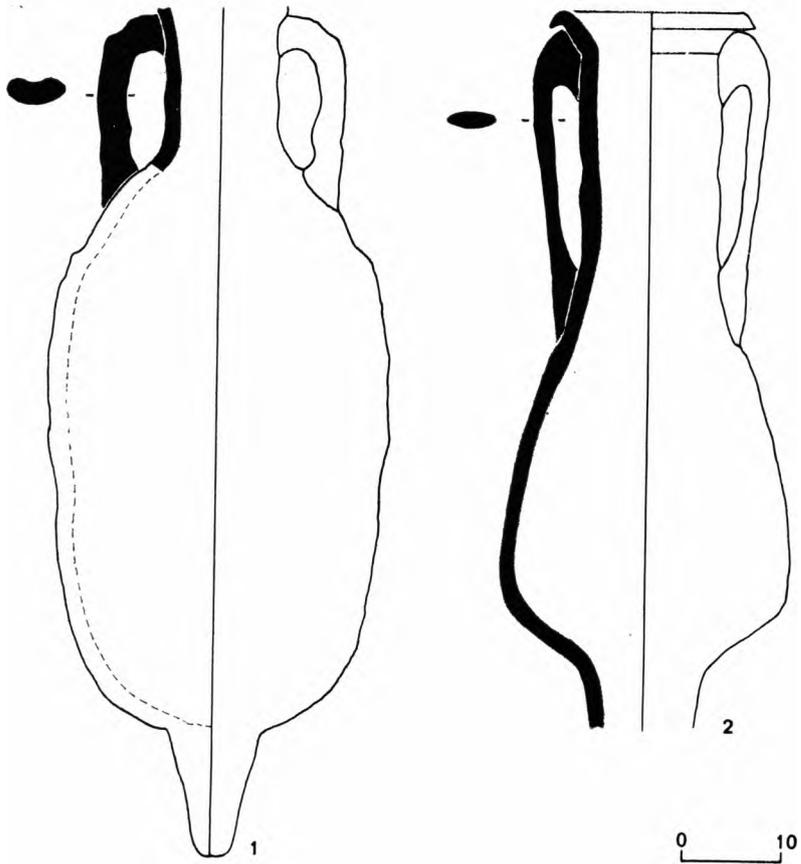


FIG. 1

SALETE DA PONTE

Professora-Coordenadora da Escola Superior de Tecnologia de Tomar

ARTEFACTOS ROMANOS E POST-ROMANOS DE S. CUCUFATE
«Conimbriga», XXVI (1987), p. 133-165

RESUMO: Os autores do relatório de escavações da *Villa* romana de S. Cucufate seleccionaram um reduzido número de objectos metálicos e de osso, para publicação nessa obra.

Deixaram de lado largas dezenas de objectos pouco significativos para a reconstituição da vida económica do *fundus*, mas merecedor de publicação nesta revista. Incluímos, assim, neste trabalho, 164 objectos, sendo 138 da época romana e 26 provenientes de ocupação da *Villa* por um Convento que permaneceu desde meados do séc. XIII até ao séc. XVI.

RÉSUMÉ: Les auteurs du rapport de fouilles de la *Villa* romaine de S. Cucufate ont choisi un nombre assez réduit d'exemplaires métalliques et d'os, pour la publication dans cet oeuvre. Ils ont laissé de côté beaucoup d'objets peu significatifs pour la reconstitution de la vie économique du *fundus*, mais digne de publication dans cette revue.

L'article fait l'inventaire de 164 exemplaires, desquels 138 de l'époque romaine et 26 provenant de l'occupation de la *Villa* par un Couvent qui a été occupé depuis le XIII^{ème} jusqu'au XVI^{ème} siècle.

(Página deixada propositadamente em branco)

ARTEFACTOS ROMANOS E FOST-ROMANOS DE S. CUCUFATE

Introdução

Os autores do relatório de escavações da *villa* romana de S. Cucufate seleccionaram, para publicação nessa obra, um reduzido número de objectos metálicos ou de osso, mais directamente relacionados com a exploração agrária da *villa* ou com a sua actividade industriai. Ficaram de lado largas dezenas de objectos, decerto pouco significativos para a reconstituição da vida econòmica do *fundus*, mas todavia merecedores de publicação, mormente em Portugal. São, com efeito, ainda muito poucos os objectos de metal ou osso da época romana publicados no nosso país. Justifica-se, assim, por enquanto, a apresentação integral ou, pelo menos, sem critérios de selecção demasiadamente exigentes, do espólio metálico ou de osso encontrado em escavações. Tempo virá em que, conhecida a variedade e tipologia dos objectos da vida quotidiana romana, se tornará inútil a reprodução *ad nauseam* dos achados. Resolvemos, por isso, e aliás de acordo com os escavadores, apresentar tudo quanto nos pareceu significativo num artigo que constitui complemento daquele relatório.

Incluimos aqui 138 objectos da época romana. A *villa* foi, porém, na Idade Média, ocupada por um convento que aí permaneceu desde meados do séc. xm até ao séc. xvi. Do espólio correspondente a esta ocupação, aliás pouco abundante, seleccionámos 26 objectos.

I. Artefactos romanos

I. *Instrumentos de fiação e de costura*

A fiação e a costura eram, na época romana, actividades caseiras. S. Cucufate forneceu, no entanto, poucos objectos de fiação: apenas duas fusaiolas (n.ºs 1-2). Quanto a instrumentos utilizados na costura, recolheram-se diversas agulhas, de que publicamos aqui uma selecção (n.ºs 3-14).

1. Fusaiola. Argila. Diâm. 28 mm. Alt. 21 mm. Forma bicónica, de cones iguais e base plana. CUC.84. (S/E).
 2. Id. Osso. Diâm. 27 mm. Alt. 5 mm. Forma cónica e base plana. CUC.83.XX.29(3).
 3. Agulha. Bronze. Compr. 54 mm. De forma adelgada e de orla superior arredondada. Orificio longo e ovalado. Haste de secção arredondada. CUC.82.XX.3(3).
 4. Id. Compr. 63 mm. Semelhante à anterior, estando dobrada junto à cabeça adelgada. CUC.82.XX.7(4).
 5. Id. Compr. 75 mm. De maiores proporções, é semelhante aos dois exemplares anteriores. CUC.82.XX.3(3).
 6. Id. Compr. 85 mm. É semelhante à anterior, mas de maiores proporções. CUC.82.XX.8(3).
 7. Id. Compr. 95 mm. A parte inferior da haste está ligeiramente dobrada. CUC.84.VA.21 Banq.Sul(3).
 8. Id. Compr. 95 mm. A haste encurva-se para a direita. CUC.82.XX.3(3).
 9. Id. Compr. 70 mm. Haste e cabeça de secção quadrangular. Orificio rasgado e ovalado. CUC.82.XX.3(3).
 10. Id. Compr. 94 mm. Haste e cabeça espalmadas, de secção rectangular. O topo da cabeça espalmada é horizontal. Orificio rasgado e ovalado. CUC.86. Limpeza do sector sul do peristilo.
- II. Id. Osso. Compr. 62 mm. Cabeça triangular e espatulada com ranhura imperfeita em 8, ladeada de círculos incisivos. CUC.80. VIII.26(4b).

12. Id. Compr. 36 mm. É semelhante ao exemplar anterior, encontrando-se bastante incompleta. CUC.79.XIV.7(1).
13. Id. Compr. 39 mm. Semelhante aos anteriores, mas sem qualquer decoração. CUC.81.XIV.18(3).
14. Id. Compr. 111 mm. Cabeça bicónica e haste de secção circular. Ranhura em oito. CUC.85.S2(4).

2. *Objectos de adorno e de toilette*

Os n.ºs 15-20 correspondem a fíbulas. A primeira cabe no tipo transmontano caracterizado por J. Fortes⁽¹⁾, tipo que coincide com o 4h de Schule. Distingue-se dos restantes exemplares de La Tène I pela decoração do arco, pelo perfil do pé encurvado e pela mola bilateral⁽²⁾. Situa-se entre o séc. iv a. C. e o séc. i d. C. Os paralelos de Conimbriga⁽³⁾ e do Monte Mozinho⁽⁴⁾ permitem datar a fíbula de S. Cucufate dos finais do séc. i d. C.

As formas dos n.ºs 16-17 são comuns na Gália romana. Pertencem ao grupo de «fíbulas de charneira e arco triangular»⁽⁵⁾. Datam da segunda metade do séc. i a. C.-inícios do i d. C., prolongando-se até ao período pré-flaviano nalguns sítios romanos⁽⁶⁾.

Os n.ºs 18-20 enquadram-se basicamente no tipo 17C de Camulodunum, vulgarmente conhecido por «Aucissa»⁽⁷⁾. Esta

(1) Cf. FORTES (J.), *As fíbulas do noroeste da Península*, «Portugália», II, Porto, 1905-1908, p. 15-33 (p. 19-20).

(2) Cf. ALARCÃO (A. M. e J.), ÉTIENNE (R.) e PONTE (S.), *Trouvailles Diverses-Conclusions Générales*, (*Fouilles de Conimbriga*, VII), Paris, 1979, p. 115.

(3) Cf. *id.*, *ibidem*, p. 115.

(4) Cf. FERREIRA DE ALMEIDA (C. A.), *Escavações no Monte Mozinho*, (1975-1976), II, Penafiel, 1977, p. 16.

(5) Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 118.

(6) Cf. *id.*, *ibidem*, p. 119, fig. 47.

(7) Cf. PONTE (S. da), *Fíbulas de sítios a norte do rio Douro*, «Lucerna. Número extraordinário», Porto, 1984, p. 119.

modalidade fixa-se entre o período claudiano e o flaviano-tra-jânico (8).

Os anéis são bastante simples e não têm, na sua maioria, qualquer decoração. Exceptuam-se os anéis de aro fitiforme (n.ºs 21-24), que apresentam uma decoração em ziguezague (n.ºs 21-22), caneluras verticais (n.º 24) ou finas ranhuras longitudinais (n.ºs 23 e 31) executadas por cinzel ou punção. Os anéis com as extremidades sobrepostas (n.ºs 25-29) formam ou não uma espiral. O n.º 30 apresenta também um aro fitiforme, cujas extremidades abertas estavam unidas por meio de solda. Estas formas provêm já da época helenística, sendo frequentes em vários sítios romanos (9). Os modelos de Fishbourne datam do séc. I-II d. C. (10). O n.º 31 é um anel de mesa com as extremidades abertas, mas em osso (chifre). Este exemplar deveria ter pertencido a uma criança. Esta modalidade ocorre com frequência entre os finais do séc. n e o séc. IV d. C. (11).

Os braceletes de aro aberto (n.º 32) e os de fecho em gancho (n.º 33) são muito frequentes no período romano, ainda que estas formas apareçam já em níveis da 2.ª Idade do Ferro (12). A forma de aro aberto aparece, contudo, em níveis visigóticos (13). O modelo de fecho em gancho ocorre nos sécs. II-III d. C. (14). Os exemplares de S. Cucufate (n.ºs 32-33) deveriam, pelo seu tamanho, ter pertencido a crianças.

(8) Cf. *id.*, *ibidem*, p. 121. Há um outro exemplar achado no Monte Manuel Galo (Mértola), semelhante aos de Conimbriga e de S. Cucufate (cf. MANUEL MAIA, *Fortaleza romana do Monte Manuel Galo* (Mértola), «Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia», Porto, 1974, p. 325-332; cf. PONTE (Sálete da), *Nove fíbulas provenientes do distrito de Beja*, comunicação apresentada no «II Encontro de Arqueologia do Baixo Alentejo-Castro Verde», (15-17 Abril, 1988).

(9) Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, n. 133-134; Cf. CUNLIFFE (Barry), *Excavations at Fishbourne 1961-1969*, Leeds, 1971 (2), p. 108, fig. 41, n.º 51-52

(10) Cf. CUNLIFFE (B.), *op. cit.*, p. 107, fig. 51-52.

(11) Cf. FRANÇA (Elsa Ávila), *Anéis, braceletes e brincos de Conimbriga*, «Conimbriga», 8, 1969, p. 17-64 (p. 19).

(12) Cf. *id.*, *ibidem*, p. 55.

(13) Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 140.

(14) Cf. CUNLIFFE (B.), *op. cit.*, p. 107, fig. 41, n.º 47.

Os brincos, de forma simples ou complexa, eram adorno comum das mulheres romanas. Os n.ºs 34-36 pertencem ao grupo de brincos anelares com pendentes (pérolas ou pedras preciosas). O aro é fino e o fecho, em gancho. Estes modelos aparecem com frequência nos sécs. i-ii d. C. (15). Os n.ºs 37-38 são modelos tipicamente visigóticos (16). O primeiro teria a enriquecê-lo um pingente fixo à argolinha soldada ao aro. O n.º 38 é de prata; pelas dimensões reduzidas, teria pertencido a uma criança. A decoração em balaustre ou anelar de uma das extremidades do aro constitui uma das características marcantes dos brincos visigóticos.

Os quatro alfinetes de cabelo (n.ºs 39-42) correspondem a formas muito simples, sendo um de bronze e os restantes, de osso. O n.º 39 é um alfinete de cabeça esférica, independente da haste. Corresponde à forma 48 de Beckmann, que o autor data entre o séc. i d. C. e a 1.ª metade do séc. n d. C. (17). O n.º 40 apresenta uma cabeça bicónica, correspondente ao tipo 195 de Beckmann, que o data do séc. n d. C. (18). Os n.ºs 41 e 42 apresentam cabeças, respectivamente, em diamante e em cebola. Esta variedade de alfinetes aparece em vários sítios romanos, sendo o n.º 40 muito frequente em Conimbriga, desde o séc. i ao iv d. C. (19).

Os objectos de toilette incluem uma lâmina de barbear (n.º 43), pinças (n.ºs 44-45) e quatro sondas (n.ºs 46-49). Rigorosamente, a lâmina e as pinças tanto podem ter servido para barbear e depilar como para operações cirúrgicas. As pinças cirúrgicas removiam triquíases e tumores (20) e para este fim pode ter sido usada a peça n.º 45. É muito semelhante aos exemplares representados em pinturas murais e aos achados na Casa do Cirurgião, em Pompeios (21).

(15) Cf. FRANÇA (E. A.), *art. cit.*, p. 29 e 46.

(16) Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 142.

(17) Cf. BECKMANN (B.), *Studien über die Metallnadeln der römischen Kaiserzeit im freien Germanien*, «Saalburg-Jahrbuch», 23, 1966, p. 7-100 (p. 23, Est. 2, n.º 48).

(18) Cf. *id.*, *ibidem*, p. 23

(19) Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 129, Est. XXX, 130.

(20) Cf. MILNE (John Stewart), *et alii*, *Surgicalinstruments in Greek and Roman Times*, Chicago, 1976, p. 90-92.

(21) Cf. PENSO (Giuseppe), *La médecine romaine*, Paris, 1984, p. 396, fig. 206 e p. 403, fig. 208.

As sondas (n.ºs 46-49), ainda que frequentemente utilizadas como instrumentos de toilette (22), podem também ter servido como instrumentos cirúrgicos (23). O escritor Celso, no livro *De re medica*, refere-se a elas (*cyathiscomelae*) como instrumentos apropriados para a preparação e aplicação de medicamentos, de pomadas e de perfumes (24).

É o caso do nosso exemplar n.º 46. As outras sondas (n.ºs 47-49) correspondentes ao *cyathiscomela* e ao *specillum*, seriam usadas nos cuidados de limpeza e de tratamento dos ouvidos e dentes (25). Conhecemos numerosos exemplares recolhidos em vários sítios romanos (26).

15. Fibula de tipo transmontano (4h Schule). Bronze. Compr. 37 mm. Alt. 24 mm. Arco em forma de naveta invertida com decoração anelar em ambas as extremidades. Pé curto e triangular. GUG. 84.XV.41 Banq. Sul(5).
16. Fibula de tipo «charneira e arco triangular». Bronze. Compr. 52 mm. Alt. 10 mm. Arco de feição triangular decorado longitudinalmente por um motivo em espinha. Pé coroado por um botão cónico e descanso triangular. CUG.81.XIII.6/7(2).
17. Id. Compr. 75 mm. Alt. 16 mm. Semelhante ao anterior, mas de maiores proporções. CUC.84.XV.46(3).

(22) Cf. RIHA (Emilie), *Römisches Toilettgerat und medizinische Instrumente aus August und Kaiseraugst* (Forschungen in August, 6), August, 1986, p. 102-103.

(23) Cf. MILNE (J. S.), *op. cit.*, p. 51-89 (p. 61-68) e RIHA (E.), *op. cit.*, p. 64-65. Esta autora integra os exemplares semelhantes ao n.º 44, na variante A.

(24) Cf. RIHA (E.), *op. cit.*, p. 64-65; Cf. PENSO (G.), *op. cit.*, p. 462; Cf. MILNE (J. S.), *op. cit.*, p. 63-68; Cf. DORIG (José), *Art Antique* (Collections privées de Suisse Romande), Génova, 1975, fig. 366, n.º 4 e n.º 20.

(25) Cf. DORIG (J.), *op. cit.*, p. 366; MILNE (J. S.), *op. cit.*, p. 64; RIHA (E.), *op. cit.*, p. 72-73.

(26) Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 146, Est. XXXVI, n.º 270-272; FRERE (Sheppard), *Verulamium Excavations* (Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, n.º XXVIII), Oxford, 1972, p. 124, fig. 35, n.º 72 (é semelhante ao nosso exemplar n.º 44. O autor data-o de 270-275 d.C.); RIHA (E.), *op. cit.*, p. 73, Est. 54, n.º 597. A autora integra-o na variante G, datando-o do 3.º quartel do séc. I d.C.

18. Fíbula de tipo Aucissa (17G Gamul.). Bronze e ferro. Gompr. 34 mm. Alt. 25 mm. O arco semicircular, de secção losangonal, é decorado por um simples encordoado; o mesmo motivo repete-se na placa de feição rectangular, com chanfros laterais. Pé com botão cónico e descanso triangular. Conserva parte do eixo, em ferro. CUC.84.XV.41.Banq. Sul(5).
19. Id. Gompr. 51 mm. Alt. 34 mm. Semelhante ao anterior. GUG. 84.T4(1).
20. Id. Gompr. 56 mm. Alt. 33 mm. Peça semelhante aos dois exemplares anteriores. CUC.83.XX.35.Banq.Sul(2).
21. Anel. Bronze. Diâm. 17 mm. Aro muito fino decorado na orla com incisões em ziguezague. CUC.82.XX.2(3).
22. Id. Diâm. 16 mm. Semelhante ao anterior, mas com a decoração incisa bastante gasta. CUC.82.XX.2(3).
23. Id. Diâm. 18 mm. Aro circular sublinhado por duas finas ranhuras. CUC.84.XXIV.(S/E).
24. Id. Diâm. 23 mm. Aro semelhante aos exemplares anteriores, apresentando caneluras verticais intervaladas. CUC.82.XX.7(1).
25. Id. Diâm. 18 mm. Aro muito fino com as extremidades abertas e ligeiramente sobrepostas. CUC.82.XX.44(4).
26. Id. Diâm. 19 mm. Aro oval, de secção semicircular com as extremidades sobrepostas. CUC.80.VIII.20(2) sepult.
27. Id. Diâm. 15 mm. Aro fitiforme com as extremidades sobrepostas, formando uma espiral. GUG.82.XX.2(3).
28. Id. Diâm. 21 mm. Semelhante ao anterior, mas de maiores proporções. CUG.82. XIV. 33(6).
29. Id. Diâm. 21 mm. Semelhante ao anterior. CUG.82.XX.2(3).
30. Id. Diâm. 22 mm. Aro aberto fitiforme e largo, com as extremidades sobrepostas e unidas por meio de solda. CUC.84.V.15. Banq. Sul(2).
31. Id. Osso (chifre). Dim.: 20X15 mm. Aro aberto em D e com mesa plana. É decorado com uma ranhura longitudinal. CUG.83.XXI.24. Banq. Sul(3).

32. Bracelete. Bronze. Diâm. 48 mm. Aro circular e aberto. CUC. 80.S 15C(7).
33. Id. Diâm. aprox. 52 mm. Aro fino bastante torcido com os extremos terminados em gancho. CUC.84.XV.A6(3).
34. Brinco. Bronze. Diâm. 18 mm. Aro muito fino, com os extremos em espiral e sobrepostos, com fecho em gancho. Pingente formado por urna esfera e duas contas de vidro de cor verde esmeralda. GUC. 80. VII 1.20(2).
- 35-36. Par de brincos. Ouro. Diâm. 16 mm. Aro muito fino, circular com fecho em gancho. CUC.86.S1.T4.
37. Brinco. Bronze. Diâm. 30 mm. Aro fino, circular, aberto com um dos extremos terminado em ponta e o outro em balaustre. Orla exterior com uma pequena argola de suspensão que àquela se une por meio de solda. CUC.86.S7.T1.
38. Id. Prata. Diâm. 18 mm. Aro circular com um dos extremos terminado em ponta e o outro num motivo anelar. CUC.83.VIII. 23/24(2).
39. Alfinete. Bronze. Alt. 60 mm. Cabeça esférica independente, formada por um fio enrolado em espiral. CUC.81.VIII.17(2).
40. Id. Osso. Alt. 50 mm. Cabeça bicónica, e cones iguais. Haste de secção circular. CUC.81.VIII.43/44(2).
41. Id. Alt. 53 mm. Cabeça em forma de diamante. Haste de secção circular. CUC.86.Tanq.W.T9(3).
42. Id. Alt. 42 mm. Cabeça em forma de cebola independente da haste ; esta é de secção circular e volumosa. CUC.81.XIII.48(6).
43. Lâmina para barba. Ferro. Compr. 79 mm. Conserva um dos braços com lâmina larga, de feição triangular. CUC.84.XX.49(3).
44. Pinça. Bronze. Compr. 85 mm. Dois braços paralelos e estreitos, unidos por meio de um anel oval e apertado. Extremos espalmados e dobrados em ângulo agudo. CUC.79.XVII.29(3).
45. Id. Compr. 84 mm. Braços espessos, de secção rectangular e de pontas direitas, unidos por uma folha dobrada, de feição trapezoidal. CUC. 82. XXIV. 28(5).

46. Sonda (*cyathiscomela*). Bronze. Compr. 155 mm. Haste de secção circular com um dos extremos terminado em bolbo e o outro numa colherinha ovalada. CUC.86.S2(3).
47. Id. (*specillum*). Bronze. Compr. 155 mm. Haste de secção circular com um dos extremos terminado numa lâmina lanceolada. CUC. 84.XVA.7(2).
48. Id. Compr. 109 mm. Semelhante ao anterior, mas de proporções mais reduzidas. CUC.82.XX.3(4).
49. Id. Compr. 58 mm. Semelhante aos dois exemplares anteriores. CUC.82.XX.2(3).

3. *Equipamento militar e peças de arnês*

Nesta rubrica incluímos peças metálicas que poderão ter servido tanto em actividades militares como civis. Referimo-nos às armas de impacto no combate corpo a corpo (*hasta*) e às armas de arremesso (*pilum*) que, fazendo parte do equipamento militar, eram também usadas na caça ou no desporto equestre (n.ºs 50-57); às fivelas (n.ºs 61-68), elementos de corroíças (n.º 69), e botões (n.º 70) usados na indumentária civil e no fardamento militar; por fim, às peças de arnês destinadas ao equipamento de animais (n.ºs 65-67, 71-72).

Os vocábulos latinos *hasta* e *pilum* não eram unívocos ⁽²⁷⁾. A infantaria usava como arma de choque o *pilum* pesado, enquanto que a cavalaria era equipada com uma arma de arremesso mais ligeira (*pilum spiculum*). A lança de haste (*hasta*) era usada na defesa corpo a corpo, tanto pela infantaria como pela cavalaria; a sua diferença residia no tamanho e no peso ⁽²⁸⁾. A *hasta velitaris* ⁽²⁹⁾ ou dardo ligeiro de um *velites* era semelhante à lança de haste (*hasta*), embora mais leve e mais pequena. O *pilum catapultarium* era outra arma de arremesso usada pela artilharia romana, arma

⁽²⁷⁾ Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 85-86.

⁽²⁸⁾ Cf. LAVE D AN (Pierre), *Dictionnaire Illustré de la Mythologie et des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris, 1931, p. 572-573.

⁽²⁹⁾ Cf. RICH (Anthony), *Dictionnaire des Antiquités Romaines et Grecques*, Paris, 1861, p. 698 (*velites*); CONNOLLY (Peter), *O exército romano*, Londres, 1975, p. 19.

cujas ponteiros de seta (*pilum*) eram lançadas de uma catapulta⁽³⁰⁾. Reconhecemos, apesar da ambiguidade terminológica de *hasta* e *pilum*, na *ailla* romana de S. Cucufate, a lança de haste (n.º 50), as pontas de dardo (n.ºs 51-52) e várias modalidades de *pilum* (n.ºs 53-57).

Conhecemos para os n.ºs 50-57 vários modelos achados em Heddernheim⁽³¹⁾, Straubing-Sorviodurum⁽³²⁾, Fishbourne⁽³³⁾ e em Conimbriga⁽³⁴⁾ datáveis entre os sécs. I-III d. C. O n.º 53 encontra paralelo em Conimbriga⁽³⁵⁾; poderia ter sido um *pilum* pesado com a ponteira curta e em rebarba. Este modelo foi adoptado nos meados do séc. I d. C., no tempo de Domiciano⁽³⁶⁾. Os n.ºs 54-57 aproximam-se, por sua vez, do tipo de *pilum catapultarium*.

O n.º 58 é uma virola de *pilum*, a qual servia para manter fixa ao chão a ponta da haste da arma. O n.º 59 é um terminal da espada, sugerindo um exemplar de Krefeld-Gellep, pertencente a uma sepultura de incineração datada entre 400/525 d. C.⁽³⁷⁾. O n.º 60 corresponde provavelmente a uma bainha de adaga.

⁽³⁰⁾ Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 88; CONNOLLY (P.), *op. cit.*, p. 66-67.

⁽³¹⁾ Cf. FISCHER (Ulbert), *Grabungen im römischen Steinkastell von Heddernheim 1957-1959*, Frankfurt, 1973, p. 112-113, fig. 30, n.º 6-7 (lança e *pilum catapultarium* — séc. II d.C.; p. 122, n.º 9 (lança-séc. II-III d.C.); p. 124, fig. 36, n.º 9-11 [*pilum catapultarium*; *pilum spiculum* e dardo — séc. II-III C.C.); p. 127, fig. 38, n.º 9-10 (dardo e *pilum catapultarium* — séc. in d.C.).

⁽³²⁾ Cf. WALKE (Norbert), *Das Römische DonauKastell Straubing-Sorviodurum*, Berlim, 1965, p. 23, 123, 153, Est. 107, n.º 8-9 (lanças); Est. 108, n.º 6-8 (dardos) e n.º 14-27 (*pilum catapultarium*). Estes objectos são datados entre os sécs. II-III d.C.

⁽³³⁾ Cf. CUNLIFFE (B.), *op. cit.*, p. 134, fig. 60, n.º 47 (lança, datada entre 100-280 d.C.) e n.º 49 [*pilum catapultarium*, datado entre 100-280 d.C.).

^(M) Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 86, Est. XVII, n.º 1-2 (são duas pontas de lança, a primeira das quais achada nas fundações do forum augustano) e o n.º 4 (dardo proveniente da camada flaviana); p. 88, Est. XVIII, n.º 18-19 [*pilum catapultarium*, achados em níveis correspondentes à construção do forum flaviano).

⁽³⁵⁾ Cf. *id.*, *ibidem*, p. 88, Est. XVIII, n.º 17.

⁽³⁶⁾ Cf. CONNOLLY P., *op. cit.*, p. 51.

⁽³⁷⁾ Cf. PIRLING (Renate), *Das Römische-Fränkische Gräberfeld von Krefeld-Gellep*, Berlim, 1966 (1), p. 22; (2), p. 20, Est. 10, n.º 43, la-lf.

As fivelas n.ºs 61 a 66 eram usadas tanto no fardamento militar como no equipamento de arnês. O n.º 61 é uma fivela de cinturão usual nos finais do séc. I-II d. C. Provam-no os exemplares de Gonimbriga ⁽³⁸⁾, Richborough ⁽³⁹⁾, Aislingen e Burghofe ⁽⁴⁰⁾. Os n.ºs 62-64 cabem num tipo que aparece associado ao fardamento militar da época romana tardia. Conhecemos vários modelos em Krefeld-Gellep ⁽⁴¹⁾, em Fishbourne ⁽⁴²⁾ e em Straubing-Sorviodurum ⁽⁴³⁾, datáveis entre os sécs. m e o v d. C. ; as outras fivelas (n.ºs 65-66) pertencem ao correame usado no equipamento de arnês. Estes objectos situam-se no Baixo Império ou já em época bárbara ⁽⁴⁴⁾.

O n.º 67 é um elemento de correia com pendente a decorá-lo. Esta forma sugere os pingentes das couraças comuns em sítios romanos, nomeadamente em Rheingönheim, datáveis dos sécs. I-II d. C. ⁽⁴⁵⁾. O n.º 68 é uma placa de cinturão de técnica semelhante a dois exemplares de Richborough ⁽⁴⁶⁾. A presilha de correia n.º 69 era uma espécie de gancho que unia duas partes do tecido ou da pele. Esta forma, correspondente ao tipo IX de Wild, ocorre entre os sécs. n e m d. G. ⁽⁴⁷⁾.

⁽³⁸⁾ Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 96-97, Est. XX, n.º 67-68.

⁽³⁹⁾ Cf. CUNLIFFE (B. W.), *Fifth Report on the Excavations of the Roman Fort at Richborough, Kent*, Oxford, 1968, p. 93-94, Est. XXV, n.º 97-98. O autor data-os de 80-120 d.C.

⁽⁴⁰⁾ Cf. ULBERT (Gunter), *Die Römischen Donau-Kastelle Aislingen und Rurghofe*, Berlino, 1959, p. 106, Est. 61, n.º 28.

⁽⁴¹⁾ Cf. PIRLING (R.), *op. cit.*, p. 192-194, fig. 21. O autor data-os do séc. v d.C.

⁽⁴²⁾ Cf. CUNLIFFE (B.), *op. cit.* (v. nota 9), p. 110, fig. 44, n.º 87-88. O autor data-os post 280 d.C.

⁽⁴³⁾ Cf. WALKE (N.), *op. cit.*, p. 52, Est. 97, n.º 13. O autor data-os do séc. iii-iv d.C.

⁽⁴⁴⁾ Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 97 ; BROWN (P.D.C.), *The ironwork in Excavations at Shakenoak Farm, near Wilcote, Oxfordshire*, Oxford, 1972, p. 86, 117, fig. 43, n.º 199.

⁽⁴⁵⁾ Cf. ULBERT (Gunter), *Das frühromische Kastell Rheingönheim*, Berlino, 1969, p. 45-46, Est. 34, n.º 45-52.

⁽⁴⁶⁾ Cf. BUSHE-FOX (J. P.), *Fourth Report on the Excavations of the Roman Fort at Richborough, Kent*, Oxford, 1949, p. 148, Est. LIV, n.º 225 e 228, O autor data-os dos sécs. II-III d.C.

⁽⁴⁷⁾ Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 99, Est. XXI, n.º 88.

O n.º 70 pertence à categoria de botões que tanto fixavam a extremidade de cintos e de cinturões do fardamento militar, como prendiam as tiras de cabedal do equipamento de arnés. Surgem em vários sítios romanos durante os sécs. I-IV d. C., destacando-se pela variedade de talhe e de diâmetro que ostentavam⁽⁴⁸⁾. O n.º 70 aproxima-se de dois exemplares de Heddernheim datáveis dos sécs. I-II d. C.⁽⁴⁹⁾.

A corrente n.º 71 e o eixo n.º 72, em ferro, tinham diversas aplicações utilitárias, aparecendo estes objectos associados quer ao mobiliário, quer ao equipamento de atrelagem e de arnés⁽⁵⁰⁾.

50. Ponta de lança. Ferro. Compr. 150 mm. Lâmina larga em forma de folha de loureiro com encabamento em alvado. CUC.84.X.8(2).
51. Ponta de dardo. Ferro. Compr. 142 mm. Lâmina lanceolada, de secção oval com encabamento em alvado. CUC.84.XIV.46(3).
52. Id. Compr. actual: 178 mm. Lâmina mais estreita que a anterior e ponta aguçada. Encabamento em alvado. CUC.81.XIII.8(4).
53. *Pilum*. Ferro. Compr. 290 mm. Cabeça romboidal bastante curta e haste maciça de secção quadrangular. CUC.84.XV.A1(4).
54. Id. Compr. 128 mm. Cabeça em forma de pirâmide quadrangular, alongada. Encabamento em alvado. CUC.83.XV.1 Banq. Sul(2).
55. Id. Compr. 145 mm. Semelhante ao anterior, mas de maiores proporções. CUC.83. XV. 36(3).
56. Id. Compr. 92 mm. Ponta de secção rectangular, adelgaçando-se para o topo. Encabamento em alvado. CUC.79.VIII.8(3).
57. Id. Compr. 74 mm. Cabeça em forma de cone prismático e alvado ligeiramente aberto. CUC.80.VIII.7.lado sul(1).
58. Virola de *pilum*. Ferro. Compr. 55 mm. Cone aberto cavado quase até à ponta. CUC.83.XIV.23/24 Banq. Sul(2).

⁽⁴⁸⁾ Cf. *id.*, *ibidem*, p. 106.

⁽⁴⁹⁾ Cf. FISCHER (Lurich), *op. cit.*, p. 92 e 94, fig. 19, n.º 11 e 16.

O autor data-os do período I-II (séc. I-II d.C.).

⁽⁵⁰⁾ Cf. Walke (N.), *op. cit.*, p. 61, 162, Est. 131, n.º 17-18 e 20; FISCHER (Ulbert), *op. cit.*, p. 42, fig. 42, n.º 7. O autor data a corrente do séc. III d.C.

59. Terminal de bainha. Ferro. Alt. 30 mm. Larg. 27 mm. Ponta triangular com base côncava. CUG.81.XIII.6/7(2).
60. Bainha de adaga. Ferro. Dim.: 50x11 mm. Aro rectangular de lados menores côncavos. CUC.84.X.17(S/E).
61. Fivela. Bronze. Compr. total: 61 mm. Aro rectangular de lados côncavos, cujos cantos anteriores terminam num botão. Fusilhão e placa encaixam num eixo transversal que une os cantos posteriores da fivela. Placa com dois cravos. CUC.84.T9 oeste(4).
62. Id. Bronze. Dim. : **36X30** mm. Aro em forma de D, com a parte central bastante dilatada e o travessão rectilíneo. A face anterior é decorada por dois finos sulcos interrompidos a meio por um chanfro rebaixado. CUC.80.S1(E).
63. Id. Dim.: 42x29 mm. Aro oval com a parte média espalmada e dilatada; extremos chanfrados e travessão rectilíneo. A face anterior do aro é decorada com incisões muito profundas. CUG.81. XIII.1/2(2).
64. Id. Dim.: 32x30 mm. Aro rectangular com os lados constrictos, formando volutas simples e a parte média arqueada com quatro molduras verticais. Travessão rectilíneo e fusilhão em fita. CUG. 81 .VI 11.22(2).
65. Id. Ferro. Diâm. 55 mm. Aro quadrangular, de secção rectangular. Fusilhão com um dos extremos em fita. CUC.80.N 11 (D) (2).
66. Id. Dim.: 60x40 mm. Aro em forma de D, de secção rectangular. Conserva arranque de fusilhão. CUC.80.S 15C(7).
67. Elemento de couraça. Bronze. Compr. 150 mm. Placa rectangular de secção troncocônica ligada a um pingente por meio de uma corrente. Pingente em forma de folha triangular. CUC.86, tanque W,T9(3).
68. Placa de cinturão. Bronze dourado. Compr. 29 mm. Chapa rectangular, fina, com decoração geométrica aberta a cinzel CUC.79.8(2A).
69. Presilha de correia. Bronze. Compr. 34 mm. Pé com anel oval e travessão rectangular. GUC.83.XV.2A(2).
70. Botão. Bronze. Alt. 7 mm. Cabeça: 22x25 mm. Cabeça em forma de cúpula com arranque do pedúnculo. CUC.84.X.9.Banq. Este(1).

71. Corrente. Ferro. Compr. 128 mm. Formada por 3 elos rectangulares, unidos entre si, dois dos quais de lados maiores constrictos. CUC.82.XX.2(2).
72. Eixo. Ferro. Compr. 76 mm. De forma e secção circulares, apresenta os extremos coroados por um largo botão cónico. CUC.84.1/2 Y 28(1).

4. *Vária*

Nesta rubrica englobamos objectos de usos muito variados, feitos de metal (n.ºs 73 a 109, 113-138), osso (n.º 110) e cerâmica (n.ºs 111-112).

Os utensílios de cozinha são pouco numerosos (n.ºs 73-85). O n.º 73 corresponde a uma escudela, presumivelmente sem pé. Esta forma situa-se entre os sécs. i e m d.C. ⁽⁵¹⁾. Conhecemos um exemplar semelhante em Straubing-Sorviodurum, tipo 82 de Eggers, do séc. m d. C. ⁽⁵²⁾. O n.º 74 é uma colherinha de um passador, em ferro. Os n.ºs 75-77 são pegas, respectivamente, de *simpulum*, de caçarola e de pátera. A pega n.º 75 é estreita e remata numa pequena concha perfurada. Pertence a um *simpulum*. Esta forma aparece em vários sítios romanos, nomeadamente em Aislingen e Burghofe ⁽⁵³⁾ e em Rheingönheim ^(M), no séc. i d. C. A decoração da pega n.º 76 sugere uma sobrevivência temática de motivos do período pré-romano. Julgamos, no entanto, que este exemplar pode situar-se no séc. i d. C. ⁽⁵⁵⁾.

O n.º 77, pela decoração obtida por meio de moldagem, constituiu um modelo corrente no séc. i d. C. ⁽⁵⁶⁾, com exemplares em Aislingen e Burghofe ⁽⁵⁷⁾ e em Rheingönheim ⁽⁵⁸⁾. O n.º 78 é uma

⁽⁵¹⁾ Cf. BOESTEAD (Maria H. P. Pen), *The bronze vessels*, Nijmegen, 1956, p. 33, Est. IV, n.º 90.

⁽⁵²⁾ Cf. WÄLKE (N.), *op. cit.*, p. 63, Est. 115, n.º 1.

⁽⁵³⁾ Cf. ULBERT (Gunter), *op. cit.*, (Y. nota 40), p. 21, Est. 23, n.º 3-4.

⁽⁵⁴⁾ Cf. ULBERT (G.), *op. cit.* (V. nota 45), p. 47, Est. 37, n.º 4.

⁽⁵⁵⁾ Cf. BOESTEAD (Maria H. P. Pen), *op. cit.*, p. 34, Est. IY, n.º 97.

⁽⁵⁶⁾ Cf. *id.*, *ibidem*, p. 10-11, Est. II, n.º 25-29.

⁽⁵⁷⁾ Cf. ULBERT (G.), *op. cit.* (Y. nota 39), p. 62, Est. 23, n.º 10.

⁽⁵⁸⁾ Cf. ULBERT (G.), *op. cit.* (V. nota 45), p. 48, Est. 37, n.º 12-14.

tampa de bronze que poderia ter servido como cobertura a urna caixa de jóias, de dados ou de farmácia. Não achamos para este exemplar nenhum paralelo. O n.º 79 é um pé de vaso com vestígios de um rebite a meio.

Os n.ºs 80-85 são facas (*cultii*) usadas na cozinha, no talho e/ou em cerimónias religiosas (n.º 85). Os n.ºs 80-82 têm uma lâmina estreita, enquanto os outros três (n.ºs 83-85) apresentam uma lâmina larga, em cutelo. O n.º 85 é um cutelo mais apropriado para talhar carne; as facas de lâmina estreita com ressalto junto ao dorso tornam-se abundantes nos finais do Império Romano. Comprovam-no os modelos de Conimbriga⁽⁵⁹⁾, Verulamium⁽⁶⁰⁾ e Fishbourne⁽⁶¹⁾ que aparecem em níveis tardios. Conhecemos alguns exemplares de Verulamium⁽⁶²⁾, Heddernheim⁽⁶³⁾ e Straubing-Sorviodurum⁽⁶⁴⁾ achados em vários níveis do período romano.

Os n.ºs 86-88 são espelhos de fechadura; os dois primeiros têm uma abertura rectangular pouco vulgar. O n.º 88 conserva os dois cravos de fixação e vestígios da abertura para as chaves. A sua decoração faz lembrar uma placa idêntica de Conimbriga⁽⁶⁵⁾. Conhecemos vários exemplares achados em Conimbriga⁽⁶⁶⁾, Straubing-Sorviodurum⁽⁶⁷⁾ e Cambodunum⁽⁶⁸⁾ no séc. i d. C.

O n.º 89 é uma folha recortada que serviria de aplicação a

⁽⁵⁹⁾ Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 161-162, Est. XLI, n.º 69-72 e Est. XLII, n.º 72-82.

⁽⁶⁰⁾ Cf. FRERE (S.), *op. cit.*, (V. nota 26), p. 195, fig. 73, 162. O autor data-o entre 280-315 d.C.

⁽⁶¹⁾ Cf. CUNLIFFE (B.), *op. cit.*, (V. nota 9), p. 134, fig. 60, n.º 46. Data este exemplar do 3.º período, ou seja, de 100 a 280 d.C.

⁽⁶²⁾ Cf. FRERE (S.), *op. cit.*, (V. nota 26), p. 40, fig. 65. O autor data-o de 280-315 d.C.

⁽⁶³⁾ Cf. FISCHER (Ul.), *op. cit.*, (V. nota 31), p. 134, fig. 43, n.º 9. O autor data-o do período I-II, ou seja, do séc. I-II d.C.

⁽⁶⁴⁾ Cf. WALKE (N.), *op. cit.*, (V. nota 32), p. 157, Est. 121, n.º 14-15.

⁽⁶⁵⁾ Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 167, Est. XLV, n.º 128.

⁽⁶⁶⁾ Cf. *id.*, *ibidem*, p. 167, Est. XLV, n.º 125.

⁽⁶⁷⁾ Cf. WALKE (N.), *op. cit.*, p. 59 e 159, Est. 124, n.º 3.

⁽⁶⁸⁾ Cf. KRAMER (Werner), *Cambodunumforschungen 1953-1*, Kallmunz, 1957, p. 68, Est. 19, n.º 41. O autor data-o do período ï, ou seja, de Augusto a Tibério.

uma peça de mobiliário ⁽⁶⁹⁾. A tranca e o aloquete ou cadeado constituíam a segurança das portas romanas. A cada um dos sistemas correspondia um dado tipo de chaves ⁽⁷⁰⁾: a chave de palhetão ou chave para tranca (n.ºs 90-91); a chave em L ou chave para aloquete (n.º 92); a chave para tranqueta (n.ºs 93-94) e a chave rotativa (n.ºs 95-97). A primeira, formada por vários dentes, funcionava no sentido vertical ou lateral; a chave de aloquete funcionava nos dois sentidos, vertical e lateral, tornando-se numa modalidade de chave de tranca ⁽⁷¹⁾; a chave para tranqueta obedecia ao mesmo sistema da chave de tranca; a chave rotativa provocava um movimento de rotação completo como nos modelos modernos.

A chave de tranca e a chave para aloquete foram usadas em Pompeios até 79 d. C. ⁽⁷²⁾. Conhecemos para os n.ºs 90-94 vários paralelos em Conimbriga ⁽⁷³⁾, Verulamium ⁽⁷⁴⁾, Aislingen e Burghöfe ⁽⁷⁵⁾, em Cambodunum ⁽⁷⁶⁾, Straubing ⁽⁷⁷⁾, em Richborough ⁽⁷⁸⁾, em Heddernheim ⁽⁷⁹⁾ e Fishbourne ⁽⁸⁰⁾, datáveis entre os sécs. I d. C. e IV d. C.

⁽⁶⁹⁾ Cf. WALKER (N.), *op. cit.*, p. 162, Est. 133, n.º 31. O autor data-o do séc. I d.C.

⁽⁷⁰⁾ Cf. *London in Roman Times* (London Museum Catalogues, n.º 3), Londres, 1946, p. 70.

⁽⁷¹⁾ Cf. *id.*, *ibidem*, p. 70.

⁽⁶²⁾ Cf. *id.*, *ibidem*, p. 72.

⁽⁷³⁾ Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 172, Est. XLV, n.º 149-159 (o n.º 149 foi achado num nível correspondente à construção do fórum flaviano).

⁽⁷⁴⁾ Cf. FRERE (S.), *op. cit.*, p. 182, fig. 68, n.º 75 (270-275 d.C.), n.º 76 (80 d.C.), n.º 77 (Séc. IV d.C.) e p. 183, fig. 68, n.º 78 (140-150 d.C.).

⁽⁷⁵⁾ Cf. ULBERT (G.), *op. cit.*, (V. nota 40), p. 103, Est. 53, n.º 14; p. 107, Est. 67, n.º 12-15 (Séc. I-II d.C.).

⁽⁷⁶⁾ Cf. KRAMER (W.), *op. cit.*, p. 68, Est. 19, n.º 33-38.

⁽⁷⁷⁾ Cf. WALKER (N.), *op. cit.*, p. 59 e 158, Est. 122, n.º 4-7, 10-17 e Est. 123, n.º 1-12 (Séc. I-III d.C.).

⁽⁷⁸⁾ Cf. CUNLIFFE (B. W.), *op. cit.*, (V. nota 39), p. 33 e 104, Est. XLVI, n.º 201 (pré-flaviano) e n.º 203 (Séc. IV d.C.).

⁽⁷⁹⁾ Cf. FISCHER (U.), *op. cit.*, (V. nota 31), p. 117, fig. 34, n.º 2 (161-176 d.C.); p. 134, fig. 44, n.º 1, 3 e 5 (Séc. I-II d.C.) e n.º 4 (Séc. I-I.ª metade do II d.C.).

⁽⁸⁰⁾ Cf. CUNLIFFE (B.), *op. cit.*, (V. nota 9), p. 131, fig. 58, n.º 27 (75/80-280 d.C.); n.º 28-31 (100-280 d.C.).

A chave rotativa aparece igualmente em Conimbriga ⁽⁸¹⁾, Fishbourne ⁽⁸²⁾ e Straubing-Sorviodurum ⁽⁸³⁾ entre o séc. i e o séc. ni d. C.

O mecanismo dos cadeados n.ºs 98-99 é semelhante ao dos modelos de Verulamium ⁽⁸⁴⁾ e de Finsbury Circus ⁽⁸⁵⁾, situados entre os sécs. n e iv d. C. O n.º 98 é de forma oval, podendo ser já um modelo muito mais tardio.

Os n.ºs 100-101 são duas peças cruciformes que eram usadas na intersecção de barras transversais e verticais de gradeamentos de janelas e portas. Não encontramos para estas peças nenhum paralelo.

Os instrumentos de escrita [*styli*] limitam-se a dois exemplares de ferro (n.ºs 102-103). Escrevia-se com eles em tabuinhas de cera; a extremidade ponteaguda traçava e marcava os caracteres; a outra extremidade espatulada servia para apagar ou corrigir os caracteres errados. São numerosos os exemplares achados em vários sítios romanos.

Os n.ºs 104-107 pertencem ao grupo de instrumentos para pesar e medir mercadoria. O n.º 104 é uma balança greco-romana (*libra* ou *talentum*), marcada num dos braços por 12 golpes equidistantes. Cada golpe corresponde a uma *semisestula* (1/12 da onça), ou seja, a 2,245 grs., ou 2,27 grs. ⁽⁸⁶⁾. O valor da onça é de 26,938 grs. ou 27,29 grs.

O n.º 105 é um prato que, pelas suas dimensões reduzidas, deveria ter pertencido a uma balança idêntica à do n.º 104. Conimbriga fornece-nos alguns bons exemplares de pequenas balan-

⁽⁸¹⁾ Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 173, Est. XLVIII, n.º 173 (foi achado num nível de revolvimento).

⁽⁸²⁾ Cf. CUNLIFFE (B.), *op. cit.*, (V. nota 9), p. 131, fig. 58, n.º 32 (100-280 d.C.).

⁽⁸³⁾ Cf. WALKER (N.), *op. cit.*, p. 59 e 158, Est. 123, n.º 16 e 23 (Séc. md.C.).
H Cf. FRERE (S.), *op. cit.*, (V. nota 26), p. 181, fig. 67, n.º 66-67 (155-160 d.C.) e n.º 68 (280-315 d.C.).

⁽⁸⁵⁾ Cf. *London in Roman Times*, p. 72-73, fig. 17 (post. 100 d.C.).

⁽⁸⁶⁾ Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 177-178; Cf. PONTE (Salette da), *Balanças e Pesos de Conimbriga*, «Conimbriga», 18, 1979, p. 121-132 (p. 124).

ças greco-romanas e respectivos pratinhos ⁽⁸⁷⁾. O valor real dos dois pesos prismáticos de chumbo (n.ºs 106-107) fica aquém do seu valor nominal; o n.º 106, correspondente à *uncia* (26,938 grs. ou 27,28 grs.), pesa 26,94 grs.; o n.º 107 pesa 286,10 grs., não atingindo, assim, o valor nominal do «*deunx*», ou seja, onze onças ⁽⁸⁸⁾.

Os pesos apresentam muito raramente correspondência entre o valor nominal e o real. O desgaste provocado pelo uso e pelo enterramento concorrem necessariamente para a diferença do valor ponderal ⁽⁸⁹⁾.

Os objectos n.ºs 108-109 serviam para espevitar e extinguir a chama das lamparinas de azeite [*lucernae*]. Ocorrem com muita frequência em muitos sítios romanos ⁽⁹⁰⁾. A representação miniaturada de figuras em metal, osso e cerâmica é, por assim dizer, o reflexo da vida espiritual romana. As figuras representavam, como amuletos, o poder propiciatório, mágico e religioso; como brinquedos e adornos pessoais, copiavam figuras da vida real, recreando ou teatralizando cenas do quotidiano.

O n.º 110 representa uma figura feminina estilizada, cujas incisões marcam os seus traços fisionómicos e anatómicos. A perfuração junto aos ombros serviria para a passagem de um fio ⁽⁹¹⁾ e não de uma cavilha para o encaixe dos braços articulados ⁽⁹²⁾. Este tipo é comum nos sítios romanos peninsulares. Assumir-se-á como amuleto encomendando as jovens noivas à protecção dos deuses Lares e Penates ? ⁽⁹³⁾. É uma questão ainda em aberto. Os n.ºs 111-112 são duas peças cerâmicas pertencentes a figurinhas humanas: uma, correspondente a uma máscara feminina (n.º 111) e outra, a um braço direito inflectido com a mão semi-cerrada.

⁽⁸⁷⁾ Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 176-177, Est. XLVIII, n.º 184-185 e 187 a-b; PONTE, *art. cit.*, (V. nota 86), p. 124-126, Est. I, n.º 3-7 e n.º 13-14.

⁽⁸⁸⁾ O valor nominal do *deunx* é de 296,381 grs. ou de 300,16 grs.

⁽⁸⁹⁾ Cf. PONTE (S.), *art. cit.*, (V. nota 86), p. 127-129.

⁽⁹⁰⁾ Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 189, Est. LUI, n.º 302-303.

⁽⁹¹⁾ Cf. *id.*, *ibidem*, p. 192, Est. LUI, n.º 315.

⁽⁹²⁾ Cf. LAFAYE (Georges), *Pupa*, in *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris, 1907, p. 768-769.

⁽⁹³⁾ Cf. *id.*, *ibidem*, p. 768.

Estas figurinhas fazem parte do universo religioso da cultura romana.

Os n.ºs 113-114 são instrumentos sonoros usados pelos Romanos para protegerem a casa e afugentarem os espíritos. O n.º 114 é um guizo de prata que deveria ter pertencido a um *crepitaculum* (guizo). Este instrumento musical era usado como objecto cultural (94). Conhecemos um exemplar achado em Pompeios (95). O guizo de S. Cucufate foi recolhido no templo, o que permite associá-lo a cerimónias de cariz religioso. Conhecemos vários paralelos achados em Verulamium (96), Fishbourne (97), Aislingen e Burghofe (98*) e em Rheingönheim (").

Os n.ºs 115-134 reúnem uma diversidade de pregos usados na construção de edifícios.

Os n.ºs 118, 120-121, 127 e 134 fornecem-nos, pela haste dobrada em L ou em U, a espessura da madeira que teriam de fixar.

Os n.ºs 135-138 são ganchos de suspensão com diversas utilidades. Encontramo-los abundantemente em Conimbriga⁽¹⁰⁰⁾, Richborough (101), Heddernheim (102) e Straubing-Sorviodurum (103). O exemplar de Richborough aparece associado a um peso de bronze; outros ganchos similares são, porém, usados para suspender *lucernae*.

(94) Cf. LAVEDAN (P.), *op. cit.*, p. 192, fig. 207 (*carrilou*).

(95) Cf. RICH (A.), *op. cit.*, p. 202 (*crepitaculum*).

(96) Cf. FRERE (S.), *op. cit.*, p. 126, fig. 37, n.º 93. O autor data-o de 310-315 d.C.

(97) Cf. CUNLIFFE (B.), *op. cit.*, (V. nota 9), p. 112, fig. 46, n.º 107. O autor data-o entre 100-280 d.C.

(98) Cf. CUNLIFFE (G.), *op. cit.*, (V. nota 40), p. 75 e 106, Est. 65, n.º 6.

(") Cf. ULBERT (G.), *op. cit.*, (V. nota 45), p. 49, Est. 40, n.º 7.

(100) Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 186, Est. LI-LII, p.º 256-264 (semelhantes aos n.ºs 143-144).

(101) Cf. BUSHE-FOX (J. P.), *Third Report on the excavations of the Roman Fort at Richborough, Kent*, Oxford, 1932, p. 82-83, Est. XIV, n.ºs 44 a 47 (semelhante ao n.º 145).

(102) Cf. FISCHER (UL), *op. cit.*, (V. nota 31), p. 109, fig. 27, n.º 6 (semelhante ao n.º 145).

(103) Cf. WALKE (N.), *op. cit.*, (V. nota 32), p. 159, Est. 124, n.º 16 (semelhante ao n.º 145).

73. Escudela. Bronze. Diâm. 120 mm. Conserva a aba voltada para o exterior e parte da parede do vaso. CUC.83.VIII.27(3).
74. Passador. Ferro. Dim.: 28X25 mm. Placa oval, côncava, crivada de pequenos orifícios circulares. CUC.79.XV 1(1).
75. *Simpulum*. Bronze. Compr. 77 mm. Haste e secção rectangulares com um dos extremos coroados por uma concha de pequenos orifícios. CUC.83.IVA 41/42(1).
76. Cabo de caçarola. Bronze. Compr. 235 mm. Haste e secção rectangulares com a orla decorada por um friso contínuo de SS e por um largo círculo impresso. A face posterior conserva vestígios de solda. CUC.80.III.16(2).
77. Cabo de pátera. Bronze. Compr. 80 mm. Terminal de haste em forma de disco decorado por um cordão em relevo circunscrito e um outro que acompanha a orla do cabo. CUC.83.XV.26(3).
78. Tampa. Bronze. Diâm. 35 mm. Alt. 7 mm. Disco oco com orla vertical. CUC.84.IX.48(2).
79. Pé de vaso. Bronze. Compr. 46 mm. Peça em forma de peita alongada, com os extremos adelgaçados. CUC.84.X.27 Banq. Sul(S/E).
80. Faca. Ferro. Compr. 115 mm. Lâmina estreita e rectangular com ressalto entre o dorso rectilíneo e a lâmina. Espigão longo e estreito. CUC.79.S1(S/E).
81. Id. Compr. 160 mm. Semelhante à anterior, mas de maiores proporções. CUC.82.XXIV.28(5).
82. Id. Compr. 140 mm. Semelhante à anterior, mas de gume concavo. CUC.81.V.19(2).
83. Cutelo. Ferro. Compr. 172 mm. Lâmina larga, triangular com dorso rectilíneo. Espigão de secção rectangular. CUC.83.IVA.2/3 (1).
84. Id. Compr. 150 mm. Lâmina larga, triangular com o dorso convexo. Espigão longo e terminado em gancho. CUC.83.XV.36(7)
85. Id. Compr. 212 mm. Lâmina de secção triangular bastante incompleta. Cabo longo, em alvado e de secção circular. A extremidade conserva um orifício e um cravo de fixação. CUC.81. XIII.16/17(1).

86. Espelho de fechadura. Ferro. Dim.: 32x40 mm. Placa rectangular com dois dos lados constrictos; os outros dobram-se em meia cana. Abertura rectangular. CUC.84.XV.48(1).
87. Id. Bronze. Dim.: 43X11 mm. Placa losangonal dobrada em gancho nas pontas. Abertura rectangular ladeada por dois orificios. CUC.82.XXV.19(1).
88. Id. Dim.: 34X19 mm. Placa delgada decorada por 3 coroas circulares. Conserva dois orificios, dois cravos e vestigios de abertura. CUC.84.XV.A6(3).
89. Disco decorativo. Bronze. Diâm. 44 mm. Placa circular com orla retalhada e orificio a meio. CUC.82.XX.2(3).
90. Chave de tranca. Ferro. Compr. 175 mm. Braço rectilíneo segurando três dentes que são perpendiculares. Extremidade perfurada. CUC.85.T8(2) fundo.
91. Id. Compr. 175 mm. Semelhante ao anterior, possuindo apenas dois dentes. Extremidade perfurada. CUC.81.III.25(6).
92. Chave para aloquete. Ferro. Comp. 162 mm. Braço de secção rectangular com um dos extremos dobrado em ângulo recto, formando um janela em U. CUC.82.XIV.21(3).
93. Chave para tranqueta. Ferro. Compr. 90 mm. Haste de secção rectangular, com um dos extremos em anel ovalado e o outro dobrado em ângulo recto com 5 dentes. CUC.82.XX.8(2).
94. Id. Compr. 92 mm. Semelhante ao modelo anterior. CUC.84.IX 48(2).
95. Chave rotativa. Ferro. Compr. 60 mm. Cabo de secção circular terminado, num dos lados, por um anel espalmado e no outro, por um pé rectangular recortado. CUC.80.III.22(S/E).
96. Id. Compr. 52 mm. Semelhante ao anterior, mas de menores proporções. CUC.81.XIII.18(2).
97. Id. Compr. 52 mm. Semelhante às anteriores, faltando-lhe parte do anel e do cabo. CUC.80.N.1(S/E).
98. Cadeado. Ferro. Dim.: 58X80 mm. Trinco protegido por uma caixa oval com anel de segurança. CUC.84.XV.A.7(2).

99. Id. Compr. 96 mm. Consta de duas argolas, uma das quais interrompida, cujos extremos são paralelos ao dobrarem-se em ângulo recto. Estas pontas faziam parte do trinco. CUC.83.XIII. Banq. Sul 16/17(3d).
100. Aplicação. Ferro. Dim.: 110x36 mm. Placa rectangular com os cantos alongados em fita, enrolados em hélice na extremidade. Conserva rebite a meio da placa. CUC.83.XIV.48. Banq. Sul(1).
101. Id. Dim.: 72X25 mm. Placa munida de um orifício para alojamento do rebite. CUC.83.XIV. 48. Banq. Sul(1).
102. Estilete. Ferro. Compr. 102 mm. Haste ponteaguda de secção circular com um dos extremos terminado em espátula e o outro em ponta. A haste contém incisões paralelas. CUC.80.VIII.11(3).
103. Id. Comp. 143 mm. Haste mais alongada que a anterior, sem qualquer decoração. CUC.84.XIV.46(3).
104. Balança greco-romana. Bronze. Compr. 235 mm. Peso: 22,6 grs. Travessa horizontal, de braços iguais, com um deles marcado por 12 golpes. Fiel trapezoidal. CUC.84.XV.A.7(2).
105. Prato. Bronze. Diâm. 33 mm. Alt. 8 mm. Concha com 3 pequenos orifícios para suspensão. CUC.84.XV.47. Banq. Sul(1).
106. Peso. Chumbo. Alt. 30 mm. Larg. 18 mm. Peso: 26,9417 grs. De forma prismática, perfurado no topo por um orifício. Tem valor real de 286,1 grs., valor aproximado de *uncia* (1 onça). CUC.81.X.5 Banq. Este(1).
107. Id. Alt. 72 mm. Larg. máx. 32 mm. Peso: 286,1 grs. De forma prismática, perfurado no topo por um orifício. Peso: 286,1 grs., valor aproximado do *deunx* (11 onças). CUC.80.15D(4).
108. Apagador/Espevitador. Bronze. Compr. 102 mm. Haste de secção rectangular, terminando num cone oco e encimado por um pequeno gancho. CUC.84.IV.2(1).
109. Id. Compr. 117 mm. Semelhante ao anterior, só que a ponta terminal do cone é recta e de secção rectangular. CUC.82.XX.3(3).
110. Boneca. Osso. Compr. 134 mm. Figura feminina estilizada com os traços fisionómicos bem definidos. Ombros perfurados para a passagem de um fio. CUC.81.111.35(4).

111. Máscara. Argila. Dim. : 32 X 25 mm. Restam da cabeça feminina os olhos, o nariz, a boca semiaberta e o maxilar bem torneado. CUC.83.XIV. Banq. Este(4).
112. Braço. Argila. Compr. 50 mm. Membro superior direito inflectido, tendo a mão semi-aberta. CUC.82.XXIV.34(4).
113. Campainha. Bronze. Alt. 55 mm. Larg. máx. 40 mm. Pirâmide truncada coroada por um anel poligonal e base ovalada. CUC.83.XXIV.22(1).
114. Guizo. Prata amoniacal. Alt. 20 mm. Conserva parte da calote esférica superior recortada por 2 orifícios. Rematado no topo por um anel prismático. CUC.83.XXIV.templo(S/E).
115. Pregão. Ferro. Compr. 171 mm. Cabeça cónica, haste larga e de secção rectangular. CUC.81.XIV.18(2A).
116. Id. Bronze. Compr. 91 mm. Semelhante ao anterior, mas de menores proporções. CUC.80.S 14C(3).
117. Id. Ferro. Compr. 159 mm. Cabeça cónica achatada e larga com haste de secção rectangular. CUC.83.XV.28(1).
118. Id. Compr. 165 mm. Semelhante ao anterior, só que a haste está dobrada em L. CUC.82.V 45(1).
119. Id. Compr. 146 mm. Cabeça cónica achatada e larga. Haste de secção circular. CUC.84.X.32(1).
120. Id. Compr. 111 mm. Cabeça cónica achatada de base plana. Haste dobrada na ponta em L e de secção rectangular. CUC.80.111.24(2).
121. Id. Compr. 125 mm. Cabeça plana e circular. Haste de secção rectangular, estando dobrada junto à ponta. CUC.84.XX.49(3).
122. Id. Compr. 57 mm. Cabeça circular e de base plana. Haste de secção circular. CUC.82.XIV.34(1).
123. Id. Compr. 28 mm. Semelhante ao anterior. Haste de secção poligonal. CUC.82.V 44(1).
124. Id. Bronze. Compr. 26 mm. Cabeça circular e de base plana. Haste de secção rectangular. CUC.82.XIII.21/22(2A).

125. Id. Ferro. Compr. 60 mm. Cabeça larga em forma de umbo. Haste grossa, de secção circular. CUC.84.V.22. Banq. Este (2).
126. Id. Compr. 75 mm. Cabeça cónica de base quadrangular. Haste de secção rectangular. CUC.79.S1(S/E).
127. Id. Compr. 105 mm. Cabeça achatada de base quadrangular. Haste dobrada em L e de secção rectangular. CUC.82.IX.16(2).
128. Id. Compr. 100 mm. Cabeça triangular e haste de secção quadrangular. CUC.84.XV. Banq. Este 41(3).
129. Prego-cavilha. Ferro. Compr. 61 mm. Cabeça em T. Haste de secção quadrada. CUC.82.IX.16(2).
130. Id. Compr. 36 mm. Semelhante ao anterior, mas de menores proporções. CUC.81.III.25(6).
131. Chumbadouro. Ferro. Compr. 62 mm. Haste de secção quadrada, dobrada em L. CUC.82.XIV.49(2).
132. Id. Compr. 148 mm. Haste de secção circular, dobrada em L. CUC.84.XV.47(3).
133. Id. Compr. 180 mm. Semelhante ao anterior. CUC.82.XIV.23(1).
134. Grampo. Ferro. Dim.: 85x70 mm. Haste de secção quadrada dobrada em U. CUC.83.IVA.32(4).
135. Gancho. Ferro. Compr. 112 mm. Haste de secção rectangular com um dos extremos dobrado em gancho. CUC.82.XIV.23(1).
136. Id. Compr. 130 mm. Haste de secção rectangular com um dos extremos terminado em anel e outro formando um largo gancho. CUC.81.XIV.3/4(5).
137. Id. Compr. 145 mm. Semelhante ao anterior, mas de maiores proporções. CUC.81.XIII.43. Banq. Este(6).
138. Cadeia de suspensão. Bronze. Compr. 115mm. Duas hastes de secção circular, unidas por meio de anéis existentes nos extremos CUC. 79 S 14B(1).

II. Artefactos post-romanos

Neste capítulo incluímos objectos metálicos que nos não parecem romanos mas que poderão dar informações preciosas sobre o quotidiano da população que viveu no Convento de S. Cucufate. Não podemos, todavia, deixar de admitir a possibilidade de alguns serem anteriores ao convento fundado nos meados do séc. XII ou posteriores ao seu abandono, ocorrido no séc. XVI. A capela continuou a servir o público pelo menos até ao séc. XVIII, assistida por um ermitão. Estes objectos correspondem a níveis estratigráficos sem definição cronológica segura.

O protector n.º 139 e as ferraduras n.ºs 140-145 serviam para a protecção do casco das montadas e dos animais de carga. O modelo de ferradura variava segundo a natureza do animal e dos serviços que este prestava ao homem. Essa a razão pela qual constatamos diferenças nos exemplares ilustrados (n.ºs 140-145). Os n.ºs 140-142 têm os ramos separados e as craveiras rectangulares, enquanto os n.ºs 143-145 apresentam os ramos unidos com craveiras circulares e uma abeitura a meio, larga e circular. Por outro lado, a face superior do n.º 140 desenha uma larga meia-lua, enquanto que os n.ºs 141-142 apresentam uma curvatura mais apertada. Esta diferença deve-se ao facto de aquela ser usada para a ferração de equídeos, enquanto que os outros dois modelos se adequavam mais ao estilo do pé do gado muar e do bovino⁽¹⁰⁴⁾. As ferraduras n.ºs 143-145 destinavam-se, em regra, à ferração do gado muar. As ferraduras com os ramos separados aparecem regularmente entre os períodos pré-claudiano e a época medieval⁽¹⁰⁵⁾; os outros modelos (n.ºs 143-145) não devem ser anteriores aos sécs. IX-X⁽¹⁰⁶⁾.

Os n.ºs 146-148 são instrumentos de costura necessários à confecção de vestuário: duas tesouras e um dedal. Os ramos

⁽¹⁰⁴⁾ Cf. MELLO (D. António José de), *Manual de Ferrador*, Lisboa, 1885, p. 49.

⁽¹⁰⁵⁾ Cf. *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 104.

⁽¹⁰⁶⁾ Cf. DUPONT (Jean-Claude), *L'artisan forgeron*, Québec, 1979, Est. XXXII-XXXIII.

triangulares do n.º 146 são, ao contrário do n.º 147, fortes e bastante largos, o que permitiria ao alfaiate o corte de tecido mais encorpado. Conhecemos um modelo semelhante do séc. xiv⁽¹⁰⁷⁾; o n.º 147, pelo seu fino recorte decorativo, serviria para trabalhos de costura mais delicados. Esta peça de ferro tem, a decorá-la, embutidos de latão, tão em voga nos sécs. xvm-xix⁽¹⁰⁸⁾. O n.º 148 é um dedal. Este objecto surge com frequência na Idade Média, conforme nos atestam os exemplares de Lincolnshire^(109 **), datáveis do séc. xi; conhecemos, no entanto, um exemplar de Fishbourne, datável entre 100-280 d. C. (nº).

O n.º 149 é um utensílio de percussão circular^(m), em ferro, apropriado para furar madeira. É usado tanto por carpinteiros como por tanoeiros. Este trado ou verruma termina em pua, seguindo-se-lhe uma larga meia cana para receber a serradura ao furar a madeira⁽¹¹²⁾. O seu encabamento consistia num espigão fixo a uma travessa de madeira perpendicular ao plano do cabo.

A turquês é um instrumento de prensão (n.º 150) usado para o arranque de pregos ou de fios metálicos. Esta peça é muito semelhante a um exemplar galo-romano de Bourges⁽¹¹³⁾, só que a natureza do ferro do n.º 150 denuncia um fabrico bem mais recente⁽¹¹⁴⁾. Este instrumento é usado tanto na carpintaria, coudelaria, serralharia, como em oficinas de curtumes⁽¹¹⁵⁾.

(iº7) cf CASELLI (Giovanni), *O Império Romano e a Idade Média*, São Paulo, 1982, p. 46, n.º 12. O autor data-o do séc. xiv.

(108) Cf. BRUNT (Andrew), *Guia dos estilos de mobiliário*, Lisboa, 1982, p. 28; TRE ASE (Geoffrey), *O Relógio da Historia*, São Paulo, 1986, n. 30-31.

(109) Cf. CASELLI (G.), *op. cit.*, p. 38-39, n.º 21 (objecto feito com uma liga de cobre).

(nº) Cf. CUNLIFFE (B.), *op. cit.*, (V. nota 9), p. 118, fig. 51, n.ºs 147-148.

(m) Cf. DUPONT (Jean-Claude) e MATHIEU (Jacques), *Les métiers du cuir*, Québec, 1981, p. 34 e 40.

(112) Cf. COLARES (José Pedro dos Reis), *Manual do marceneiro*, Lisboa, p. 30-31.

(113) Cf. HOFMANN (B.), *La Quincaillerie Antique*, i.ª partie, «Notice Technique», Paris, 1964, Est. VIII, n.º 43 (Museu de Bourges, n.º 18).

(U4) Cf. TREASE (G.), *op. cit.*, (V. nota 108), p. 78, n.º 13.

(115) Cf. COLARES (J. P. R.), *op. cit.*, p. 30, fig. 36; DUPONT (J.-G.), *op. cit.*, p. 44; DUPONT (J.-C.) e MATHIEU (J.), *op. cit.*, (V. nota 110), p. 100 e 110.

O n.º 151, em estanho prateado, sugere-nos um instrumento cirúrgico, mais exactamente, um dissecador, já usado na época romana ⁽¹¹⁶⁾. Trata-se de uma folha estreita com uma das extremidades munidas de duas pontas ou dentes curvos. Estes serviriam para separar ou cortar qualquer órgão existente no corpo humano. Não encontramos nenhum paralelo para o n.º 151, o que nos impede de o situar no tempo.

Os n.ºs 152-156 agrupam objectos de carácter ornamental e religioso. O n.º 152 é uma medalha religiosa renascentista (fins do séc. xv-xvi). A figura da Virgem sentada no trono e a do Menino Deus, de braços abertos, sentado no regaço de sua Mãe, retratam o estilo e o género emblemático da Virgem Majestade da Renascença ⁽¹¹⁷⁾.

As duas cruzes peitorais (n.ºs 153-154) correspondem a dois períodos históricos diferentes: uma (n.º 153) situar-se-á entre o séc. viu e o xV ; a outra (n.º 154) enquadra-se no séc. xvi-xvii

A cruz de ferro é bastante tosca e singela na sua nudez figurativa. A simples cruz peitoral ocorre timidamente no Alto Império Romano ⁽¹¹⁸⁾, tornando-se o seu uso frequente no séc. xn ⁽¹¹⁹⁾.

O n.º 154 representa a agonia e a morte de Cristo na cruz; de tardoiz, a Imaculada Conceição.

O séc. xvi-xvii enaltece, a exemplo do séc. xv, a imagem do Cristo dramático. O corpo pende dos braços, os pés fixam-se por meio de um cravo, os joelhos flectem, a coroa circunda a cabeça e o rosto exprime dor, sofrimento e morte ⁽¹²⁰⁾. Esta repre-

⁽¹¹⁶⁾ Cf. MILNE (J. S.) *et alii*, *op. cit.*, p. 79-85, Est. XXI-XXII.

⁽¹¹⁷⁾ Cf. COUTINHO (B. Xavier), *Nossa Senhora na Arte*, Porto, 1959, fig. 72; DIAS (Pedro) e SERRÃO (Yitor), *A pintura, a iluminura e a gravura dos primeiros tempos do séc. XVI*, in *História da Arte em Portugal — O Manuelino*, Lisboa, 1986 (5), p. 117-146 (p. 137 e 142).

⁽¹¹⁸⁾ Cf. FRERE (S.), *op. cit.*, p. 132. O autor data o exemplar de 150-155/160.

⁽¹¹⁹⁾ Cf. OLIVEIRA (A. Alves de), *Cruz Litúrgica*, in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Lisboa, 1967 (6), p. 477-479 (p. 479).

⁽¹²⁰⁾ Cf. «The Paul Getty Museum Journal», Califórnia, voi. 15, 1987, p. 167 (missal de Mainz).

sentação de cariz renascentista poderá datar dos finais do séc.

XVI ⁽¹²¹⁾.

A placa de cobre dourada (n.º 155) com a estilização da flor de liz associa-se ao mobiliário religioso e ornamental do séc. xvi ⁽¹²²⁾. Por outro lado, a flor de liz e a aplicação da folha dourada sobre o cobre torna-se muito frequente na arte decorativa do séc. xvi ⁽¹²³⁾. Julgamos que esta placa poderia ter pertencido a um relicário ou cruz processional ⁽¹²⁴⁾.

O n.º 156 é uma tampa de estanho fundido com a pega em forma de cruz latina. Esta tampa poderia ter pertencido a um pequeno recipiente para o incenso.

O n.º 157 é urna placa de cobre dourada cinzelada, para decoração de mobiliário. Esta placa revela a mesma factura técnica que a do n.º 155. Tal facto leva-nos a sugerir que esta peça não deverá ser anterior ao séc. xvi-inícios do séc. xvii ⁽¹²⁵⁾.

O n.º 158 é um fecho de cofre, em cobre prateado com decoração estampada. Não encontramos nenhum paralelo que nos permita situá-lo no tempo.

Com o n.º 159 ilustramos 4 alamares de prata que passaram a guarnecer o traje feminino a partir do séc. xvi ⁽¹²⁶⁾.

Os n.ºs 160-161 são botões modernos do fardamento militar.

O n.º 162 é uma folha de oito pétalas em cobre dourado, usada certamente como ornato decorativo.

O n.º 163 é uma fivela de cobre usada como ornato do calçado masculino do séc. xviii ⁽¹²⁷⁾.

O n.º 164 é urna placa de cobre com desenho floral estampado. Sugere, pelo ornato e técnica de estampagem, um objecto bastante moderno. Este berloque teria pertencido a um colar, a uma luneta ou a um relógio de bolso ?

⁽¹²¹⁾ Cf. NOGUEIRA GONÇALVES (A.), *Crucifixo*, in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Lisboa, 1967(6), p. 466-468.

⁽¹²²⁾ Cf. DIAS (P.), *As artes decorativas*, in *Historia de Arte em Portugal*, 4, Lisboa, Alfa, 1986, p. 139-158 (p. 150).

⁽¹²³⁾ Cf. BRUNT (A.), *op. cit.*, p. 23.

⁽¹²⁴⁾ Cf. DIAS (P.), *op. cit.*, p. 148 e p. 150.

⁽¹²⁵⁾ Cf. BRUNT (A.), *op. cit.*, p. 23.

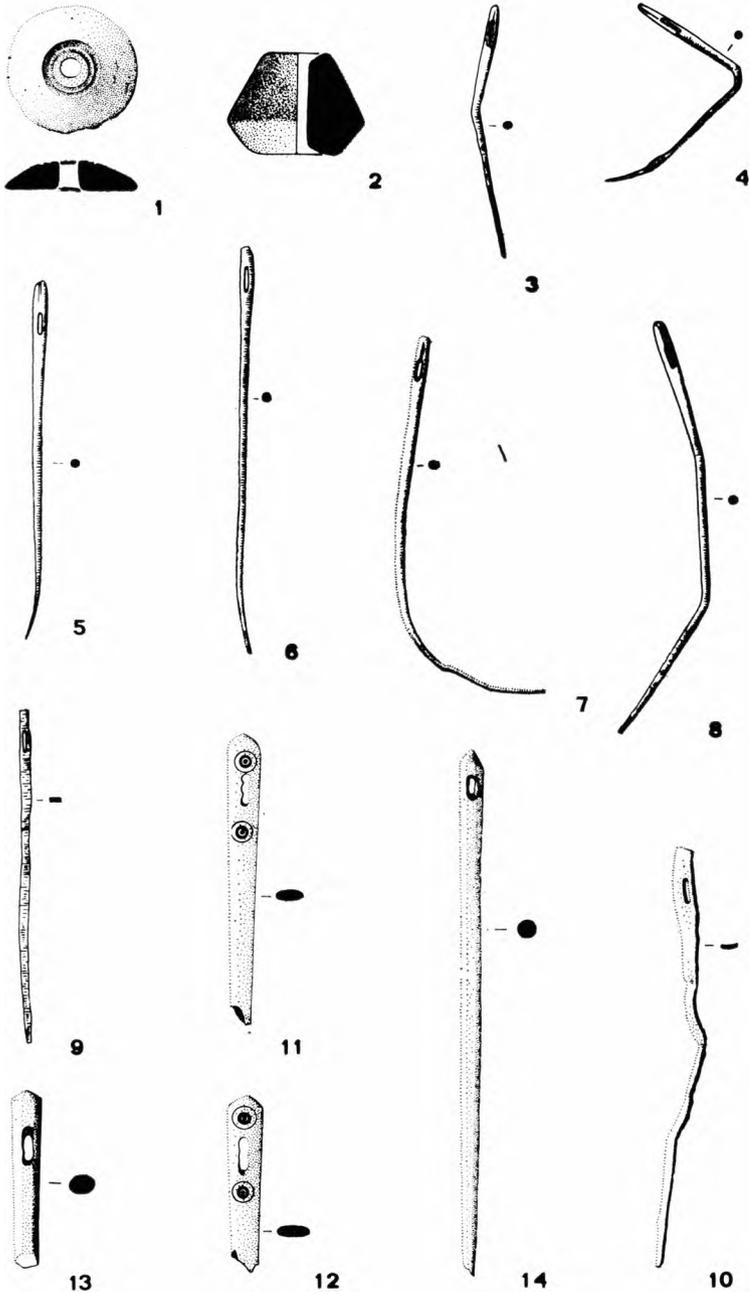
⁽¹²⁶⁾ Cf. *Historia do Trajo em Portugal*, Porto, p. 32 e 36.

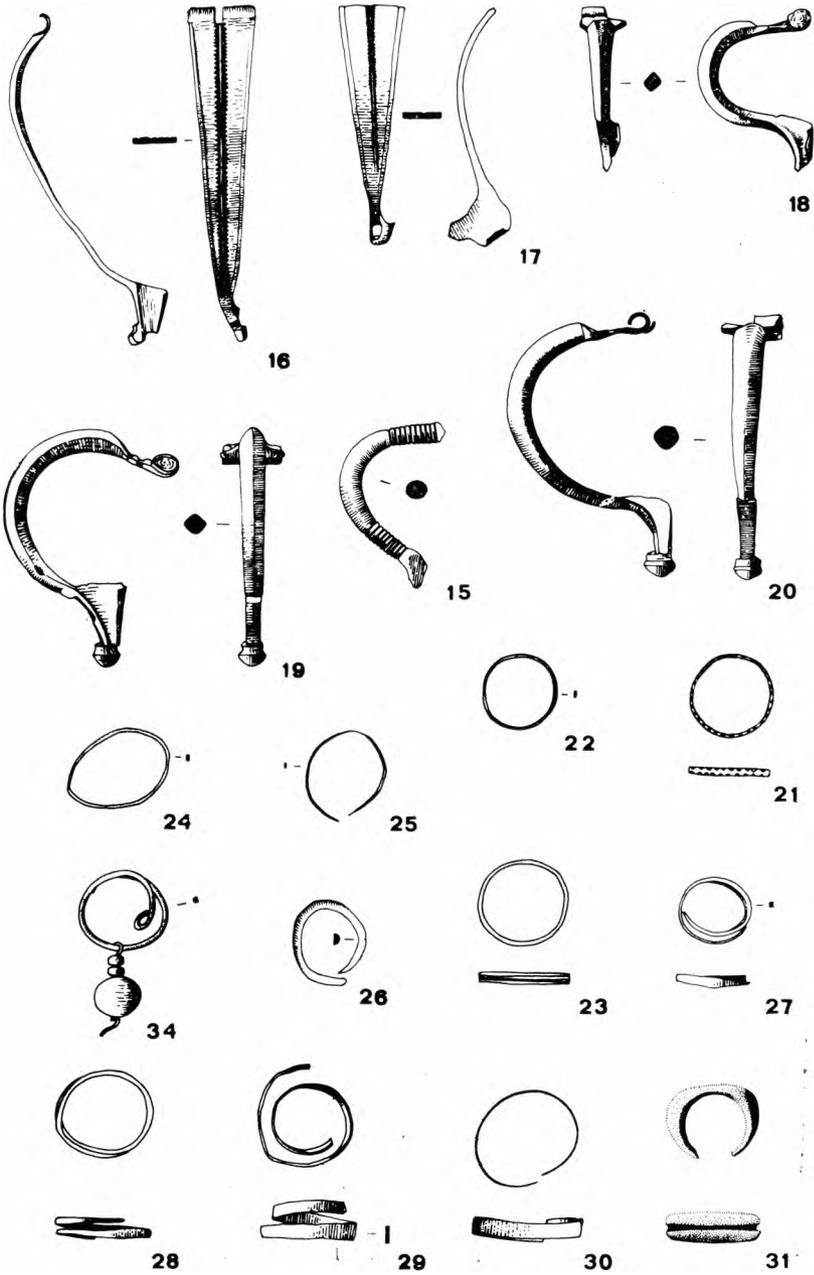
⁽¹²⁷⁾ Cf. *id.*, *ibidem*, p. 49.

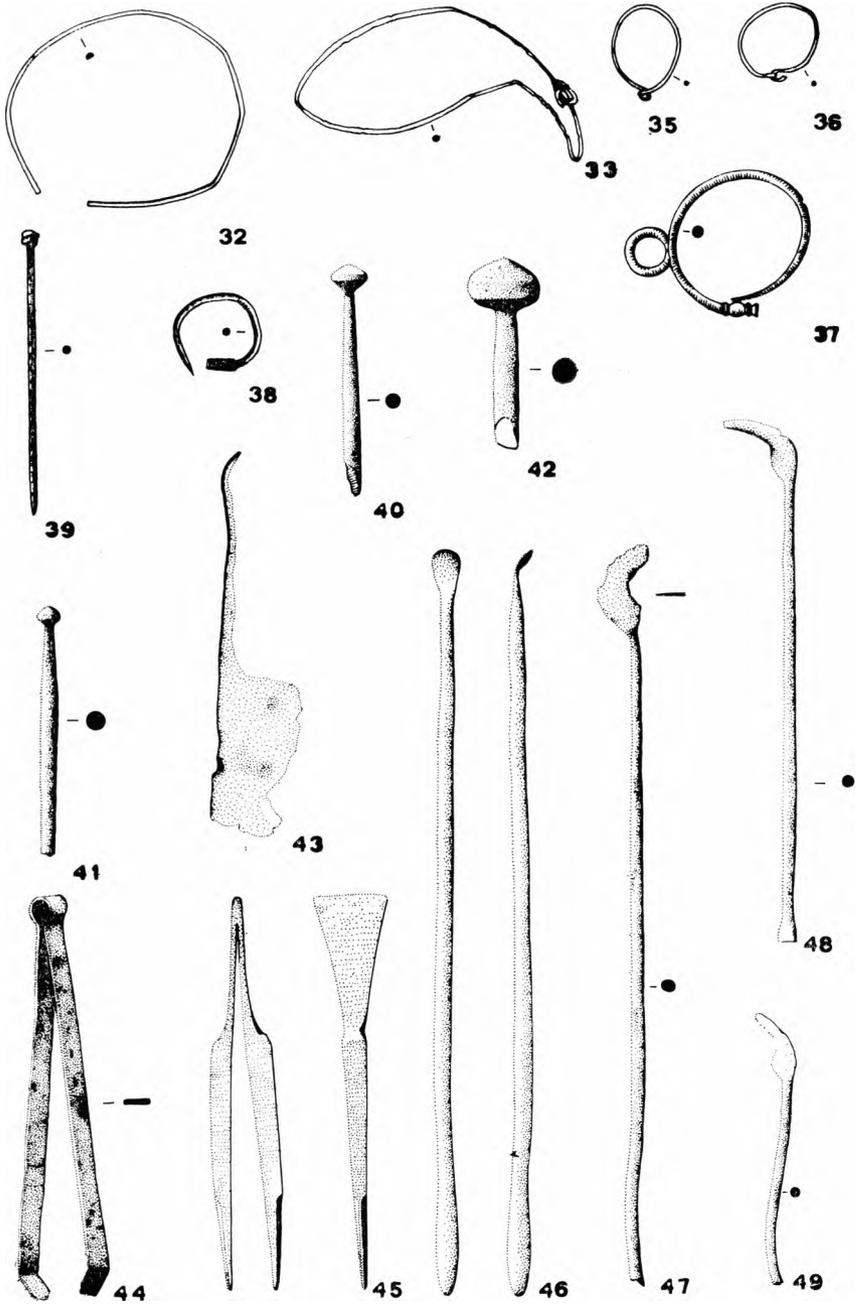
139. Protector. Ferro. Dim.: 50x20 mm. Placa em meia lua com um espigão na face posterior. CUC.81.XII.3(S/E).
140. Ferradura. Ferro. Gompr. 120 mm. Peso: 199,02 grs. Placa em U, cujos ramos contêm 3 aberturas rectangulares. GUC.79.S7(3)
141. Id. Gompr. 110 mm. Peso: 110,45 grs. Curvatura da placa mais estreita que a anterior, apresentando seis aberturas rectangulares. GUG.79.III.34(1).
142. Id. Gompr. 106 mm. Peso: 66,34 grs. Semelhante à anterior, só que a curvatura entre os ramos é mais larga. GUC.79.VII(S/E).
143. Id. Gompr. 76 mm. Peso: 127,09 grs. Placa com os ramos unidos, formando a meio uma abertura circular; aquela contêm seis aberturas circulares. CUC.80.S 14C(1).
144. Id. Gompr. 81 mm. Peso: 63,63 grs. Semelhante às anteriores, só que a abertura entre os ramos é oval. CUC.79.VII.Res(S/E).
145. Id. Gompr. 106 mm. Peso: 40,11 grs. Semelhante à anterior, mas de maiores proporções. CUG.79.XIII.7(1).
146. Tesoura. Ferro. Gompr. 167 mm. Ramo formado por uma lâmina triangular e perna rematada por um anel. A lâmina conserva o orifício para o pino. CUC.79.VII.42(1).
147. Id. Ferro e latão. Compr. 168 mm. Peça completa com fio de latão incrustado nas duas pernas da tesoura; pé e sextafólio de latão a decorar o pino, em ferro. CUC.79.S1(S/E).
148. Dedal. Liga de cobre. Alt. 20 mm. De forma cilíndrica com o topo cónico. CUC.80.VIII.7(2).
149. Verruma. Ferro. Gompr. 190 mm. Haste de secção quadrangular com um dos extremos terminado em espigão e o outro em hélice. CUC. 79. XVIII (S/E).
150. Turquês. Ferro. Alt. 114 mm. Braço esquerdo munido de orifício e com o topo terminado em pinça. GUG.82.IV.25(1).
151. Instrumento cirúrgico? Bronze estanhado. Gompr. 205 mm. Haste de secção rectangular com um dos extremos terminado em duas garras encurvadas. CUC.80.XVIII(S/E).

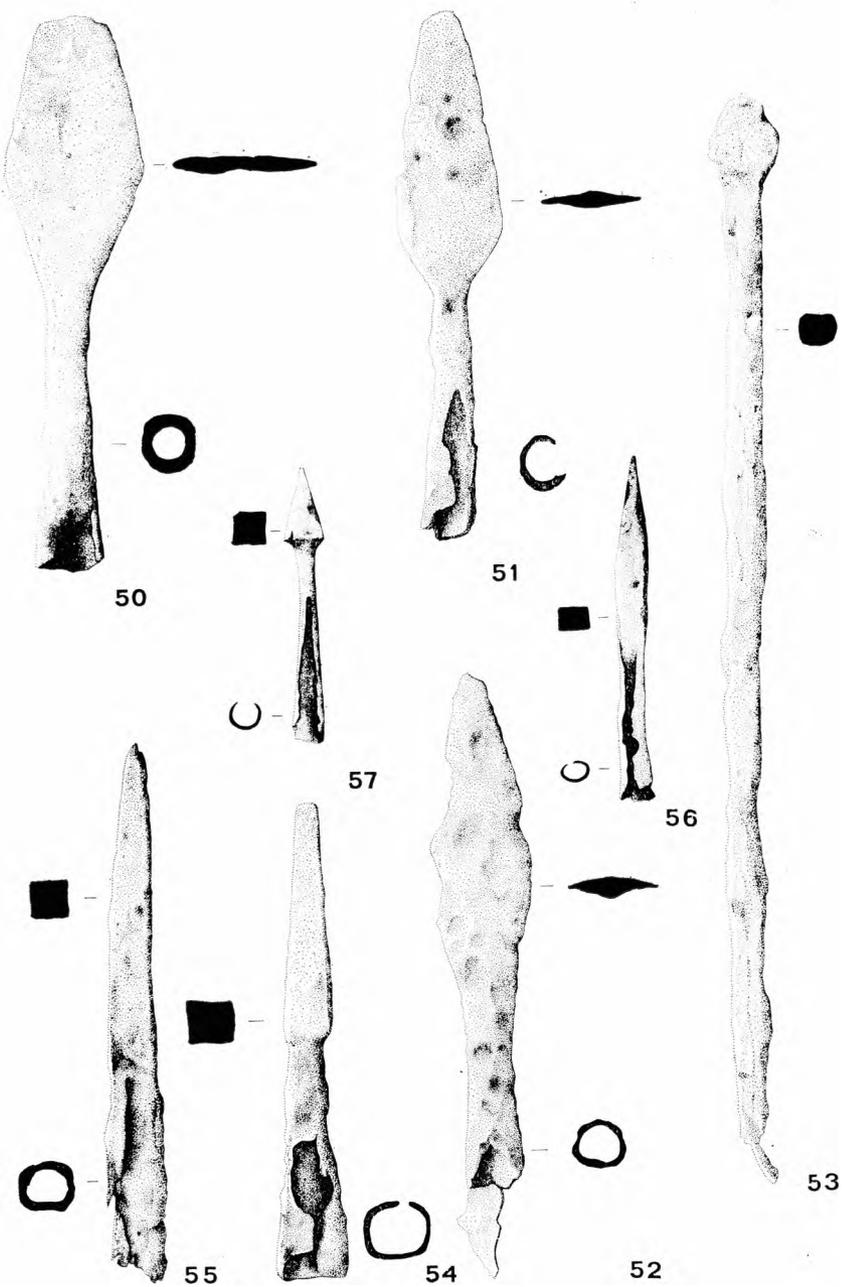
152. Medalha religiosa. Bronze. Dim.: 38x26 mm. De forma oval, representa no anverso a Virgem sentada no trono com o Menino Deus sentado no regaço; no reverso, um anjo, de frente com o braço direito inflectido e o dedo indicador apontado para o céu. CUC.84.IX.43. Banq. Este(2).
153. Cruz peitoral. Ferro. Dim.: 55x37 mm. Braços desiguais e incompletos; um dos extremos do braço maior termina em gancho. CUC.79.S1(S/E).
154. Crucifixo. Bronze. Dim.: 67X45 mm. Cristo crucificado, tendo no topo a inscrição na cartela: INRI (IESVS NAZARENVS REX IVDAEORVM); aos pés, uma caveira. O reverso da cruz representa a Imaculada Conceição, com o atributo da lua crescente aos pés. CUC.79.S1(S/E).
155. Placa decorativa. Cobre dourado. Dim. 53X43 mm. Chapa cruciforme decorada com a flor de liz estilizada, aberta por meio de cinzel; a meio é recortada por um óculo oval, delimitado por 4 orifícios de fixação. CUC.79.N10(S/E).
156. Tampa. Estanho. Alt. 10 mm. Diâm. base: 37 mm. De forma prismática, com base oitavada e facetada. O topo é munido de uma pega representando uma cruz latina. CUC.80.XVIII.9/10(S/E).
157. Placa decorativa. Cobre dourado. Dim.: 52x26 mm. Placa rectangular com decoração geométrica incisa; a meio é recortada por uma abertura ovalada, sendo esta rodeada por 8 pequenos orifícios de fixação. CUC.79.S1(S/E).
158. Fecho de cobre. Cobre prateado e ferro. Dim.: 32x18 mm. Lingueta escudiforme com um dos extremos em charneira; esta conserva o eixo em ferro; nela fixa-se o espelho rectangular com decoração geométrica estampada. CUC.81.XII.41/42(1).
159. Quatro alamares. Prata. Dim.: 30x16 mm. Cada um deles consta de dois anéis afrontados unidos por meio de uma fita soldada. CUC.80.VIII.13(3).
160. Botão. Liga de cobre. Alt. 5 mm. Diâm. 14 mm. Cabeça circular com pedúnculo semicircular. CUC.81.VIII.12. Banq. Sul(1).
161. Id. Alt. 14 mm. Diâm. 16 mm. Semelhante ao anterior, mas de maiores proporções. O pedúnculo é trapezoidal. CUC.82.V.49(1).

162. Folha decorativa. Liga de cobre dourada. Diâm. 28 mm. Chapa oitavada. CUC.82.XIV.25(3).
163. Fivela. Latão. Dim.: 51X23 mm. Placa rectangular com os lados menores formando dois apêndices parabólicos. O travessão mediano fixa o fusilhão. CUC.79.XIII.(S/E).
164. Berloque. Liga de cobre. Dim: 35 mm. Placa com decoração floral estampada, tendo no reverso 2 ganchos de fixação; um deles suporta um elo em cadeia formado por 4 anéis ovais. CUC.80. NI/2(S/E).

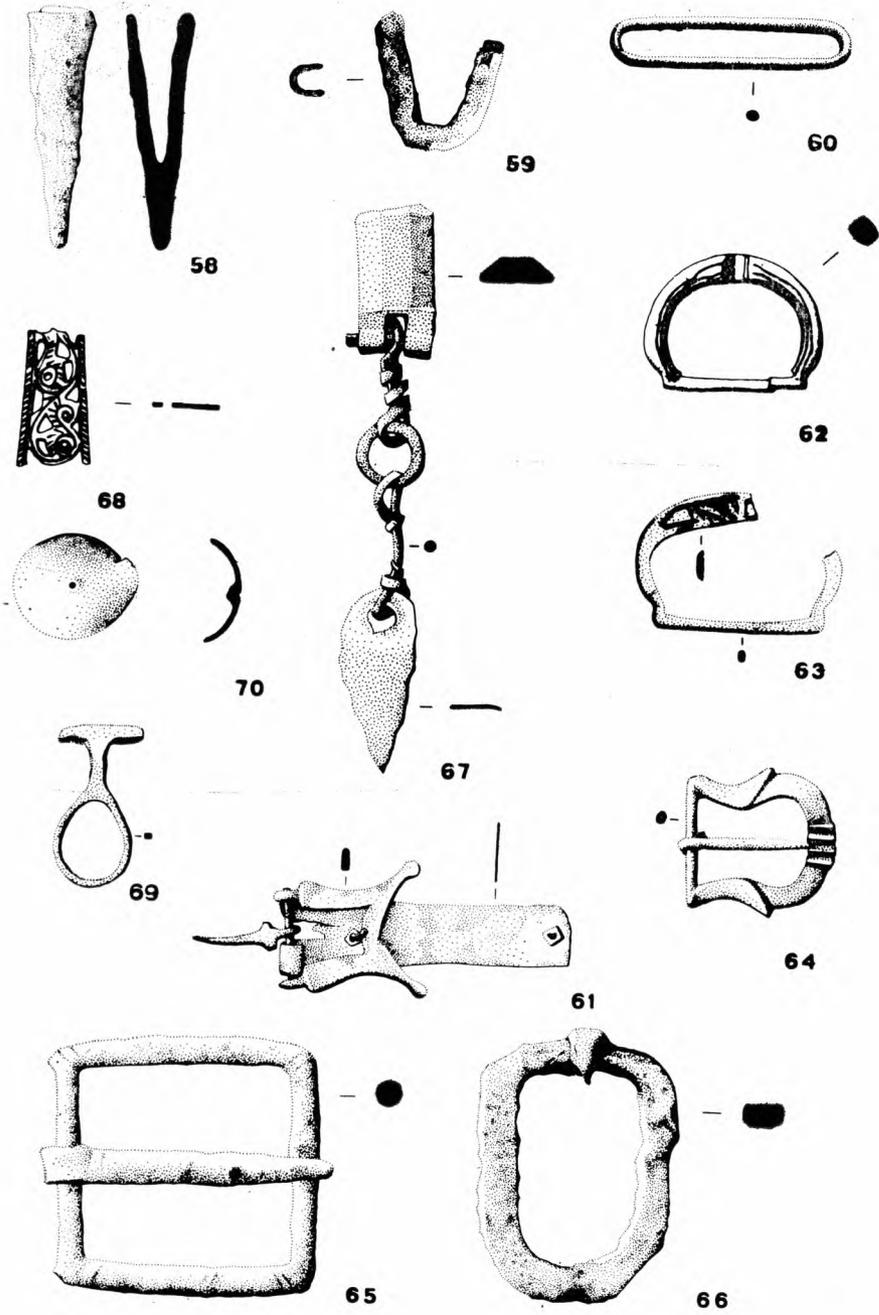


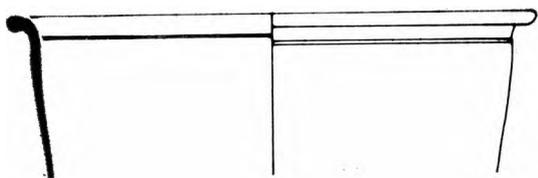






Esc. 2:3

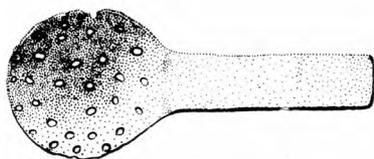




73



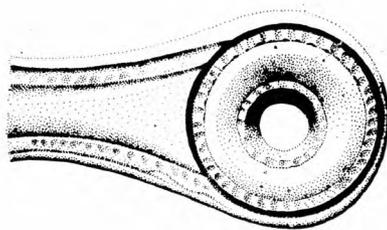
74



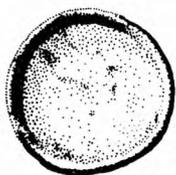
79



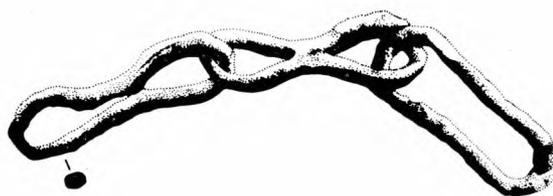
75



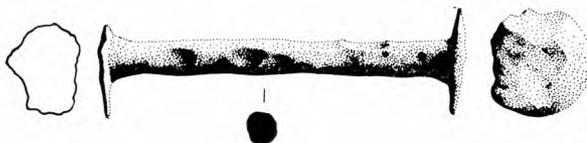
77



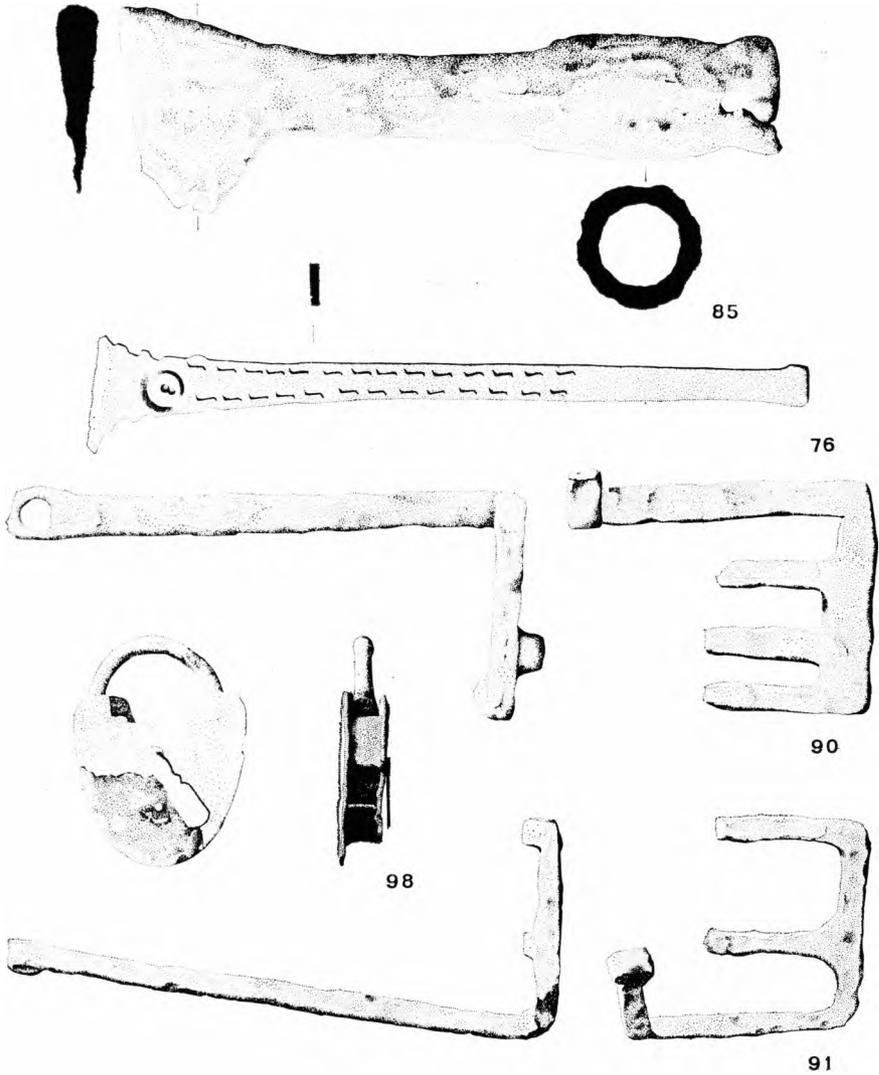
78



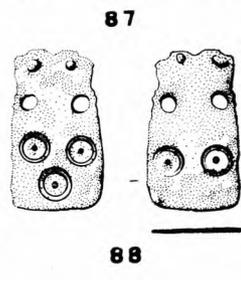
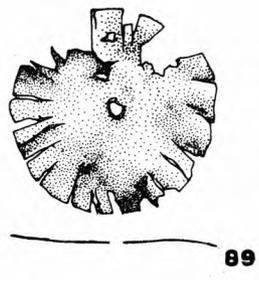
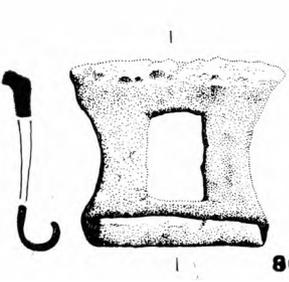
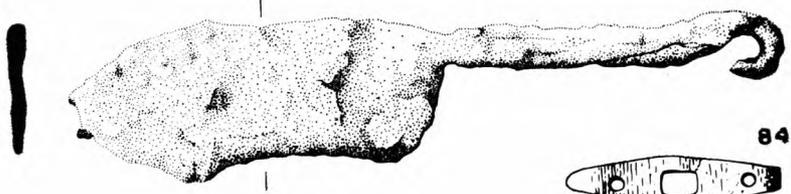
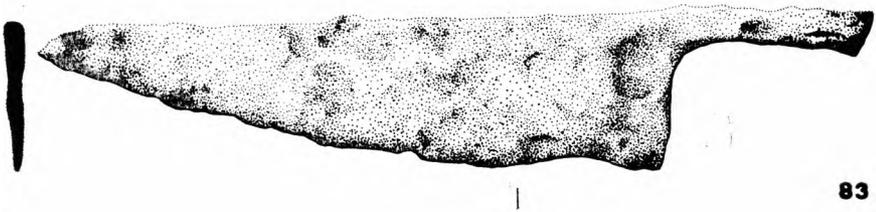
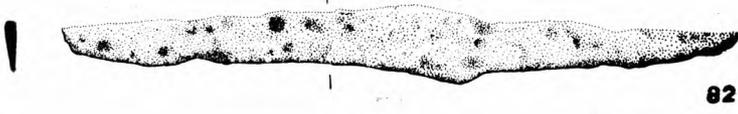
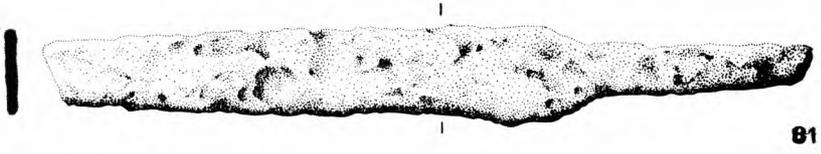
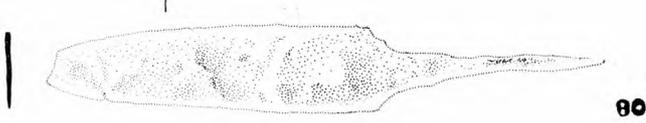
71

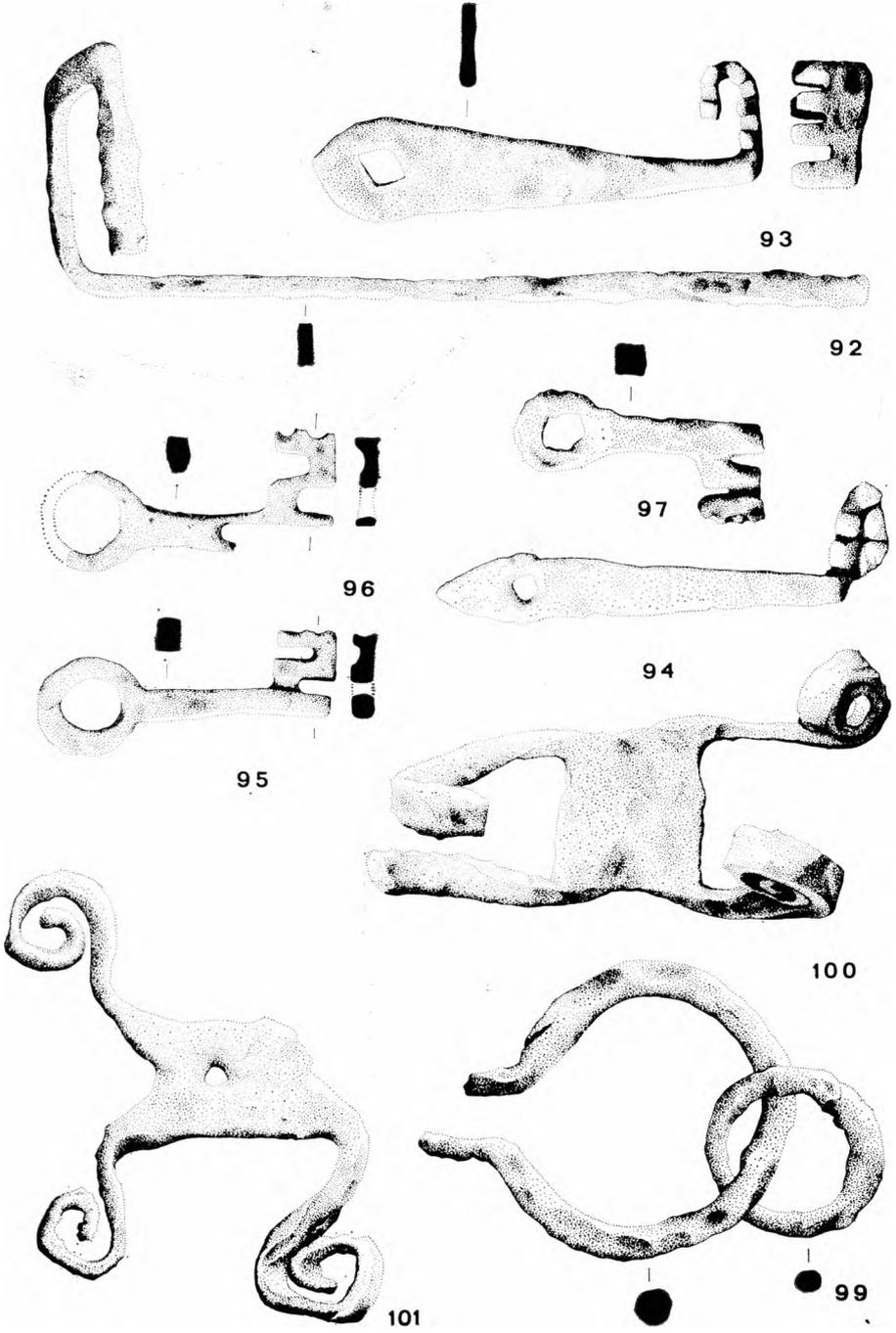


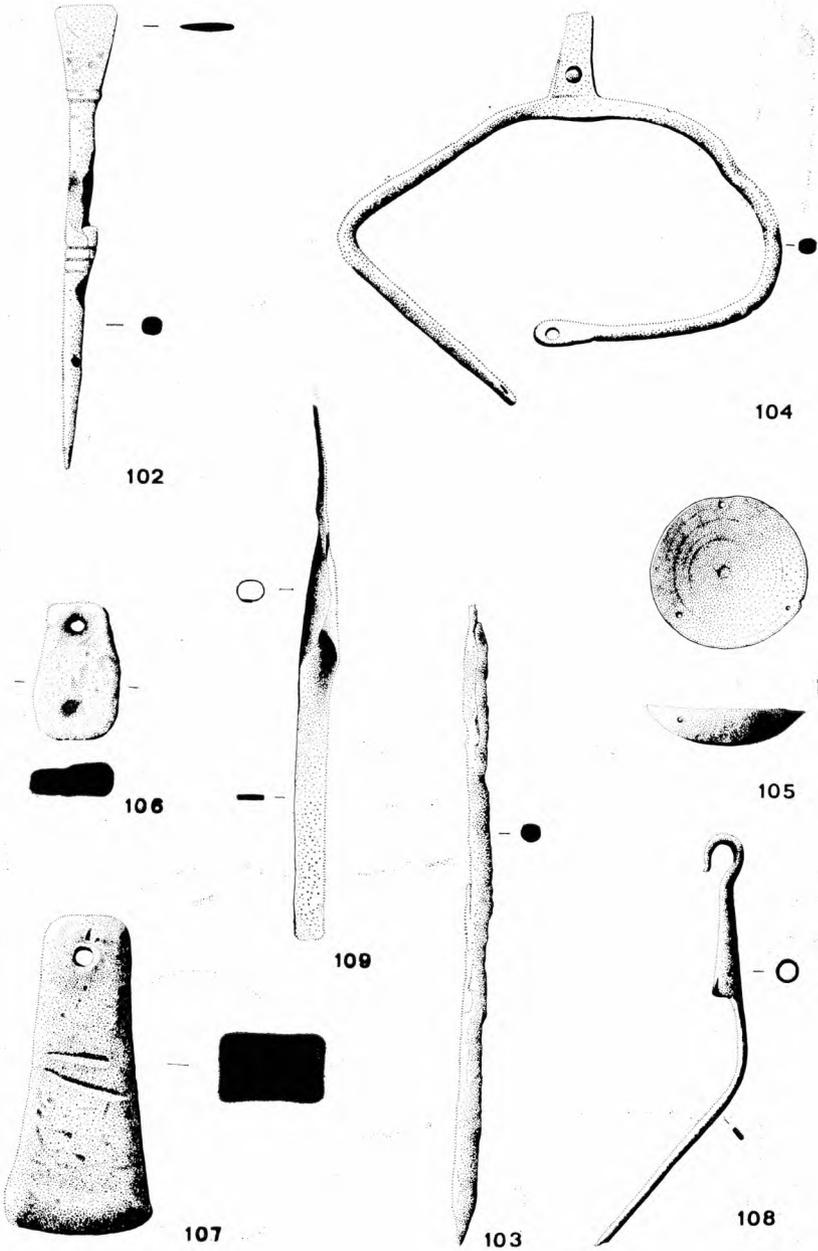
72



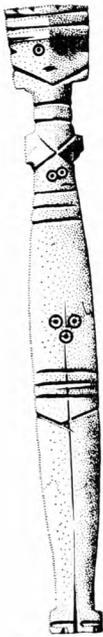
EST. VIII



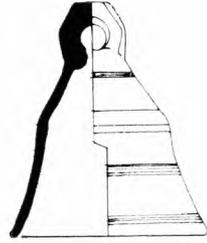




Esc. 2:3



110



113



114

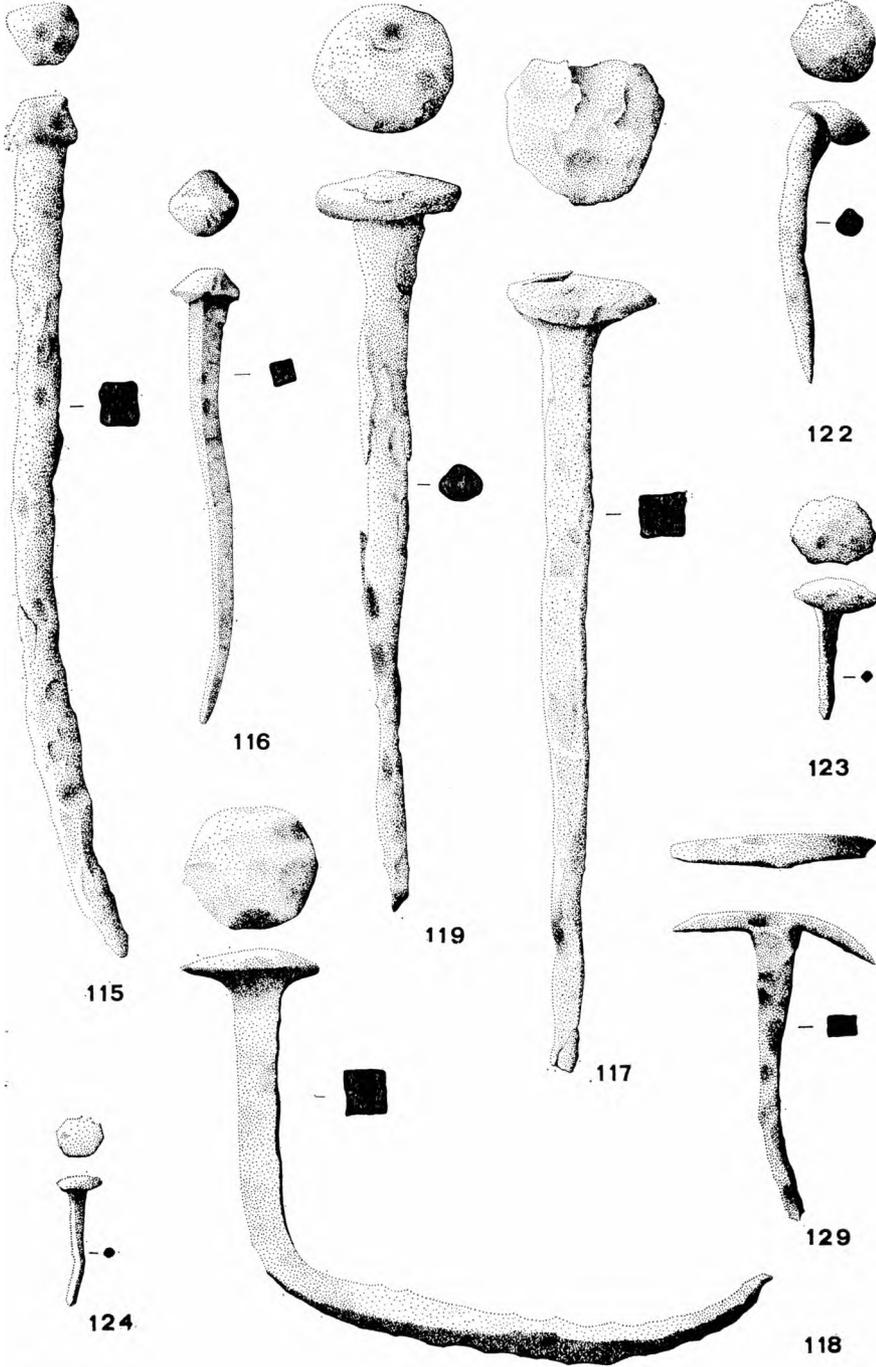


112



111

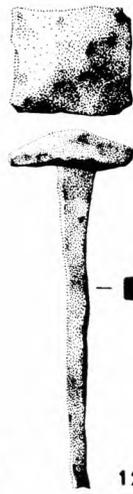
EST. XII



Esc. 2:3



120



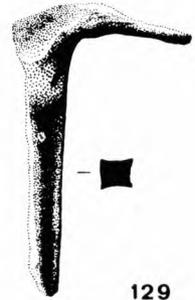
126



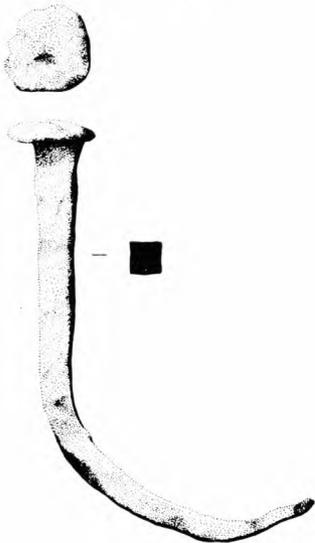
127



130



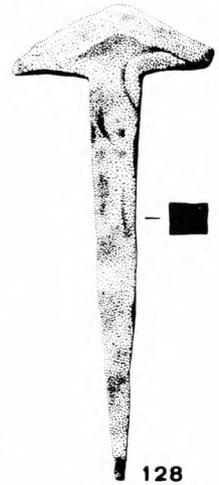
129



121



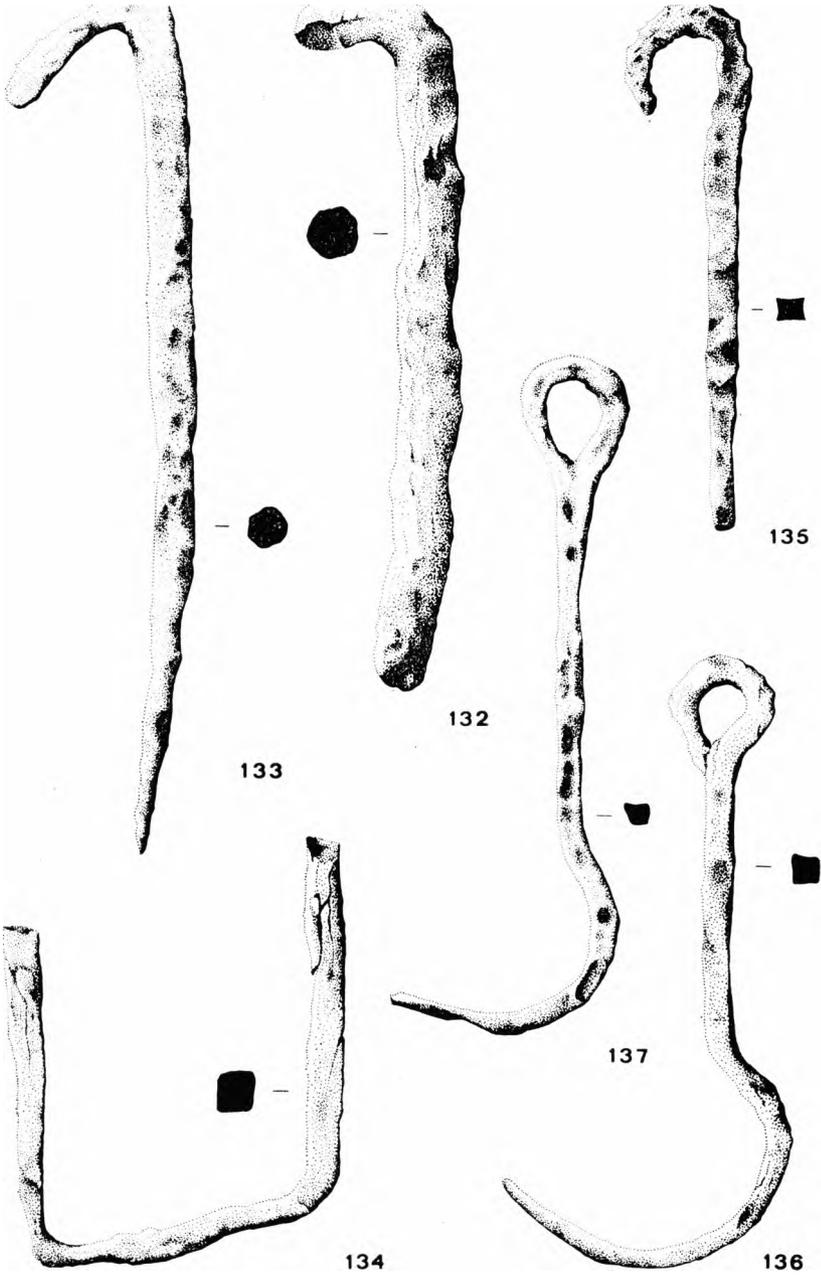
125

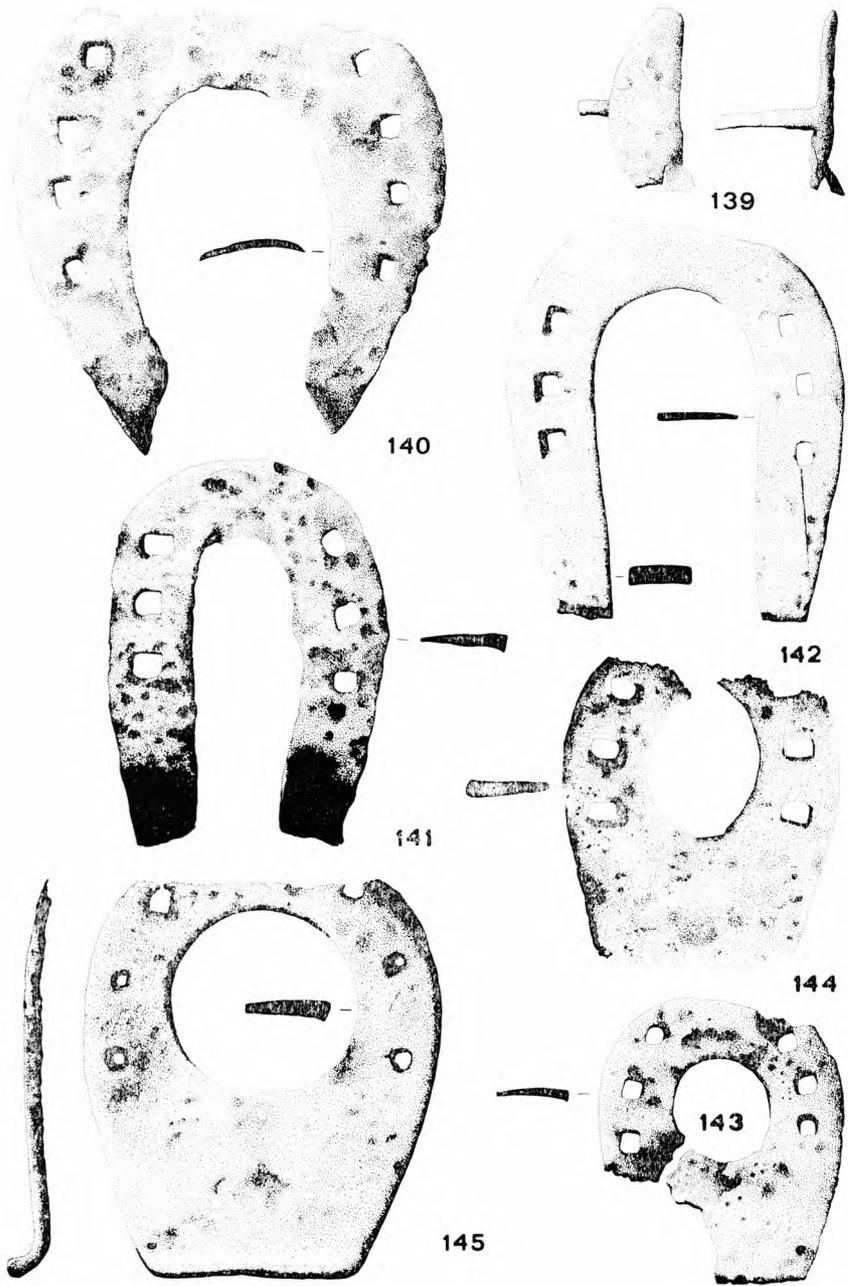


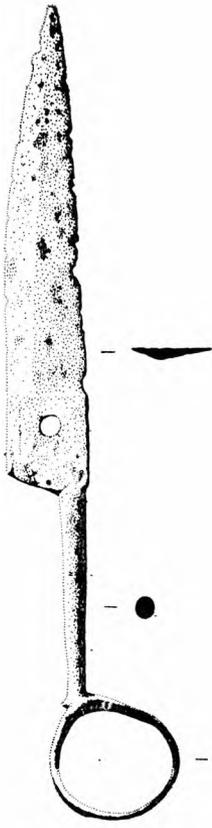
128



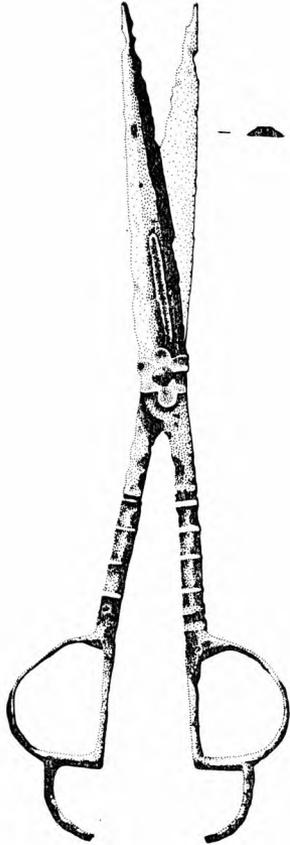
138







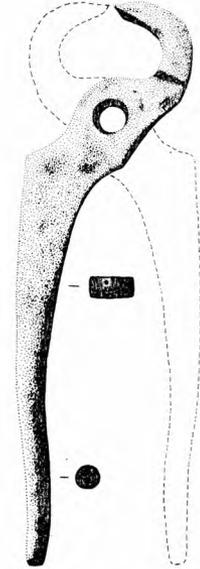
146



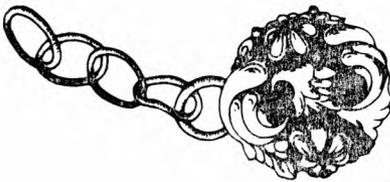
147



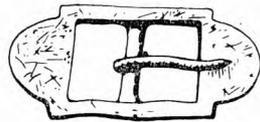
148



150



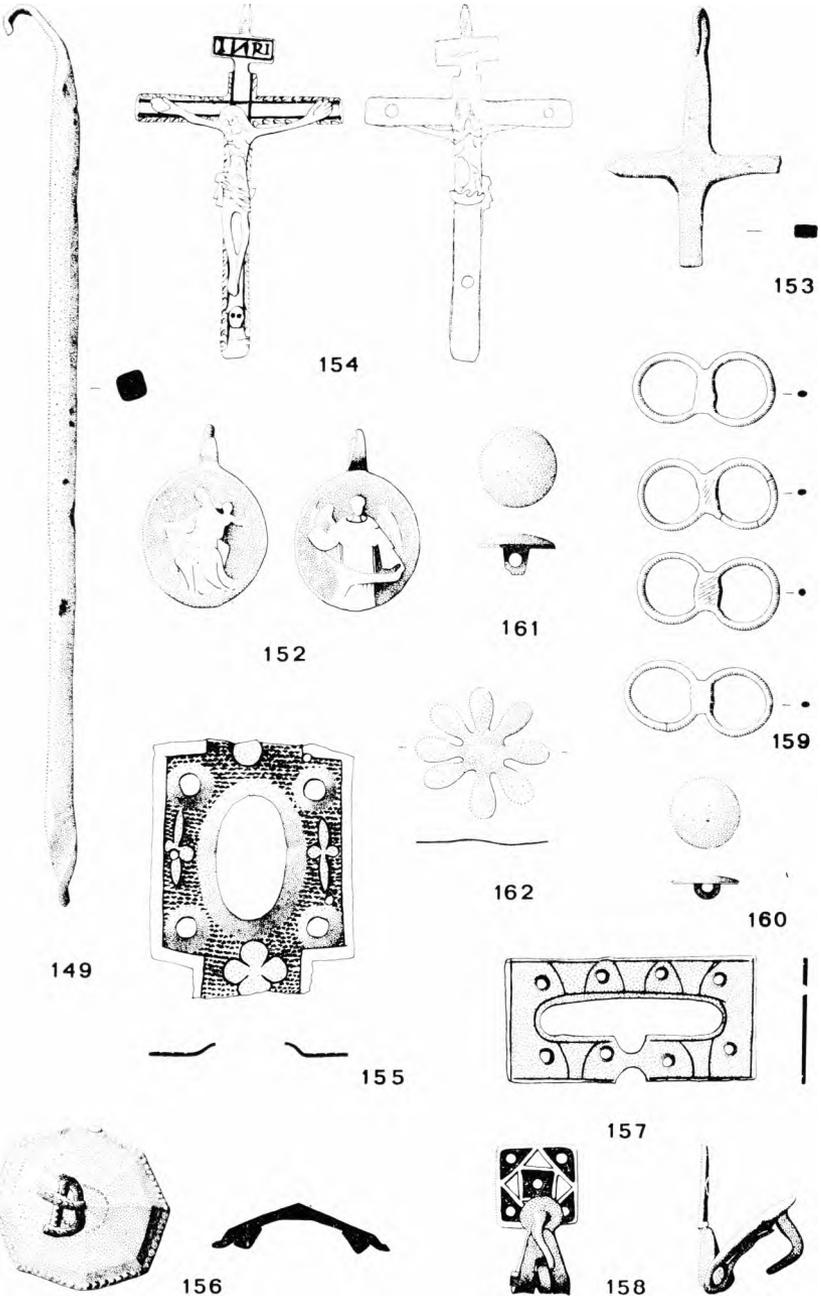
164



163



151



RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

(Página deixada propositadamente em branco)

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

D. P. S. PEACOCK e D. F. WILLIAMS, *Amphorae and the Roman economy, an introductory guide*, Longman, London and New York, 1986, xix + 239 pp. 139 figs.

A ânfora constitui o contentor típico para bens alimentares, destinados ao transporte e comércio por via marítima, na bacia do Mediterrâneo e regiões periféricas com ele relacionadas. Produzido e difundido no Crescente Fértil, ao que sabemos desde o II milénio a. C., conheceu no mundo romano, pelo menos desde os fins do séc. m a. C., diversos centros de produção, tornando-se num dos artefactos mais frequentemente encontrados pelos arqueólogos ñas diferentes áreas de influencia romana.

Embora não possuíssem a beleza das lucernas ou das cerâmicas finas, as ânforas foram recolhidas e incorporadas nas colecções de antiguidades clássicas desde época bastante recuada; e o facto de possuírem frequentemente marcas impressas, grafitos ou inscrições pintadas [*tituli picti*] conferiu-lhes um particular relevo no âmbito dos estudos epigráficos, encontrando-se ampiamente representadas no CIL — e mesmo na bibliografia anterior. A atenção dos estudiosos, porém, recaía quase sempre exclusivamente sobre a inscrição, sem incluir qualquer descrição do artefacto que lhe servia de suporte. Neste particular reside a grande ambiguidade instalada no domínio do estudo das ânforas romanas: por um lado, como a esmagadora maioria destes contentores não possuía qualquer informação epigráfica, o seu estudo pertenceria simplesmente ao âmbito da ceramologia antiga; por outro, o facto de não patentarem o apuro formal ou a extrema regularidade das cerâmicas «finas» inibia os esforços de sistematização dos investigadores; finalmente, a esporádica presença das inscrições e letreiros, ou o seu amplo espaço de difusão e circulação conferia-lhes uma «dignidade» normalmente não atribuída às cerâmicas ditas de uso comum.

Penso que podemos definir diversas fase distintas nos progressos da investigação sobre ânforas romanas: uma primeira fase, onde se atendia exclusivamente às inscrições (marcas, grafitos ou *tituli picti*) não tomando em consideração a forma do artefacto onde estava feita e que se encontra eloquentemente expressa em quase todo o CIL; uma segunda fase, em que se

nota uma crescente tentativa de relacionar a inscrição com a forma da ânfora sobre a qual se encontrava, bem expressa nos estudos de Schoene e Mau (CIL, IV (1 e 2) e, principalmente, de Dressel (*Di un grande deposito di anfore rinvenuto nel nuovo quartiere del Castro Pretorio*, in «Bulletino Comunale», 7, Roma, 1879, p. 36-112 e 143-196 e CIL XV (2)), autores das primeiras tabelas de formas.

A estes esforços pioneiros, segue-se uma longa fase onde se multiplicam desmesuradamente os achados de ânforas, na maioria dos casos sem qualquer informação epigráfica, publicando-se sucessivamente novas tabelas de formas, normalmente à razão de uma nova tabela por cada novo sítio extensamente escavado, como aconteceu com Haltern, Oberaden ou Camulodonum. Subsistindo o problema de não existir um suficiente conhecimento sobre os centros produtores que permitisse atribuir às diversas ânforas um lugar de origem, bem como todo um conjunto de dificuldades inerentes ao tratamento a dar aos pequenos fragmentos, registando-se uma natural sobrevalorização dos exemplares inteiros.

Na década de 50, o crescente interesse pela história económica e a multiplicação de sítios escavados conduziu a um processo de valorização de certos pormenores formais, tais como a forma do bordo, tipo de asas e seu encaixe, características do bico fundeiro, no sentido de poder utilizar proveitosamente a informação fornecida pelos fragmentos, até então frequentemente desprezados. As novas possibilidades da arqueologia subaquática contribuíram igualmente com um impressionante acervo de novos materiais, recolhidos em condições de jazida rigorosamente sincrónicas. Ensaíram-se, ainda, as primeiras tentativas de identificação da proveniência das ânforas com base nas análises petrológicas das pastas. A esta fase encontram-se emblematicamente associados os nomes de Fernand Benoit e Nino Lamboglia, no Mediterrâneo Ocidental e Virginia Grace, no Mediterrâneo Oriental.

Nos finais da década de 60 começou a delinear-se urna nova estratégia de estudo das ânforas com os trabalhos de D. P. S. Peacock, nos quais se ensaiava de modo sistemático a classificação das mesmas baseada na associação das particularidades formais, com as características petrológicas das pastas. A aplicação sistemática destas análises passaria a tornar possível a atribuição de proveniências, mesmo a partir de fragmentos incaracterísticos. Não é de estranhar, por isso, que os contributos do investigador britânico tenham sido já equiparados aos de H. Dressel, no desenvolvimento deste campo específico da arqueologia romana (v. P. R. SEALE Y, *Amphoras from the 1970 excavations at Colchester Sheepen*, BAR (B. S. 142), Oxford, 1985, p. 9).

Perante a multiplicação de sítios escavados, quer em «terra firme», quer submersos, bem como a desmesurada publicação de tabelas tipológicas, o processo de iniciação ao estudo das ânforas romanas tornou-se extremamente complexo e difícil. A presente obra cumpre, portanto, uma dupla função: por um lado, apresenta-se como um manual de introdução à problemática das ânforas romanas, que poupará certamente, no futuro, o espinhoso percurso de «iniciação» a qualquer interessado neste ramo da ceramologia romana; por

outro, constitui o corolário de uma nova estratégia da investigação ensaiada desde os finais da década de 60, apesar de os autores não a apresentarem como tal.

A obra de Peacock e Williams constitui, assim, um contributo fundamental para o progresso da investigação e corresponde à ciclópica tarefa de fornecer indicações para a identificação de boa parte das ânforas produzidas e difundidas em todo o Mundo Romano e periferias, desde o séc. m a. C., aos sécs. vu-vin d. C. Poucos investigadores poderiam ter a veledade de meter ombros a uma tarefa desta envergadura; por isso, não se encontra o autor destas linhas minimamente habilitado para a criticar nos seus múltiplos aspectos. No entanto, a intenção desta recensão alongada é a de contribuir, em primeiro lugar, para a sua divulgação e, de algum modo, para o seu aperfeiçoamento futuro, visto que ela será, não o duvido, durante muitos anos, uma referência obrigatória. Para além de alguns comentários genéricos, centrarei a minha crítica nas questões que minimamente conheço, a saber: as produções do período republicano e as produções do actual território português.

A obra reparte-se por dois grandes blocos: uma primeira parte dividida em seis capítulos, consagrados a aspectos genéricos e uma segunda composta por um guia para a identificação das ânforas romanas mais comuns.

No prefácio esclarecem-se de forma sucinta os *objecti vos* da obra. Considerando o crescente interesse verificado pelo estudo das ânforas, como meio para a compreensão da economia romana e a extraordinária dispersão da informação disponível, os autores pretenderam apresentar uma introdução genérica e sintética — mas nem por isso menos rica — à problemática do estudo destes contentores cerâmicos. Apresentam os fundamentos da sua proposta de classificação, que conjuga as características formais dos artefactos, com as particularidades petrológicas das suas pastas, procurando, por este meio, fornecer um atestado de proveniência para cada uma das produções, tornando-as relevantes para uma efectiva análise económica. Tentam, igualmente, ao arrepio de uma tendência infelizmente generalizada nos estudos de ceramologia antiga do Mediterrâneo, articular a informação relativa à metade oriental do «mar interior», com a respeitante às zonas ocidentais.

No primeiro capítulo da primeira parte (p. 2-19) os autores traçam um breve historial das investigações sobre ânforas romanas, sintético e bem estruturado onde, no entanto, incorrem em alguns erros de pormenor. Por exemplo, depois de se referirem à publicação no CIL XV (2) da tabela de formas de Dressel, afirmam : «*Despite this early and propositions start, amphorae were then virtually neglected until the middle of the century when a developing interest in underwater archaeology led Lamboglia (1950) and Benoit (1956) to considerer the subject anew...*» (p. 3) incorrendo, em minha opinião, em duas omissões significativas. Em primeiro lugar, esquecem o labor dos investigadores do *limes* germânico, designadamente E. Loescke ou F. Schumacher, esquecem as propostas de F. Pélichet e esquecem, inclusivamente, o contributo dos seus compatriotas C. F. Hawkes e M. Hull, esquecimentos tanto mais estranhos, quanto vêm quase todos estes autores citados ao longo da obra, em outros

contextos. Em segundo lugar, julgo ser incorrecto a associação de Lamboglia *apenas* à arqueologia subaquática, visto serem os seus trabalhos de Alintimilium (por sinal aqueles a que se reporta a citação que fazem) e Tindaris, ambos em terra firme» que suscitaram o grosso das suas reflexões sobre a necessidade de rever as tipologias de ânforas romanas.

Parece-me igualmente incorrecto associar à tabela de Dressel publicada em 1909 no CIL XV(2) o início dos esforços de classificação tipológica das ânforas (p. 5-6), visto que a tabela relativa aos materiais de Pompeia, publicada por Schoene em 1898 no CIL IV (1), utilizada e acrescentada por Mau em 1905 no CIL IV (2), ou mesmo a publicação de Dressel do material de Castro Pretorio, em 1879, lhe são anteriores, embora a tabela do CIL XV (2) seja indiscutivelmente a mais precisa e completa.

Na esteira de Callender, os autores atribuem grande importância à capacidade de identificação da natureza do conteúdo das ânforas, pelos consumidores, proporcionada pela diversidade e padronização das formas, afirmando a título de exemplo: «(...) *certain Roman forms seems to be imitating Greek amphorae previously made on the island of Kos, and presumably this was done because they contained Koan style wine made with sea water (...)*» (p. 5). Tal afirmação, que constitui uma interessante sugestão para explicar aquilo a que C. Panella chamou a «revolução tipológica» ocorrida nos finais do séc. I a. C. nos centros produtores da costa ocidental da P. Itálica, esbarra, no entanto, com a dificuldade em admitir uma tão radical e generalizada mudança nos hábitos de produção e consumo. Acrescente-se que os próprios autores admitem, mais adiante (p. 24), uma hipótese bem mais plausível relacionada com aspectos funcionais, visto serem as ânforas deste novo tipo (Classe 10 = Dr. 2-4) mais leves e de maior capacidade que as anteriores produções da mesma região, as ânforas Dr.-Lamb. I-B (= Classe 4).

Ainda neste capítulo, os autores explanam a proposta de classificação que norteou o catálogo apresentado na segunda parte e que, embora seja merecedora de um comentário, tratarei na discussão dos aspectos concretos do guia.

No segundo capítulo (p. 20-30) abordam de forma igualmente sintética a história dos contentores cerâmicos do Mediterrâneo, desde os «jarros cananeus» e seus sucedâneos, até à progressiva substituição, na época medieval, pelos tonéis de madeira, não descurando, inclusivamente, algumas «sobrevivências», tais como os pequenos contentores de azeite pós-medievais da Andaluzia (a que E. Borges Garcia chamava «anforetas de iluminação» atribuindo-os erradamente à época romana) e mesmo algumas produções actuais do Norte de África. Assinale-se apenas a contradição expressa na afirmação de que as ânforas Lamb. 2 se destinavam ao transporte de azeite, se bem que algumas vezes pudessem transportar vinho (p. 25), com a afirmação contrária, transporte de vinho, eventualmente azeite na p. 100, recorrendo-se para fundamentar a segunda, à evidência existente sobre o conteúdo destas produções, toda ela sugerindo um conteúdo vínic.

No terceiro capítulo (p. 31-43) analisam as relações entre o fabrico de ânforas e a produção de alguns alimentos destinados a nelas serem

transportados, tais como o vinho, o azeite e os preparados piscícolas. Abordam em primeiro lugar as principais características da produção destes alimentos, referindo-se seguidamente aos modos de prover de ânforas os diversos centros produtores, frisando as numerosas possibilidades existentes, desde a autosuficiência da própria unidade produtora, passando pela especialização no fabrico de contentores, eventualmente circunscrito a algumas unidades que, desse modo, se auto-abasteciam, provendo, também, as explorações que lhe eram vizinhas, à possibilidade da existência de oleiros independentes, vinculados, ou não, ao centro produtor. Anote-se a extrema prudência dos autores no tratamento desta questão, não deixando de admitir a existência de outras possibilidades, bem como o facto dos diversos regimes de produção não se excluírem. Isto é, existem fortes probabilidades de terem coexistido. Neste capítulo, são por demais notórias as intransponíveis dificuldades de compreensão dos processos produtivos que advêm da quase total ausência de investigações específicas sobre os centros produtores de ânforas.

No capítulo quarto (p. 44-53), debruçam-se sobre os aspectos concretos do fabrico das ânforas romanas, numa excelente abordagem onde surgem perfeitamente articuladas as informações colhidas da investigação arqueológica, com as observações de carácter etnográfico, realizadas em diversos locais da bacia do Mediterrâneo onde actualmente ainda se fabricam contentores cerâmicos de grandes dimensões, culminando numa interessante análise sobre os graus de eficácia dos diversos tipos de ânfora, no transporte de bens alimentares, expresso na proporção entre o volume do contentor e o seu peso vazio.

O capítulo quinto (p. 54-66) é consagrado às questões relacionadas com o comércio e transporte. Partindo da já clássica sistematização de Karl Polany sobre as formas de intercâmbio nas sociedades antigas, aqui enriquecido com alguns contributos mais recentes da investigação etno-arqueológica e sociológica, os autores apresentam uma boa síntese sobre o estado dos conhecimentos relativos a estes mecanismos no mundo romano, demonstrados com exemplos pertinentes, lançando algumas pistas de trabalho que poderão vir a revelar-se fecundas. Uma vez mais, combinam com mestria informações provenientes de fontes diversificadas, recorrendo, neste caso, aos dados contidos nas fontes literárias clássicas, à evidência arqueológica e epigráfica disponível, articuladas com as construções teóricas de antropólogos, economistas e historiadores da economia.

O capítulo sexto (p. 67-77) apresenta um inventário dos fornos de ânforas conhecidos em todo o mundo romano e merece alguns comentários. Em primeiro lugar, os autores contrariam a associação, proposta por A. Tchernia, das ânforas com marca M. TYCCI. LF. TRO / GALEONIS, recolhidas no naufrágio Planier 3, às produções de Brindisi, invocando o não aparecimento de qualquer marca daquele tipo neste local, embora reconheçam a semelhança formal — julgo que se pode acrescentar, também, a coincidência das áreas de distribuição (v. CIL I (2) n.º 2654) — alegando, ainda, o facto de apresentar, o exemplar destas produções que estudaram, uma pasta característica da zona

da Campânia (p. 68-9). Ora, se assim é, julgo que se impunha a abertura de uma nova categoria para estas produções campanienses, no guia apresentado na segunda parte, ou, no mínimo, o reconhecimento de um fabrico centro-italico dentro da Classe 1...

No respeitante ao actual território português, o panorama dos fornos apresentado é extremamente pobre visto que, aparentemente, os autores consultaram apenas o artigo de A. PARKER, *Lusitanian amphoras* e os textos por ele citados, ou seja, o artigo de LEITE DE VASCONCELOS, *Olaria luso-romana de S. Bartolomeu de Castro Marim* e o de F. ALMEIDA, G. ZBYSZEWSKI e O. VEIGA FERREIRA, *Descoberta de fornos Lusitano-Romanos na região de Marateca (Setúbal)*, ignorando, inclusivamente, o forno de S. João da Venda (Faro), que Parker refere. É já apreciável a quantidade de informação sobre fornos e centros de produção no actual território português — se bem que na sua maioria proveniente de recolhas de superfície — encontrando-se boa parte publicada há já algum tempo, não tendo sido, porém, considerada pelos autores. Torna-se, por isso, urgente chamar a atenção dos investigadores britânicos para o trabalho já realizado pelos arqueólogos do extremo ocidental da Península Ibérica, nomeadamente por: Guilherme Cardoso, C. Tavares da Silva, A. Coelho-Soares ou A. M. Dias Diogo, com vista à revisão de toda a informação relativa ao actual território português, numa futura edição.

A segunda parte do *Amphorae and the Roman Economy* é composto pelo guia para a identificação das ânforas romanas de ampla difusão, mais comuns. É justamente aqui que reside a crucial importância desta obra, visto apresentar-se uma nova estrutura de classificação para estes materiais, embora, modestamente, os autores não a apresentem como tal. No entanto, atendendo às crescentes dificuldades levantadas pela multiplicação de tipologias regionais, julgo que esta nova proposta poderia começar a ser encarada como uma nova sistematização de utilização universal.

Os autores definem, no primeiro capítulo, as normas da sua classificação, sublinhando que só podemos falar de tipos quando se define uma relação de identidade de *forma e fabrico* pelo que esclarecem, a título de exemplo: «(...) *our amphora 10 (= Dr. 2-4) is a class within which it is possible to distinguish Campanian and Catalan types. In general, it is best to regard all our groups as Classes which, with further research, may be decided into types on the basis of both fabric and nuances of form.*» (p. 9). Contudo, os autores não propõem formas de desenvolvimento das suas Classes. Isto é, não esclarecem de que modo devemos começar a acrescentar novas classes... Não esclarecem igualmente de que modo se deve proceder para decompor em tipos cada uma das classes. Em alguns casos não sugerem qualquer decomposição, apesar de existirem argumentos suficientes para o fazerem, noutros, fazem-no recorrendo a uma designação toponímica, enquanto que em outros casos, ainda, utilizam um numeral de referência.

Vejamos algumas objecções que julgo pertinentes:

- a) Por que razão aparecem separadas as ânforas da Classe 1 (ânforas de Brindisi, ou Baldacci I) (p. 82-3) das ânforas Lamboglia 2, ou Baldacci

- 11, igualmente produzidas na Apúlia ?... E por que razão estas surgem agrupadas numa mesma Classe, a 8, com as produções istrianas da forma Dressel 6 ? Parece-me que deste modo não só se segmentou uma importante tradição regional de produção de contentores, como se produziu um agrupamento desaconselhável, quer pelas diferenças morfológicas dos artefactos, quer, principalmente, pelas diferenças de cronologia dos dois tipos...
- b) No respeitante à Classe 2 (ânforas chamadas «greco-italicas») (p. 84-5) por que razão não se aceitou, de facto, a subdivisão proposta por E. L. Will que até é referida no texto?...
- c) Por que razão se subdividiu a Classe 3 (Dressel/Lamboglia 1-A) (p. 86-8) em fabrico (simplesmente) e fabrico campaniense, enquanto que as Classes 6 ou 9 se subdividem, de forma bastante mais cómoda, em fabricos 1 e 2 ?
- d) No respeitante à Classe 8 (P. 98-101) v. o que acima se disse.
- e) Atendendo à perspectiva em que os autores se colocam — tentar fornecer informações úteis para o estudo da economia e comércio do Império Romano — parece-me um contra-senso agrupar numa mesma categoria, a Classe 10 (Dressel 2-4) (p. 105-6), todo um conjunto de ânforas que, embora patenteiem características formais análogas, conheceram centros de produção tão diferenciados como a Península Itálica, o sul da Gália, a Catalunha, a Bética e, presumivelmente, a Grã-Bretanha... Uma vez mais surge a designação toponímica para identificar os diversos fabricos, neste casos, só merecendo descrição o Campaniense e o Catalão.
- f) Da mesma forma que levantam a possibilidade — por sinal já confirmada (v. COMAS I SOLÀ, *Baetulo: les Amfores*, Monografias Badalonines 8, Badalona, 1985, particularmente as p. 65-6) — da existência de diversos tipos dentro da Classe 6 (Pascual 1) (p. 95), julgo que o deveriam ter feito em relação aos exemplares que ilustram a Classe 14 (Dressel 12, Beltrán III) (p. 113-4), suficientemente distintos para justificarem idêntica afirmação.
- g) No respeitante à Classe 15 (Haltern 70) (p. 115-6), é, a meu ver, discutível e leviana a referência a uma pretensa «*unusually small varianti*» (p. 115) dentro desta Classe, visto ser fortemente plausível que esta «variante grácil» tenha constituído uma das primeiras produções anfóricas, de influência romana, da zona meridional da Península Ibérica, suficientemente distinta da típica Haltern 70, com a qual mantém, no entanto, semelhanças no perfil do lábio e no sulco longitudinal das asas, o que coloca naturais dificuldades à classificação de fragmentos de pequenas dimensões. Poderão ter pertencido a esta «variante» os exemplares já publicados de: Ampúrias, acampamentos Y de Renieblas e de Castillejo (Numantia), naufrágio de Palamós, depósito de Zaragoza e, eventualmente, muitos outros normalmente classificados como «ânforas ovoides republicanas».

- h) A significativa variação formal verificada entre os exemplares da Classe 16 (Dressel/Zevi 7-11, Beltrán I) (p. 117-9) justificava uma subdivisão — tão relevante quanto a efectuada de há longa data para a Dressel 1 — à semelhança do que o próprio Beltrán Lloris já propôs (v. *Las ánforas romanas de salazones de la Forma 1, variante b, de la Bética*, in: «Homenaje al Prof. Martin Almagro Basch», IV, Madrid, 1983, p. 43-52).
- i) A divisão estabelecida entre a Classe 20 (Dressel 14, Beltrán IV-a) e a Classe 21 (Beltrán IV-b) (p. 126-9) não se justifica. Os autores apresentam, de facto, dois exemplares completamente distintos, para ilustrar as produções da Bética e da Lusitânia; no entanto, essa diversidade morfológica é mais aparente que real, visto terem os centros de produção do vale do Sado, fabricado formas análogas às dos fornos de Granada. As lacunas de informação respeitantes ao actual território português são particularmente notórias na ficha da Classe 21 (p. 128-9)...
- j) Constitui uma lacuna significativa a inexistência de uma entrada para as ânforas da forma Almagro 51 a-b (Beltrán 52), identificadas e classificadas desde a escavação das necrópoles de Ampúrias e que foram produzidas na Lusitânia, pelo menos, nos fornos da quinta da Alegria (Setúbal) e S. João da Venda (Faro).
- k) Não se compreende a razão da inclusão das três variantes definidas por Van den Werff para a forma Dressel 18 (= Neo-púnica, ou Mañá C 1 e 2) numa única categoria, a Classe 32 [p. 151-2)...

Poder-se-ia também lamentar algumas ausências, designadamente a das produções de Ibiza estudadas por Juan Ramon (*La producción anforica punico-ebusitana*, Eivissa, 1981), algumas já de clara influência romana, nomeadamente os tipos PE-23, PE-24, PE-25 e PE-26...

Quase todas as Classes são apresentadas em desenho e fotografia, acompanhados, na maioria dos casos, por fotografias ao microscópio realçando a composição das pastas. A ficha descritiva de cada uma inclui pequenos textos sucintos sobre as particularidades formais, os centros produtores, as áreas de distribuição, os principais conteúdos, o âmbito cronológico e os diversos fabricos conhecidos, apresentando-se, ainda, as suas características observáveis em exame macroscópico («visual characteristics») e a composição das pastas («petrological characteristics»).

A obra inclui, para além das 55 Classes apresentadas, um conjunto de 10 potenciais novas Classes (56 a 66, p. 212-17) que, no entanto, os autores apresentam ainda a título provisório, visto não terem podido aprofundar devidamente o estudo de cada uma delas.

Como apêndice apresenta-se uma utilíssima lista de concordâncias entre a nova classificação e as diversas designações anteriormente existentes, quer as resultantes de tabelas tipológicas regionais, quer as incluídas nas anteriores classificações «universais».

Completam a obra um índice geral e uma abundante e rica bibliografia.

Pese embora o eventual «excesso» de reparos feitos, as características que revestem o trabalho de Peacock e Williams, principalmente as normas de classificação propostas e a excelente apresentação de cada Classe, tornam-no em obra fundamental para os estudiosos de ânforas romanas, em particular, e de economia antiga, em geral, constituindo indiscutivelmente um marco na história da investigação anfórica; para além de suprir de forma exemplar uma importante lacuna existente na bibliografia arqueológica, fornecendo um magnífico manual introdutório ao estudo destes artefactos.

CARLOS FABIÃO

Dali COLLS, *U épave de la Colonia de Sant Jordi 1 [Majorque]*. Publications du Centre Pierre Paris et du Centre d'Études et de Recherches Archéologiques Sous-Marines. Paris, Diffusion de Boccard, 1987. 1 vol., 118 p., 15 figs., 3 cartas, 21 estampas de desenhos + 12 de fotografias.

Colonia Sant Jordi é um pequeno porto de pesca na ilha de Maiorca, abrigado numa baía onde se encontram vestígios de embarcações antigas naufragadas. Segundo D. Cerdà, os naufragados corresponderiam a oito embarcações. As prospecções efectuadas por D. Colls levam este autor a reduzir os oito naufrágios apenas a três. A presente monografia publica um deles: o de uma embarcação de cerca de 27 toneladas, com 11 a 13 metros de comprimento. O anterior estudo de D. Cerdà sobre o mesmo assunto fica ultrapassado por este trabalho, no qual o autor justifica mas discretamente reivindica o mérito científico que lhe coube na exploração deste naufragado.

Apesar da modéstia dos meios técnicos de que D. Colls poder dispor e da considerável destruição do barco, o cuidado com que o autor observou os vestígios permitiu-lhe a reconstituição da técnica construtiva da embarcação. D. Colls descreve minuciosamente os diferentes elementos de madeira e de metal do casco e reconstituiu a sua articulação e montagem. A técnica construtiva é diferente de outras até agora reconhecidas em naufragados antigos. Na sua aparente modéstia, este estudo de D. Colls é, por conseguinte, um contributo valioso para a história da tecnologia naval na Antiguidade.

Os materiais cerâmicos recuperados incluem ânforas (54 peças identificáveis), campaniense (28 peças), cerâmica comum e alguns outros tipos escassamente representados, como taças com decoração em relevo, lucernas, cerâmica de paredes finas, almofarizes. Do estudo destes materiais, o autor deduz a cronologia do naufrágio: 100-80 a.C.

O autor sugere que a ilha de Maiorca foi simples porto que a embarcação procurou para fazer escala, mais do que para comerciar. O naufrágio, que surpreendeu a equipagem na baía de Sant Jordi, poderá ter sido provocado

por incêndio, de que D. Colls reconheceu vestígios, ou pelos escolhos da costa. A presença de um lastro de pedras deixa supor que o barco havia já deixado grande parte da carga em portos peninsulares ou norte-africanos.

As ânforas, integráveis quase totalmente nos tipos Dressel IA, 1C e Lamboglia 2, demonstram que o barco transportava vinhos da Campania e da Apúlia. Grande parte da cerâmica comum é constituída por vasos de transporte e conserva de azeitonas, cuja origem não pode definir-se.

A cerâmica comum é estudada de um ponto de vista meramente formal : o autor não procura definir grupos em função de características tecnológicas. Não deixa, todavia, de assinalar pormenores significativos, como uma mancha de engobe negro sobre uma das peças, prova do seu fabrico numa oficina que também devia produzir cerâmica campaniense ou de tipo campaniense.

Associando, ao domínio da técnica das escavações submarinas, o conhecimento dos materiais cerâmicos e a capacidade de reflexão histórica, D. Colls produziu uma monografia de indiscutível interesse para a história da tecnologia naval e a das relações económicas do Mediterrâneo ocidental nos inícios do séc. I a.C.

J. ALARCÃO

Michel PONSICH, *Implantation rurale antique sur le Bas Guadalquivir. Tome III.*

Bujalance, Montoro, Andújar, Publications de la Casa de Velázquez, Série «Archéologie», fase. VII, Madrid, Diffusion de Bocard, 1987.

1 voi., 126 p., 12 figs., 5 ests.

Nos inícios da década de 1970, M. Ponsich começou a batida sistemática do terreno nas margens do Baixo Guadalquivir, tendo em vista a inventariação dos vestígios romanos, cuja densidade, aqui, possivelmente excede a de qualquer outra área peninsular. Apesar de intensamente cultivada, da Idade Média aos nossos dias, e de estar a ser agora revulvida pela renovação das práticas agrícolas, a área conserva uma extraordinária densidade de vestígios da época romana — suficientes para justificar o envolvimento de um largo grupo de investigadores. Sozinho (ou acompanhado apenas por sua mulher, dedicada colaboradora falecida no decurso das prospecções que conduziram a este terceiro volume do inventário), M. Ponsich prossegue há mais de quinze anos, incansavelmente, um estudo que fará do vale do Guadalquivir uma das zonas do império romano mais cuidadosamente prospectadas e reconstituídas na sua paisagem rural.

Aos dois volumes publicados em 1974 e 1979, acrescenta-se agora um terceiro, que cobre a área de três folhas da carta de Espanha na escala de 1:50.000: Bujance, Montoro e Andújar, no limite oriental do Baixo Guadalquivir. O terreno mais acidentado e menos fértil, a estreiteza do vale, apertado pelos contrafortes da Serra Morena, e o reduzido caudal do Guadalquivir, que aqui perde a navegabilidade, explicam uma ocupação nitidamente diferenciada em relação às áreas anteriormente prospectadas a

jusante. Se, nestas últimas, o rio determinou a distribuição do povoamento, este aparece, nolimite oriental do Baixo Guadalquivir, mais disperso ou menos condicionado pelo grande curso de água. Apesar de tudo, a densidade do povoamento mantém-se grande: identificam-se neste volume 405 estações, cuja localização nem sempre foi fácil, em parte devido à desactualização das representações cartográficas sobre as quais o autor trabalhou. As estações são registadas em três cartas originais, desenhadas pelo autor (ou sob sua orientação) numa escala infelizmente pouco (ou nada) convencional: 13:1.000.000.

O autor descreve os vestígios hoje visíveis, identifica-os pelas coordenadas e classifica sumariamente os materiais encontrados.

Seria injusto considerar esta obra um mero inventário de estações. O autor procura classificar os vestígios em aglomerados urbanos, *villae*, casais ou simples abrigos e tenta, pelos achados, definir a cronologia das ocupações. Fá-lo com perfeita consciência da precariedade de muitas das suas propostas, necessariamente baseadas na interpretação de achados superficiais que são apenas uma «amostra», nem sempre significativa, do que se encontra enterrado. A larga experiência de Michel Ponsich, quer na batida de campo, quer na escavação, e o seu conhecimento da tipologia e cronologia das cerâmicas, garantem a credibilidade das suas interpretações. A classificação em casais e abrigos («fermes» e «abris») tem representação cartográfica através de símbolos diferentes; mas estes são tão pouco diferenciados que se torna praticamente impossível, nas cartas, distinguir uns dos outros; é lamentável que o autor não tenha adoptado sinais convencionais mais distintos.

Do inventário das estações, assim classificadas, M. Ponsich passa à síntese e traça as características originais da ocupação na área agora prospectada, relativamente às zonas cobertas pelos dois volumes anteriores.

Não temos razões para supor que, na área de Bujance, Montoro e Andújar, outras culturas tenham substituído a oliveira, a vinha e os cereais, base da exploração agrária nas zonas mais a jusante. A pastorícia, parcialmente em regime de transumância, teria sido, porém, mais importante neste extremo oriental do Baixo Guadalquivir.

As condições geomorfológicas e hidrográficas e, talvez ainda, a distância relativamente aos grandes centros urbanos de Hispalis, Italica e Cordoba, explicarão a menor densidade das *villae* ou a sua aparente menor riqueza. O regime latifundiário do Baixo Guadalquivir parece ter dado agora lugar a um sistema de menor propriedade, em parte explorada (segundo o autor) por uma população que residia em pequenos aglomerados urbanos. As fontes literárias e epigráficas mencionam esses aglomerados (ou alguns deles), embora nem sempre a sua identificação no terreno seja possível ou segura. A localização deles constituiu, aliás, uma das preocupações de M. Ponsich; mas só escavações sistemáticas ou felizes achados casuais permitirão localizar sem margem de dúvida alguns desses aglomerados.

Na opinião do autor, grande parte da população da área agora prospectada residiria nos aglomerados urbanos, embora ocupada na agricultura. A reduzida dimensão destas cidades ou *vici* e dos respectivos *territoria* facilitaria a deslocação dos pequenos proprietários, que não perderiam mais de

meia ou de urna hora no caminho entre suas casas e seus olivais, vinhas ou courelas. Nas terras, teriam precárias instalações mais para guardarem alfaias ou para abrigo temporário do que para residência permanente. Assim se explicaria o elevado número de estações onde apenas se encontram tégulas ou imbrices, por vezes alguns fragmentos de cerâmica comum, mas nunca sigillata, apesar de ficar nesta área o centro de Andújar.

Talvez o autor tenha exagerado a dependência destes «abrigos» relativamente aos aglomerados urbanos; muitos deles parecem mais relacionáveis com *villae* do que dependentes de cidades ou *vici*. Por outro lado, a dispersão dos casais ou pequenas quintas («fermes») sugere a residência frequente dos pequenos proprietários no meio das suas terras, mais do que a concentração em aglomerados urbanos donde diariamente, ou, pelo menos, com frequência, se deslocariam às terras.

Os padrões do habitat que o autor propõe carecem, a nosso ver, de uma reflexão mais demorada. Michel Ponsich, aliás, pretende mais sugerir do que demonstrar; pretende abrir pistas para uma investigação renovadora, para uma arqueologia do espaço rural, mais do que definir apressadamente os modelos do ordenamento espacial nestas áreas onde o Baixo Guadalquivir se termina. Alicerce fundamental e seguro para o estudo do ordenamento rural romano, esta obra devia estimular trabalhos de escavação sistemáticos em áreas reduzidas, escolhidas como «amostragens».

Podem parecer surpreendente a inexistência de fornos de ânforas nesta área onde a oleicultura antiga, mais do que um facto provável, é um facto comprovado por pesos de lagar. Ponsich explica a ausência dos fornos: as pesadas ânforas Dressel 20 estavam adaptadas ao transporte fluvial; ora, na área agora prospectada, o Guadalquivir já não é navegável; o transporte do azeite teria de fazer-se de outra forma, possivelmente a dorso de animais; os odres de pele («pellejos»), que não deixaram, naturalmente, vestígios arqueológicos, seriam mais adequados que as ânforas, por serem menos pesados e menos frágeis.

A persistência do autor na prospecção do vale do Guadalquivir deixa-nos esperar, proximamente, outros volumes que completem o programa de investigação da paisagem rural antiga destas terras cuja fertilidade Estrabão e Plínio tanto gabaram. Uma vez concluído o inventário, ninguém melhor do que o autor poderá reflectir sobre a estrutura da ocupação deste território bético, retomando sugestões e conclusões que parcialmente tem apresentado nos três volumes até agora editados.

Se uma carta arqueológica regional, sintetizando de forma crítica as referências bibliográficas anteriores, é, já de si, trabalho útil, o entendimento do processo de ocupação e exploração de um território exige um inventário exaustivo, mesmo daquelas estações cujos achados se reduzam a tégulas e imbrices. O trabalho de Michel Ponsich é um modelo para investigadores que venham a realizar prospecções idênticas noutras áreas da Península Ibérica.

J. ALARCÃO

REVISTAS COM QUE ESTABELECEMOS PERMUTA

(indica-se o primeiro volume recebido)

ACME (XXX, 1977)

Facoltà di Lettere e Filosofia — MILANO (Itália)

ACTA ANTIQUA (VII, 1960)

A Magyar Tudományos Akadémia — BUDAPEST (Hungria)

ACTA ARCHEOLOGICA (XXX, 1959)

Archäologisches Institut — COPENHAGA (Dinamarca)

ACTA MVSEI NAPOCENSIS (II, 1965)

Muzeul de Istorie al Transilvaniei — CLUJ (Roménia)

AEGYPTVS (LIV, 974)

Università Cattolica — MILANO (Itália)

AFRICA (I, 1966)

Institut National d'Archéologie et d'Art — TUNIS (Tunisia)

AFRICANA (I, 1987)

Universidade Portucalense — PORTO (Portugal)

ALBA REGIA (XVII, 1979)

Musée Roi Saint-Étienne — SZÉKESFEHERYÁR (Hungria)

AL-MADAN (0 — 1983)

Centro de Arqueologia — ALMADA (Portugal)

ALMANSOR (I, 1983)

Biblioteca Municipal — MONTEMOR-O-NOVO (Portugal)

AL-MASKUKAT (I, 1960)

Ministre of Culture and Information. Directorate General of Antiquities
— BAGDAD (Iraque)

DAS ALTERTUM (XXX —1, 1984)

Akademie der Wissenschaften der DDR — BERLIM (D. D. R.)

Conimbriga, 26 (1987), 181-197

- AMERICAN JOURNAL OF ARCHAEOLOGY (LXV-3, 1961)
Archaeological Institute of America — PENNSYLVANIA (E. U. A.)
- AMPURIAS (XX, 1959)
Instituto de Prehistoria y Arqueologia — BARCELONA (Espanha)
- ANAIAS DO MUNICÍPIO DE FARO (IV, 1974)
Biblioteca Municipal — FARO (Portugal)
- ANALES DE PREHISTORIA Y ARQUEOLOGIA (I, 1985)
Secretariado de Publicaciones e Intercambio — MURCIA (Espanha)
- ANCIENT SOCIETY (I, 1970)
Katholieke Universiteit — LEUVEN (Bélgica)
- ANNALI DEL SEMINARIO DI STUDI DEL MONDO CLASSICO (I, 1979)
Facoltà di Lettere e Filosofia — NAPOLI (Itália)
- ANNALI DELLA FACOLTÀ DI LETTERE E FILOSOFIA (III/IV, 1, 1971)
Università degli Studi di Macerata — MACERATA (Itália)
- ANNALI (XVI-XVII, 1969-70)
Istituto Italiano de Numismatica — ROMA (Itália)
- ANNALI DELLA SCUOLA NORMALE SUPERIORE DI PISA (VII, 1972)
Scuola Normale Superiore — PISA (Itália)
- ANNÉE ÉPIGRAPHIQUE (1793)
Presses Universitaires de France — PARIS (França)
- ANNUAL REPORT OF THE AMERICAN NUMISMATIC SOCIETY (1965)
American Numismatic Society — NEW YORK (U. S. A.)
- THE ANTIQUARIES JOURNAL (L, 1970)
Society of Antiquaries of London — LONDON (Grã-Bretanha)
- ANTIQUITÉS AFRICAINES (I, 1967)
Université de Provence — AIX-EN-PROVENCE (França)
- ANTROPOLOGIA PORTUGUESA (I, 1983)
Instituto de Antropologia — Universidade — COIMBRA (Portugal)
- ANTIQUITY (XLIV, 1979)
Antiquity Publications, Ltd. — CAMBRIDGE (Grã-Bretanha)
- ANZEIGER DER PHIL-HIST. KLASSE (CVIII — 1971)
Österreichische Akademie der Wissenschaften — VIENNA (Áustria)
- ANUÁRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA (1977)
Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica — LISBOA (Portugal)
- APVLVM (II, 1943-45)
Muzeul Unirii — ALBA IULIA (Roménia)

THE ARAB GULF (VII, 1977)

Centre for Arab Gulf Studies — University of BASRAH (Iraqe)

ARCHAEOLOGIA BELGICA (I, 1, 1985)

Service National de Fouilles — BRUXELLES (Bélgica)

ARCHAEOLOGIA HISTORICA (II, 1976)

Moravské Museum — BRNO (Checoslováquia)

THE ARCHAEOLOGICAL JOURNAL (CXX, 1963)

The Royal Archaeological Institute — LONDON (Grã-Bretanha)

ARCHAEOLOGY (XIV, 2, 1961)

Archaeological Institute of America — NEW YORK (E. U. A.)

ARCHAEOOMETRY (III, 1960)

Research Laboratory for Archaeology and the History of Art — OXFORD
(Grã-Bretanha)

ARCHÄOLOGISCHES KORRESPONDENZBLATT (1 — 1971)

Römisch-Germanischen Zentralmuseum — MAINZ (R. F. A.)

ARCHÄOLOGISCHE NACHRICHTEN AUS BADEN (XXII — 1979)

Institut für Ur-Frühgeschichte der Universität — FREIBURG (R. F. A.)

ARCHÄOLOGISCHER ANZEIGER (1962)

Deutsches Archäologisches Institut — BERLIM (R. F. A.)

ARCHEOLOGIA (I, 1964)

Archeologia, S. A. — DIJON (França)

ARCHEOLOGIA (X, 1958)

Instytutu Historii Kultury Materialnej — WARSZAWA (Polonia)

ARCHEOLOGIA CLASSICA (XXIV, 1972)

Scuola Nazionale di Archeologia — ROMA (Itália)

ARCHEOLOGIE EN LANGUEDOC (II, 1979)

Fédération Archéologique d'Hérault — SETE (França)

ARCHEOLOGIE MÉDIÉVALE (I, 1971)

Centre de Recherches Archéologiques Médiévales — CAEN (França)

ARCHÉOLOGIE SOVIÉTIQUE (III, 1977)

Institut d'Archéologie — MOSCOW (U. R. S. S.)

ARCHÉOLOGIE SUISSE (IV, 1979)

Bulletin de la Société Suisse de Préhistoire et d'Archéologie — BASEL (Suíça)

ARCHIVES D'ÉCOLOGIE PRÉHISTORIQUE (1,1976)

École des Hautes Études en Sciences Sociales — TOULOUSE (França)

Conimbriga, 26 (1987), 181-197

ARCHIVO ESPAÑOL DE ARQUEOLOGIA (XXXII, 1959)
Centro de Estudios Históricos — Biblioteca, MADRID (Espanha)

ARCHIVO HISPALENSE (CXCVIII, 1982)
Museo Arqueológico Provincial — SEVILHA (Espanha)

ARCHIVO DE PREHISTORIA LEVANTINA (VII, 1958)
Diputación Provincial — VALÈNCIA (Espanha)

AREVACON (XI, 1985)
Museo Numantino — SORIA (Espanha)

ARHEOLOGIA MOLDOVEI (I, 1960)
Institutul di Istorie si Arheologie —• IASI (Roménia)

ARHEOLOSKI VESTNIK (IX/X, 1958/9)
Institutza Arheologija — LJUBLJANA (Jugoslávia)

ARKEOIKUSKA (I, 1981/82)
Dirección del Patrimonio Historico-Artistico y Bibliotecas—VITORIA
Espanha

ARQUEOLOGIA (I, 1980)
Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto — PORTO (Portugal)

ARQUEOLOGIA E HISTORIA (8.^a Série, X, 1961)
Associação dos Arqueólogos Portugueses — LISBOA (Portugal)

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DE TOMAR (I, 1985)
Câmara Municipal — TOMAR (Portugal)

O ARQUEÓLOGO PORTUGUÉS (Nova Série, I, 1951)
Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia — LISBOA (Portugal)

ARQUIPÉLAGO (I, 1979)
Instituto Universitário dos Açores — PONTA DELGADA — Açores (Portugal)

ARQUIVO DE BEJA (IV, 1974)
Câmara Municipal — BEJA (Portugal)

ARQUIVO DE CASCAIS (1980-1)
Museu-Biblioteca Condes Castro Guimarães — 1275 CASCAIS (Portugal)

ATACINA (VII, 1972)
Groupe Audiois d'Études Préhistoriques — CARCASSONE (França)

ATHENAEUM (MI, 1979)
Studi di Letteratura e Storia dell' Antichità — PAVIA (Itália)

ATIQTOT (II, 1959)
Department of Antiquities and Museums — JERUSALÉM (Israel)

ATTI DELLA SOCIETÀ SAVONESE DI STORIA PATRIA (XXXIV, 1962)
Società Savonese di Storia Patria — SAVONA (Itália)

ATTI E MEMORIE DELLA SOCIETÀ TIBURTINA DI STORIA E
D'ARTE (XLIII, 1970)

Società Tiburtina di Storia e d'Arte — TIVOLI (Itália)

ATTI DELLA ACCADEMIA NAZIONALE DEI LINCEI — RENDICONTI
DELLA ADUNANZE SOLENNI (VII, 3, 1968)

Accademia Nazionale dei Lincei — ROMA (Itália)

ATTI DELLA ACCADEMIA NAZIONALE DEI LINCEI — RENDICONTI
MORALI (XVI)

Accademia Nazionale dei Lincei — ROMA (Itália)

BAETICA (III, 1980)

Universidad de Málaga — MÁLAGA (Espanha)

BAJO ARAGÓN, PREHISTORIA (II, 1980)

Institución «Fernando el Católico» — CASPE (Espanha)

BARCELOS REVISTA (VOL. 1, N.º 1, 1982)

Câmara Municipal — BARCELOS (Portugal)

BAYERISCHE VORGESCHICHTSBLÄTTER (XXXI, 1966)

Institut für Vor-und Frühgeschichte — MÜNCHEN (R. F. A.)

BEIRA ALTA (XX-1961)

Assembleia Distrital — VISEU (Portugal)

BERICHTEN VAN DE RIJKSDIENST VOOR HET OUD HEID FUN-
DING BODEMONDERZOEK (IX-1959)

Archeological Investigations in the Netherland — AMERSFOORT (Holanda)

BERYTUS — ARCHAEOLOGICAL STUDIES (XVIII, 1969)

American University of Beirut — BEIRUT (Libano)

BOLETIM CULTURAL CONCELHIO SANTO TIRSO (I, 1977)

Câmara Municipal — SANTO TIRSO (Portugal)

BOLETIM CULTURAL DA ASSEMBLEIA DISTRITAL DE LISBOA
(LXXXII, 1976)

Assembleia Distrital — LISBOA (Portugal)

BOLETIM CULTURAL DE ESPOSENDE (I, 1982)

Casa da Cultura — ESPOSENDE (Portugal)

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA (1965)

Sociedade de Geografia de Lisboa — LISBOA (Portugal)

BOLETIN ARQUEOLÓGICO (57-60, 1957)

Real Sociedad Arqueológica Tarraconense — TARRAGONA (Espanha)

Conimbriga, 26 (1987), 181-197

- BOLETIN AVRIENSE (III, 1973)
Museo Arqueológico Provincial — ORENSE (Espanha)
- BOLETIN DO MUSEO PROVINCIAL DE LUGO (I, 1983)
Diputación Provincial— LUGO (Espanha)
- BOLETIN DEL SEMINÁRIO DE ESTUDIOS DE ARTE Y ARQUEOLOGIA (XXIII, 1957)
Facultad de Filosofia y Letras — VALLADOLID (Espanha)
- BOLETIN MUSEO DE ZARAGOZA (I, 1982)
Ministerio da Cultura — ZARAGOZA (Espanha)
- BOLLETINO DEL CENTRO CAMUNO DI STUDI PRE HISTORICI (I, 1964-65)
Centro Camuno di Studi Preistorici — CAPO DI PONTI (Itália)
- BONNER JAHRBÜCHER (CLXXI, 1971)
Rheinisches Landesmuseum Bonn, Bibliothek — BONN (R. F. A.)
- BOREAS (I, 1978)
Archäologisches Seminar der Universität — MÜNSTER (R. F. A.)
- BULLETIN D'ARCHÉOLOGIE MAROCAINE (I, 1956)
Musée Archéologique — RABAT (Marrocos)
- BULLETIN ARCHÉOLOGIQUE DE PROVENCE (X, 1982)
Service Départemental de l'Archéologie — AVIGNON (França)
- BULLETIN ARCHÉOLOGIQUE DU VEXIN FRANÇAIS (III, 1967)
Centre de Recherches Archéologiques du Vexin Français — GUIRY-EN-VEXIN (França)
- BULLETIN DE L'ASSOCIATION PRO AVENTICO (19, 1967)
Musée Romain — AVENCHES (Suíça)
- BULLETIN DE LA COMMISSION ARCHÉOLOGIQUE DE NARBONNE (XXXIII, 1971)
Commission Archéologique et Littéraire de Narbonne — NARBONNE (França)
- BULLETIN DE LA SOCIÉTÉ ARCHÉOLOGIQUE D'EURE-ET-LOIRE (XLIII, 1973)
Société Archéologique d'Eure-et-Loire — CHARTRES (França)
- BULLETIN DE LA SOCIÉTÉ ARCHÉOLOGIQUE ET HISTORIQUE DU LIMOUSIN (C — 1975)
Société Archéologique du Limousin — LIMOGES (França)
- BULLETIN DE LA SOCIÉTÉ ARCHÉOLOGIQUE ET HISTORIQUE DE L'ORLÉANAIS (XLII, 1972)
Bibliothèque Municipale — ORLEANS (França)

BULLETIN DE LA SOCIÉTÉ ARCHÉOLOGIQUE ET HISTORIQUE DE
VILLENEUVE-SUR-LOT (IIMV, 1973-74)

Société Archéologique et Historique de Villeneuve-sur-Lot — VILLENEUVE-
-SUR-LOT (França)

BULLETIN DE LA SOCIÉTÉ D'HISTOIRE ET D'ARCHÉOLOGIE DE
VICHY ET DES ENVIRONS (LXIII, 1966)

Société d'Histoire et d'Archeologie — VICHY (França)

BULLETIN DE LA SOCIÉTÉ ARCHÉOLOGIQUE DU MIDI DE LA
FRANCE (IV, 1960/74)

Société Archéologique du Midi de la France — TOULOUSE (França)

BULLETIN DE LA SOCIÉTÉ NATIONALE DES ANTIQUAIRES DE
FRANCE (1960)

Département des Antiquités Grécques et Romaines. Musée du Louvre
— PARIS (França)

BULLETIN DU COMITÉ ARCHEOLOGIQUE DE LEZOUX (III, 1970)
Comité Archéologique de Lezoux — LEZOUX (França)

BULLETIN D'INFORMATIONS PHILATELIQUES ET NUMISMATI-
QUES (LI, 1974)

Centre Regional de Documentation Numismatique du Languedoc — CASTRES
(França)

BULLETIN DES MUSÉES ROYAUX D'ART ET D'HISTOIRE (T. 54,
n.º I, 1983)

Musées Royaux d'Art et d'Histoire — BRUXELLES (Belgica)

BULLETIN OF THE INSTITUTE OF ARCHAEOLOGY (II, 1959)

University of London — LONDON (Grã-Bretanha)

BULLETTINO DELLA COMMISSIONE ARCHEOLOGICA COMUNALE DI
ROMA (LXXXI, 1972)

«L'Erma» di Bretschneider — ROMA (Itália)

CADERNOS DE ARQUEOLOGIA (II Série, I 1984)

Museu D. Diogo de Sousa/Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
— BRAGA (Portugal)

CAESARAUGUSTA (XI-XII, 1958)

Seminario de Arqueología y Numismatica Aragonesas—ZARAGOZA (Espanha)

CAESARODUNUM (I, 1978)

Institut d'Études Latines et du Centre de Recherches A. Piganiol — PARIS
(França)

CAHIERS D'ARCHÉOLOGIE DU NORD-EST (XXV, 1971)

Gilbert Lobjois — LAON (França)

CAHIERS ARCHÉOLOGIQUES DE PICARDIE (IV, 1977)

Société des Antiquaires de Picardie — AMIENS (França)

CAHIERS LIGURES DE PREHISTOIRE ET DE PROTOHISTOIRE (I, 1984)

Institut International d'Études Ligures — BORDIGHERA (Itália)

CAHIERS DES PORTES DE FER (I, 1980)

Centre des Recherches Archéologiques — BELGRADO (Jugoslávia)

CARPICA (I, 1968)

Muzeul de Istorie si Arta — BACAU (Roménia)

CASOPIS (XLVII, 1962)

Moravské Muzeum Historické — BRNO (Checoslováquia)

CASTRELOS (Zero, 1987)

Museo Municipal «Quiñones de Leon» — VIGO (Espanha)

CEDAC CARTHAGE (I, 1978)

Institut National d'Archéologie et d'Art — TUNIS (Tunísia)

CELTIBERIA (LUI, 1977)

Museo Provincial — SORIA (Espanha)

CLASSICAL NEWS AND VIEWS (XIX, 1, 1975)

Faculty of Arts/Department of Classical Studies — OTTAWA-ONTARIO (Canadá)

CLANCI I GRADA (XI, 1975)

Muzej Istocne Bosne — TUZLA (Jugoslávia)

CLIO (I, 1970)

Centro de História da Universidade — LISBOA (Portugal)

CLIO/ARQUEOLOGIA (I, 1983-84)

Centro de História/Universidade — LISBOA (Portugal)

COMPTE-RENDUS DE L'ACADÉMIE DES INSCRIPTIONS & BELLES-LETTRES (1972)

Diffusion de Boccard — PARIS (França)

COMUNICAÇÕES DOS SERVIÇOS GEOLÓGICOS DE PORTUGAL (XXI, 1940)

Serviços Geológicos de Portugal — LISBOA (Portugal)

CONTEXT (I (2), 1981)

Boston University — BOSTON (E. U. A.)

CUADERNOS DE ARQUEOLOGIA DE DUESTO (I, 1974)

Universidad de Duesto — BILBAO (Espanha)

- CUADERNOS DE ESTUDIOS BORJANOS (III, 1979)
Centro de Estudios Borjanos — B OR JA-ZARAGOZA (Espanha)
- CUADERNOS DE ESTUDIOS GALLEGOS (XXXI, 1978/80)
Instituto «Padre Sarmiento» — SANTIAGO DE COMPOSTELA (Espanha)
- CUADERNOS DE PREHISTORIA Y ARQUEOLOGIA (I, 1977)
Facultad de Filosofía y Letras/Departamento de Prehistoria y Arqueología
— MADRID (Espanha)
- CUADERNOS DE PREHISTORIA Y ARQUEOLOGIA CASTELLONENSE
(I, 1974)
Departamento de Arqueología — CASTELLON DE LA PLANA (Espanha)
- CUADERNOS DE PREHISTORIA DE LA UNIVERSIDAD DE GRANADA
(I, 1976)
Departamento de Prehistoria — Universidad GRANADA (Espanha)
- DACIA (II, 1958)
Institut d'Archéologie — BUCAREST (Roménia)
- DÉCOUVERTES ARCHÉOLOGIQUES EN TOURNUGEOIS (VIII, 1980)
Groupe Archéologique de Tornus — TOURNUS (França)
- DOSSIERS DE L'ARCHÉOLOGIE (I, 1973)
Archéologia, S. A. — DIJON (França)
- EMERITA (XXIX, 1961)
Instituto Antonio Nebrija — MADRID (Espanha)
- EPIGRAPHICA (XXIV, 1962)
Istituto di Storia Antica — BOLOGNA (Itália)
- ESTUDIOS DE ARQUEOLOGIA ALAVESA (I, 1966)
Instituto Alaves de Arqueología — VITORIA-GASTEIZ (Espanha)
- ESTUDIOS HUMANISTICOS (I, 1979)
Departamento de Historia Antigua — LEON (Espanha)
- ETHNOLOGY (I, 1962)
University of Pittsburg — PENNSYLVANIA (E. U. A.)
- ÉTUDES PREHISTORIQUES (I, 1971)
Société Préhistorique de l'Ardèche — LYON (França)
- EVPHROSYNE (I, 1967)
Centro de Estudos Clássicos — Faculdade de Letras — LISBOA (Portugal)
- EXPEDITION (XXVI (1), 1984)
University Museum of the University — PHILADELPHIA (E. U. A.)
- FAVENTIA (I, 1979)
Universitat Autònoma — BARCELONA (Espanha)

- FELIX RAVENNA (I, 1970)
Istituto di Antichità Ravennati Bizantina dell'Università di Bologna
— RAVENNA (Itália)
- FIGLINA (I, 1976)
Laboratoire de Céramologie — LYON (França)
- FINISTERRA (I, 1966)
Centro de Estudos Geográficos — LISBOA (Portugal)
- FUNDBERICHT AUS BADEN-WÜRTTEMBERG (IV, 1979)
Landesdenkmalamt Baden-Württemberg — STUTTGART (R. F. A.)
- FUNDBERICHTE AUS HESSES (XV, 1975)
Landesamt für Denkmalpflege Hesses — WEISBADEN (R. F. A.)
- FUNDE UND AUSGRABUNGEN IM BEZIRK TRIER (XI, 1979)
Selbstverlag des Rheinischen Landesmuseum — TRIER (R. F. A.)
- GAYA (I, 1983)
Biblioteca Pública Municipal — VILA NOVA DE GAIA (Portugal)
- GALLAECIA (I, 1975)
Facultad de Geografía e Historia—SANTIAGO DE COMPOSTELA (Espanha)
- GALLIA (XVIII, 1960)
Comité Technique de la Recherche Archéologique — PARIS (França)
- GER ION (I, 1983)
Departamento de Historia Antigua — Universidad Complutense — MADRID
(Espanha)
- GERMANIA (XXXVIII, 1960)
Römisch-Germanische Kommission des Deutschen Archäologischen Instituts
— FRANKFURT (R. F. A.)
- GLANIS K ZEMALJSKOG MUSEJA BOSNE I HERCEGOVINE U SARAVEJO (XXX-XXXI, 1977)
Zemaljski Musej Bosne i Hercegovine — SARAVEJO (Jugoslávia)
- HABIS (I, 1970)
Universidad — SEVILHA (Espanha)
- HISPANIA ANTIGUA (I, 1971)
Departamento de História Antigua — VALLADOLID (Espanha)
- HUELVA ARQUEOLOGICA (III, 1977)
Museu de Huelva — HUELVA (Espanha)
- HUMANITAS (I, 1947)
Faculdade de Letras — Instituto de Estudos Clássicos — COIMBRA (Portugal)

- L'INFORMATION ARCHEOLOGIQUE (LX-LXIY, 1968)
Association «L'Information Archéologique» — LAGNY-SUR-MARNE (França)
- THE INTERNATION JOURNAL OF NAUTICAL ARCHAEOLOGY AND UNDERWATER EXPLORATION (I, 1972)
Council for Nautical Archaeology — LONDON (Grã-Bretanha)
- ISRAEL EXPLORATION JOURNAL (XX, 1970)
The Librarian. The Israel Museum — JERUSALÉM (Israel)
- THE ISRAEL MUSEUM NEWS (VIII, 1970)
The Israel Museum — JERUSALÉM (Israel)
- THE J. PAUL GETTY MUSEUM JOURNAL (V, 1977)
The Getty Center the History of Art — SANTA MONICA — CALIFÓRNIA (E. U. A.)
- JAHRBUCH DES RÖMISCH-GERMANISCHEN ZENTRALMUSEUMS (VI, 1959)
Römisch-Germanischen Zentralmuseums — MAINZ (R. F. A.)
- JAHRESBERICHT DES GESELLSCHAFT PRO VINDONISSA (1983)
Vindonissa Museum — BRUGG (Suíça)
- JAHRESHEFTE DES ÖSTERREICHISCHEN ARCHÄOLOGISCHEN INSTITUTS (XLI, 1961-1963)
Universität, Dr. Karl Lueger-Ring — VIENA (Áustria)
- JOURNAL OF FIELD ARCHAEOLOGY (I, 1974)
Boston University — BOSTON (E. U. A.)
- THE JOURNAL OF THE CANADIAN CONSERVATION INSTITUTE (I, 1976)
National Museums — OTTAWA (Canadá)
- JOURNAL OF GLASS STUDIES (XX, 1978)
The Corning Museum of Glass — CORNIHG-NEW YORK (E. U. A.)
- THE JOURNAL OF OMAN STUDIES (I, 1975)
Ministry of Information and Culture — MUSCAT (Orna)
- THE JOURNAL OF ROMAN STUDIES (LI, 1961)
Society for the Promotion of Roman Studies — LONDON (Grã-Bretanha)
- KALATOS (I, 1981)
Colegio Universitario de Teruel — TERUEL (Espanha)
- KARTHAGO (XV, 1969)
Institut d'Art et d'Archéologie — PARIS (França)
- KOBIE (I, 1969)
Grupo de Espeleología Vizcaino — BILBAO (Espanha)

- KOKALOS (VI, 1960)
Istituto di Storia Antica, Facoltà di Lettere — PALERMO (Itália)
- KÖLNER JAHRBUCH FÜR VOR-UND FRÜHGESCHICHTE (XIV, 1974)
Römisch Germanisches Museum — KÖLN (R. F. A.)
- KTEMA (I, 1976)
Université des Sciences Humaines — STRASBOURG (França)
- LAIETANIA (II/III, 1982/83)
Museu Comarcal del Maresme — MATARÓ (Espanha)
- LATOMUS (XXII, 1963)
Éditions Latomus — BRUXELLES (Bélgica)
- LEBA (I, 1978)
Junta de Investigação Científica do Ultramar — LISBOA (Portugal)
- LETOPIŠ (X, 1959)
Slovenska Akademija Znanosti in Umetnosti — LJUBLANA (Jugoslávia)
- LETTRES D'INFORMATION ARCHÉOLOGIQUE ORIENTALE (V, 1982)
Centre de Recherches Archéologiques — VALBONNE (França)
- LVCENTVM (I, 1982)
Universidad de Alicante — ALICANTE (Espanha)
- MADRIDER MITTEILUNGEN (I, 1960)
Deutsches Archäologisches Institut — MADRID (Espanha)
- MAINZER ZEITSCHRIFT (LIV, 1959)
Staatliches Amt für Vor-und Frühgeschichte — MAINZ (R. F. A.)
- MASCA JOURNAL (III, 1984)
The University of Pennsylvania — PHILADELPHIA (E. U. A.)
- MEDITERRANEA (I, 1965)
Grup Mediterranea d'Investigacions Speleologiques—BARCELONA (Espanha)
- MÉLANGES DE L'ÉCOLE FRANÇAISE DE ROME (LXXXIII, 1971)
École Française de Rome — ROMA (Itália)
- MÉLANGES DE LA CASA DE VELÁZQUEZ (I, 1965)
Casa de Velázquez — MADRID (Espanha)
- MEMORIA (1972)
Instituto de Arqueologia — BARCELONA (Espanha)
- MEMORIA ANTIQVITATIS (I, 1969)
Muzeul Archeologie — NEAMT (Roménia)
- MEMORIAS DE HISTORIA ANTIGUA (I, 1971)
Universidad de Oviedo — OVIEDO (Espanha)

- EL MILIARIO EXTRAVAGANTE (X, 1965)
Gasatuya-El Zabal-La Línea — CADIZ (Espanha)
- MINERVA (I, 1987)
Universidad de Valladolid — VALLADOLID (Espanha)
- MINIA (I, 1978)
Palácio dos Biscainhos — BRAGA (Portugal)
- MITTEILUNGEN DES DEUTSCHEN ARCHAEOLOGISCHEN INSTITUT
(LXXXIV (1), 1977)
Istituto Archeologico Germanico — ROMA (Itália)
- MUNDA (I, 1981)
Grupo de Arqueologia e Arte do Centro — COIMBRA (Portugal)
- MUNIBE (XXXVI, 1984)
Sociedad de Ciencias Aranzadi — SAN SEBASTIAN (Espanha)
- EL MUSEO DE PONTEVEDRA (XII, 1958)
Diputación Provincial — PONTEVEDRA (Espanha)
- MVSE (I, 1967)
Museum of Art and Archeology — COLUMBIA, Missouri (E. U. A.)
- NEWSLETTER (1987)
American Numismatic Society — NEW YORK (E. U. A.)
- NORBA (I, 1980)
Universidad da Extremadura — CÁCERES (Espanha)
- NORWEGIAN ARCHAEOLOGICAL REVIEW (XI, 1978)
Universitetsbiblioteket i Bergen — BERGEN (Noruega)
- NVMANTIA (I, 1981)
Museo Numantino — SORIA (Espanha)
- NVMISMA (XL-XLI, 1959)
Fabrica Nacional de Moneda y Timbre — MADRID (Espanha)
- NUMISMÁTICA (II, 1976)
Clube Numismático de Portugal — LISBOA (Portugal)
- THE NUMISMATIC CHRONICLE (XLIV, 1964)
The Royal Numismatic Society — LONDON (Grã-Bretanha)
- NUMISMATIC LITERATURE (I, 1974)
The American Numismatic Society — LONDON (Grã-Bretanha)
- NVMMVS (VI, 1960)
Sociedade Portuguesa de Numismática — PORTO (Portugal)

ORIGINI (I, 1967)

Istituto di Paleontologia — ROMA (Itália)

ÖSTERREICHISCHES ARCHÄOLOGISCHES INSTITUT GRABUNGEN
(1965)

Universität de Karl Lueger — WIEN (Áustria)

oudheidkundige mededelingen (L, 1969)

Rijksmuseum von Ondheden te Leiden — LEIDEN (Holanda)

PAPERS OF THE BRITISH SCHOOL AT ROME (XXVIII, 1960)

British School at Rome — ROMA (Itália)

PEUCE (II, 1971)

Muzeul Delta Dunarii — TULCEA (Roménia)

POLISH ARCHAEOLOGICAL ABSTRACTS (I, 1972)

Instytutu Historii Kultury Materialnej — POZNÁN (Polónia)

PORTVGALIA (N. S., I, 1980)

Instituto de Arqueologia/Fac. de Letras — PORTO (Portugal)

PREISTORIA ALPINA (X, 1972)

Museo Tridentino di Scienze Naturali —• TRENTO (Itália)

PRINCIPE DE VIANA (LXXVIII-LXXIX, 1960)

Museo de Navarra — PAMPLONA (Espanha)

PROCEEDINGS OF THE SOCIETY OF ANTIQUARIES OF SCOTLAND
(CVIII, 1976/77)

National Museum of Antiquities of Scotland — EDIMBURG (Escócia)

PROSPEZIONI ARCHAEOLOGICHE (III, 1968)

Fondazione Lerici — ROMA (Itália)

PROVENCE HISTORIQUE (XXII, 1972)

Musée Archéologique — MARSEILLE (França)

PYRENAE (I, 1965)

Instituto de Arqueologia y Prehistoria — BARCELONA (Espanha)

QUADERNI DELLA SOPRINTENDENZA ARCHEOLOGICA DEL PIE-
MONTE (I, 1982)

Ministero per i Beni Culturali e Ambientali — TORINO (Itália)

QUADERNS DE PREHISTORIA I ARQUEOLOGIA DE MATARÓ I EL
MARESME (I, 1977)

Museu Municipal — MATARÓ (Espanha)

REVISTA DE CIÊNCIAS HISTÓRICAS (I, 1986)

Universidade Portucalense — PORTO (Portugal)

- REVISTA DE GUIMARÃES (LXX, 1960)
Sociedade Martins Sarmento — GUIMARÃES (Portugal)
- REVISTA PORTUGUESA DE FILOLOGIA (XVI, 1972-74)
Instituto de Língua e Literatura Portuguesas — Faculdade de Letras
— COIMBRA (Portugal)
- REVISTA PORTUGUESA DE HISTÓRIA (II, 1943)
Instituto de História Económica e Social — Faculdade de Letras — COIMBRA
(Portugal)
- REVUE ARCHÉOLOGIQUE DU CENTRE (I, 1962)
CHAPONOST (França)
- REVUE ARCHÉOLOGIQUE DE NARBONNAISE (I, 1968)
Faculté des Lettres — MONTPELLIER (França)
- REVUE ARCHÉOLOGIQUE DE L'OISE (II, 1972)
Bibliothèque Municipale — COMPIÈGNE (França)
- REVUE DES ARCHÉOLOGUES ET HISTORIENS D'ART DE LOUVAIN
(I, 1968)
Collège Erasme — LOUVAIN-LA-NEUVE (Bélgica)
- REVUE BELGE DE NUMISMATIQUE ET DE SIGILLOGRAPHIE (CXI,
1965)
Société Royale de Numismatique de Belgique — BRUXELLES (Bélgica)
- REVUE DES ÉTUDES ANCIENNES (LXIV, 1962)
Université de Bordeaux III — TALENCE (França)
- LA REVUE DU LOUVRE (1975)
Bibliothèque Centrale des Musées Nationaux au Louvre — PARIS (França)
- REVUE DU NORD (XLIV, 1962)
Université de Lille III — VILLENEUVE D'ASCQ (França)
- REVUE NUMISMATIQUE (IV, 1940)
Société Française de Numismatique — PARIS (França)
- RIVISTA DI ARCHEOLOGIA CRISTIANA (XXXVI, 1960)
Pontificio Istituto di Archeologia Cristiana — ROMA (Itália)
- RIVISTA INGAUNA E INTEMELIA (XIV, 1959)
Istituto Internazionale di Studi Liguri — BORDIGHERA (Italia)
- RIVISTA DELL'ISTITUTO NAZIONALE D'ARCHEOLOGIA E STORIA
DELL'ARTE (XI/XII, 1963)
Istituto Nazionale d'Archeologia e Storia dell'Arte — ROMA (Itália)
- RIVISTA DI STUDI LIGURI (XXV, 1959)
Istituto Internazionale de Studi Liguri — BORDIGHERA (Itália)

SAALBURG JAHRBUCH (XVIII, 1959/60)
Saalburgmuseum — SAALBURG (R. F. A.)

SAGVNTVM (XII, 1977)
Departamento de Prehistoria y Arqueología — VALENCIA (Espanha)

SAUTUOLA (I, 1975)
Museo de Prehistoria e Arqueología — VALENCIA (Espanha)

SAVARIA (I, 1963)
Kisfaludy Sándor — SZOMBATHELY (Hungria)

SCHWEIZERISCHES LANDESMUSEUM (LXXII, 1963)
Schweiz Landesmuseum — ZURIQUE (Suíça)

SEMANAS DE ESTUDIOS ROMANOS (I, 1973/76)
Universidad Católica de Valparaíso — VALPARAISO (Chile)

SEPTENTRION (IX/X, 1972)
Fédération Archéologique Septentrion — BOULOGNE (França)

SETÜBAL ARQUEOLÓGICA (I, 1975)
Museu de Arqueologia e Etnografia — SETÜBAL (Portugal)

SIBRIVM (V, 1960)
Centro di Studi Preistorici e Archeologici — VARESE (Itália)

STARINAR (XXVIII/XXIX, 1978)
Institut Archéologique — BELGRADO (Jugoslávia)

STUDI ROMANI (IX, 1961)
Istituto di Studi Romani — ROMA (Itália)

STVDIA ZAMORENSIA (II, 1981)
Universidad de Salamanca — SALAMANCA (Espanha)

SUMER (XVI, 1960)
Directorate-General of Antiquities — BAGHDAD (Iraque)

TABONA (III, 1975-76)
Universidad de la Laguna — TENERIFE (Ilhas Canárias)

TEL AVIV (I, 1974)
Institute of Archaeology — TEL AVIV (Israel)

THRACO-DACICA (II, 1981)
Institutul de Tracologia — BUCAREST (Roménia)

TORRENS
Arxiv Municipal de Torrent — TORRENT-VALENCIA (Espanha)

TRABAJOS DE PREHISTORIA (XXVI-1969)
Instituto Español de Prehistoria — MADRID (Espanha)

TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA (XVIII, 1960/61)
Instituto de Antropologia — Fac. de Ciências — PORTO (Portugal)

TRIERER ZEITSCHRIFT (XXIV-XXVI, 1956/58)
Rheinisches Landesmuseum — TRIER (R. F. A.)

TVRIASO (I, 1980)
Centro de Estudos Turiasonenses — TARAZONA (Espanha)

VARIA (I, 1979)
Departamento de História Antigua — VALÈNCIA (Espanha)

VELEIA (I, 1984)
Universidad del Pais Vasco — VITÓRIA (Espanha)

VJESNIKA ZA ARHEOLOGIJU I HISTORIJU DALMATINSKU (LXX-
-LXXI 1968/69)
Arheoloski Musej — SPLIT (Jugoslávia)

WAD-AL-HAYARA (I, 1974)
Institución Provincial de Cultura «Marquês de Santillana» — GUADALAJARA
(Espanha)

WIADOMOSCI ARCHEOLOGICZNE (XLI, 1976)
Panstwowe Muzeum Archeologiczne — WARSZAWA (Polónia)

ZEITSCHRIFT FÜR SCH WEIEREICHE ARCHÄOLOGIE UND KUNST-
GESCHICHTE (XXXVIII (1), 1981)
Bibliothek Museumstrasse — ZÜRICH (Suíça)

ZEPHYRUS (XIV, 1963)
Secretariado de Publicaciones e Intercambio Científico — Universidad de
SALAMANCA (Espanha)

(Página deixada propositadamente em branco)

INDEX NOMINVM

A

Abrantes, 15.
Abruno, 19.
Abul, 134.
Adieus, 30.
África do Norte, 68, 92, 172.
Aguada de Cima — *Águeda*, 22.
Águeda, 22.
Aguiar, João, 7.
Aislingen — *Alemanha*, 145, 148, 150, 153.
Alandroal, 13, 23.
Alarcão, Adília, 63.
Alarcão, Jorge de, 9, 13, 41.
Albertos, Maria de Lourdes, 10, 12, 14, 22.
Albino, 16.
Albintimilium—Itália, 172.
Albuius, 27.
Alcácer do Sal, 61, 63, 64, 66-75, 77, 79-83, 85, 97, 99, 103, 128, 129.
Alcabideche — *Cascais*, 16.
Alcains — *Castelo Branco*, 30.
Alçaria — *Fundão*, 16.
Alcobaça, 50.
Aldeia da Ponte — *Sabugal*, 26.
Alegria, quinta — *Setúbal*, 176.
Alemanha, 68, 74.
Alenquer, 19.
Algodres — *Fornos de Algodres*, 21.
Allacarius, 50.
Alleicea, 50.
Almeida, Fernando de, 174.
Alto das Cabeçadas — *Alvares*, Góis, 25.
Alvares — *Góis*, 25.
Alvelos — *Viseu*, 27.

Amiens — *França*, 128.
Amino, 19.
Amminus, 20.
Ampúrias — *Espanha*, 68, 70, 176.
Ançã — *Cantanhede*, 26.
Andaitia, 19.
Andújar — *Espanha*, 178-180.
Ánia, 32.
Apino, 20.
Aponia Nicopolis, 15.
Apulia—*Italia*, 175, 178.
Araocelum, castellum, 14.
Arapouca, 81,134.
Aravil, ribeira, 105, 106.
Arc(?)ar (...), antropônimo que poderá ter relação com *Allacarius*, 50.
Arcão, 17.
Ardus, 20.
Arco, 20.
Arezzo — *Itália*, 64, 66-71.
Arraiolos, 21.
Arrochela — *Penamacor*, 20.
Augusto, 64, 67-72, 81, 86, 92, 95, 128, 149.
Auvo, 16.
Ávila — *Espanha*, 13.
Avita, 17.
Axónio, L., 18.
Azinhaga do Senhor dos Mártires — *Alcácer do Sal*, 67, 72-74.

B

Baixo Guadalquivir — *Espanha*, 178-180.
Balsa — *Ta vira*, 71.

- Barrosinha*, herdade — Alcácer do Sal, 83-86, 97,98,134.
Basso, 26.
Batalha — Alcácer do Sal, 98, 100-102, 134.
Batista, Joaquim Madeira, 127.
Beja, 18, 72.
Belver — Gavião, 10, 20.
Bemposta — Penamacor, 19.
Benoit, Fernand, 170,171.
Besèlga — Torres Novas, 58.
Bética, 81, 86, 95, 128-130, 175, 176.
Blaesus, L. Latrius, 20.
Bldzquez Martinez, José Maria, 7-10.
Borges Garcia, E., 172.
Bourges — França, 160.
Braga, 74.
Brandão, Domingos de Pinho, 54.
Brindisi — Itália, 173.
Bàcio, 22.
Bàcio, Lúcio, 26.
Bugio I — Alcácer do Sal, 82, 134.
Bugio II — Alcácer do Sal, 82, 83, 134.
Bujane — Espanha, 178, 179.
Burghofe — Alemanha, 145, 148, 150, 153.
Burrillus, 30.
Burrulohriga, 22.
- C
- Cabeço das Fráguas* — Pousafoles, Sabugal, 15, 26, 30, 32.
Cabeço dos Tiros — Penha Garcia, Idanha-a-Nova, 32.
Cabezas Bubias — Espanha, 13.
Cabo Sardão, 116.
Caburus, 25.
Caceia — Vila Real de Santo António, 125, 127, 129, 130.
Cáceres — Espanha, 26.
Cádiz — Espanha, 128,129.
Caecilius Caeno, M., 25.
C(aecilius ?) Bufus, G., 48-49.
Caeno, M. Caecilius, 25.
Caepio, C. Valerius Rufus, 18.
Caetronia, 23.
Calantica, 21.
Callender, 172.
Camalus, 16, 19, 20, 27.
Cambodunum — Alemanha, 149, 150.
Campânia — Itália, 174, 178.
Campo Maior, 19.
Camulodunum — Colchester (U.K.), 137, 170.
Canapia, 26.
Candeleba — Ávila, 13.
Cantanhede, 31.
Capinha — Fundão, 19, 29.
Cardoso, Guilherme, 174.
Cardoso, João Pedro, 123.
Carrascal de Manique — Alcabideche, Cascais, 16.
Cartago, 71.
Casabius, 30.
Casais — São João da Fresta, Mangualde, 26.
Casas Novas — Alcácer do Sal, 99, 134.
Cascais, 16, 32, 105.
Cássia Materna, 27.
Castelo — Alcácer do Sal, 66-75, 128,129.
Castelo Branco, 15, 16, 20, 25, 30, 32.
Castillejo — Numantia, 175.
Castro D aire, 22, 25.
Castro Marim, 127.
Castro Pretorio, 172.
Catalunha, 175.
Catuenus, 27.
Cavalinhos, José Manuel Silva, 115.
Cavernães — Viseu, 27.
Ceius, 22.
Cdoric da Beira, 28.
Celtienus, 26.
Céltio, 20.
Cerdà, D., 177.
Cerro Andebalo, santuário — Cabezas Rubias, 13.
Cerro de /os Mártires—'Cádiz, 128, 129.

Chão do Touro — Monsanto, Idanha-a-Nova, 16.
Chaves, 28.
Cicero, 28.
Cílio, 19.
Cinfães, 16.
Cisia, 16.
Cláudio, 64, 69, 72-74, 85, 92, 95.
Claudius Maxsumus, G., 25.
C(laudius?) Rufus, G., 48-49.
Clementinus, 22.
Coelho, F. Adolfo, 8.
Coimbra, 32, 47.
CoZZs, Dali, 177, 178.
Colonia Sant Jordi — Maiorca, 177.
Comenda — Setúbal, 105.
Competrus, 21.
Condeixa-a-Nova, 16, 27.
Condeixa-a-Velha — Condeixa-a-Nova, 16, 27.
Conímbriga, 11, 16, 26, 27, 30, 39, 41-48, 52, 54, 56, 66, 68, 73, 92, 128, 129, 137-139, 144, 145, 149-151, 153; *Flávia Conímbriga*, 26.
Cordoba — Espanha, 179.
Corgas Roçadas — Youzela, 29.
Corinto, 68.
Correia, Virgílio, 39, 41-48, 54.
Cós (Kos) — Grécia, 172.
Costa, José Miguel da, 115.
Cova dos Ladrões — Alto das Cabeçadas, 25.
Covão — Alcaria, 16.
Covas — Vouzela, 29.
Covilhã, 17, 19.
Crescente Fértil, 169.
Curiácio Rufino, Tito, 32.

D

Devesa — Meda, 27.
Dias, F., 63.
Diogo, A. M. Dias, 174.
Docquiricus, 27.
Domiciano, 144.
Douro, rio, 12.
Dressel, 170-172.

E

Egitânia, 50, 72.
Elche — Espanha, 67.
Eivas, 22.
Encarnação, José d', 54, 57.
Enchurrasqueira, monte — Alcácer do Sal, 104, 134.
Epeicus, 20.
Esmolfe — Penalva do Castelo, 20.
Espanha, 68, 70, 86.
Estrabão, 180.
Estrada Nacional 5 — Alcácer do Sal, 67.
Étienne, R., 54, 56, 57.
Évora, 31.

F

Fabius Viator, C., 31.
Fabre, G., 54, 56, 57.
Fail — Viseu, 29.
Famalicão da Serra — Guarda, 15.
Faria, João C. Lázaro, 83, 97.
Faro, 174, 176.
Feira, 10, 20, 72.
Felix, Flavius Titius, 20.
Fernández-Gomes, F., 13.
Ferreira, Octávio da Veiga, 174.
Ferro — Covilhã, 17.
Fiães — Feira, 72.
Finsbury Circus — Inglaterra, 151.
Firmo, 26.
Fishbourne — Inglaterra, 138, 144, 145, 149-151, 153, 160.
Flávios, 73, 95.
Florença, 67.
Fornos de Algodres, 20, 21.
França, 68, 70» 74.
Freixiosa — Mangualde» 22.
Freixo de Numão — Devesa» Meda, 27, 43.
Fundão, 16, 19, 20, 29, 32.
Furtado — Algodres, Fornos de Algodres, 21.

G

Golia, 137, 175.
Gavião, 20.
Góis, 25.
Gomes, Fernando, 85, 97.
Gouveia, 30.
Grã-Bretanha, 175.
Grace, Virginia, 170.
Granada — Espanha, 176.
Grécia, 70.
Guadalquivir, rio — Espanha, 178-
 -180.
Guarda, 15.

H

Haltern, 170.
Hawkes, C. F., 171.
Heddernheim — Alemanha, 144,
 146, 149, 150, 153.
Heleno, Manuel, 47.
Herculano, Alexandre, 7.
Hispalis, 179.
Hoz, J., 12.
Hühner, E., 43.
Hull, M., 171.

I

Ibiza — Baleares, 176.
Idanha-a-Nova, 16, 17, 23, 26-28,
 30, 32.
Idanha-a-Velha — Idanha-a-Nova,
 19, 27, 28, 30, 58.
Itália, 68, 70.
Itália Central, 64, 68.
Italica — Espanha, 179.
Iulius Montanus, Q., 19.

"

J

Júlia Mdxuma, 16.
Julia Saturisca, 29.
Júlio-Cláudios, 96.

K

Krefeld-Gellep — Alemanha, 144,
 145.

L

L. C. O., 27.
La Graufesenque — França, 64, 72-
 -74, 92.
Lamas de Moledo — Gastro Daire,
 22, 25.
Lamboglia, Nino, 170-172.
Lambrino, Scarlat, 9.
Lança, Mário Paulo, 98, 99.
Laneus, 29.
Lardosa — Castelo Branco, 32.
Latrius Blaesus, L., 20.
Lennium, povoação ainda não loca-
 lizada, 26.
Leurus, 26.
Lincolnshire — Inglaterra, 160.
Lisboa, 19, 25, 47, 58.
 (...) *llecia* (...), gentílico que poderá
 ter afinidades com *Alleicea*, 50-
 -51.
Loescke, E., 171.
Lloris, Beltrán, 176.
Longroiva — Meda, 19, 20.
Lourosa, São Pedro de —• Oliveira
 do Hospital, 10, 20.
Lucanus, 30.
Lúcio Bácio, 26.
Luna, 64.
Lupus, 29.
Lupus, Picus, 52, 55.
Lusitânia, 5, 7, 11, 13, 15, 19, 25,
 28-30, 130, 176.

M

Machado, João Loureiro Saavedra,
 47.
Macar [...], castellum, 14.
Magius Beburrus, 27.
Magius Saturninus, 27.

Mainz — Alemanha, 161.
Maiorca, ilha — Espanha, 177.
Malgeinus, 26, 28.
Malpartida de Plasencia — Espanha, 29.
Mancus, 28.
Mangualde, 22, 26.
Manlius, L., 29.
Mantaus (?), 19.
Marim, 72.
Marinianus, 34.
Marvão, 29, 32.
Materna, Cássia, 27.
Materno, 19.
 MAM, 170, 172.
Maw Vizinho, castro — São Pedro do Sul, 14, 20.
Maucus, 20.
Maxsumus, G. Claudius, 25.
Máxima, Júlia, 16.
 Meda, 19, 27.
Medelim — Idanha-a-Nova, 28, 30.
Mediterrâneo, 169, 171-173.
Mediterrâneo Ocidental, 125, 170, 178.
Mediterrâneo Oriental, 170.
Melão, 19.
Mendes, Maria Teresa Pinto, 41.
Mérida — Espanha, 54, 95.
Mértola, 18, 138.
Minho, rio, 12.
Miranda do Corvo, 25.
Monsanto — Idanha-a-Nova, 16, 27, 28.
Montano, 16.
Montans — França, 72, 92.
Montanus, Q. Iulius, 19.
Monte Manuel Galo — Mértola, 138.
Monte Molião — Lagos, 72.
Monte Mozinho — Penafiel, 137.
Montoro — Espanha, 178, 179.
Morgada, 109.
Mortágua, 43.
Mouriscas — Abrantes, 15.
Murtede — Cantanhede, 31.
Murtinhal — Sagres, 113, 123.

N

Aero, 64, 72, 73, 92.
Nicopolis, Aponia, 15.
Niger, 17.
AçZ[...], castellum, 14.
Ninho do Açor — Castelo Branco, 16.
Aisa, 29.
Nossa Senhora do Torrão, capela — Longroiva, Meda, 19.
Novela, 32.
Numantia — Espanha, 175.
Numão — Vila Nova de Foz Coa, 22, 43, 54.

O

Oberaden — Gália, 128, 170.
Oliveira do Hospital, 20.
Orca — Fundão, 16.
Or jais — Covilhã, 19.
Ouguela — Campo Maior, 19.

P

P alamos, 175.
Panello, C., 172.
Panóias, santuário, 9, 11.
Parada de Gonta — Tondela, 29.
Parker, A., 128, 174.
Peacock, D. P. S., 128, 169-171.
Pedrógão Pequeno — Sertã, 28.
Peicano, 17.
Pélichet, F., 171.
Penalva do Castelo, 20.
Penamacor, 19, 20, 29.
Penha Garcia — Idanha-a-Nova, 32.
Península Ibérica, 174, 175, 180.
Península Itálica, 175.
Picus Lupus, 52, 55.
Pinhel, 30.
Pisa, 64, 69.
Planier 3, 173.
PZimo, 180.
Polany, Karl, 173.

Pompeios, 139, 150, 153, 172.
Ponsich, Michel, 178-180.
Portalegre, 73.
Porto da Lama, 134.
Portugal, 47, 50, 54, 66-68, 71-74,
 128, 129, 135.
Port-Vendres II, 128.
Postolobose, santuário — Candeleba,
 Ávila, 13.
Pousafoles — Sabugal, 26, 30, 32.
Praça Bocage — Setúbal, 129.
Pr óculo, 16.
Proença-a-Velha — Idanha-a-Nova,
 30.
Pudens, 21.
Puerto Real — Cádiz, 129.
Puzzoles—Itália 64, 69, 71.

Q

Queiriz — Fornos de Algodres, 20.
Quinta da Alverca— Lardosa, 32.
Quinta da Nave Aldeã — Zebreira,
 26.
Quinta de São Domingos — Pousa-
 foles, 26.

R

Ramon, Juan, 176.
Rana, São Domingos de — Cascais,
 32.
Reburus, 20, 30.
Reburus, Magius, 27.
Reiner, Francisco, 123.
Renieblas — Espanha, 175.
Represas, herdade — Beja, 66, 71,
 72.
Rheingönheim — Alemanha, 145,
 148, 153.
Ribeira da Nave — Sabugal, 29.
Richborough — Inglaterra, 145, 150,
 153.
Rinconcillo de Algeciras — Cádiz,
 129.
Roma, 64, 67, 68, 71.
Roqueiro — Pedrógão Pequeno, 28.

Rosmanihal—Idanha-a-Nova, 17.
Rufino, Tito Curiácio, 32.
Rufô, 17.
Rufus, G. C., 26.
Rufus, G(aius) C(aecilius?), 48-49.
Rufus Caepio, C. Valerius, 18.

S

Sabina, 26.
Sabugal, 17, 26, 29, 30, 32.
Sado, rio, 77, 80-83, 85, 97-99, 103-
 -109, 115, 116, 134, 176.
Sagres, 123.
Salgueiro —• Fundão, 20.
Sanecius e não *Sailcius*, 58.
Sant Lordi, baía — Maiorca, 177.
Santa Eufemia — Pinhel, 30.
Santana do Campo — Arraiolos, 21.
Santiago, capela — Medelim, 28.
São Cucufate, «villa» romana, depois
 convento (sécs. XII-XVI), 133,
 135, 137, 138, 144, 153, 159.
São Domingos de Rana — Cascais,
 32.
São Francisco — Alcácer do Sal, 66,
 74, 75.
São João da Fresta — Mangualde,
 26.
São João da Venda — Faro, 174,
 176.
São Martinho — Castelo Branco,
 20, 25.
São Miguel da Mota, santuário —
 Terena, 13, 23.
São Pedro de Lourosa — Oliveira do
 Hospital, 10, 20.
São Pedro do Sul, 20, 27.
São Vicente da Reira — Castelo
 Branco, 20.
Saturisca, Júlia, 29.
Saturninus, Magius, 27.
Schoene, 170, 172.
Schumacher, F., 171.
Sealey, 128.
Senhor dos Mártires, necrópole —
 Alcácer do Sal, 79.

Senhora do Almortão, capela — Idanha-a-Nova, 23.
Serra Morena — Espanha, 178.
Sertã, 28.
Setúbal, 105, 129, 176.
Severo, 19.
 <SĪZca, C. Tavares da, 174.
 /SiZoa, Joaquim Baptista Vilhena da, 115.
Sines, 113.
Sintra, 27.
Soares, A. Coelho, 174.
Soure, 33.
Straubing-Sorviodurum — Alemanha, 144, 145, 148-151, 153.
Suíça, 68.
Súnua, 16.

T

Talabus, 30.
Talavan — Espanha, 28.
Talavius, 25.
Talticus, 20.
Tangino, 16, 26.
Tanginus, 20.
Tarouquela — Cinfães, 16.
Tarragona — Espanha, 67, 68, 70.
T avir a, 127.
T cher nia, A., 173.
 Tejo, rio, 54.
Terena — Alandroal, 13, 23.
Tibério, 64, 67-69, 71, 72, 74, 92, 149.
T indaris, 172.
Titius Felix, Flavius, 20.
Tondela, 29.
Toncetamus, 32.
Tondus, 32.
Torrão, Nossa Senhora do, capela — Longroiva, 19.
Torre de Palma — Monforte do Alentejo, 72.
Torres Novas, 58.
Tovar, A., 15.
Trajano, 73, 128.
Trido, 64, 75.

Tróia — Setúbal, 66, 98.
Turaino (?), 22.
Turóbriga, 18.

Y

Valado — Alcobaça, 50.
FaZe da Cepa — Alcácer do Sal, 104, 134.
FaZe de ikfó — Belfer, 20.
FaZe de Remigio — Mortágua, 43.
Valerius Rufus Caepio, C., 18.
Vário, Q., 20.
Vasconcelos, José Leite de, 7, 8, 174.
Veiga, Estácio da, 123.
Vendas de Cavernães — Viseu, 27.
Vermilhas — Youzela, 29.
Verulamium — Inglaterra, 149-151, 153.
FespasZarao, 69, 72, 92.
Viator, C. Fabius, 31.
Victoria Victorilla, 27.
Victorilla, Victoria, 27.
FZZa da Feira — Vide: *Feira*.
Vila Nova de Foz Coa, 22.
FZZa i?eaZ de Santo António, 125, 127.
Villanueva — Espanha, 129.
Viriato, 26.
FZsew, 13, 22, 27, 29.
Vital, 23.
Walis, 17, 23.
Voconis, 32.
Voconus, 32.
Youzela, 29.

W

Werff, Van den, 176.
IFiZZ, E. L., 175.
IFZZZZams, D. F., 169, 171.

Z

Zaragoza — Espanha, 175.
Zbyszewski, G., 174.
Zebras — Orca, 16.
Zebrdra — Idanha-a-Nova, 26.

(Página deixada propositadamente em branco)

INDEX MONVMENTORVM

A — *Fontes litterariae*

GELSO — *De re medica*: 140.

B — *Corpora epigraphica*

CIL

I(2)	2654,	173
II	331,	58
	351,	50
	365,	43
	424,	28
	432,	43
	5241,	50
	6333b,	24
IV (1).		172
IV (2),		172
XV (1),		170
XV (2),		170-172
ILER	883,	28
	884,	28

(Página deixada propositadamente em branco)

INDEX RE R YM

A

Academia das Ciências de Lisboa, 33.

Achados submarinos — Baía Sant

Jordi, 177-178.

Águas — Deuses, 26, 28-29.

Ánforas romanas

Achados:

Caceia, 125-131.

Murtinhal, 123-124.

Sines, 115-123.

Formas :

Almagro 50, 116, 117, 121-123.

Almagro 51 A-B/Beltrán 52,
105,123,176.

Almagro 51 C, 103, 106, 116,
119,120, 122-124.

Beltrán I, 86, 127.

Beltrán II, 127, 129.

Beltrán IIA, 129.

Beltrán IIB, 86,129.

Beltrán V, 81.

Beltrán 52,116, 120.

Beltrán 72,117.

Dressel 1, 176.

Dressel IA, 178.

Dressel 1C, 178.

Dressel 7-11, 86,127.

Dressel 14, 82, 83, 85, 97-99,
103, 105, 106, 109, 110, 116,
119,121.

Dressel 14/Beltrán IY, 79, 80,
85.

Dressel 14/Beltrán IVb, 104.

Dressel 18/Neo-púnica ou Mañ-
ná Cl e 2, 176.

Dressel 20, 116, 117, 121, 128,
180.

Dressel 20/Beltrán V, 80.

Dressel 28, 118.

Dressel 30/Lusitana 3, 116.

Gauloise 4,118.

Haltern 70,127, 128.

Key XIXc, 120.

Key XXV, 118.

Key XXXVIB, 118.

Key XLI,U8.

Lamboglia 2,178.

Lusitana 1, 115-116, 121.

Lusitana 3/Dressel 30,116,118.

Lusitana 6,120.

Peacock-Williams classe 1 /
/Brindisi-Baldacci I, 174.

Peacock-Williams classe 1 /
/Lamboglia 2-Baldacci II,
174-175.

Peacock-Williams classe 2, 175.

Peacock-Williams classe 3/
/Dressel-Lamboglia 1-A, 175.

Peacock-Williams classe 4/
/Lamboglia I-B, 172.

Peacock-Williams classe 6, 175.

Peacock-Williams classe 6/
/Pascual 1,175.

Peacock-Williams classe 8/
/Dressel 6, 175.

Peacock-Williams classe 9, 175.

Peacock-Williams classe 10/
/Dressel 2-4, 172, 174, 175.

Peacock-Williams, classe 14/
/Dressel 12-Beltrán III, 175.

Peacock-Williams classe 15/
/Haltern 70, 175.

Peacock-Williams classe 16/
/Dressel-Zevi 7-11, Beltrán I,
176.

- Peacock-Williams classe 20/
/Dressel 14, Beltrán IY-a,
176.
- Peacock-Williams classe 21/
/Beltrán IV-b, 176.
- Peacock-Williams classe 32/
/Dressel 18, 176.
- Prototipos púnicos, 116.
- Tipos púnico-ebusitanos (PE)
23-26, 176.
- Fornos:
Alcácer do Sal, 77-111.
Cádiz, 129.
Murtinhal, 123-124.
Sines, 115-123.
- Ânforas romanas* — Manual tipo-
lógico, 169-177.
- Animais*
Equídeos, 159.
Gado bovino, 159.
Gado muar, 159.
Ovelha com um ano, 32.
Peixes, 77, 79, 103, 129, 130.
Porco, 26.
Touro semental, 30.
- Armas do exército romano*
Artilharia — Pilum catapultua-
rium, 143, 144, 146.
Cavalaria — Hasta (lança de
haste), 143, 144; Pilum spi-
culum, 143, 144.
Infantaria — Hasta (lança de
haste), 143, 144, 146; Hasta
velitaris, 143; Pilum, 143, 144,
146.
- Arqueologia aquática, subaquática
ou submarina* — Achados
Ânforas, 170-172.
Recuperação e estudo de cargas
afundadas, 177-178.
- Arqueologia cristã* — Achados
Cristo na cruz, 161-162, 164.
Imaculada Conceição, 161, 164.
Menino Deus, 161, 164.
Virgem Maria, 161, 164.
- Arqueologia rural*, 178-180.
- Artefactos diversos* — Romanos
Equipamento militar e peças de
arnês, 143-148 — Banha de
adaga, 144, 147; Botões, 143,
146, 147; Cinturões e cintos,
145-147; Correame de arnês,
145, 147; Correias, 143, 145,
147; Corrente de ferro, 146,
148; Eixo de ferro, 146, 148;
Fivelas, 143, 145, 147; Hasta,
143, 144, 146; Peças de arnês,
143, 145-147; Pilum, 143, 144,
146; Pingentes das couraças
comuns, 145, 147; Placa de cin-
turão, 145, 147; Presilha de
correia (tipo IX de Wild), 145,
147; Terminal de espada, 144,
147; Virola de pilum, 144, 146.
- Instrumentos de costura — Agu-
lhas, 136-137.
- Instrumentos de fiação — Fusaio-
las, 136.
- Objectos de adorno e de toucador,
137-143 — Alfinetes de cabelo
(tipo Beckmann 48 e 195), 139,
142; Anéis, 138, 141; Bracele-
tes, 138, 142, Brincos, 139, 142;
Fibulas (Camulodunum 17C/
/Aucissa, 137, 141; La Tène I,
137; Schule 4h, 137, 140; Tipo
«charneira e arco triangular»,
137, 140; Tipo transmontano,
137, 140); Lâmina de barbear,
139, 142; Pinças para depilar,
139, 142; Sondas, 140, 143.
- Vária, 148-165 — Apagadores e
espevitadores de lucernae, 152,
156; Balança greco-romana
(libra ou talentum), 151-152,
156; Boneca, 152, 156; braço
direito de argila, 152-153, 157;
Cadeira de suspensão, 158;
Campainha, 157; Chaves, 150-
151, 155-156; Chumbadouro,
158; Cutelos, 149, 154; Disco
decorativo, 149-150, 155; Es-
cudela (tipo 82 de Eggers), 148,
154; Espelhos de fechadura,
149, 155; Estiletos (styli), 151,
156; Facas (eultii), 149, 154;

Ganchos de suspensão, 153, 158; Grampo, 158; Guizo (camion, crepitaculum), 153, 157; Máscara feminina de cerâmica, 152-153, 157; Passador, 148, 154; Pé de vaso, 149, 154; Pegas (de caçarola, pátera e simpulum), 148, 154; Pesos, 152, 153, 156; Placas para gradeamentos, 151, 156; Prato de balança, 151-152, 156; Pregos, 153, 157-158; Tampa de bronze de uma caixa para guardar jóias ou dados ou material de farmácia, 149, 154.

Artefactos diversos — Post-romanos

Alamares de prata, 162, 164; Berloque, 162, 165; Botões de fardamento militar, 162, 164; Cruzes peitorais, 161-162, 164; Dedal, 159, 160, 163; Dissecador, 161, 163; Fecho de cobre prateado, 162; Ferraduras, 159, 163; Fivela de cobre, 162; Folha decorativa de cobre dourado, 162, 165; Medalha religiosa, 161; Placas decorativas de cobre dourado, 162, 164; Protector do casco de animais, 159, 163; Tampa de recipiente para incenso, 162, 164; Tesouras, 159-160, 163; Turquês, 160, 163; Verruma, 160, 163.

B

Bibliografia arqueológica

Recensões. 169-180.

Revistas recebidas em permuta, 181-197.

Bosques e montes — Deuses, 28-29.

C

«Cântico» a Endovélico, 24.

Cargos civis, eclesiásticos, militares e religiosos

Cavaleiro da III Coorte dos Lusitanos, 22.

Equos da Legião VII Gêmina

Félix, 20.

Imperadores — Vide: Augusto, Cláudio, Domiciano, Flávios, Júlio-Cláudios, Nero, Tibério, Trajano, Vespasiano.

Carta arqueológica regional — Baixo Guadalquivir, 178-180.

Carta geológica de Portugal

Folha 39-C, 79.

Carta militar de Portugal 1:25.000

Folha n.º 467, 104.

Folha n.º 476, 79, 82, 99, 109.

Folha n.º 477, 85, 97.

Folha n.º 486, 81.

Casa do Cirurgião — Pompeios, 139.

Castros

Fiães da Feira, 72.

Mau Vizinho, 14, 20.

Três Rios, 29, 58.

Cerâmicas

Ânforas — Vide : *Ânforas*.

Comum, 85, 180.

Comum de construção

Imbrices, 180.

Lateres, 79-81, 105, 123.

Tegulae ou telhas, 90, 103, 107, 180.

Comum de cozinha

Alguidares, 88, 108.

Almofariz, 108.

Bacia (?), 88.

Bilha, 89.

Garrafa, 107.

Panelas, 88, 89, 103.

Potes, 80, 87, 103, 105, 107, 109.

Pratel, 89.

Pratos, 88, 103.

Pratos covos, 103, 109, 110.

Taças, 88, 107, 108.

Tachos, 88, 89, 107.

Talhas, 81-82, 89, 97, 98, 107.

Tampas de ânforas, 89, 106.

Tampas de panelas, 103.

Testo de bilha ou jarro, 103.

- Testos, 89, 90.
 Tigelas, 88, 89, 103.
 Vaso, 18.
- De carácter religioso
 Braço direito de argila, 152⁴
 157.
 Máscara feminina de argila,
 152, 157.
- Paredes finas
 Achados
 Prato talvez de oficina ainda
 não localizada, 95, 96.
 Taça carenada talvez de oficina
 ainda não localizada,
 95, 96.
- Formas
 Taça Mayet III, 95, 96.
 Taça Mayet VIII, 95, 96.
 Taça Mayet XXXVII, 95, 96.
 Taça Mayet XLIII, 93, 95.
 Taça Mayet LUI, 95, 96.
- Sigilatas — Vide : *Sigilatas*.
- CIL* — Epigrafia das ânforas romanas,
 169-177.
- Cirurgia antiga* — Instrumentos
 Dissecador, 161, 163.
 Pinças para remover triquíases e
 tumores, 139, 142.
 Sondas para a preparação e aplicação
 de medicamentos, de pomadas e de
 perfumes, 140.
- Classes sociais*
 Escravos de um oleiro, 67.
 Libertos, 26, 32.
 Sacerdotes, 32.
 Soldado igeditano, 32.
 Veles (vélite), 143.
- Colóquio Viseense de Arqueologia*, 2,
Viseu, 1988, 13.
- Convento de São Cucufate*, 133, 135.
- Corpos militares*
 III Coorte dos Lusitanos, 22.
 Legião VII Gèmina Félix, 20.
- D
- Dados* (jogo) — Caixa para os guardar,
 149.
- Deuses, divindades e figuras mitológicas*
 Aelua, 15.
 Aetio, 16.
 Aguaecus, 11.
 Aius, 57.
 Andobelicus ou Endovelus, 13.
 Apollini, Apolo, 45, 56-58.
 Apolo Augusto, 43.
 Aquiae, 39, 46, 47, 52-53.
 Araco Aranto Niceo, 16, 17.
 Arantiae Oclaeae, 17.
 Arantio Oclaeo, 17.
 Aran tio Tanginiciaeo, 17.
 Arentia, 16.
 Arentiae Equotullaicensi, 17.
 Arentio, Arentius, 10, 13, 14, 16.
 Arentio Cronisensi, 16, 18.
 Asclepio, leitura duvidosa por
 Aquiae, 46, 47.
 Assaecus, 21.
 Ataegina, 18.
 Aturro, 19.
 Banda (Bandeí, Bandi, Bandua,
 Bandue, Bannei), 10, 12-14,
 19-20.
 Banda Araugelensis, 14.
 Banda Ocel., em vez de Bandoga,
 14, 20.
 Banda Toiraecus, 10, 12.
 Bande Velugo Toiraeco, 20.
 Bandeí Brialeacui, 19.
 Bandi Arbariaico, 19.
 Bandi Isibraiegui, 19, 28.
 Bandi Longobricu, 19, 20.
 Bandi Oilienaico, 20.
 Bandi Tatibeaicui, 20.
 Bandi Vorteaecio, 20.
 Bandoge, por Band. O..., 20.
 Bandua Etoabrico, 19.
 Bannei Picio, 10, 20.
 Caeilobrigus, 25.
 Carneo Calanticensi, 21.
 Ceio, 58.
 Cibele, 58.
 Collovesei Caieioni Cosigo, 21.
 Cocus, 10.
 Cocus Neneoecus, 10.

- Crouga Macareaicus, 14.
 Grouga Nilaiicus, 14.
 Crougae Nilaiugui, 22.
 Crougeai Magareaicoi Petravioi,
 22.
 Gusei (Cosei) Paetaico, 22.
 Deae Sanctae Turubricensi (Turo-
 brigensi), 18,19.
 Dee Sancte Burrulobrigensi, 22,
 23.
 (Deo Marti) Neto (?), leitura duvi-
 dosa, 56-57.
 Deo Tueraeo, 20.
 Diana, 28-29.
 Dis Deabusque Coniumbricen-
 sium, 22, 43.
 Endovélico (Endovellicus, Endo-
 vollicus), 9, 10, 12, 13, 23, 24.
 Endovelus ou Andobelicus, 13.
 Esculápio, 45, 46.
 Fl(aviae) Gonimbricae et Lari-
 b(us) eius, 56.
 Fortuna, 54, 56, 58.
 Génio, Genius, 8, 11, 15, 19, 44.
 Génio de Conimbriga (Genius
 Conimbricae), 11, 15, 44, 56.
 Igaedo, 23, 28.
 Ilurbedae, 25.
 Ioveai (?) Gaecilobrigoi, 25.
 I(ovi) Assaeco, 25.
 I(ovi) O(ptimo) M(aximo), 39, 52,
 55.
 Iovi Repulsori, 25.
 Issibaeo, 25.
 Iunoni, 56.
 Iunoni Linteicae (?), 25.
 Juno, 11, 25, 54.
 Júpiter, 11, 25.
 Júpiter Ótimo Máximo, 11, 52.
 Júpiter Repulsor, 11, 25.
 Laebo, Laepo, leitura certa em
 vez deCaepo, 26.
 Laneane (?), 26.
 Lares, 11, 26-27, 43, 44, 56, 152.
 Lares Aquites, 26.
 Lares Caiarienses, 26.
 Lares Conimbricae, 26.
 Lares Lubanci (Lubancos), 26,
 44, 56.
 Lares Turolici, 27.
 L(ari ?) Coutioso Longonaroso (?),
 26.
 L(aribus) Aquitibus, 39, 44, 46,
 48-49, 56.
 Laribus Patriis, 43.
 (Laribus) (V)ialibus, leitura duvi-
 dosa, 56.
 Libero Patri, 45, 56.
 Luruni, 27.
 Mandiceo, 27.
 Mars Augustus (Marti Augusto),
 56, 57.
 Marte, 9,11,45,57.
 Marti Boro, 27.
 Matri Deum, 58.
 Mercúrio, 11.
 Mercurio Augusto Aguaeco, 27.
 Mercurio Esibraeo, 28.
 Minerva, 39, 45, 46, 50-51, 56.
 Munidi Eberobrigae Toudopalan-
 daigae, 28.
 Munidi (?) Icaed(itanae), 28.
 Nabia, Navia, 10,13, 28.
 Neneocous, 10.
 Neto, 16, 43, 56-57.
 Ninfas, 43.
 Ocelaecus, Ocelaeco, 14, 20.
 Ocel(ensi), 20.
 Ocrimira, 29.
 Paisicaico, 29.
 Peinticis, 29.
 Penates, 152.
 Phoebo Theo, 57.
 Picio, Picius, 10, 20.
 Pietati Aug(ustae), 56, 58.
 Quangeio Tanngo, 29.
 Ranelpicio, erro por Bannei Picio,
 20.
 Remetibus Aug(ustis), 30, 45, 56.
 Reva, 10, 30.
 Reva C., 30.
 Re va Langanidaegui, Langa-
 nid(aeco?), Langanitaeco, 30.
 Salquiu, 30.
 Sancto Runesio Cesio, 31.

- Sangrae (?), 50-51.
 Tabudico, 31.
 Togae Almac, 32.
 Trebaronna, Trebaruna, Triborunnis, 9, 10, 13, 32, 33.
 Trebopala, 32.
 Tueraeus, 10, 12.
 Vaseco (?), 33-34.
 Vellicus, 13.
 Vénus, 45, 46.
 Vortiaecii, 20.
- E
- Economia antiga* — Ânforas e trocas comerciais no Mediterrâneo, 169-177.
Edificações
 Cetárias, 105, 115.
 Fábricas de salga de peixe — Praça Bocage (Setúbal), 129; Litoral algarvio, 130.
 Fornos de ânforas — Alcácer do Sal, 77-111; Cádiz, 129; Murtilhal, 123-124; Sines, 113-123 — Inventário dos fornos de todo o mundo romano, 173-174.
 Opus signinum, 81.
 Poço de mina romana, 25.
Epigrafia votiva — Conímbriga, 39-59.
Escavações
 Conímbriga — Forum augustano, 144; Forum flaviano, 144, 150; Nível de revolvimento, 151.
 «Villa» romana de São Cucufate, 133-165.
Escultura
 Aras, 10, 14-23, 25, 26, 28, 30, 32, 33, 43, 44, 58.
 Árulas, 16, 19-23, 26-28, 30, 31, 33, 34, 39, 44-52, 56, 57.
 Estatueta de bronze, 45.
 Ex-votos, 22, 23.
 Pedestal de estátua, 24.
- F
- Faculdade de Letras de Coimbra*, 32, 42, 45.
Farmácia — Caixa para guardar material, 149.
- G
- Garum*, 77, 125.
Guerra — Deuses, 27, 31.
- I
- Inscrições*
 Em ânforas: Haltern 70/Port-Vendres II, 128.
 Em paralelepípedo, 27.
 Em penedos, 15, 16, 22, 26, 28-30, 32.
 Em placa, 27, 30.
 Em rochas, 26, 29.
Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, 32.
- J
- Jóias* — Caixa para as guardar, 149.
Junta de Freguesia de Vila Real de Santo António, 127.
- L
- Lucernas*, 152, 153; Tipos — Loeschcke 1/Dressel-Lamboglia 9, 96.
Lusitânia romana
 Ânforas e fornos, 174.
 Divindades indígenas, 5-37.
- M
- Marcas de controle em ânforas*
 B, 99, 109, 110.
 C, 121.

- E ou F, 121.
Sem indicação, 116.
- Marcas de oleiros*
Acvtvs, 72.
Albvs, 72.
Attvs Paternvs, 74-75.
G, 90.
C. Crispinivs, 68.
C. Memmius, 68-69.
C(...)P(...)P(...), 69.
G. Valerivs Tvrrannivs, 70-71.
G. Vibienivs, 71.
Cantaber, 75.
Castvs, 72, 71.
Ghryses, 70-71.
Gnaeus Ateivs, 66, 105.
Grestvs, 67.
D. M. I., erro por T. M. C., 86.
Darra, 78.
Epigonvs, 67.
Evhodvs, 66.
Felix, 70, 92-94.
Flaccvs, 75.
Frontinvs, 73.
Hermeros, 63.
Ivcvndvs, 68, 73.
L. Nostivs, 69.
L. Tettivs Samia, 70.
L. Vrbanvs, 63, 71.
M. Ivliivs Severvs, 91, 92.
M. Tvcci. Lf. Trogaleonis, 173.
M. Valerivs, 63.
MÃ. MV.S, 86, 98.
Mahes, 68.
Memor, 67.
P(...) G(—) N(...), 67.
P. Gornelivs, 67.
P. Hertoriivs, 68.
Paestor, 73-74.
Primvs, 67.
Pvdens, 74.
Rasinivs, 69.
S. Titivs, 70.
Sariva, 70.
Senicio, 74.
Sergivs, 70.
Sex. Villivs Natalis, 71.
Sextvs Annivs Afer, 66.
- T.M.C., 86.
- Marcas de sigilata* — Alcácer do Sal, 61-76.
- Materiais*
Argila, 136, 157.
Bronze, 45, 136, 139-143, 147, 153- 158, 164.
Bronze estanhado, 163.
Chumbo, 152, 156.
Cobre, 160, 162-165.
Cobre dourado, 162, 164, 165.
Cobre prateado, 162, 164.
Estanho, 164.
Estanho fundido, 162.
Estanho prateado, 161.
Ferro, 141, 142, 146-148, 151, 154- 158, 160, 161, 163, 164.
Latão, 160, 163, 165.
Metais em geral, 133-165.
Osso, 136, 137, 139, 142, 148, 152, 156.
Osso de chifre, 138, 141.
Ouro, 142.
Prata, 139, 142, 153, 157, 162, 164.
- Museus*
Arqueológico Municipal de Sines, 115.
Castelo Branco, 30, 32.
Gouveia, 30.
Grão Vasco — Viseu, 22, 27.
Mar — Cascais, 105.
Marvão, 32.
Municipal de Alcácer do Sal, 63, 81-83, 85, 97, 99, 103.
Nacional de Arqueologia e Etnologia — Lisboa, 16, 26, 32, 39, 42, 46, 47.
Nacional Machado de Castro — Coimbra, 44, 48, 50.
- N
- Naufrações de embarcações na Antiguidade* — Recuperação e estudo dos restos encontrados, 177-178.
Necrópoles — Senhor dos Mártires, 79.

P

Períodos

- Alto Império Romano, 161.
- Baixo Império Romano, 145.
- Época bárbara, 145.
- Helenístico, 138.
- Idade do Ferro (2.^a), 138.
- Medieval, 135, 159, 160, 172, 178.
- Pós-medieval, 172.
- Pré-claudiano, 159.
- Pré-romano, 148.
- Renascença, 161.
- Visigótico, 138, 139.

Penedos com inscrições, 15, 16, 22, 26, 28-30, 32.

Pescado — Achados arqueológicos na Comenda, 105.

Peso (Unidades)

- Deunx, 152, 156.
- Gramas, 151, 152, 156.
- Semisestula, 151.
- Uncia, 151, 152, 156.

Pinças cirúrgicas — Achados

- Casa do Cirurgião — Pompeios, 139, 142.
- São Cucufate, «villa» romana, 139, 142.

Povos

- Arbuensis, 26.
- Castellani (?) Bercenses (?), 15.
- Dovilónicos, 26-27.
- Galaicos, 12.
- Igaeditani, 23.
- Lubancos (?), 26.
- Lusitanos, 5-37.

Produções agrícolas

- Açúcar (a partir do mosto), 128.
- Álcool (a partir do mosto), 128.
- Azeitonas, 81, 128, 178.
- Azeite, 81, 172, 173, 180.
- Caroenum, 128.
- Cereais, 179.
- Defrutum, 125, 128.
- Sapa, 128.
- Vinho, 77, 128, 172, 173, 178.

R

Recensões bibliográficas, 169-180.

Religião romana — Objectos ligados ao respectivo culto
Boneca-amuleto, 152.
Campanha para afugentar os espíritos, 157.

Figuras humanas em argila, 152-153.

Guizo para afugentar os espíritos, 157.

Religiões antigas — Conímbriga, 39-59.

Revistas recebidas em permuta com «Conímbriga», 181-197.

S

Sacrifícios religiosos

- Ovelha com um ano, 32.
- Hostia deliganda, 30.

Santos do santoral cristão — São Miguel, 9.

Salga de peixe — Papel da Península Ibérica na sua produção para o Império, 129-130.

Santuários

- Cerro Andebalo, 13.
- Panóias, 9, 11.
- Postoloboso, 13.
- São Miguel da Mota, 13, 23.
- São Vicente da Beira, 20.

Sepulturas — De incineração, 144.

Sigilatas

Achados

- Fragmentos, 81.
- Pratos, 66, 67, 69, 70, 72, 73.
- Taças, 66, 68-75.
- Tigelas, 73, 74.

Formas (pratos)

- Dragendorff 15/17, 73, 92, 93.
- Dragendorff 17, 92.

Formas (taças)

- Dragendorff 15/17, 104.
- Dragendorff 24/25, 74, 92, 93.

- Dragendorff 27, 74, 75, 92, 93, 104.
 Dragendorff 29, 92, 93.
 Dragendorff 33, 75.
 Goudineau 27, 105.
 Ritterling 8, 92.
 Formas (tigela)
 Dragendorff 24/25, 74.
 Formas (vaso)
 Dragendorff 27, 92, 93.
 Proveniência
 Hispânica, 63, 64, 92.
 Hispânica tardia, 104.
 Itálica, 63, 64, 92, 105.
 Sudgálica, 63, 64, 81, 92, 104.
 Tardo-itálica, 64.
Sigilatas em Clara A
 Formes
 Prato Hayes 27, 103.
 Tigela Lamboglia 23/Hayes 6, 92, 93.
Sigilatas em Clara C
 Formas
 Prato Hayes 50, 104.
Sigilatas em Clara D
 Formas
 Almofariz Lamboglia 38/Hayes 91, 108.
 Tigelas Lamboglia 57/Hayes 73, 108, 109.
 Vasos, 105.
Sondas cirúrgicas (cyathiscomela; specillum) — Cuidados higiénicos e tratamentos dos ouvidos e dentes, 140, 143.
- T
- Tecnologia naval* — Mediterrâneo ocidental — Séc. I a. C., 177-178.
Termas
 Conimbriga, 30.
 São Pedro do Sul, 27.
Tribo
 Aemilia, 29.
- U
- Utilização diversa*
 Peso de rede, 90.
 Peso de tear, 90.
 Pesos de lagar, 180.
- V
- Vidros*
 Contas de cor verde esmeralda em brinco, 142.
 Taça, 97.

índices elaborados por

JOAQUIM TOMÁS MIGUEL PEREIRA

(Página deixada propositadamente em branco)

INDICE GERAL

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO — <i>Divindades indígenas da Lusitânia</i>	5
JOSÉ MANUEL GARCIA — <i>Da epigrafia votiva de Conimbriga — Observações e novos monumentos</i>	39
JOÃO C. LÁZARO FARIA, MARISOL A. FERREIRA, A. M. DIAS DIOGO — <i>Marcas da terra sigillata em Alcácer do Sal</i>	61
A. M. DIAS DIOGO, JOÃO CARLOS FARIA, MARISOL A. FERREIRA — <i>Fornos de Ânforas de Alcácer do Sal</i>	77
A. M. DIAS DIOGO, FRANCISCO REINER — <i>Duas notícias sobre fornos romanos de fabrico de ânforas</i>	113
ANA MARGARIDA ARRUDA, ISOLINA FRADE, JORGE TRAVASSOS — <i>Duas ânforas romanas de Caceia (Vila Real de Santo António)</i> . . .	125
SÁLETE DA PONTE , <i>Artefactos romanos e post-romanos de S. Cucufate</i>	133
Recensões bibliográficas.....	167
Revistas com que estabelecemos permuta.....	181

Composto e impresso na G. C. — Gráfica de Coimbra, Ld.*

750 ex. Abril de 1990

Depósito legal n.º 2892/84

CONIMBRIGA

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (PORTUGAL)

PUBLICAÇÃO ANUAL

COLABORAÇÃO SOLICITADA

PEDIDOS À LIVRARIA DISTRIBUIDORA:
Casa do Castelo, Editora—Rua da Sofia, 47-49
P — 3000 Coimbra

*Solicitamos permuta. On prie de bien vouloir établir l'échange.
Sollicitiamo scambio. We would like exchange. Tauschverkerhr erwünscht.*

